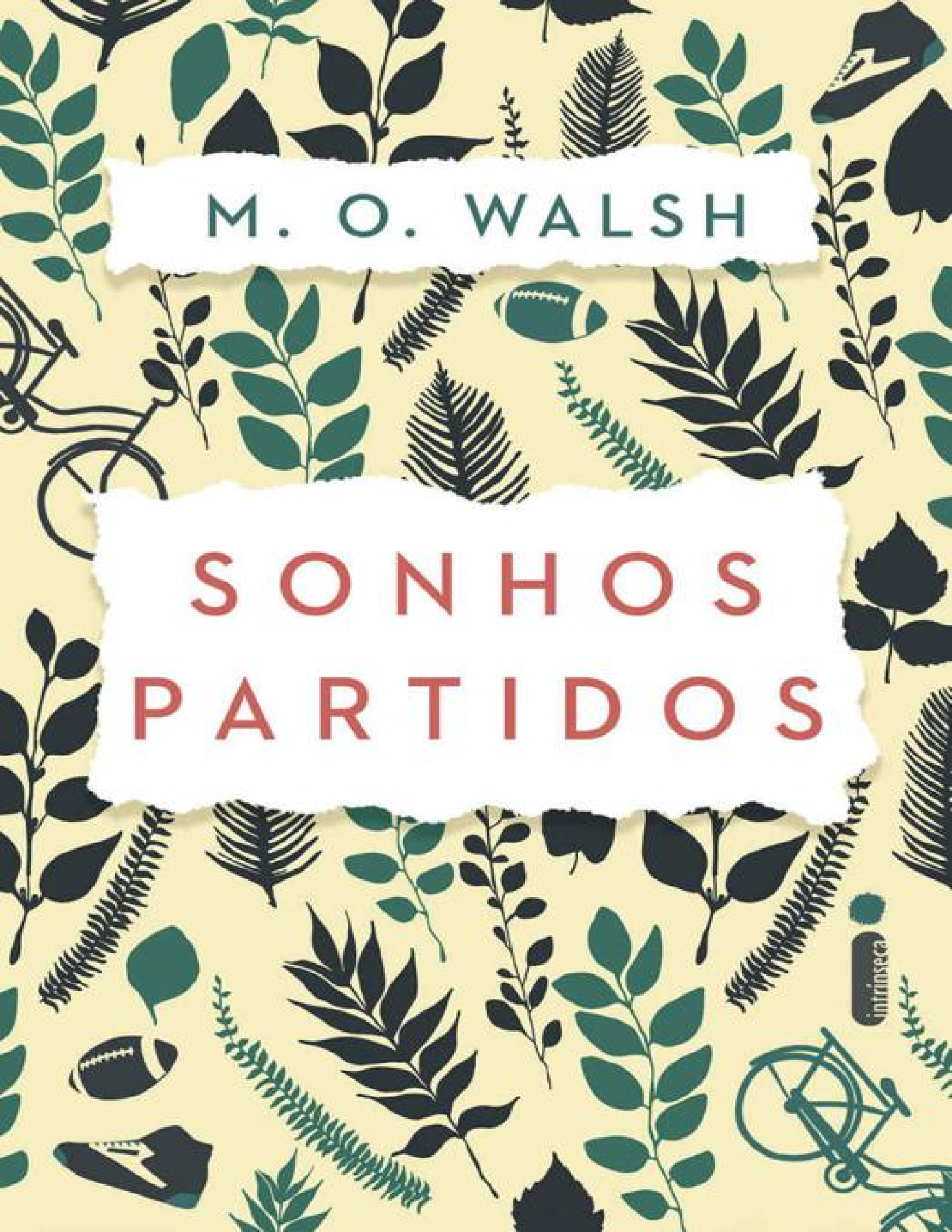
M. O. WALSH

SONHOS PARTIDOS



M. O. WALSH

Sonhos partidos

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE MARTINS



Copyright © 2015 by M. O. Walsh

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte, em quaisquer meios.
Publicado mediante acordo com Amy Einhorn Books, publicado por G. P. Putnam's Sons, membro do Penguin Group (USA) LLC, uma empresa Penguin Random House.

"Sweet Child O' Mine", letra e música de W. Axl Rose, Slash, Izzy Stradlin, Duff McKagan, Steven Adler. Copyright © 1987 Guns N' Roses Music (ASCAP). Assegurado o copyright internacional. Todos os direitos reservados. Reproduzido com autorização.

"You Are My Sunshine", de Jimmie Davis. Copyright © 1940 by Peer International Corporation. Copyright renovado. Assegurado o copyright internacional. Todos os direitos reservados. Reproduzido com autorização.

TÍTULO ORIGINAL
My Sunshine Away

PREPARAÇÃO
Rodrigo Rosa

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Gabriel Pereira

DESIGN DE CAPA
Mariana Newlands

IMAGEM DE CAPA
Anna Ivanir

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Manuela Oliveira

E-ISBN
978-85-8057-794-5

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOLOGIA
Bembo

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube

» » »


intrínseca

»

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

28
29
30
31
32
33
34
35

Agradecimentos
Sobre o autor
Leia também

Para Kathy, que me chamava de Pássaro

You are my sunshine
My only sunshine.
You make me happy
When skies are gray.
You'll never know, dear,
How much I love you.
Please don't take my sunshine away.

— *Jimmie Davis, governador da Louisiana*
(1944-1948 e 1960-1964)

Havia quatro suspeitos do estupro de Lindy Simpson, um crime que aconteceu bem na calçada da Piney Creek Road, a mesma em que, anos antes, nossos pais, esperançosos, gravaram suas iniciais como moradores da primeira rua de Woodland Hills a ter casas em cada lote. Era um crime impossível de ser cometido à luz do dia, quando as crianças do bairro estariam por todos os lados, disputando corridas em carrinhos, desenhando com giz bonecos nas entradas das garagens ou caçando cobras até nos bueiros. Mas, após o entardecer, as ruas de Woodland Hills ficavam vazias e silenciosas, a não ser pela satisfação dos sapos em cumprimentar os mosquitos que voavam em esquadrões, saindo dos pântanos atrás de nossas propriedades.

Mas nessa noite em particular, na esquina escura sob a primeira lâmpada queimada da história da Piney Creek Road, um homem, ou talvez um garoto, estava de pé segurando uma corda comprida. Ele amarrou uma das pontas ao poste junto à rua e enrolou a outra ponta na mão. Imaginando não ser visto, engatinhou para dentro dos arbustos de azaleia ao lado da casa do Velho Casemore, a corda atrás dele como uma cauda nas sombras; ele talvez tenha treinado uma ou duas vezes para esticá-la firmemente no alto e na calçada. E então esse homem, ou garoto, conhecendo os hábitos da menina da família Simpson, esperou até ouvir o barulho de sua bicicleta Schwinn com selim banana fazendo a curva.

É importante que você saiba:

Baton Rouge, na Louisiana, é um lugar muito quente.

Nem mesmo o anoitecer oferece alívio. Não há brisas soprando das servidões e dos pântanos negros, nada de chuva refrescante. Em vez disso, a chuva que cai aqui resiste apenas ao tempo de ferver no chão, embaçar os óculos, ser um fardo. Então com certeza esse homem, ou garoto, suava enquanto estava agachado no meio dos arbustos, com certeza era comido vivo por insetos. Aqui, você é mastigado por eles. Cobrem seu corpo todo. Logo, não é um equívoco se perguntar se ele teria sido dissuadido dessa violência

caso vivesse em um lugar mais misericordioso. É importante, creio, ao pensar em um homem, ou garoto, nos arbustos, imaginar se talvez uma brisa refrescante o teria acalmado, amenizado seu temperamento, se o teria feito mudar de ideia.

Mas não foi o que aconteceu.

Assim, o ato se deu na escuridão, quase em silêncio, no calor, e Lindy Simpson se lembrava de pouca coisa além da repentina aparição de uma corda diante de sua bicicleta, o atrito contra a trama machucando seu peito. Meses depois, e com muita terapia, ela também se lembraria de como a bicicleta seguira em frente sozinha após sua queda. Lembraria-se de como não a viu tombar antes de uma meia ser enfiada em sua boca e ter seu rosto empurrado de encontro ao gramado. O peso esmagador em suas costas. O asfalto ralando seus joelhos. Ela também se lembraria disso. Depois, uma voz em seu ouvido que ela não reconheceu. E então uma pancada em sua nuca.

Ela tinha quinze anos.

Foi no verão de 1989, e ninguém foi preso. Não acredite no que você vê nos seriados policiais de hoje em dia. Ninguém recolheu fios de cabelo no gramado do Velho Casemore. Não mandaram um pedaço de corda para o laboratório. Não houve análise de DNA colhido nas pedrinhas de concreto. E, embora as pessoas de Woodland Hills tivessem respondido sinceramente a todas as perguntas da polícia em um primeiro momento, embora tivessem feito de tudo para ser úteis, nenhuma evidência concreta foi encontrada.

Portanto, nenhum dos quatro suspeitos iniciais foi acusado formalmente, uma vez que o estupro ocorrera muito rápido e, aparentemente, sem testemunhas, e que a própria cena do crime se desfez no momento em que Lindy Simpson recobrou a consciência naquela noite e empurrou a bicicleta até em casa, apenas quatro imóveis adiante, para estacioná-la no lugar de sempre. Desfez-se ainda mais quando ela entrou pela porta dos fundos, subiu as escadas e tomou um banho, com a água não se sabe em que temperatura.

Há momentos da minha vida em que imagino essa água escaldante. Em outros, congelante.

De qualquer forma, Lindy nunca chegou a descer para o jantar.

Provavelmente os pais imaginaram que ela estava tagarelando com as amigas ao telefone, enrolando o fio do aparelho nos dedos jovens, até que a mãe dela, uma mulher chamada Peggy, fez sua ronda noturna com o cesto de roupa suja. Foi quando ela viu no banheiro a calcinha, com uma marca de sangue vermelho-vivo, caída junto a um único pé de tênis. O outro pé, um Reebok azul, não estava ali.

A essa altura, sua filha Lindy se encontrava encolhida na cama com uma concussão.

Uma cama que, naquela manhã, fora de uma criança.

Agora, preciso lhe contar que eu era um dos suspeitos.

Preste atenção.

Deixe eu explicar.

A dois quilômetros e meio de Woodland Hills ficava a Perkins School, uma escola particular de ensino fundamental e médio de classe alta. Havia enormes colunas brancas em frente ao prédio principal do lugar, e o extenso gramado era sombreado por carvalhos. Caminhos de tijolo cruzavam o pátio quadrangular e aberto, cada um deles com uma placa de cobre para lembrar feitos do passado. Era um lugar merecidamente imperioso. Atrás do campus principal, junto ao estacionamento, ficavam o campo de futebol e a pista de corrida, aonde Lindy Simpson ia todos os dias do verão, às cinco horas da tarde em ponto, para treinar com as amigas enquanto o sol se punha — alongando, correndo, disparando, rindo —, até voltar para jantar em casa em meio à crescente escuridão das oito e meia da noite.

Então, por volta das quatro e cinquenta e cinco de cada tarde de verão no final dos anos 1980, eu deitava de barriga para baixo na sala de estar de minha casa e observava pelas persianas de nossas janelas que iam do chão até o teto, esperando a aula de piano de Lindy terminar e a minha começar. Do outro lado da rua, e duas residências abaixo da minha, a figura antiquada da Sra. Morrison parecia sair da casa dos Simpson. Ela era professora na Perkins School, a minha escola, e dava aulas particulares durante o verão; uma senhora tão educada que é difícil imaginá-la, mesmo brevemente, como parte de uma história que começa desse modo. Usava blusas chamativas de estampas florais com ombreiras. Carregava pastas abarrotadas de fotocópias de escalas musicais e partituras. Costumava usar chapéu. Ela é como uma coadjuvante no fundo do cenário. Nasceu para ocupar esse lugar. E embora eu reclamasse com frequência com meus amigos da vizinhança dizendo que odiava aquelas aulas e aquela professora, isso era mentira.

Antes que a Sra. Morrison conseguisse chegar à calçada às quatro e cinquenta e nove, Lindy Simpson se apressava na entrada da garagem com a bicicleta apoiada no quadril. Crianças, e todos

éramos crianças naquela época, nunca usavam capacete. Então Lindy parava na beirada do gramado para prender o cabelo. Fazia um rabo de cavalo frouxo, enfiava alguns fios rebeldes atrás da orelha e partia.

Por causa da curva em nossa rua, e porque minha casa ficava bem na esquina, na extremidade da curva, eu podia ver pelas persianas Lindy Simpson pedalar na minha direção. E então, após imaginar uma série de situações em que ela desceria da bicicleta e correria para entrar para sempre na minha vida, eu a via pedalar para longe. Todo dia, às cinco horas. Esse ritual era o meu prazer.

Ela sempre usava camiseta e shorts de algodão leves, e era uma estrela das pistas de corrida.

Em uma das muitas lembranças que tenho de Lindy, recordo de uma corrida na minha escola na hora do recreio, inventada por meninos típicos do nono ano. Todos nós usávamos uniforme na Perkins, camisas sociais brancas e calças azuis, e os garotos que queriam disputar corridas geralmente eram os que levantavam o colarinho da camisa e enrolavam as pernas das calças de um jeito elegante. Eram os garotos que já tinham namorada, que participavam das competições de verão das ligas esportivas e tinham cabelos louros e lisos. Nossa escola era pequena e, só por essa razão, muitas vezes eu me via entre eles, magro como um lápis e com cabelos cacheados.

O objetivo do dia era chegar ao carvalho central, numa área comum a uns cinquenta metros de distância. O prêmio subentendido era meia hora de glória, talvez a semente de uma reputação, e isso era tudo. Os garotos apertavam os cadarços e alongavam os músculos. Lembro de tirar duas canetas do bolso e colocá-las na grama enquanto, atrás de nós, Lindy Simpson saía da biblioteca de tijolos vermelhos. Como já disse, ela tinha quinze anos, era um ano mais velha que eu e, portanto, estava no ensino médio. Isso foi no ano letivo antes de tudo acontecer, e antes de todos sabermos daquilo. Dessa forma, eu sem dúvida não era o único a imaginar cada centímetro dela. Lindy usava o mesmo vestido xadrez de todas as garotas do ensino médio, revelando as preciosas clavículas e as panturrilhas esguias, mas o combinava com seus tênis de corrida Reebok azuis, enquanto as outras garotas calçavam sandálias e

Keds. No entanto, ela não era uma deusa. Havia outras garotas cujos nomes eram citados mais acaloradamente nas conversas, outras garotas mais bonitas em quem eu e meus amigos pensávamos no escuro. Mas como Lindy era mulher, mais velha, e a pele de seus tornozelos sem pelos se projetava acima das meias brancas de algodão, ela dominava todos nós no pátio.

— Quero entrar — declarou ela. E então recolhi minhas canetas da grama.

Eu nunca disputaria uma corrida com ela. Havia passado a vida toda vendo-a correr, superando até mesmo os garotos mais velhos do meu bairro, e isso era um privilégio não compartilhado com os outros idiotas no gramado. Eu os vi disparar na direção da árvore, o bando todo, e a visão do vestido de Lindy esvoaçando enquanto ela corria, com os shorts cor-de-rosa curtos que usava por baixo e suas coxas flexionando, ainda surge em meus sonhos; a visão juvenil de tudo aquilo, em momentos surpreendentes quando estou sozinho no carro.

E embora Lindy nunca tivesse parecido uma menina meio moleque, sem cintura ou sem graça como normalmente essas garotas eram, ela costumava se enfiar conosco no bosque atrás da nossa vizinhança. Jogava futebol americano na rua com a gente. Ela era rápida. Ágil. Não sabíamos se era durona porque nunca foi apanhada. Então, quando ela derrotou meus colegas na corrida até a árvore naquele dia e colocou os dedos sem anéis no alto da cabeça para provocá-los, procurei alguém no pátio para dizer “Eu avisei”, para provar que ela e eu éramos ligados de algum modo ínfimo, mas eu era o único que não tinha corrido atrás dela. Então a observei acenar para mim lá da árvore, como se estivéssemos de volta na Piney Creek Road, para em seguida correr na direção do prédio do ensino médio. Não me lembro de acenar de volta. Só me recordo de olhar para o prédio no qual ela tinha entrado, o do ensino médio, e me sentir a um ano de distância de algum tipo de paraíso.

Estou contando tudo isso porque eu ainda não estava lá, no ensino médio, quando costumava me deitar no chão da sala de estar e vê-la pedalar. Eu era jovem, apenas um garoto, e ainda não me importava de a Sra. Morrison vir bamboleando até a entrada de garagem da minha casa às cinco horas de todas as tardes de verão.

Estava pronto para tocar as escalas se ela quisesse, sentir o cheiro de café no hálito dela, o toque de suas mãos frias sobre as minhas. Estava preparado para seguir instruções por horas, se fosse necessário. O que importava? Quando Lindy passava pedalando, meus pensamentos iam apressados atrás dela. Imerso em minha paixão, eu ignorava todo o resto.

Com a Sra. Morrison, eu era apenas dedos.

Então é verdade que eu pensava em possuir Lindy Simpson tão furiosa e incessantemente quanto qualquer garoto de quatorze anos naquele verão quente de 1989. O verão do estupro dela. Na verdade, eu não concebia futuros separados para nós dois.

Eu abri a porta para a Sra. Morrison.

— Olhe só para você — disse ela. — Todo dia. A frente de sua camisa está muito amarrotada.

No começo daquele mesmo verão, em 1989, todas as nossas extremosas perderam as cascas.

Isso não é incomum. Sequiosas pelo calor, essas árvores margeiam todas as principais ruas e avenidas da Paróquia de East Baton Rouge. Você pode podá-las completamente todo ano se quiser. Elas são inabaláveis. Este é o lar delas, e nossos meses de junho ficam repletos de flores rosa, vermelhas e roxas. Mas nessa época, quando as extremosas estão totalmente floridas, longos pedaços de casca se soltam de seus troncos e caem em círculos sobre as raízes, como pele.

Quando criança, meu trabalho era catar essas peles ao limpar o jardim. De onde venho é assim que as crianças ajudam.

Então, uma vez por semana, eu juntava com o ancinho as bolas com espinho que caíam dos liquidâmbares. Arrancava a grama parecida com centopeias que crescia rastejante em nossas calçadas, como tentáculos. E, com frequência, outros garotos faziam a mesma coisa nos próprios quintais. Algumas casas adiante, por exemplo, moravam os garotos da família Kern: Bo e Duke. Eram caras que mexiam com carros antigos, caras com conhecimentos úteis que eu não tinha a menor ideia de como obter. Bo Kern, na época com dezenove anos, tinha lábio leporino e um ameaçador corte à escovinha. Era mau com o irmão mais novo, Duke, que tinha dezessete e era o tipo de cara que se dava bem com as garotas.

Fosse o resultado ou a razão para seu sucesso, o fato é que Duke Kern raramente era visto de camisa. Seu corpo não tinha pelos e era musculoso e bem-definido, e ele era vaidoso. Pensando em retrospecto, me dou conta de que eu o idolatrava. Sempre que o observava trabalhando sem camisa no gramado e me imaginava com a mesma idade, nossos corpos eram indistinguíveis. Mas isso nunca aconteceu. Ele e o irmão trabalhavam com máquinas pesadas, cortadores de grama elétricos e manuais, e eu com o

ancinho. Eles limpavam carburadores e trocavam velas de ignição. Sempre paravam para discutir e sair no tapa.

Eu não tinha irmãos com quem brigar, mas duas irmãs, dez e onze anos mais velhas que eu, e que já haviam saído de casa. Com quatorze anos, eu era novo demais para dirigir. Nem sequer tinha ideia de como era um carburador e nunca tinha levado um soco na vida. Então, de fato, os Kern e eu morávamos no mesmo bairro, nos víamos sempre, mas habitávamos mundos diferentes.

O mesmo podia ser dito sobre nosso vizinho, o Sr. Landry, um homem que precisará ser bastante mencionado depois. Nesses dias de tarefas domésticas, eu muitas vezes o via comandar o cortador de grama pelo grande terreno atrás de sua propriedade. Era uma pessoa enorme, com um metro e noventa e cinco e cerca de cento e quarenta quilos. Usava óculos escuros e meiões de algodão, e, algumas vezes, desligava o cortador sem motivo aparente e caminhava em direção ao bosque. Depois, às vezes horas mais tarde, eu o via voltar. Ele e a esposa tinham um filho adotivo chamado Jason, um sujeito problemático que também está em nossa lista.

Porém, o mais importante para mim era que do outro lado da rua, e duas casas adiante, Lindy Simpson também cuidava de seu quintal. Arrancava ervas daninhas dos canteiros de flores e varria a calçada. Ela se curvava, alongava os músculos e me dava muitos motivos para me sentar sob as extremosas floridas e me refrescar. Os pais dela, na época ainda um casal bonito, colocavam jarras de água gelada e de suco em pó vermelho na balaustrada da varanda. Em seguida ficavam de pé no gramado com as mãos nos quadris e observavam atentamente, assim como eu, enquanto Lindy subia na escada para tirar folhas das calhas. Riam de alguma piada que eu não conseguia ouvir e não faziam ideia do que estava por vir. Lindy usava camisetas de eventos da escola, tops e shorts de corrida cor-de-rosa. Tinha uma tornozeleira da amizade verde, que lhe fora enviada por um amigo por correspondência cristão, da Jamaica.

Ela era espetacular.

Certo dia, semanas antes do crime, eu estava sentado na grama brincando com as cascas que caíram das extremosas, observando Lindy. Vi na casca um tom marrom e meio dourado que lembrava a

cor do cabelo dela, então eu a parti em tiras finas. Vi outro pedaço tão fino e pequeno como a curva de seu nariz, então também o coloquei no gramado à minha frente. Depois encontrei um pedaço de casca com nós, que lembrava os olhos dela, e o coloquei no lugar certo. Uma tira de madeira encurvada virou o queixo.

Procurei ao redor por pedaços que correspondessem aos seios, uma leve forma de W, e para o corpo imponente e braços erguidos, um Y maiúsculo. Encontrei um V, que coloquei de cabeça para baixo para representar suas pernas, e o levei até o nariz, inalando o que imaginei ser o cheiro do joelho dela (um Band-Aid), a parte de dentro das coxas (uma vela de baunilha) e finalmente a região de sua anatomia que me parecia ser o maior mistério. Fiquei mortificado ao ver minha mãe parada em pé atrás de mim.

Ela olhou para o que eu tinha feito.

Eu me senti flagrado. Exposto. Envergonhado.

— Ah, querido — disse minha mãe. — Sou eu?

Não foi culpa dela.

Ela simplesmente subestimava a distância que já existia entre nós.

Alguns verões antes disso, quando eu tinha onze anos e Lindy doze, nosso grupo passou o dia catando musgo. Estávamos na parte abandonada nos fundos de nossas propriedades, onde costumávamos jogar futebol e atirar em cobras não venenosas com nossas pistolas de ar comprimido. Éramos cinco: Randy Stiller, o vizinho da casa ao lado e melhor amigo, uma garota que costumávamos chamar de Julie Artista (pois era assim que nossos pais se referiam a ela quando a menina fazia coisas como desenhar libélulas nos braços com canetinhas ou celebrar elaboradas cerimônias de casamento para seus gatos no jardim da frente), Duke Kern, Lindy Simpson e eu. Na época nenhum de nós estava no ensino médio, então bandos como aquele não eram incomuns. A ideia naquele dia era construir a maior pilha de musgo que conseguíssemos, e fizemos isso correndo e dando pulos para alcançar as longas barbas pendendo das árvores. Arrancávamos punhados a cada vez.

Depois descobri que aqueles terrenos acabaram sendo ocupados por residências, que agora existe uma Woodland Hills East, e fico pensando naquelas árvores. Eram carvalhos que provavelmente já estavam de pé quando Jean Lafitte apareceu para explorar o território ao longo do rio Mississippi. Eram carvalhos que ocultavam os índios coushatta, de pele escura, à espreita de coelhos e cervos para as refeições.

Para nós, era uma academia na selva.

Duke Kern, que sempre foi alto, podia subir em qualquer carvalho que quisesse segurando-se no galho mais baixo, se balançando e jogando as pernas por cima da cabeça como um ginasta. Ele conseguia pegar musgos que não alcançávamos, então lançava para baixo montes e montes daquilo. Randy e eu juntávamos tudo em uma pilha, e Lindy mexia nela e a arrumava. Enquanto isso, Julie Artista se sentava na grama e fazia colares com trevos, como se não estivéssemos ali.

Ao terminar de remover o musgo de todas as árvores à vista, nosso bando tinha uma pilha de um metro e oitenta de comprimento e talvez doze centímetros de altura. Ficamos de pé em volta dela, confusos e com a respiração pesada, pois não tínhamos pensado no que fazer quando estivesse pronta. Depois de um tempo, Lindy sugeriu que pulássemos nela.

Randy concordou.

— Qualquer parte de seu corpo que tocar nisso será comida por crocodilos — disse ele, encostando o dedão do pé no musgo e depois mancando dolorosamente em círculos. — Então terão que andar assim.

Julie Artista riu. Todos rimos.

Duke Kern disse que achava aquilo parecido com uma cama.

Essa ideia me soou tão desinteressante e sem imaginação que fiquei decepcionado ao ver que ele e Lindy se deitaram nela. A história agora era que aquilo se tornara a Cama Real, destinada apenas ao rei e à rainha do quintal. Não havia sido realizada uma eleição nem um debate entre o restante de nós, mas também não houve briga. Se fôssemos formar casais naquela idade, aquele seria o único a fazer sentido. Entendíamos isso. Então Randy, um cara sempre leal, assumiu o posto de guarda imperial.

— Cuidado, Vossa Alteza. Caso saia da cama será comido por tubarões — informou ele.

Julie Artista logo se juntou à encenação, jogando trevos aos pés do casal real e dedilhando uma harpa invisível. Duke e Lindy sorriram. Fingiram beber de taças cravejadas de joias, reger o mundo com seus cetros e alimentar um ao outro com uvas.

— Lindy, precisamos ter um herdeiro — disse Duke.

Então Randy se colocou em posição de sentido.

— Alerta de invasor! — exclamou ele, apontando uma espada invisível para os limites do bosque.

Olhei e vi o Sr. Landry caminhando pesadamente em nossa direção. Usava uma camiseta verde e shorts azuis, ambos encharcados de suor, e carregava um cajado comprido. Eu sentia pavor daquele homem. Todos sentíamos. Tínhamos nossas razões.

Uma das minhas era que em raras ocasiões, quando meu pai ainda morava conosco, ou depois, quando minhas irmãs vinham da

faculdade para nos visitar, ficávamos no quintal dos fundos mais tempo do que pretendíamos a princípio. A noite caía e talvez pudesse haver um pedaço de carne na churrasqueira, uma única luz brilhando no ponto mais distante de nossa piscina, e tudo ficava mais confortável por causa da cadência do riso de minha mãe em conversas familiares. Era como o paraíso.

Ainda mais raramente, mas com frequência, esses momentos perdiam o encanto por conta das estrondosas e indecifráveis brigas do Sr. Landry com a esposa, Louise, duas casas adiante. E embora crianças nunca saibam exatamente o que está acontecendo, eu podia dizer pela preocupação nos rostos de meus familiares que eram coisas de adulto, e tinha sorte de não fazer parte daquilo. Lembro-me de, certa vez, escutar o barulho de uma garrafa quebrando na entrada de garagem dos Landry, e, em outra situação, o motor do carro ser acelerado sem motivo. Lembro-me da força na voz dele. E foi ali que ouvi pela primeira vez uma frase que nunca tinha ouvido antes, cujo significado não compreendia, murmurada pela minha mãe, acho, quando ela disse: “Tremo só de pensar.”

Então ficava contente que o Sr. Landry mantivesse distância.

Ele nos chamou no gramado.

— Garotos, vocês viram um cachorro correndo por aqui?

— Não, senhor.

Ele pareceu não acreditar em nós.

— Caso o encontrem, não cheguem perto — falou. — Se o virem, me procurem.

— Sim, senhor.

Observei o Sr. Landry caminhar de volta para o bosque e atravessar um pequeno riacho. Ele apunhalava a água com o cajado. Tinha uma cabeleira negra e era psiquiatra.

Quando me virei para meus amigos, Lindy e Duke estavam deitados na cama de musgo outra vez, a conversa com o Sr. Landry já havia sido esquecida. Eles davam risadinhas e sussurravam um para o outro, e vi Lindy pousar a mão na barriga de Duke, brincando com o umbigo dele.

Alguns dias depois disso, nosso telefone tocou. Minha mãe me empurrou para o banheiro e examinou meus cabelos com os dedos, segurando uma pequena lanterna com os dentes. Ela disse que o

musgo barba-de-velho, resistente e cinza, é uma coisa viva, e entre as muitas criaturas que vivem naquela cabeleira estão os piolhos. Então, ao deitar em uma cama feita com o musgo, Lindy e Duke ficaram infestados. Minha mãe me explicou como estavam cheios de piolhos, quase microscópicos, que se alimentavam de cada centímetro de seus corpos. Repassei a cena na cabeça, o modo como finalmente tinham ajudado um ao outro a se levantar da cama, como se uma nova aliança houvesse sido criada entre os dois, e tentei lembrar de uma nuvem de pequenos insetos na pele deles.

— Não vi nada — contei.

— Por isso que estou aqui para procurar em você — respondeu ela.

Mas a questão importante, suponho, é a história partilhada que esse acontecimento criou entre Duke e Lindy. A partir de então, eles com frequência se afastavam enquanto o restante de nós brincava. Duke, com sua cabeça raspada no dia seguinte, passou a chamá-la de Rainha. Lindy, que na época nunca teria permitido que alguém raspasse sua cabeça, usou o boné de beisebol de Duke para encobrir o cheiro forte do vinagre que a mãe passara em seu cabelo para acabar com os piolhos. Ela bebia da garrafa de Gatorade dele, ele comia as balas Twizzlers dela, e todos acharam que Duke sempre a escolheria para seu time de futebol americano, como se assim ela nunca pudesse se machucar.

Alguns anos depois, após o crime, quando Lindy e eu ficávamos acordados até tarde conversando ao telefone, ela confessou que costumava sair escondida da casa dos pais nas semanas seguintes à cama de musgo e se encontrava com Duke Kern na entrada da garagem da casa dele. Disse que eles se beijaram no capô do Chevrolet 1957 do pai de Duke e que deixou que ele colocasse as mãos sob sua blusa. Estranhamente, não senti ciúmes ou raiva.

Eles eram jovens. Eram bonitos.

Duke Kern nunca foi um suspeito.

Bo Kern, por outro lado, era um dos suspeitos.

Ele tinha se formado na Perkins School, mas com dificuldade, no ano anterior ao crime. Era bem conhecido na cidade e, com seu perturbador lábio leporino e o corte à escovinha, tornava-se facilmente identificável. Adolescentes e amigos de escola sabiam que ele era o cara que sempre estava pronto a ir além do que qualquer um deles estaria disposto, e, como tal, era uma incógnita em todos os eventos sociais. Festas na casa de alguém terminavam de repente quando Bo Kern derrubava uma mesa antiga em um surto de dança. As jovens anfitriãs choravam quando ele amassava o capô do carro de seus pais ao brigar bêbado. Era o cara que aceitaria publicamente qualquer desafio lançado, tentando de forma desesperada impressionar garotas que, todo mundo sabia, não estavam nem um pouco interessadas nele.

Os treinadores de futebol americano da Perkins School conheciam Bo Kern como o garoto de raciocínio lento que se tornara um bloqueador formidável no verão anterior a seu último ano escolar. Era a única posição na qual ele podia jogar, de *fullback*, ou bloqueador, já que não exigia agilidade. O objetivo do atleta nessa posição era se transformar em um míssil, um aríete, e destruir qualquer obstáculo que surgisse à sua frente. Seu sacrifício possibilita que o *running back* mais habilidoso mostre sua capacidade e faça o placar mudar. A posição de *fullback* é pouco recompensadora, mas Bo Kern se destacara de tal forma nos primeiros jogos do seu último ano escolar que chamou a atenção de olheiros de Millsaps e do Belhaven College, dois rivais do Mississippi na terceira divisão. Isso virou notícia. Cartazes com “Bo Bloqueia Tudo” e “Vai, Bo!” foram confeccionados por animadoras de torcida e presos nos alambrados do campo de futebol durante o jogo em que os olheiros estavam presentes. Era outubro e ainda estava quente.

Antes do final da partida, Bo Kern tinha cometido duas faltas técnicas, três faltas pessoais e sido expulso por brigar com um

jogador da equipe adversária, a Dutchtown Catholic. Pais e torcedores tentaram explicar aos olheiros bem-vestidos que aquilo com certeza fora causado pelo nervosismo, uma anormalidade infeliz, mas eles já tinham visto o suficiente. Então, eu e os garotos da minha idade pensávamos em Bo Kern sempre que deparávamos com fracassos. A ideia era que se *ele* podia se formar, então havia esperança para todos, e Bo era uma lenda nesse sentido. Portanto, era um cara sobre quem muitas pessoas fingiam saber tudo, pelo menos para balançar a cabeça com veemência ao ouvir seu nome.

No que dizia respeito ao bairro, em relação ao estupro de Lindy, ele também poderia estar envolvido.

O fato de que deficiências físicas eram tão raras na Perkins School, tão raras em Woodland Hills, não ajudava. Até onde lembro, não havia crianças deficientes. Não havia cadeiras de rodas ou deformidades. Éramos todos crianças brancas de classe média ou alta, todos frutos do sucesso de nossos pais, e quando brincávamos uns com os outros na escola, era como se brincássemos com um espelho.

Nesse ambiente, o lábio leporino de Bo Kern incomodava.

Ele era um sujeito corpulento, estava impossível naquele último ano, e seu lábio constantemente retorcido expunha a gengiva acima dos dentes da frente. Quase nunca sorria, e mesmo quando o fazia, não era possível ter certeza. Então, tenho de considerar pessoas como ele, crianças talvez condenadas desde o nascimento por circunstâncias fora de seu controle. Que chance tinha entre nós? Quão cedo o futuro é definido?

Também consigo pensar em outros parecidos, um garoto chamado Chester McCready, por exemplo.

Ele era meu colega de turma. Magro e pálido, Chester não raspava os pelos escuros que apareceram acima de seu lábio superior no ensino médio. Usava camisas manchadas, tênis que deixavam a sala fedendo, e tinha a aparência de um aprendiz de vigarista, um garoto que preferiria ser deixado sozinho no escuro. Ao longo do nosso segundo ano, uma garota chamada Missy Boyce alegou que Chester havia tentado apalpá-la na lanchonete durante um jogo de futebol na sexta-feira anterior. Desesperadas para

também serem desejadas, outras garotas logo afirmaram o mesmo, e o apelido Chester Molestador pegou.

Na primeira vez que perguntamos sobre o incidente com Missy, ele nos disse: “Alguém me empurrou para cima dela. Não foi minha culpa se a Supervaca estava ali.”

Chester foi enfático sobre isso e, acredito, honesto.

De qualquer maneira, muitos de nós começamos a fingir que não o conhecíamos, e o chamaram de Chester Molestador até o fim do ensino médio, anos que para ele com certeza foram excruciantes. Mesmo em nossa reunião de dez anos de formatura, o apelido ainda estava na ponta da língua, já que pouco antes ele fora acusado de assédio sexual em uma lanchonete onde trabalhava. Isso não me pareceu ironia, como a outras pessoas na reunião, mas o inevitável fim para o qual o tínhamos enviado na juventude. Sabe, mesmo quando crianças, colocamos nossos barcos de papel na correnteza. Nós os observamos ir embora.

Após saber disso, fui à biblioteca pública procurar a matéria de jornal sobre o acontecido. Encarei a foto de Chester entre as de outros criminosos na seção de notícias locais, e mal o reconheci. Tinha um cavanhaque, afilado e aparado, e seu cabelo era fino e estava penteado para a frente. A boca era pequena. A matéria dizia que a garota tinha dezesseis anos na época do incidente, e chamou minha atenção que essa provavelmente era a idade de Missy quando a coisa toda começou, como se os problemas dele nunca tivessem amadurecido. Eu me senti cúmplice das palavras enquanto as lia naquele dia e surpreendentemente senti pena do homem que ele havia se tornado.

Ainda assim, era difícil sentir pena de Bo Kern, apesar do que fora destinado a ele.

Maldoso e sem nunca demonstrar arrependimentos, Bo extravasava sua raiva além das ruas de Woodland Hills, mesmo no ensino médio, e tinha fama de violento. Certa vez, foi levado para casa pela polícia por agredir um garoto no Highland Road Park com uma placa de pare que arrancara do chão. Foi solto com uma advertência. Em outra oportunidade, eu o vi socar a janela de um carro no estacionamento da escola sem nenhuma razão aparente.

Um dia, depois da aula de educação física, todas as conversas na escola eram sobre uma briga que acontecera no estacionamento do Taco Bell na noite anterior, quando Bo Kern batera tanto em um garoto que morava do outro lado da cidade que ele foi parar no hospital. Meu amigo Randy me contou que, segundo o que diziam, depois dessa briga Bo tentara colocar o garoto, ainda inconsciente, na caçamba da picape de um amigo antes de a polícia chegar, e fugiu. Isso era apenas um boato, admitia ele, mas ficamos impressionados.

— Para onde ele ia levá-lo? — perguntou Randy. — Para onde ia levá-lo, cacete?

Trememos só de pensar.

Mas no ano seguinte à formatura na Perkins, Bo se tornou ainda mais violento.

Não fora aceito em nenhuma universidade nem recebera propostas de bolsas de estudos por causa da prática esportiva, em vez disso, trabalhava à noite como leão de chácara no Sportz, uma boate local para maiores de idade perto do campus da Louisiana State University, a LSU. Ainda morava em casa nessa época e costumava voltar bêbado pela Piney Creek Road às três ou quatro da manhã, cantando pneus na curva com o Chevrolet 1957 do pai. Após apenas dois meses trabalhando naquele lugar, Bo recebeu uma ordem judicial que o impedia de se aproximar de uma universitária, estudante de inglês, frequentadora do bar. Ela venceu a ação e ele foi demitido.

No documento do tribunal, um registro público, ela descreveu Bo Kern como “uma figura ameaçadora” e disse ter pesadelos com o rosto dele.

Ela resumiu tudo que sentíamos.

As evidências se amontoavam.

Nos meses anteriores ao estupro, Bo Kern destruiu o Chevrolet 1957 do pai à luz do dia, quebrou o dedo de um garoto do bairro vizinho, que apontara para ele e o acusara de trapacear no basquete, e deixou o próprio irmão com um olho roxo no jardim da frente. Ele contou histórias sobre arrombar carros durante jogos de futebol americano da LSU e roubar cartões de crédito. Quando mais

alguém no bairro falava, Bo Kern perguntava: “Está olhando o quê, porra?”

Onde estavam as consequências? Para onde tudo isso estava se encaminhando?

Imagino que essa também deve ter sido a preocupação de nossos pais na época que correu a notícia do estupro de Lindy. Então, recentemente, quando comecei a relembrar tudo isso, perguntei à minha mãe se a princípio ela suspeitara de Bo.

Ela me contou que após a polícia ter ido de porta em porta perguntando aos moradores do bairro se tinham visto alguma atividade suspeita, os próprios pais de Lindy foram de casa em casa. Mamãe disse que estavam com os olhos chorosos e dando apoio um ao outro. Que pareciam cansados e velhos. Correu a história de que Dan Simpson, pai de Lindy, desconfiava principalmente de Bo, embora o garoto possuísse um álibi e tivesse testemunhado afirmando que não estava em casa naquela noite. Quando os Simpson enfim foram à casa dos Kern, Betty Kern, mãe de Bo, se sentara com eles na cozinha. Então, antes que o Sr. Simpson pudesse mencionar que desejava que a polícia interrogasse seu filho outra vez, Betty Kern caiu em lágrimas.

Ela estava inconsolável.

“Eu sinto muito”, lamentara, chorando. “Sei o que estão pensando. Isso acaba comigo. Ele também foi a primeira pessoa em quem pensei.”

Então, “Sim”, respondeu minha mãe. “Todos suspeitamos.”

O momento em que aprendi a palavra “estupro” é importante.

No ano letivo antes do crime, Randy e eu estávamos sentados no chão da cozinha dele. Era um cômodo muito amplo com linóleo amarelo. Apoiávamos as costas na geladeira, encarando a parede a uns seis metros de distância. Na época tínhamos pilhas de bonecos, principalmente de *Comandos em Ação* e personagens de *Star Wars*, e eu guardava os meus em grandes caixas de ferramentas de plástico que meu pai deixara na nossa casa, e Randy guardava os dele em potes Tupperware transparentes. Naquele dia tínhamos espalhado os bonecos no chão diante de nós: Boba Fett, Comandante Cobra e coisas assim.

Tínhamos treze anos, e ninguém, além de nós mesmos, sabia que ainda brincávamos com aqueles bonecos.

Partilhávamos vários segredos como esse.

Por exemplo, os pais de Randy, pessoas muito gentis, nunca tiveram coragem de lhe contar sobre o Papai Noel, então a fantasia durou bem mais que o normal. Quando minha irmã mais velha, Hannah, me contou, eu tinha uns nove anos, e corri até a casa de Randy para ser consolado. Foi na semana antes do Natal, e, quando cheguei lá, meu amigo estava sentado em um balanço do lado de fora, mordendo a ponta de um lápis e fazendo sua lista. Ela tinha três páginas, com direito a esboços simples dos itens mais cobiçados, e não tive coragem de contar a ele. Então passei anos assim, mudando de assunto sempre que ele falava disso. Não era uma tarefa fácil. Randy acabou juntando os fatos, é claro, e um dia, no ensino médio, quando tínhamos nos tornado pessoas muito diferentes e estávamos juntos numa festa na casa de um colega, ele, embriagado, me perguntou por que eu o tinha deixado continuar com aquilo.

— Não sei — respondi. — Acho que só não queria estragar nada.

Randy balançou a cabeça e sorriu. Passou o braço em volta dos meus ombros.

— Só tem uma coisa que não entendi — falou. — Todas aquelas cartas que mandei para o Polo Norte. Para onde elas foram, cacete?

— Essa é uma excelente pergunta. Não faço a menor ideia — disse.

Mas ele também sabia coisas comprometedoras sobre mim.

Na noite em que meu pai nos deixou, eu fugi para a casa de Randy e chorei como um bebê. Na época nós dois tínhamos dez anos, era madrugada de um dia de semana e éramos, pensei, as duas únicas pessoas acordadas no mundo. Não recordo o que choraminguei para ele. Só lembro de ficar deitado na cama dele de barriga para baixo, minha cabeça encharcando o travesseiro, e de ouvir uma breve batida na porta. Eu me apressei para me esconder, achando que tinha sido descoberto, e engatinhei para debaixo da cama. Randy abriu a porta e esfregou os olhos, fingindo que tinha sido acordado. No chão, do lado de fora do quarto, havia um prato com dois cookies quentinhos. Dois copos de leite. Ouvimos passos de alguém descendo as escadas.

Éramos amigos.

No entanto, tínhamos decidido que era hora de dar um fim em nossos brinquedos, então naquele dia brincamos na cozinha de jogá-los violentamente pelo chão até a parede. Você fazia pontos se quebrasse uma cabeça ou arrancasse um membro do boneco, e contávamos os pontos marcando-os na geladeira com uma caneta lavável. Os brinquedos deixavam marcas vermelhas e azuis nos rodapés, e a cadela dele, Ruby, engolia as cabeças decapitadas.

Após várias rodadas disso, a irmã mais velha de Randy, Alexi, entrou. Ela já estava na faculdade, mas ainda morava na casa dos pais. Alexi era magra, loura e sempre tinha garotos atrás dela. Lembro-me de um garoto em particular chamado Robert, que rondou a casa de Randy por um ano. Parecia sempre amarrotado, como se tivesse dormido com as mesmas roupas, e usava bonés até de noite. Trabalhava como cozinheiro, preparando pratos rápidos em um restaurante perto do campus, onde ele e Alexi se conheceram, e sempre achávamos que cheirava a anéis de cebola fritos.

Quando Alexi viu a bagunça que tínhamos feito, perguntou:

— O que os dois idiotas estão fazendo?

Mas não esperou a resposta. Pediu a Robert para lhe servir um copo de limonada, e ele fez isso. Em seguida ela foi até o telefone, preso a uma parede perto do escritório, e discou um número.

— Jenn, que besteira é essa que me contaram de você não vir à festa do Robert?

Robert ficou na ponta dos pés e pegou pedras de gelo no congelador.

— Você sabia que sua irmã é doida? — perguntou a Randy.

— Não nasci ontem — respondeu meu amigo.

Gostávamos de Robert, já que ele descrevia quase tudo como "doido" e nos fazia imaginar que tipo de revelações esperava por nós na faculdade. Nós o seguimos até a área externa da casa enquanto Alexi falava ao telefone. Nós o observamos fumar cigarros e bater as cinzas em uma garrafa de refrigerante. Então a cadela Ruby saiu pela portinha para cães e trotou em direção ao gramado, onde vomitou as cabeças de cores berrantes de nossos bonequinhos.

— Essa cachorra é doida — falou Robert.

Rimos e demos tapas nos mosquitos que picavam nossos tornozelos.

Robert então fez uma série de perguntas a Randy, querendo saber que tipo de flor a irmã dele gostava, quais eram seus restaurantes preferidos e se já tinha saído com caras de fraternidades. Randy, é claro, não fazia ideia. Após alguns minutos, Alexi saiu segurando o telefone junto ao pescoço, ainda com o fio.

— Robert, Jenn quer saber qual foi o placar.

O assunto era o time de futebol americano da LSU, como costuma ser em Baton Rouge, e aquela era uma época deprimente.

— Foi quarenta e quatro a três — respondeu Robert. — Fomos *estuprados*.

Então lá estava ela, ávida por mim.

Houve outras palavras como essa em minha vida, palavras tão misteriosas que eu precisava possuí-las, mesmo se não entendesse o significado. Diafragma. Preservativo. Êxtase. Lembro-me de um dia, no sétimo ano, quando um garoto ruivo, Chuck Beard, me chamou de dildo durante o recreio. Estávamos brincando na calçada de tijolos da Perkins, e eu o venci quando ele não alcançou a bola

em uma jogada que tocou a linha de raspão. Chuck ficou furioso. Naquele dia, depois da aula, minha mãe me buscou no estacionamento. Perguntou como tinha me saído em um trabalho que entregara à professora, a Sra. Williams, uma mulher que usava uma quantidade exagerada de sombra azul.

— Tirei um oito — disse a ela. — Essa Sra. Williams é um dildo.

Minha mãe parou no acostamento.

— O que você disse? — perguntou ela. — Você sabe o que isso significa?

Minha mãe ainda era jovem e bonita. E havia adotado um novo corte de cabelo depois do divórcio.

— Claro que sim — respondi. — Aquela velha é um pé no saco.

Carros passavam enquanto ela se recompunha.

Mas a situação ficou mais grave quando minha mãe me mandou sair do quarto nos dias seguintes ao crime. Vi o Sr. e a Sra. Simpson de pé ao lado dela, e parecia que minha mãe tinha andado chorando. Os três me conduziram até uma cadeira que havia sido afastada da mesa e ficaram de pé em um semicírculo ao meu redor.

— Querido, não sei como lhe contar isto — começou minha mãe. — Não consigo nem mesmo acreditar que vou lhe contar isso, mas Lindy Simpson foi estuprada.

— Se você souber de alguma coisa… — disse a Sra. Simpson.

— Não estamos acusando você de nada — falou o Sr. Simpson. — Sua mãe já nos contou que todos vocês estavam em casa, terminando o jantar. Mas, por favor, se souber de alguma coisa…

Fiquei sentado ali, olhando para eles, sem saber o que responder, e então ouvi um estalo suave na cozinha. Soava como se alguém estivesse revirando algo lá, talvez usando uma colher para mexer uma xícara de café ou chá. Eu sabia que minhas irmãs não estavam em casa, e àquela altura fazia muito tempo que meu pai partira.

— Mãe, quem está na cozinha? — perguntei.

— Querido — disse ela.

E antes que pudesse me contar mais alguma coisa, um policial uniformizado saiu da nossa cozinha, veio até a sala de estar e se encostou de modo casual no batente da porta, ainda mexendo sua xícara de café quente. Era alto e corpulento, e parecia indestrutível

em seu uniforme. O distintivo reluzente em seu peito, o grosso cinto de utilidades e a pistola que usava na cintura fizeram o pânico percorrer meu corpo. Fiquei imaginando quanta informação ele conseguiria arrancar de mim se tentasse. Não necessariamente apenas sobre o crime, mas sobre minha relação com Lindy no geral. Sobre como eu pensava tanto em Lindy a ponto de ela não existir para mim apenas quando eu estava acordado, mas também com a mesma intensidade em meus sonhos. Eu me endireitei na cadeira enquanto o policial me encarava.

— Não se preocupe comigo — disse ele, apontando com a cabeça para os Simpson. — Apenas responda à pergunta deles. Sabe de alguma coisa sobre isso?

Olhei para minha mãe, que por sua vez sorriu de volta com tanta gentileza que eu soube que poderia dizer qualquer coisa naquela época e ela acreditaria em mim.

— Querido.

— Lindy foi estuprada? — perguntei a ela.

— Foi — respondeu.

— Isso é terrível — falei.

— Sim. É.

Pensei um bom tempo sobre isso.

— Não entendi — falei. — Contra quem ela estava jogando?

Esse comentário pareceu confundir os adultos naquela sala a tal ponto que começaram a mexer os pés e a catar fiapos nas roupas, como se agora fossem os culpados, pois tinham dito a uma criança algo que ela não estava preparada para ouvir. O policial balançou a cabeça, tomou seu café e voltou para a cozinha. Minha mãe então se adiantou e me beijou na testa.

— Obrigada, Deus. — Eu a ouvi dizer. — Obrigada, Jesus.

O policial deixou um cartão na porta da nossa geladeira e pediu para ligarmos se por acaso pensássemos em alguma coisa. Depois agradeceu a minha mãe pelo café e me deu um tapinha no ombro enquanto ele e os Simpson, como vendedores sem sorte, retornavam ao calor daquele verão brutal. Minha mãe e eu voltamos para a cozinha. Ela tirou o cartão do policial da geladeira e o analisou antes de colocá-lo em uma gaveta perto do telefone. Em

seguida, pegou uma caixa de ovos, açúcar, farinha e uma tigela, e começou a preparar biscoitos.

Ainda naquela semana, entrei em meu quarto e encontrei em cima da cama um folheto sobre sexo. Não havia nenhum bilhete, e, quando o abri, algumas embalagens de camisinhas caíram. Minha mãe e eu nunca conversamos sobre isso, mas lembro que me mimava muito nessa época. Fazia macarrão com molho de queijo em todas as refeições. Levava laranjas a todos os meus jogos de futebol. As coisas ficaram impressionantemente boas entre nós por um tempo, até ela descobrir uma razão de verdade para desconfiar de mim. Foi difícil para ela, suponho, se dar conta de que cometer o ato não depende de conhecer a palavra.

Eu me apaixonei por Lindy Simpson no dia 28 de janeiro de 1986.

Foi também nesse dia que o ônibus espacial *Challenger* explodiu e sete corajosos astronautas morreram. Eu tinha onze anos e estava no sexto ano.

Como quase todas as outras escolas nos Estados Unidos, a Perkins School organizara todo o seu currículo de ciências em função dessa missão. Nós nos focamos em estrelas e galáxias e fizemos móbiles toscos da Via Láctea em isopor, que penduramos com linha de pesca nos tetos de nossas salas de aula. Nos preparativos para a decolagem do *Challenger*, que seria transmitida ao vivo pela CNN, turmas de séries próximas foram reunidas, do quinto ao sétimo ano, oitavo e nono, e assim por diante, e levadas a salas com televisores. Isso na época era algo incomum para nós, ver TV a cabo na escola, e os aparelhos ficavam em carrinhos que haviam sido colocados à frente dos quadros-negros. Tinham botões de plástico abaixo das telas. Para abrir mais espaço nas salas, nossas carteiras de madeira foram empilhadas e levadas para os corredores, e estávamos sentados em longas fileiras no chão acarpetado, organizados por turma.

Como projeto escolar, o sétimo ano, o ano de Lindy, tinha escrito uma carta para Christa McAuliffe. Ela era a professora primária escolhida entre mais de vinte mil candidatas para acompanhar os astronautas ao espaço, e uma heroína nacional. A carta para ela era simples, escrita a lápis em papel pautado, e agradecia por sua bravura. Nas semanas antes da decolagem, McAuliffe respondera à turma do sétimo ano enviando uma bandeira americana e uma foto de divulgação de toda a tripulação autografada, e os dois objetos se encontravam pendurados em um grande quadro de avisos com moldura de papel crepom vermelho, branco e azul. Nossos professores estavam reunidos diante dele e conversavam com animação. O lugar todo estava em clima de feriado.

Tomamos ponche de frutas e comemos biscoitos em forma de estrelas. Usávamos broches da bandeira americana e cantamos o

hino nacional. Nós nos sentíamos muito bem, todos nós, e eu não tinha como saber que a imagem da Sra. Knight, a minha professora, cantando diante daquela bandeira nunca sairia da minha memória. Ela era uma mulher jovem com cabelo chanel (embora todas as professoras me parecessem realmente muito velhas naquela época) e morena. Era seu primeiro ano lecionando na Perkins School, ou em qualquer escola, e seria o último.

Lembro que o clima estava estranhamente frio e seco naquela manhã, já que nem mesmo janeiro oferece uma esperança de inverno na Louisiana. Eu passara muitos Natais de camiseta, Dias de Ação de Graças de shorts e tênis. Mas, naquele dia, todos vestíamos calças e camisas sociais de mangas compridas, e a duas fileiras da minha, sentada no carpete de pernas cruzadas como um Buda, Lindy Simpson usava um moletom azul-marinho sobre a jardineira.

Não prestei atenção nela. Queria ver o foguete.

Quando chegou a hora da contagem regressiva, nossos professores aumentaram o volume da TV e pediram que prestássemos atenção. Ficamos olhando como turistas para o ônibus espacial na posição de lançamento, filmado a uma longa distância com uma câmera de mão. Lembro de o Centro Espacial Kennedy parecer completamente deserto a não ser pela aeronave: um ônibus espacial branco empoleirado em três foguetes cilíndricos, o do meio com uns quinze andares de altura e vermelho-sangue. Era uma época boa nos Estados Unidos. Éramos sonhadores, professores e alunos, todos, por tabela, a bordo daquela missão patriótica.

Então, quando a contagem regressiva começou, contamos junto. Nosso coro aumentou no “dois”, conforme a fumaça ia sendo liberada em nuvens densas sob o foguete. Então berramos no “um” final e observamos o *Challenger* decolar, pesado e milagroso, se libertando da plataforma de lançamento e queimando tudo abaixo. Nossos professores aplaudiram. O locutor disse “Decolamos! Decolamos!”, e falou que éramos testemunhas da história.

Acreditamos nele e observamos o ônibus espacial se erguer em uma coluna de fogo.

Setenta e três segundos depois, terminou.

Por causa de uma enorme variação no vento, junto à falha nos anéis de segmento do foguete direito, uma chama saiu do tanque de combustível externo do *Challenger* e destruiu a nave. Do solo, todos os sistemas de funcionamento pareciam normais. Podíamos ouvir a aclamação alegre das pessoas atrás da câmera, a empolgação na voz educada do locutor. Não fazíamos ideia. Mesmo o controle da missão não sabia do problema até quase o final, como ficou evidente na última transmissão para a tripulação feita pela NASA. Aconteceu dez segundos antes da explosão e dizia: “Roger, *Challenger*, acelerem”, o que significa: *Está tudo certo, pessoal. Vão com tudo*.

Depois de uma investigação federal do acidente e a divulgação de todos os detalhes, soubemos que havia algo mais nessa história. O desastre não foi uma completa surpresa para todos. Uma transmissão extra fora feita, um segundo antes da explosão, da tripulação do *Challenger* para o solo, quando o piloto Michael J. Smith, lendo algo nos instrumentos ou sentindo algo no coração, disse: “Ô-ou.”

Geralmente, em momentos de tragédia, há um instante de atraso, um momento de incredulidade coletiva.

Não daquela vez.

Ouvi gritos vindo dos corredores no mesmo instante.

Nossas professoras reagiram primeiro, levando as mãos ao peito e gritando enquanto o ônibus explodia em chamas. Depois fomos tomados pelo caos antes que o primeiro destroço caísse no Atlântico. A Sra. Knight conseguiu desligar rapidamente a TV, e a Sra. McElroy, mãe voluntária, tropeçou em um garoto encolhido no chão e caiu sobre a mesa do lanche. Quando a jarra de ponche quebrou e derramou suco vermelho por todo o carpete, nós chegamos ao máximo da histeria. Ouvi pessoas correndo de um lado para o outro dos corredores. Ouvi as vozes preocupadas de alunos do nono ano na sala ao lado. Ouvi os gritos estridentes das garotas de maria-chiquinha. Eu não sabia o que fazer.

Então fiquei sentado no carpete observando. Tentei não ser pisoteado.

Diante de mim, Lindy Simpson também estava sentada no carpete.

Quando se abriu um espaço entre nós, vi que o moletom dela estava coberto de vômito.

Lindy olhou para mim e apertou os lábios, não por qualquer constrangimento, acredito, mas por estar simplesmente feliz de ver um conhecido. Ela não sorriu, exatamente, e não chorou. Em vez disso, tinha em seu rosto uma expressão que ainda me assombra. Era como se Lindy tivesse se desligado por completo do acontecimento.

Foi um olhar que eu veria de novo no futuro.

A Sra. Knight também acabou vendo, e logo foi até ela. Em um movimento hábil, puxou o moletom sujo pela cabeça de Lindy e o embolou, para que ninguém o visse. Depois, Lindy, voltando a si, começou a chorar. A Sra. Knight a ajudou a se levantar do chão e a tirou da sala, acariciando seus cabelos. Quando passaram na minha frente, ouvi a Sra. Knight dizer: “Eu sei, querida. Eu sei.”

Não estou certo de por que isso confortou meu coração. Suponho que tenha sido o fato de que eu mesmo não estava chorando, que não tivera sequer tempo de reagir. Ou talvez, de uma forma estranha, a visão do vômito rosa brilhante de Lindy tenha feito isso, tão cheio de balas e ponche doce. Ela era tão sensível que aquilo sempre estivera dentro dela? Quando a via correndo despreocupada pelo nosso bairro ou comendo uma raspadinha no meio-fio da Piney Creek Road, era possível que ela fosse tão delicada e vulnerável? Com que profundidade sentira o que tinha visto? Com que intensidade alguém experimenta a vida? Todas as garotas eram assim? A ideia me ocorreu. Eu me dei conta de que eram criaturas totalmente distintas, aquelas garotas. Caso contrário, como Lindy poderia ter sentido de maneira tão imediata o pânico na sala de aula, a preocupação com a morte dos nossos heróis? Como isso poderia tê-la deixado nauseada antes mesmo de eu me levantar do chão?

Então, digam o que quiserem sobre os homens, nossos enormes fracassos na Terra, mas naquele momento uma compreensão cintilou dentro de mim, algum mecanismo foi acionado. Eu era apenas um garoto, nem sequer um homem, e ainda assim, de repente, senti que a partir daquele momento era meu dever defender aquela garota específica contra a menor ameaça que

pudesse surgir. Nos dias que se seguiram ao acontecimento, tive discussões com outros garotos da minha idade, que disseram também ter visto Lindy vomitar e tentavam fazer uma plateia rir às custas dela. Dei ataques. Neguei com veemência. Eu me enfureci contra uma história imutável, algo que depois se tornaria um hábito meu.

Em um curioso desdobramento dos acontecimentos, muitos anos depois, encontrei a Sra. Knight em um restaurante da cidade. Eu já estava na faculdade, e ela continuava jovem e adorável. Trabalhava como assistente em uma construtora, me contou, e desistira de lecionar. Mas se lembrava de mim, disse, do dia em que o *Challenger* explodiu. Ela me apresentou ao marido e lhe explicou como cuidar de todas aquelas crianças chocadas havia sido um pesadelo e como ainda revivia aquele dia na cabeça. Depois me contou uma história de que eu não me lembrava.

Após a Sra. Knight ter conduzido Lindy até o banheiro e lavado seu moletom na pia, a professora a levou de volta ao corredor. Ao que parecia, eu estava lá esperando por elas, disse, e tirara minha camisa de manga comprida para dar a Lindy. Constrangida e chateada, a menina saiu correndo em meio à multidão sem me agradecer. A Sra. Knight disse que ainda se lembrava do nó na garganta que sentira naquele momento, de como estava despreparada para o pandemônio, e o que eu lhe disse enquanto Lindy fugia.

— Lembra-se do que você disse? — perguntou ela.

Eu não lembrava.

— Você se aproximou e segurou minha mão. E falou: “Acho que é verdade o que dizem, Sra. Knight. Desgraça pouca é bobagem.”

Eu sorri dessa pequena lembrança, assim como ela.

— Nunca me esqueci daquilo — falou. — Você pareceu muito maduro. Não sei. Parecia um velho sábio no corpo de um garotinho. Isso me marcou. Sempre me perguntei como você estaria.

— Bem — disse. — Aqui estou.

— E a garota Simpson? — falou. — Também lamento muito por ela. Ainda tem contato com ela?

— Não — respondi. — Não mais.

Então, no dia em que me apaixonei por Lindy, as aulas foram suspensas ao meio-dia.

Havia muito tráfego na rua, e mesmo nossos pais ficaram perturbados com o ônibus espacial e gratos por terem sido liberados do trabalho para ir nos buscar. Randy e eu percorremos a curta distância até nossas casas no carro da minha mãe, e ele fazia ruídos com a boca durante todo o trajeto. Minha mãe implorou para que ele parasse. Vimos Lindy caminhando para casa pela calçada, com o moletom na mão. Parecia fria e triste, e minha mãe encostou junto ao meio-fio. Saltei do carro e deixei Lindy se sentar no banco da frente. Ela não me disse uma palavra. Fiquei arrasado.

Mais tarde naquela noite, minha mãe me chamou na sala de estar para ver Ronald Reagan na TV.

— Querido. É o presidente.

Lembro claramente.

Reagan sentado no Salão Oval da Casa Branca, o rosto plácido e sincero. Usava um terno azul-escuro e brincava com um clipe de papel. O aparador atrás dele, quase invisível, estava repleto de fotos de família. E em vez de fazer o Discurso sobre o Estado da União que estava programado, o presidente Reagan lamentou a tragédia nacional e citou os nomes de cada um dos astronautas mortos. Minha mãe derramou lágrimas silenciosas enquanto o presidente falava deles, algo que ela fazia regularmente naquela época. Em seguida, colocou o braço em volta de mim e me puxou para mais perto dela no sofá. Ficamos sentados na escuridão, escutando. Reagan disse:

— E agora quero dizer algo aos estudantes dos Estados Unidos que estavam acompanhando a cobertura da decolagem do ônibus espacial ao vivo.

Minha mãe olhou para mim. Passou os dedos pelo meu cabelo.

— Sei que é difícil de entender, mas algumas vezes coisas dolorosas como esta acontecem — disse ele. — Tudo faz parte do processo de exploração e descoberta. É parte de aproveitar a oportunidade e expandir os horizontes do homem. O futuro não pertence aos fracos — lembrou o presidente. — Pertence aos bravos.

Olhei para minha mãe. Ela já estava arrasada, compreendo agora, e ainda teria que encarar as maiores tragédias de sua vida. Passou um lenço macio sobre meus olhos e segurou minha cabeça com as mãos.

— Estava escutando, querido? — perguntou ela. — Entende o que ele está dizendo?

Era o meu primeiro dia apaixonado. Eu não entendia nada.

Coloquei minha cabeça no ombro dela.

Ela cobriu meus olhos com a mão.

Na época, eu não era o único com essa fixação por Lindy.

Nos últimos anos do ensino fundamental, um garoto chamado Brett Barrett se apaixonou de tal forma por ela que cortou grama por dois verões só para lhe comprar um anel. Era fino e folheado a ouro, com uma pedra azul. Diz a lenda que, anos antes, ela o vencera em uma partida de pique-beijo, uma brincadeira que costumávamos fazer na nossa juventude, e dera um beijo em sua bochecha. Então, como se esse beijinho fosse uma promessa, ou o ápice de algum antigo ritual de galanteio, Brett Barrett supôs que ele e Lindy estavam destinados um ao outro e começou imediatamente a trabalhar. Economizou cada centavo. Pensava em pouca coisa além disso. No nono ano, enfim, ele a presenteou com o anel sob um carvalho quase no meio da escola.

— Por que eu iria querer isso? — perguntou Lindy.

Ela não estava sendo má.

A questão era que, durante os anos de atividade perseverante, Brett Barrett se esquecera de falar com ela.

Um garoto chamado Kyle Wims também se apaixonou por Lindy quando ela o defendeu durante um jogo de basquete improvisado na hora do almoço. Gorducho e branquelo, Kyle não corria muito. Em vez disso, ficava perto da linha de três pontos, agitando os braços. Imagino que se via como um especialista em arremessos de três e, para ser sincero, lembro que não era tão ruim. Mesmo assim, raramente recebia a bola, já que os garotos mais atléticos mandavam no garrafão e faziam arremessos improváveis. Lindy estava sentada perto da quadra com uma fileira de garotas, que depois seriam do tipo que jogava vôlei, softball e futebol, e acompanhavam o jogo. No meio da conversa, Lindy ficou tão agitada que gritou para os garotos: “Ei, idiotas! Por que vocês não passam para o Kyle? Ele está livre!” E Kyle ficou louco.

No ano seguinte, ele emagreceu quatorze quilos, por causa da puberdade ou da devoção, e convidou Lindy para o baile de volta às aulas. Ela aceitou por pura gentileza, o que tornou tudo pior. Lindy

era bonita e atlética, e na época ainda era popular. Nunca haveria uma chance para eles. Então, quando posou para fotos com ele no ginásio e pediu que segurasse seus sapatos enquanto dançava com amigos, Kyle adorou. Todos nós rimos. Acho que foi Tommy Gale que enfim lhe disse para abrir os olhos e cair na real, então Kyle simplesmente passou o restante da noite em um canto. Mas Lindy correu até ele para a última dança e o levou até a multidão. Colocou suas mãos macias nos ombros dele, e Kyle mostrou o dedo do meio para nós pelas costas dela. Na semana seguinte colocou a foto dos dois no interior de seu armário da escola, mas nunca o ouvimos dizer o nome dela outra vez.

Um garoto do outro lado da cidade também foi arrebatado.

Ele vira Lindy participar de uma corrida cross-country quando os dois estavam no nono ano e se apaixonou por ela. Como ele, ela vencera com facilidade sua eliminatória, então o garoto imaginou que isso significava uma afinidade natural. Em sua defesa, naquela fase da vida dela era fácil se imaginar com Lindy. Ela parecia se equilibrar naquela linha perfeita entre uma pessoa que você desconfiava que poderia não merecer e a vida fantástica que teria caso tudo desse certo. Era brincalhona, mas não boba; bonita, mas não exótica; próxima, mas ainda assim fora de alcance. Então, depois da corrida, esse garoto começou a frequentar shoppings e cinemas à procura dela. Se nos via na cidade usando o uniforme da escola também nos abordava.

— Conhecem Lindy Simpson? — perguntava. — Digam que o cara que ganhou a corrida está procurando por ela.

Ele nos deu pequenas tiras de papel com o número do telefone dos pais, então passamos trotes para a casa dele por anos. Imaginamos que ele merecia isso, como um intruso flagrado pescando em nosso lago, e garantimos que seu amor não desse em nada.

Mas nem todos os pretendentes eram tão virtuosos.

Clay Tompkins, um garoto esquisito com caspa, era conhecido por passar todo o seu tempo livre rabiscando em um caderno verde pautado. Tinha poucos amigos na escola, e parecia não os querer, embora eu soubesse que isso não podia ser verdade. No último semestre do nosso nono ano, Clay cometeu o erro de deixar o

caderno sob a carteira quando foi ao banheiro, e como aquilo era um grande mistério para todos, nós o folheamos. Na primeira página havia uma lista com cerca de vinte nomes, todos de garotas da nossa escola. A página tinha o título GAROTAS QUE EU GOSTARIA DE COMER, e aparentemente era uma classificação científica. Vi o nome de Lindy no número sete.

Uma multidão se reuniu em torno do caderno enquanto um dos garotos folheava as páginas. Cada uma delas tinha um desenho detalhado de uma das garotas já mencionadas em uma pose que certamente nunca tinham feito. Anna Jenks, por exemplo, fora desenhada se balançando em uma videira, exibindo os seios, com uma calcinha minúscula com estampa animal mal escondendo o traseiro. Katie Comeaux, número dois, estava ajoelhada nua, as mãos atrás da cabeça. Parecia dançar ao som de alguma música tocando ao fundo, e os pelos pubianos haviam sido raspados, formando uma faixa fina e elegante. May Fontenot estava deitada de costas com as pernas abertas diante de nós, as mãos agarrando a parte interna das coxas, e tocava os dentes com a ponta da língua. Aquilo tudo era incrível, e fruto de uma imaginação que na época poucos de nós entendíamos.

Eu me remexi na cadeira com a visão.

Quando finalmente chegamos à página de Lindy, lá estava ela, retratada com mais bom gosto que as outras. De costas para o artista, como costumava ficar quando corria, olhando para nós por sobre o ombro. Os cabelos, presos em um rabo de cavalo, marcavam o vale macio entre os ombros, e ela estava com o peito nu. Mais abaixo, o short de ginástica havia sido baixado até os joelhos, assim como a calcinha. As únicas cores na página eram duas manchas azuis brilhantes: seus tênis de corrida Reebok.

Eu teria dado tudo para ter aquele desenho.

Mas os garotos continuaram a folhear, imaginando quais novos milagres nos aguardavam, e enfim chegamos às páginas em que Clay treinara anatomia. Vimos desenhos detalhados de pênis eretos de todos os ângulos, várias representações de vaginas com diversos padrões de pelos. Aprendi mais naqueles poucos minutos do que em toda a minha vida. E como naquele momento estávamos cegos a qualquer outro mundo, nenhum de nós notou a Sra.

Berkowitz se aproximar para verificar o motivo de toda a confusão. Assim que ela viu o caderno, nós o entregamos. Juramos para ela que éramos inocentes.

Nunca mais fui o mesmo depois daquilo, e nem Clay.

Ele deixou a escola naquele dia e não voltou. Não sei o que aconteceu com ele, se foi expulso ou apenas não era capaz de nos encarar, mas nunca mais vimos Clay Tompkins. Conversamos com alunos de outras escolas para descobrir se ele havia sido transferido, procuramos em eventos esportivos e restaurantes. Nada. Fiquei muito tempo pensando para onde ele teria ido. Como um garoto simplesmente some?

Décadas depois, vi Clay Tompkins no *USA Today*. Morava em Seattle e, junto com um sócio, criara uma empresa que fazia jogos de video game. Era coisa de primeira, dizia a matéria, e para adultos. Esses jogos agora são chamados de FPS e são bem populares, então sei que ele ganha muito dinheiro. Espero que esteja feliz. Sinto pena de pessoas como ele. Naquela época era só um garoto curioso, com talento de verdade, e seu único erro foi expressá-lo.

No entanto, Clay Tompkins também me dera um presente estranho, que foi o prazer inextinguível pela pornografia. Virei fã na hora. Ao chegar em casa naquela noite jantei correndo e fui a toda para o meu quarto. Comecei a trabalhar sob as cobertas com lápis e prancheta, e desenhei Lindy de todas as formas que consegui imaginar. A maioria desses primeiros esboços era irreconhecível, claro, uma mera colagem de bonequinhos inadequados, mas o ato de criar me deu uma enorme satisfação. Eu a tinha exatamente onde queria, imaginei, em meu quarto, na minha mente, nas pontas de meus dedos inquietos.

E então, em um dos primeiros episódios de inspiração lasciva que iria experimentar na vida, desenhei balõezinhos de pensamento acima da cabeça de Lindy para transmitir suas emoções.

As coisas que a fiz pensar. As coisas que a fiz querer.

Essas coisas voltariam para me assombrar.

Acredito que a Louisiana tem uma fama ruim.

Não quero que essa história piore isso, embora eu saiba que irá, pois as pessoas geralmente ignoram o que dizemos aqui. Ao que parece, nós no Sul somos relegados a um padrão humano diferente, inferior ao da maioria desta grande nação, os Estados Unidos, como se todas as nossas tragédias atuais fossem de algum modo punição por nosso passado infeliz. Vocês podem ouvir, por exemplo, algo assim: “Sim, é uma vergonha aquelas pessoas afogadas em Nova Orleans. Mas por que elas simplesmente não evacuaram a região?” Ou: “É terrível aquele garoto ter sido baleado, mas estou certo de que vocês ouviram falar sobre os conflitos raciais de lá.”

Outra catástrofe? Outra injustiça? Desculpem-me se não pareço surpreso.

Isso me incomoda. Isso incomoda a todos no Sul.

Então, caso você ainda não saiba, vamos esclarecer.

É quente aqui, sim. Chove, e inunda.

Se você diz “Não é o calor, é a umidade”, é porque vem de algum outro lugar ensolarado que você achava que era quente. São os *dois*, calor e umidade. Tudo bem. Você vai sobreviver. Há formas de suportar.

Uma coisa que você faz é aumentar o prazer das refeições. Três vezes por dia, você se senta com amigos ou parentes que, caso tenha sorte, geralmente são as mesmas pessoas. Tira uma folga do calor. Coloca um guardanapo no colo e não consegue acreditar no puro prazer. Esse tomate pode salvar sua vida, a fruta fresca, aquela cerveja ou aquele chá gelado podem ser sua salvação. Isso não é voracidade.

Você come assim por uma razão.

Quando tudo o mais está queimando, suando, sendo agredido por um sol torturante, apenas sua língua pode ser enganada. Então você a provoca com sabores como se fossem promessas, pequenas fugas de uma terra explicitamente penosa. Você lhe oferece

especiarias picantes, molhos escuros, coquetéis gelados. Qualquer coisa em que consiga pensar.

Há um ditado no sul da Louisiana que diz que “quando fazemos uma refeição conversamos sobre a próxima”, e isso é verdade. Quem não faria isso? Nesse cardápio imaginado há um futuro, uma vida previsível, uma comunhão, talvez até mesmo um fim de semana cheio de alegria e comida boa. Você pensa: “O que deveríamos cozinhar no sábado?” Sim, querido, sim, meu amor, acredite em mim quando eu digo que isso parece bom. E na casa do outro lado da rua, uma família parecida está fazendo a mesma coisa. Talvez um domingo ao redor de uma panela de feijão. Um almoço de sanduíches de baguete, *po’ boys* quentes enrolados em papel pardo. Também é uma regra informal não falar de política à mesa. Não porque somos idiotas, antiquados ou apenas educados demais, mas porque vemos tudo com clareza.

Coisa medíocre, o mundo. Não vale a pena estragar uma bela refeição.

Então, a alma deste lugar está nas festas que acontecem aqui. Não apenas no Mardi Gras, não, mas no tipo de festa que começa com um simples telefonema para um vizinho, um amigo. E depois de se falar do calor e partilhar os problemas, você diz “cara, seria legal ver você, seus filhos, seu sorriso”. E disso nasce um banquete com o comprimento de várias mesas, cobertas de jornal, com filas extensas de lagostins fumegantes tirados de panelas de alumínio, uma mancha vermelho-vivo em seu jardim que lembra um cobertor verde. A comida é tão grande que precisa ser mexida com um remo. Você e os outros se reúnem ao redor. Você idolatra isso. Não há nada de estranho.

Só os infelizes não veem dessa forma.

Quando eu tinha vinte e poucos anos, mantive uma breve amizade com um sujeito de Michigan. Ele havia se mudado para cá para cursar a faculdade, então eu me vangloriava para ele, como todos aqui fazem, da nossa comida, da nossa hospitalidade, daquelas coisas às quais nos agarramos. Eu o convidei para a festa de um amigo em Garden District, um bairro de Baton Rouge cheio do velho esplendor e varandas contornando as casas. Nosso anfitrião, um dos membros da cavalaria de grandes e

desconhecidos cozinheiros do estado, passara o dia inteiro junto a uma panela fumegante de lagostins. Ofereceu ao meu amigo cerveja local e melancia gelada, qualquer coisa para aplacar o calor escaldante. Depois, quando a mesa estava abarrotada de batatas e milhos cozidos, e lagostins picantes de um lago próximo, meu amigo recuou. Vai fundo, dissemos todos. E o ensinamos a tirar a casca.

Ele foi educado, mas não cedeu, insistindo que não sentia fome.

— Pior para você — dissemos, e falávamos sério.

Mais tarde, no carro, ele me contou que não conseguia acreditar que eu tinha comido aquilo.

— São insetos — disse ele. — Vocês estavam comendo uma pilha de insetos. É mais repulsivo do que achei que seria.

Não me ressenti da idiotice dele. Em vez disso, expliquei que os lagostins são tecnicamente crustáceos, biologicamente iguais à lagosta que ele provavelmente pediria em um restaurante chique em Ann Arbor, que não eram “insetos”. O que ele havia testemunhado era um grande luxo em pequena escala.

— Eu só vi insetos — respondeu. — Só vi pessoas bêbadas e suadas sugando cabeças de insetos mortos.

Isso não é besteira.

É esse tipo de análise detalhista e errônea que cria tantos problemas para a Louisiana.

Quando eu era garoto, por exemplo, jogava futebol americano com Randy atrás da casa dele. Criávamos a área de pontuação entre carvalhos idênticos nos limites do terreno e usávamos tiras de ambrósias amarelas como linhas. Planejávamos jogadas passando os dedos pela grama alta e imaginávamos muitos fãs empolgados nos assistindo. Recebíamos a bola, girávamos, driblávamos e arremessávamos em espirais curtas um para o outro pelo ar quente e pesado. Mergulhávamos e agarrávamos. Marcávamos os pontos e comemorávamos. Certo dia, Randy chutou a bola e ela foi na direção errada. Bateu em uma árvore e caiu no pequeno pântano atrás de nossas residências, na época coberto por uma fina camada de algas verdes. Ficamos juntos de pé na margem do pântano, um lugar aonde nossos pais diziam que não devíamos ir, e estávamos atentos a cobras. Vimos a bola flutuar na água parada, uma bola infantil de futebol americano, entenda, pois éramos crianças, e nos

ajoelhamos na lama para recobrar o fôlego. Tentamos pensar. Antes que pudéssemos bolar um modo de recuperá-la, vimos um ratão-do-banhado, um grande rato do pântano que parece uma lontra, nadando pela lama até nossa bola. Ele cheirou a coisa, a viu girar na água escura e a comeu.

Agora saia por aí e conte essa história.

Ninguém pedirá a você que conte a história do roedor. Segundo a lenda, a espécie foi trazida da Argentina para cá pela família McIlhenny, a inventora do Tabasco, para ser criada em Avery Island por causa da pele. Então você não terá a chance de narrar o conto épico do furacão que teria acontecido depois disso, permitindo que dois desses ratões fugissem de suas gaiolas como corajosos e famosos amantes e começassem uma família em uma terra desconhecida. Os ouvintes não estão interessados nisso. Eles não veem esses animais partindo para os pântanos como peregrinos, como nossos ancestrais, com quem temos uma grande dívida. Nem verão os dois garotos felizes como eu e Randy nessa história, nossos olhos animados brilhando e nossos grandes corações testemunhando um espetáculo tão bizarro para eles quanto seria para você. Em vez disso, seus ouvintes vão apenas reafirmar para si mesmos o que já pensavam sobre a Louisiana: que é um lugar do interior atrasado e com enormes ratos nas algas, um pesadelo selvagem que ficam contentes de não precisar encarar.

Como outro exemplo: na minha juventude certa vez choveu tanto que os pântanos atrás de Woodland Hills transbordaram. Parecia que morávamos em um lago. A própria Piney Creek Road também inundou, e nossas casas imponentes ficaram como chalés em um golfo enlameado. Durante dois dias, vimos cobras singrarem a água. Vimos nossos cães de estimação brincando na água como crianças. Lançamos linhas de pesca do alto de nossas entradas de garagem e caminhamos com dificuldade em pernas de pau pelo gramado quando os anzóis prendiam no concreto. Comemos comida enlatada e bebemos Coca-Cola quente. Quando a chuva parou, o Velho Casemore tirou seu barco de alumínio da garagem e subiu e desceu a rua como se fosse nossa própria Guarda Costeira, nos oferecendo a comida que tinha preparado. Depois, a água recuou e a normalidade se restabeleceu.

Imagino que muitas crianças no sul da Louisiana tenham histórias semelhantes a esta, e quando crescem saem pelo mundo e as contam. Isso não é o problema. É o modo como essas histórias nos perseguem, o modo como são alteradas pelas pessoas de fora quando as ouvem. Um homem da Califórnia uma vez me perguntou, por exemplo, se eu ia para a escola de barco. Uma mulher de Des Moines disse: “Como era? Crescer caçando crocodilos em sua varanda? Parece horrível.”

Não era assim. Juro.

Mesmo no verão do estupro de Lindy, por exemplo, havia alegria.

Jogávamos beisebol na rua. Perseguíamos o vendedor de sorvete por dois quarteirões.

Lindy também fazia parte disso.

Na verdade, nas semanas logo depois do crime, após a polícia ter interrogado a todos, a única diferença que notamos na própria Lindy foi uma mudança em seus horários. Nada de aulas de piano, para meu desalento. Em vez disso, Lindy ia à terapia. Nada de ir de bicicleta para a pista de corrida às cinco horas, mas ida e volta de lá com os pais. Pequenas coisas. Para nós ela parecia a mesma de sempre, alegre e sorridente, embora tudo isso logo fosse mudar.

Então, por mais terrível que fosse, o verão de seu estupro seguiu em frente, luminoso e com o céu azul, repleto de um imenso prazer. Mesmo nossos pais, os que mais tinham sofrido com a notícia do crime e depois com a falta de uma prisão, acabaram retornando ao rebanho, unidos pelo surgimento no bairro de moscas-brancas no final do verão.

Criaturas pequenas e prodigiosas, as moscas-brancas parecem felpa.

Sozinhas, são facilmente esmagadas, nada mais que um pouco de poeira em seus dedos. Em grande número, porém, são um desastre, e se alimentam de qualquer coisa verde. Formam colônias debaixo das folhas da flora disponível e usam suas pequenas mandíbulas para extrair seiva da planta. Esse não é o problema. O refugo que elas excretam atrai um tipo de mofo chamado fumagina. Uma cor escura nasce sobre a vida vegetal, acabando por se tornar tão grossa que separa a planta do sol, e uma tristeza botânica se

instala. Íris caem em cachos. Árvores perdem as folhas fora da estação.

Então, quando a Piney Creek Road foi sitiada no final daquele verão, o bairro estabeleceu uma aliança. Crianças borrifavam água com sabão pelos jardins enquanto seus pais falavam uns com os outros sobre sucessos e fracassos, avanços e retrocessos, qualquer *outro* assunto além de Lindy e os possíveis suspeitos do estupro, e estavam felizes em se concentrar nos aspectos mais fáceis de administrar o problema atual.

Naquele Dia do Trabalho, com a infestação parecendo controlada, houve uma festa na casa do meu amigo Randy, a casa dos Stiller, e todos lá estavam de bom humor. Pais bebiam margaritas e cerveja gelada enquanto os filhos corriam como malucos em trajes de banho. Lindy Simpson também estava lá, sem os pais, que tinham se afastado desse tipo de coisa. Vestia um maiô azul, e eu a persegui pelo quintal com uma pistola de água. Tudo foi apenas riso e felicidade até por volta das seis horas, quando ouvimos uma serra elétrica acelerando a distância, e um grupo foi investigar.

Na curva mais distante da Piney Creek Road ficava uma área pública, um pedaço de terra que tecnicamente não pertencia a ninguém. Era evidente agora que, a despeito das melhores intenções, ninguém se preocupara em cuidar do grande carvalho que se erguia lá, de modo que essa árvore permanecera como o último bastião das moscas-brancas. Assim, a impressão que tínhamos é que o carvalho desistira, perdendo todas as suas folhas naquele Dia do Trabalho como um suspiro de derrota. Então, enquanto todos estavam na festa, dizendo adeus a um verão que gostariam de esquecer, o pai de Lindy entrara em ação. Usava óculos de proteção, shorts e uma camiseta, e se lançava sobre a velha árvore com sua serra elétrica, um ato tão estranhamente violento que nenhum de nós sabia o que dizer.

Dois vizinhos deixaram a festa correndo para tentar impedi-lo, explicar que a árvore não estava morta, que iria se recuperar no ano seguinte, e que ele não tinha o direito de fazer aquilo. Então, quando estavam na metade da rua, pararam de repente. Olhando com mais atenção, aqueles homens puderam ver algo que não fora

possível ver da festa, algo que apenas o Sr. Simpson tinha visto depois que a árvore perdera as folhas e ficara nua.

No terceiro galho mais baixo do carvalho, preso em um emaranhado de ramos, pendia pelo cadarço um Reebok azul desbotado.

Então os homens voltaram pela rua até nós, solenes, e deixaram o Sr. Simpson continuar seu trabalho com a serra elétrica. Quando perguntamos o que tinham visto lá, por que não o tinham impedido, os homens colocaram suas grandes mãos em nossas cabeças como se fôssemos seus próprios filhos, suas próprias filhas.

— Vamos voltar para a festa — disseram. — Vamos comer alguma coisa.

Então fizemos isso, e essa foi a última vez que me lembro de ver Lindy feliz.

Mas isso não teve nada a ver com a visão daquele tênis.

Não. Admito isso.

Dessa vez, a culpa foi minha.

Nas semanas após ter ocorrido, o estupro de Lindy foi um tipo estranho de segredo.

Todos no bairro “sabiam”, mas posso dizer com segurança em relação a Randy, Julie Artista e eu quando falo que, na época, não sabíamos *exatamente* o que sabíamos. Sabíamos que a polícia tinha circulado um pouco, claro, sabíamos que tinham feito a cada um de nós algumas perguntas simples, mas como nossos pais também haviam nos pedido discrição em relação ao crime (outra palavra misteriosa para mim naquela época), não entendíamos muito mais que isso. Percebemos que as pessoas passaram a agir diferente perto de Lindy, que nossos pais erguiam a voz quando falavam com ela naquele verão, que nos deixavam ficar um pouco mais na rua depois da hora de jantar quando viam que estávamos brincando com ela. “Você se divertiu com Lindy?”, minha mãe perguntava. “É importante que se divirtam.”

Imagino que tudo isso seja apenas para montar minha desculpa quando lhe disser o que fiz depois.

Ainda não tinha nem quinze anos, lembre, e na primeira semana de aulas naquele ano, meu primeiro no ensino médio, quando estávamos vestindo de novo os uniformes depois da aula de educação física, alguns dos caras começaram a falar de Lindy. Como disse, muitos daqueles garotos estavam de olho nela desde o começo, e nossa entrada no ensino médio pareceu dar a eles uma coragem que eu ainda não sentia. Eles repassavam boatos no vestiário como se fossem relatos de olheiros: sobre como Lindy terminara com um garoto que eu sabia que nunca havia namorado, sobre como um cara tinha visto os peitos dela em uma festa na piscina naquele verão. E então, em um ataque de baboseira egoísta, do qual ainda me envergonho, também ofereci o que eu sabia. Disse a palavra em voz baixa, sussurrando, porque era o único modo como a ouvira ser dita.

Estupro.

Era uma palavra que se recusava a me produzir uma imagem, a despeito de minha relação recente com ela. Nas semanas que passara sentado sozinho em meu quarto, pensando sobre seu significado sombrio, imaginara Lindy sofrendo estranhas agressões, mas nunca vira machucados em seu rosto. Em uma tentativa de melhorar minha compreensão, voltei a um poema que me lembrava de ter lido na escola no ano anterior, de Alexander Pope, e o significado se tornou ainda mais vago. Depois procurei a palavra “estupro”, apenas para ter uma noção, em um dicionário de sinônimos que meu pai deixara no escritório. Encontrei estes:

Forçamento. Violação. Violência.

Então eu sabia que “estupro” dizia respeito a alguma grande injustiça, sim, eu não era idiota. Mas nunca pensara nisso em termos da virgindade de Lindy, seu espírito juvenil, seu corpo sendo agredido de uma forma sexual. Nunca pensara em algo que não pudesse ser consertado. Tudo o que sabia era que os garotos no vestiário queriam conversar sobre ela naquele dia, e eu queria que aqueles garotos conversassem comigo.

O efeito foi imediato.

A palavra disparou como corrente elétrica pelo circuito da escola. E, quando questionada, Lindy negou de todas as formas. Contudo, por causa da inesperada profundidade de seu choro, seus gritos estranhos, ela estava evidentemente muito chateada para convencê-los, e quando tocou a campainha da hora da saída, Lindy tinha envelhecido bem diante de nós. Seu rabo de cavalo parecia desgrenhado e fora do lugar. Deixou que cadernos caíssem da mochila e não falou com ninguém enquanto cruzava o estacionamento da escola para encontrar a mãe, que naquele dia esperava para levá-la para casa.

Mais tarde, pouco antes do jantar, Lindy bateu na minha porta. Fiquei nauseado quando a vi pelo olho mágico. Todas as vezes em que deitara no chão e desejara que essa exata visão se materializasse, que ela descesse da bicicleta e viesse me ver, em todas essas vezes eu imaginara o que iria dizer; tudo isso morreu, de modo tolo e intocado, ao lado dos vasos de plantas no canto.

Abri a porta e fiquei parado ali.

Atrás dela, vi nuvens roxas deslizando como navios de guerra entrando em posição, a chuva noturna se armando. Lindy estava descalça, vestia uma camiseta escura sobre o uniforme e, meu Deus, já havia se afastado de mim. De todos nós.

— É verdade que foi você que contou? — perguntou.

Não disse nada.

— Como você sabia? Como você sabia disso?

Para mim aquela era uma pergunta estranha.

— Seus pais — contei. — A polícia. Todos sabem.

Lindy pareceu arrasada.

Fiquei pensando no que ela achava que seus pais estavam fazendo nos dias em que foram de porta em porta com a polícia. O que pensou quando nossas mães levaram toda aquela comida para a casa dela como se alguém tivesse morrido? Eu não entendia. Afinal, aquela garota ficara enjoada com a morte de astronautas. Ela não conseguia perceber o luto em seu próprio bairro? Ou àquela altura, quase dois meses depois do crime, apenas esperava que todos tivéssemos esquecido?

Não tive a oportunidade de perguntar. Lindy se virou e saiu correndo.

Ela não voltou a falar comigo por um ano.

Naquele ano, Lindy experimentou diferentes personalidades, todas falsas e condenadas. Começou sentindo um estranho orgulho de sua aparência, como se o segredo nunca tivesse sido revelado, e passou a circular com os garotos mais ricos do colégio. Na escola usava estranhos arcos nos cabelos e pulseiras ruidosas. Juntou-se às virgens mais cobiçadas e ria maliciosamente para qualquer garoto jovem que passava. Quando isso não funcionou e as virgens a crucificaram, largou a equipe de corrida e se tornou gótica. Escutava música pesada e lenta, a mesma que os garotos mais velhos ouviam, The Cure, Joy Division, e usava delineador preto. Se você a via fora da Perkins naquela época era em lugares obscuros como o alojamento abandonado e não concluído da igreja desonrada de Jimmy Swaggart em Baton Rouge, onde todos sabiam que não deviam ir, ou talvez nas proximidades de um cinema, conversando com garotos mais velhos que usavam coturnos e não tinham o que fazer lá.

Nenhum desses disfarces combinava com ela.

Mas na culpa e no amor que eu sentia, também acompanhei essas personalidades.

Fiz minha mãe me levar a uma loja de roupas caras no Natal, quando Lindy ainda usava os arcos. Fiquei furioso quando ela tentou comprar para mim camisas polo falsificadas e sapatos baratos, como se quisesse me sabotar. Eu me tornei nervoso e preocupado, e passava dias tentando amarrar os cadarços de meus mocassins Timberland de couro de uma forma chamada “colmeia”, que eu vira Michael Tuminello, o líder dos arrumadinhos da Perkins School, fazer. Passava os fins de semana junto à caixa de correio em meus novos trajes em tons pastel. Subia e descia a Piney Creek Road assoviando, esperando que Lindy me visse pela janela.

Depois, quando ela virou gótica, eu também virei, deixando de lado as roupas caras que minha mãe comprara. Eu a arrastei para lojas de discos e roupas baratas. Fiz com que me comprasse anéis de caveira, incenso e camisetas pretas com nomes de bandas que vira costurados na mochila de Lindy. Minha mãe ficara preocupada com tudo isso, eu sabia, mas não me negou nada.

Meu desejo de chamar a atenção de Lindy se tornou tão grande que comecei a odiar a mim e à minha aparência suburbana, como se essas coisas fossem culpadas de quase tudo. Depois de um tempo cheguei mesmo a começar a odiar meu próprio cabelo encaracolado, já que todos os roqueiros de que Lindy gostava tinham cabelos lisos, geralmente cortados em ângulos excêntricos e cobertos de gel. Então dormia com bonés para alisar o cabelo. Usei um ferro quente para ajeitar a franja. Raspei as laterais da cabeça.

No ápice desse período comecei a ter pequenos problemas na escola. Enfiei toalhas de papel nos mictórios e inundei os banheiros. Fiz pichações com canetinha nos armários. Uma parte de mim esperava que, se eu continuasse com isso por tempo suficiente, Lindy e eu poderíamos ser mandados para o mesmo castigo depois da aula, e no mínimo seríamos obrigados a falar um com o outro, sentados à mesa redonda confessional ridícula que os professores nos mandavam fazer. Mas isso nunca aconteceu, e Lindy conseguiu me evitar completamente.

Então passei a ficar acordado até tarde e a dormir pouco, escutando as bandas sobre as quais ouvira Lindy falar, e odiava a música. As letras eram soturnas e sem perspectiva, envoltas em melodias que inevitavelmente ruíam, egocêntricas, em si mesmas. Mesmo jovem eu já sabia disso. Ouvir o tipo de música dela era cantar junto com um homem em seu leito de morte. Então foi o que tentei fazer. Escrevi poemas sobre Lindy com caneta vermelha. Coloquei um brinco. Cheguei à puberdade.

Tudo isso para dizer que quando Lindy e eu emergimos daquele ano, havíamos mudado.

Lindy era então uma garota melancólica que percorria sozinha os corredores da Perkins. Qualquer amigo que tinha era uma coisa submissa que poderia muito bem ser uma sombra. Evitava cores fortes, incluindo azul, e usava apenas shorts cinza sob o uniforme da escola. Raramente raspava as pernas. Ficou cada vez mais obcecada por uma banda chamada Bauhaus, que eu nunca soube muito bem como pronunciar, e desenhava símbolos anarquistas em seus tênis Chuck Taylor de cano alto. Cortou o cabelo na altura do queixo e a franja cruzava seu rosto suave como uma foice.

Ela ficou magra e, a maioria dizia, bulímica. Pequenas espinhas surgiram em seu peito.

Era algo triste de ver.

Mas no ano seguinte, quando voltamos a nos falar, quando ficamos próximos, Lindy me explicou como tudo isso acontecera.

Disse que a culpa era da terapia.

Lindy me contou que os meses de terapia de grupo, que seus pais tinham insistido para que ela fizesse, foram a pior coisa que já lhe acontecera. Ainda pior que o modo como seu pai a espionava o tempo todo no ano seguinte ao estupro, pior que o modo como via o carro dele no canto do estacionamento do cinema enquanto ela filava cigarros de caras desconhecidos. Era pior que o modo constrangido como ele agia depois, como se não tivesse espionado, como se não soubesse do que ela estava falando, quando voltava para buscá-la às onze. E era ainda pior do que o modo como ele acabava jogando seu remorso sobre ela, suplicando para que conversasse e instalando fechaduras complicadas nas portas.

Porque o que a terapia fazia, explicou, era apresentá-la a um mundo de problemas que ela jamais teria conhecido de outra forma. A garota que se cortava; ela estava em seu grupo. A anoréxica. A bulímica. A ninfomaníaca. Cada uma delas oferecia possibilidades de revolta para Lindy, que as explorava. A garota de seu grupo que vira a mãe morrer em um acidente de carro que ela mesma causara. Agora havia uma perspectiva de depressão, de acordo com Lindy. O garoto que era molestado pelo tio. Minha nossa.

No final o leque desses males fazia a Piney Creek Road parecer obscena para Lindy, segundo ela própria, o modo como os botões de nossas extremosas se abriam. A rua adorável era como uma piada ignorante. A terapia lhe ensinara isso, e ela estampava a lição no rosto.

Então também adotei a aparência de um garoto problemático. Afastava a franja comprida dos olhos quando os adultos se aproximavam de mim. Saí do time de futebol, algo em que era realmente bom e de que gostava, e comecei a tocar guitarra porque pensei que Lindy acharia sexy. Fumava cigarros, e depois maconha, no estacionamento do Taco Bell à noite durante a semana. Sorria pouco.

Mas minha imagem era de papel machê.

Naquela época você poderia fazer um furo em mim e tudo o que veria cair seriam itens do armário de Lindy. Nenhum sangue em mim. Apenas um coração obcecado. Eu não defendia nada. Não lutava por nada. Não consegue ver?

Estou me apresentando aqui como inocente.

Não estamos todos?

O terceiro suspeito do estupro de Lindy era o garoto adotado chamado Jason Landry. Das muitas crianças que o Sr. Landry e sua esposa, Louise, criaram na Piney Creek Road, Jason foi o único que permaneceu. Esteve sob os cuidados deles desde que ficou órfão, uma criança pequena, dois anos mais velho que eu. Não era de modo algum um garoto agradável, e assim como as pessoas de Woodland Hills cogitaram que ele poderia estar envolvido no crime, também ficamos pensando por que *ele*, de todas as crianças que os Landry cuidaram, se tornou o membro permanente da família. Desde então, pesquisando por conta própria, descobri que não é incomum uma família como os Landry manter uma determinada criança durante anos e adotá-la para que as outras crianças que abrigam e cuidam temporariamente possam ter um companheiro. Na literatura especializada isso é chamado de ancoragem. É a interpretação bem-intencionada desse processo.

Acredito que no caso dos Landry a verdade é que Jason foi mantido com um propósito diferente. Instável e problemático, ele foi usado mais como normatizador do que como âncora. Em termos técnicos, ele era um socializador para as outras crianças que a família abrigava. Simplificando, sua existência bem alimentada, a despeito de suas idiossincrasias, era a prova empírica para as outras crianças órfãs que entravam e saíam de sua casa de que era possível ter uma vida com os Landry, que você podia sobreviver. Isso, claro, também era uma prova para o serviço social. Então, se um menino ou menina pequeno se sentia desconfortável em suas primeiras semanas com os Landry, se achasse que havia algo errado, Jason podia dizer: “Pare com isso. Comporte-se. É normal.”

Claramente um termo relativo.

Jason Landry tinha esparsos cabelos brancos, mesmo na juventude, mas não era albino. Os olhos tinham a cor da areia de um rio de água límpida e todos os dentes eram espaçados. Não sei a qual tribo ele pertencia, não tenho a menor ideia de sua origem. Talvez ninguém tenha. Sua pele era amarelada, do modo como me

lembro dele agora, e sempre cheirava aos cigarros que a mãe fumava na cozinha. Fora expulso da Perkins School no nono ano por motivos que nunca ficaram claros para mim. Havia boatos sobre ele e outro garoto em um banheiro. Boatos de que havia ameaçado sexualmente a Sra. Gibson, uma frágil professora de espanhol que tinha lúpus. E como não participava de nenhuma equipe de futebol ou natação, não costumava brincar com o restante dos garotos do bairro. Sempre que fazia isso, terminava mal.

Jason uma vez brigou com Bo Kern, por exemplo, por causa de uma nota de dez dólares que encontraram na rua, e foi espancado. Correu para casa berrando. Depois, quando tínhamos terminado o jogo de futebol americano daquela tarde e esquecido totalmente da briga, Jason Landry voltou com uma faca. Não falou com a gente nem confrontou Bo. Em vez disso, parou do outro lado da rua e esfaqueou sem parar um pinheiro. Usava calças camufladas e uma camiseta verde como se achasse que assim não poderia ser visto e se agachava no chão quando carros passavam entre nós.

Esse comportamento não era novidade, nem incomum.

Jason também era conhecido nos jogos de futebol americano por derrubar as garotas do bairro de formas estranhas, das quais elas reclamavam. Ficava em cima delas tempo demais, talvez. Pressionava seu corpo contra o delas. Quando Jason aparecia, Julie Artista segurava varetas na mão na forma de um crucifixo. Lindy se recusava a permitir que ele a marcasse nas jogadas. Sempre que andávamos em nossos carrinhos de rolimã no verão, Jason suplicava por uma chance de pilotar. Quando finalmente deixávamos, ele descia a rua e não voltava. Tinha nas costas cicatrizes inexplicáveis, na forma de moedas.

Em certos dias, quando estava tentando ser amigável, arrancava tufos de seus esparsos cabelos brancos e dizia: “Aposto que não conseguem fazer isso”, e nós o odiávamos. Era fácil.

Mesmo antes do estupro de Lindy, o comportamento dele já parecia uma prova.

Porém um dia, ou talvez muitos dias, no ano anterior ao crime, me sentei com Jason Landry no alto da colina atrás da casa dele. Jason morava ao lado de Randy, duas casas depois da minha, e descansamos apoiando as costas em um barracão de aço. Não faço

ideia do que me levou até lá naquela tarde. A que ponto o tédio tinha chegado? Arrancamos tufos de grama, cavamos a terra e brincamos com tatuzinhos que se enrolavam de medo em nossas mãos.

Depois de um tempo Jason cutucou meu ombro e apontou para o bosque.

— Que sorte — disse.

Havia um cachorro no limite das árvores, nos espiando. Não sei de que raça. Parecia viver nos pântanos, se é que isso era possível, uma vez que o pelo estava cheio de lama e as costelas marcavam sua pele. Havia um corte em uma das orelhas, aparentemente de alguma briga de muito tempo atrás, e ela pendia de modo desajeitado do lado da cabeça. Nós o observamos trotar de uma árvore a outra.

Jason enfiou a mão sob uma lona.

— Era o que eu estava esperando — disse ele.

— O que vai fazer? — perguntei.

— Fique tranquilo — respondeu Jason, e tirou uma tigela de metal enferrujada do barracão.

Depois se levantou e começou a vasculhar as latas de lixo perto da entrada de garagem. Tirou vários restos de comida, alguns ossos de porco, pele de galinha, macarrão velho e levou a tigela de comida para a grama, de onde chamou o cachorro, embora ele não tivesse nome.

— Aqui, vira-lata! — chamou. — Venha aqui, cachorro idiota! Ninguém vai machucar você.

Lembro do sol a pino naquele dia; as sombras dos carvalhos traçavam o gramado como fitas.

— De quem é esse cachorro? — perguntei. — Onde ele mora?

— Não é de ninguém. É só um vira-lata vagabundo. Revira nosso lixo e caga no nosso quintal. Deixa meu pai louco. Ele passa o dia inteiro procurando esse bicho.

Vi o cachorro se aproximar da gente, parando após alguns passos. Parecia uma alma atormentada com o rabo enfiado entre as pernas, e Jason riu da postura dele.

— Venha aqui, seu vira-lata idiota — ordenou, balançando a tigela na mão.

— Por que não conta ao seu pai que o encontrou? Vocês poderiam ficar com ele.

Jason me olhou como se não me conhecesse.

— Não é isso que ele quer fazer — respondeu ele.

Eu não conseguia imaginar outra opção.

— Então eu fico — falei. — Poderíamos dar um banho nele.

— Melhor não encostar no meu cachorro, porra — ameaçou. — Se encostar nele, mato você.

Era difícil dizer se ele falava sério. Essa talvez fosse a característica que definia sua personalidade. Jason Landry sempre tinha um jeito de deixar você desconfortável, como se nunca fosse possível saber com quem realmente estávamos lidando. Quando ria de algo com você, por exemplo, parecia um garoto normal, depois ele o afastava com uma frase que normalmente não viria de uma criança — uma ameaça de violência premeditada, uma piada vulgar. E esses momentos criavam uma sensação de distância, às vezes quase um abismo, que era melhor não tentar reduzir. Nesse sentido Jason era pelo menos previsível em sua imprevisibilidade, então nunca senti realmente medo dele do modo como sentia de Bo Kern, que agia muito e falava pouco. Ainda assim, com certeza não confiava nele.

Então, me levantei da grama enquanto Jason chamava o cachorro, e tentei me preparar para uma emergência. Ele colocou a tigela no chão e recuou. Fez barulho de beijos com a boca.

— Venha — disse. — Não vou machucar você.

O cachorro deu uma grande volta ao nosso redor, trotando. Farejou a grama e chegou mais perto.

— Coma, garoto — falei a ele. — Pegue alguma coisa para comer.

— Isso mesmo — incentivou Jason. — Melhor comer enquanto pode.

O cachorro farejou a tigela e depois, lenta e cautelosamente, ergueu um pedaço de carne com a boca e começou a mastigar. Lambeu os ossos como um mendigo.

— Bom menino — falei.

Então, quando o cachorro começou a parecer confortável e realmente comer, Jason correu para cima dele.

— Suma daqui! — berrou. — Vá embora, seu vira-lata idiota!

Ele chutou a terra e bateu palmas.

— Fora! — falou.

O cachorro andou em círculos, confuso.

— Seu vira-lata inútil! Suma daqui! — ordenou Jason.

Ele pegou um pedaço de pau e jogou no cachorro. Agitou os braços no ar. Chutou a tigela de comida. O cachorro então disparou para o bosque, gemendo, visivelmente mancando de uma das patas traseiras.

— Vira-lata idiota — repetiu.

Depois Jason virou as latas de lixo na entrada de garagem. Espalhou o lixo como se tivesse sido vasculhado.

— O que está fazendo? — perguntei.

— Melhor sairmos daqui — falou. — Meu pai vai ficar puto.

Então eu o segui. Não tentei defender o cachorro.

Mais uma vez, você não está falando com um herói.

Voltando para a rua, para o mundo, Jason parou para virar um galão de anticongelante que fora colocado perto da garagem. Vimos o líquido manchar de verde o asfalto quente.

— Acabei de salvar a vida daquele cachorro — começou Jason. — Cadê os aplausos?

Depois fui à floresta com Jason Landry, tudo naquele mesmo ano, talvez naquele mesmo dia. Quem sabe? Minhas lembranças do bairro não têm datas exatas, exceto uma: antes e depois do estupro de Lindy, e essa situação aconteceu antes. Disso tenho certeza.

Estávamos explorando, Jason e eu, abrindo trilhas no bosque com facões e tentando encontrar um bom lugar para construir uma casa na árvore. Queríamos que fosse um lugar resistente como uma fortaleza, decidimos, um lugar onde pudéssemos nos esconder se um dia o bairro fosse invadido. Conversamos sobre encontrar uma árvore grossa o bastante para que pudéssemos cavar um buraco bem no meio dela até o chão, de modo que, se um dia a fortaleza fosse cercada, conseguíssemos escapar e aparecer de surpresa na retaguarda de nossos inimigos. Nesse meio-tempo, concordamos em estocar objetos como lanças, Coca-Cola, arcos e flechas. Precisávamos garantir que o lugar tivesse janelas por onde atirar, dissemos. Talvez cavar um fosso.

Era apenas papo de garoto, padrão americano.

Eu também tivera conversas como essa com Randy. Havíamos explorado a floresta como escoteiros. Mas com Jason o tom da conversa era diferente. Quando falava sobre russos caindo do céu ou alcateias de lobos raivosos se lançando do bosque sobre nós, você tinha a sensação de que ele falava sério, e se preparava para o inevitável acontecimento.

Então, quando Jason avaliava uma árvore, era algo técnico. Testava a casca, batia o pé no chão como se para escutar algo, e construía a fortaleza na cabeça como um engenheiro primitivo. Seus olhos percorriam o tronco por onde deveria haver uma escada. Ele colocava tábuas de madeira como no chão de um convés. Imaginava paredes impenetráveis com longas aberturas de onde dispararia as armas, e, quando terminava, você quase podia imaginá-lo sozinho em seu forte, a chuva caindo no teto de lata logo acima. Então, depois que ficava satisfeito e o lugar havia sido totalmente construído em sua cabeça, Jason assumia a postura de um atirador. Segurava um arco invisível na mão, puxava a flecha para trás e você podia ver seus olhos seguindo uma figura no quintal mais abaixo, uma criatura grande e pesada que Jason esperara todo esse tempo para encarar.

— Isso mesmo — sussurrava ele. — Só um pouco mais perto.

E com o olho esquerdo fechado, o corpo posicionado com cuidado em sua fortaleza, Jason não erraria.

Ele me fez jurar manter o lugar em segredo.

— E quanto a Randy? — perguntei. — Ele vai querer saber.

— Ele é bom com armas?

— Não sei — respondi.

— Conte se quiser — falou Jason. — Mas se alguém contar ao meu pai, eu mato.

— E quanto a Lindy?

— Bem pensado — disse ele. — Acho que precisaremos de alguém para repovoar o mundo.

— Certo — falei. — Ela não é dessas.

Jason riu e arrancou um grande pedaço de casca da árvore para marcar a localização da fortaleza.

— O quê? — reagiu. — Você gosta daquela vagabunda?

— Não a chame assim.

Jason riu mais uma vez, com satisfação e fundo, como se realmente sentisse prazer.

— Venha comigo — falou. — Quero mostrar uma coisa.

Então, suados e cheios de mordidas, caminhamos pelo bosque de volta para a casa dele.

Uma peça do quebra-cabeça estava prestes a se encaixar.

Quando chegamos à casa de Jason, o pai dele estava recolhendo as latas de lixo que eu o vira derrubar. Resmungava sozinho, com uma faixa de tecido azul na cabeça e óculos escuros de grau protegendo os olhos. Mais uma vez, tudo isso foi no mesmo dia? Era um padrão? Quanto tempo posso ter passado com o garoto Landry? A verdade em detalhes é impossível de explicar aqui, a não ser pelo que sei que o homem grande disse.

— Meninos, vocês viram um cachorro correndo por aqui?

— Não acha que eu teria dito caso tivesse visto? — retrucou Jason.

— Não se faça de espertinho — ameaçou o Sr. Landry.

Jason ergueu as palmas das mãos como um inocente.

— O quê? Não vimos nada, não foi?

O Sr. Landry olhou para mim.

— Não, senhor — respondi.

Jason me levou à garagem e, assim que ficamos fora de vista, ele fez uma rápida dancinha da vitória. Comemorou batendo na minha mão. Acabara de vencer uma rodada de algum jogo edipiano que criara, imagino, e mostrou o dedo do meio das duas mãos ao pai. *Vá se foder*, pronunciou com os lábios. *Vá se foder!*

Entramos na casa dele pela porta dos fundos, e o lugar estava escuro e silencioso como se não houvesse ninguém. Passamos então para a cozinha e vimos a mãe dele sentada em silêncio à mesa mal iluminada do café da manhã, fumaça de cigarro se erguendo serenamente de sua mão. À esquerda dela estava sentada sua filha adotiva Tin Tin, uma criança mestiça doentiamente magra. Era silenciosa, apática, e não durou muito na casa dos Landry. Quando nos ouviu entrar, olhou na nossa direção como um cego faria. Foi uma das poucas vezes que a vi.

A mãe de Jason, Louise Landry, não era uma mulher atraente, embora pudesse ter sido caso tudo em sua vida tivesse ocorrido de outro modo. Mas no mundo no qual a conheci, ela mantinha os cabelos presos em uma trança apertada e jogada para a frente por

sobre o ombro. Tinha rugas fundas perto dos olhos, voz rouca e brincava com as pontas grisalhas e amarelas de sua trança enquanto fumava.

Ela vinha de uma grande família pentecostal do interior do Mississippi, se é que dá para acreditar no que minha memória diz, e abandonara tanto o clã quanto a religião ao se casar. Com uma dupla tão estranha, o gigante e sua esposa interiorana, o bairro costumava especular como teria sido o namoro deles. Comentava-se que ele um dia fora o psiquiatra dela e ultrapassara os limites, ou que a sequestrara de sua fazenda em Tupelo, ou ainda que ela lhe fora vendida por algum culto moralista.

No geral, tínhamos medo deles. Não pensamos em perguntar.

Na época, nossa única evidência do caráter de Louise Landry era que era raro vê-la se aventurando fora de casa. Sempre que a víamos estava levando um prato de ovos recheados a uma festa no bairro. Ou sentada na varanda dos fundos, tomando café e fumando, com sua comprida saia de brim enquanto o restante de nós nadava. Não se relacionava com muitas pessoas, e jamais vimos ela e o marido demonstrarem afeto em público, nem um com o outro nem com Jason, ou com qualquer uma das crianças que mantinham naquele estranho abrigo. Então, se você não soubesse, teria dificuldade em pensar que eram uma família. Eles só conversavam, nas ocasiões em que estavam juntos, depois de o Sr. Landry beber demais e começar a ameaçar os políticos locais ou a fazer comentários inadequados para mulheres e crianças.

Uma vez, ele fez isso com Julie Artista, ela me contou, em uma festa de Quatro de Julho quando tinha doze anos:

Venha aqui, garota. Deixe-me dar uma fungada em você.

Mas vamos falar sobre ele mais tarde.

No que diz respeito a Louise, minha mãe alega que durante anos tentou se tornar amiga dela, sem resultados, sobretudo nos dias seguintes às brigas que escutávamos de nossa varanda dos fundos. Ela a convidava para almoçar, jogar tênis, fazer compras, qualquer coisa em que conseguisse pensar para tirá-la de perto do marido. Mas toda tentativa de amizade era recebida com a mesma resposta, disse minha mãe, e pronunciada com o sotaque do interior

montanhoso de Mississippi de Louise, com ela franzindo a testa: “Ora, Kathryn. Não seja tola.”

Kathryn, o nome de minha mãe. Depois de todos esses anos, ainda é estranho para mim pensar nela como uma pessoa. Uma adulta. Separada de mim no mundo.

Mas não havia dúvida quanto à distância, à separação, entre a casa dos Landry e a minha. Não era apenas a escuridão, as crianças órfãs, a história; era também a tensão. Quando Louise nos viu entrando, disse como se tivesse sido flagrada:

— O que vocês estavam fazendo? Jason, o que está acontecendo?

— Nada, *Louise* — respondeu Jason. — Eu só ia mostrar minhas facas a ele.

— Você trocou os lençóis?

— Faço isso depois.

— Você não vai trocar, não é? — retrucou Louise.

Tin Tin deitou a cabeça na mesa, como se fosse dormir.

Jason agarrou minha camisa por trás.

— Venha — disse, e eu o segui até o quarto.

Ele não se preocupou em acender as luzes enquanto seguíamos pela sala abarrotada e chegávamos ao corredor estreito. E como nossa casa e a dos Landry eram projetadas com a mesma disposição de espaços — quatro quartos, três banheiros, grande e funcional, com muitas janelas — percebi que poderia facilmente ser a minha própria casa pela qual nos esgueirávamos. Apenas o escritório deles era virado na direção oposta, e a lareira tinha tijolos diferentes. Em vez das velas perfumadas que minha mãe mantinha acesas nas mesas laterais, eles tinham cinzeiros repletos de guimbas. Tudo igual. Totalmente diferente. Hoje fico pensando: com que facilidade poderíamos ter trocado de endereço e nos transformado?

Quando passamos pelo que em minha casa seria o quarto da minha irmã mais velha, Hannah, Jason parou e apontou para a porta.

— Aqui fica o pote de ouro — disse.

Ergui os olhos e vi uma série de trancas na porta, cada uma com um cadeado com segredo.

— O que há aí dentro? — perguntei.

Jason deu um sorriso com seus dentes separados.

— *Você* não gostaria de saber?

Então o segui para dentro do quarto dele, onde finalmente acendeu a luz.

— Finja que está fazendo alguma coisa — disse. — Avise se *Louise* vier.

Jason entrou no closet, se agachou no chão e procurou algo em meio às roupas sujas.

Olhei ao redor. O quarto estava repleto de pôsteres que pareciam infantis demais para o garoto. Nada constrangedor de verdade, mas aparentemente fora decorado anos antes e ninguém havia pensado no assunto de novo. Havia pôsteres de Transformers, do Ursinho Pooh, e o papel de parede exibia uma faixa de palhaços. A cômoda também era algo que eu poderia ter, com adesivos de Star Wars e Hot Wheels, e, na escrivaninha, havia um pequeno aquário, turvo e verde. Seu único morador era um peixe morto, perdendo a pele em um castelo.

Sentei na cama de Jason e o vi mexer no closet com uma faca, abrindo um painel na parede, então comecei a sentir algo molhando meu short. Coloquei a mão na cama e ela estava úmida. Levantei e limpei a mão na camisa.

— Por que sua cama está molhada? — perguntei.

— Cale a boca e preste atenção na minha mãe. Jogue video game ou algo do tipo — ordenou.

Fui até lá e liguei a pequena TV no canto. Apertei o botão de ligar do video game. Enquanto a televisão ligava e as imagens surgiam, ouvi a mãe dele caminhando pelo corredor.

— Jason — avisei, e ela entrou.

Carregava nos braços uma trouxa de lençóis.

— O que vocês dois estão fazendo aí, meninos? Cadê o Jason? — perguntou ela.

O garoto saiu do closet com a faca na mão.

— O que está fazendo aqui? É o meu quarto — disse ele.

— Você sabe o que estou fazendo — respondeu ela, e foi até a cama.

Tirou os lençóis e os jogou no chão, revelando um colchão plástico com um grande círculo amarelo-escuro no centro.

— Saia daqui, *Louise* — ordenou Jason. — Eu disse que ia mostrar minhas facas para ele.

— Você pode fazer isso enquanto estou aqui, não pode? — retrucou ela, olhando para mim. — É isso que vocês dois realmente estão fazendo?

— Eu só estava jogando video game — respondi.

Então Jason simulou uma apresentação enquanto Louise trocava a cama. Tirou uma caixa cheia de facas, alguns canivetes suíços, uma Rambo e um monte de Bowies. Tirou-as das bainhas de couro e usou as lâminas para cortar os pelos finos dos braços.

— Veja como é afiada — falou. — Imagine o que dá para fazer com ela.

— Esta tem um abridor de garrafas — comentei.

— Você simplesmente não entende, não é?

Louise então terminou de arrumar a cama e juntou os lençóis molhados. Ficou de pé junto à porta e olhou para nós.

— Como está sua mãe? — perguntou para mim.

— Bem — respondi.

— Isso é bom — continuou Louise. — Ela está namorando?

Isso foi algum tempo depois de meu pai nos deixar, uns dois anos, e eu sabia que ela estava saindo com alguém. Homens ligavam para nossa casa e minha mãe dizia que eram apenas bombeiros ou eletricistas, mas ela fazia com que eu segurasse o telefone enquanto ia atender em outro cômodo. Também começara a me mandar passar a noite na casa de Randy quando ia a “jantares” e “eventos sociais”, e, mais tarde, eu via pela janela do quarto de Randy quando esses homens a levavam para casa por volta de dez ou onze horas. Eles geralmente ficavam alguns minutos sentados no carro com o motor ligado e algumas vezes iam juntos até a porta da frente, e eu podia ver esses homens beijando a mão dela, o rosto, talvez tocando seu cabelo antes de partir. Ela nunca me disse o nome deles, nem o que faziam nos encontros, nos carros, ou o que pensava deles. Não a culpo por isso.

É melhor que algumas coisas não sejam ditas.

— Não sei — disse a Louise, mas suponho que tenha demorado demais para responder.

— Ela é uma mulher de sorte, por poder recomeçar assim — falou Louise. — Diga isso a ela quando a vir. Diga como ela tem sorte.

— Certo — respondi. E a mãe de Jason saiu do quarto.

Ele bateu a porta quando ela passou.

— Abra essa porta! — ordenou ela.

— Me obrigue! — berrou Jason, e comemorou de novo me estendendo a mão para eu bater. — Hora do show.

Eu me sentei na beirada da cama enquanto Jason tirava um envelope pardo do compartimento escondido no closet.

— Dê só uma olhada nisso — falou, se sentando ao meu lado.

Jason abriu o envelope e tirou uma pilha de fotos em preto e branco que pareciam ter sido feitas por um profissional.

— Você gosta daquela garota, a Lindy? Veja só isso.

Ele começou a folhear as fotografias nas mãos, e reconheci imediatamente que todas eram da vizinhança. Havia algumas de mulheres caminhando pelas calçadas com carrinhos de bebê, uma da Sra. Kern arrancando ervas daninhas. Vi imagens de Julie Artista dando estrelas, uma foto de minha mãe descendo a Piney Creek Road em seu carro.

— Espere. O que é isto?

— Meu pai deixou a porta do escritório aberta há alguns meses — contou Jason. — Peguei o que pude.

— A porta trancada? O que há lá dentro?

Jason ergueu os olhos para mim.

— Quer ver as boas ou não?

— Está bem — falei.

Jason separou umas dez fotos da pilha. Olhou para elas rapidamente, depois me passou.

— Feliz Natal — disse ele.

Aquelas fotos eram um sonho.

E o tema, claro, era Lindy.

Nas três primeiras a menina estava deitada em um cobertor, pegando sol no jardim da frente como às vezes fazia. Lindy inclinada para trás, apoiada nos cotovelos. Lindy olhando para o céu. As fotos haviam sido todas tiradas do mesmo ângulo, mas de

diferentes distâncias, como se o artista não tivesse tido pressa. Uma foto apenas da clavícula, lembro, as tiras de seu biquíni infantil. O próximo grupo de fotos era de Lindy na bicicleta, um discreto sorriso no rosto enquanto pulava um pequeno buraco. Depois a flexão de suas coxas enquanto pedalava para trás para frear. O quadro da bicicleta entre suas pernas enquanto ela se erguia, não mais pedalando, mas conversando com alguém fora da composição da foto. Aquele era um milagre perverso, eu sabia. Mas não ligava.

— Quem as tirou? — perguntei.

— Não seja idiota — respondeu Jason. — Vamos logo. Você não tem tempo para tocar uma agora.

Folheei as fotos seguintes, e todas eram tão interessantes quanto as anteriores.

Lindy plantando bananeira. Lindy cantando sozinha enquanto caminhava.

Pensei: Quais palavras? Quais pensamentos?

Como um garoto como eu poderia saber?

— Posso ficar com elas? — pedi.

— Seu pervertido — retrucou Jason. — Você é só a porra de um pervertido, não é?

Na época, eu tinha treze anos. Nem sequer sabia o que ele queria dizer. Considere isso outro momento em que se estabeleceu uma distância entre nós.

Mas, após muito suplicar, ouvi de Jason que poderia ficar com a foto de Lindy cantando porque ele não costumava usá-la. Ele me alertou para não a deixar grudenta. E me fez prometer que devolveria no instante em que pedisse, e falava sério.

— Se meu pai descobrir, vai matar você — falou.

Eu estava disposto a correr o risco.

Era de Lindy que estávamos falando. Pelo menos uma vez não senti medo.

Com a foto dela na mão, sua canção misteriosa ao meu alcance, o pai de Jason teria de criar asas para me pegar.

Talvez criar asas seja o que pais fazem.

Talvez esteja escrito em algum lugar que, em um momento indeterminado, todo pai sentirá uma dor nas costas. Dormirá com desconforto, revirando-se em lençóis que antes achava quentes e macios. Passará seus momentos sozinho esticando o pescoço na direção do espelho, tentando ter um vislumbre do que tem coçado recentemente, talvez apenas duas pequenas protuberâncias no começo, bem nas omoplatas, e depois a aparência de duas articulações com penas. Não consigo imaginar o medo desses homens. Só posso imaginar sua escolha. Uma criatura com asas precisa usá-las, claro, ou acabará extinta.

Então esses homens terminam aquela última xícara de café. Esperam até que ninguém esteja olhando.

Sobem para o céu.

Como o pai de Lindy, por exemplo, que viu suas asas brotarem tarde demais. Ele se tornou um falcão infeliz, o pobre homem, voando em círculos pelo céu azul acima de Lindy desde a noite em que foi estuprada até o momento em que ela o deixou. Era uma estranha visão se elevando acima do estacionamento do cinema. Um grito distante vindo dos galhos da Piney Creek Road. Tudo isso para, no final, se tornar um pássaro pesaroso e amargo, uma coisa em frangalhos e de aparência infeliz, arrancando as próprias penas quando finalmente retornou ao seu poleiro e descobriu que a filha tinha partido.

Mas ele não é o único exemplo.

É no terrível Sr. Landry que estou pensando agora, agachado com suas asas grossas na calha de sua casa escura e mofada. Era como uma coruja gorda que não deixava ninguém passar, um caçador com uma cabeça que girava trezentos e sessenta graus. E ainda assim o verdadeiro perigo em homens como ele é serem tão imóveis, tão silenciosos que você se esquece de que ficam lá até tarde da noite, enquanto você espera que algo fique pronto na grelha ou aproveita um momento de paz com a família. É em

momentos assim que você ouve o som da coruja, e este som o deixa arrepiado, como uma voz no final de um túnel extenso.

E sua reação a essa voz pode vir tarde demais, pois predadores como ele são apenas sombras deslizando pelo gramado escuro. Ao seu ouvido, talvez, uma suspeita de vento. Então você desaparece, agarrado e desviscerado antes de chegar ao ninho da ave. Não se engane. Ela vai mastigá-lo neste lugar, a coruja. Ela cuspirá seus ossos limpos.

Todas essas imagens para chegar ao meu pai, suponho: um canário que sentiu a necessidade de fugir de sua limpa gaiola de arame. Um homem que, como tantos outros, fugiu do cercado que ele mesmo construíra.

De que outra maneira descrever isso?

Magro e alto, meu pai começara a ficar calvo antes de eu conhecê-lo.

Nas fotografias tiradas logo depois de meu nascimento, no hospital, seus parcos cabelos estão penteados com cuidado para o lado e cobertos de gel, já escondendo dele a verdade, imagino. E há pessoas por aí que alegam se lembrar de momentos como esse, quando eram apenas bebês nos braços dos pais. Tenho amigos que me contaram histórias de quando tinham apenas um ou dois anos e falaram da terna beleza disso.

Impossível. Ridículo.

Eu tinha dez anos quando meu pai foi embora, e guardo poucas lembranças consistentes dele morando conosco, como se, na verdade, tivesse sido justamente sua partida que ligou o interruptor da minha consciência. Talvez alguma vaga imagem de nós dois lavando o carro, claro. Talvez nós dois de pé junto à piscina, em trajes de banho. Mas essas visões provavelmente me foram criadas apenas pelas velhas fotografias que minha mãe mantinha em nossos álbuns. Não havia nada de real nelas. Nenhuma ligação com o momento em que cada uma delas aconteceu. Eu entendia isso.

Mas, como se para me convencer do contrário, minha mãe com frequência dizia coisas como *Você com certeza se lembra de quando os dois dormiram naquela rede. Você com certeza se lembra de quando pegaram aquele bagre no rio. Você com certeza se lembra de cavalgar com ele, sentado na mesma sela, naquela*

convenção de trabalho em Butte. Eu não lembrava. Ela dizia: *Escute, com certeza se lembra daquela festa na piscina em que ele o ensinou a nadar, não é?* Não. *Do dia em que você se trancou no carro dele enquanto ele o lavava?* Nem um pouco. Então *Aqui, aqui*, dizia ela, e ia procurar o álbum. *Vou mostrar as fotos*.

Porém, o mais perto que já me senti de meu pai, nos anos posteriores à partida dele, era quando, arrastado pela minha mãe para fazer compras depois da escola, eu passava por uma loja de departamentos, pela seção masculina. O cheiro do couro dos sapatos. Sim, havia algo naquilo. O toque de uma água-de-colônia específica. Também uma lembrança ali. Então eu erguia a cabeça de modo vago para esses cheiros, algo profundo em mim agitado, e olhava ao redor.

Eu não esperava nada. E era o que recebia.

Mas é muito fácil crucificar homens assim. Imagino que se toda criança desapontada tivesse sua chance de vingança, só haveria um punhado de homens acima dos cinquenta anos caminhando pela Terra. Quem seria presidente? A quem iríamos culpar? Então, em vez disso, o que temos de fazer ao lidar com nossos pais é nos ater aos fatos. Quando as legiões de nós (e há legiões de nós) se ligam novamente ao homem que um dia foi fiel às nossas mães, que um dia fez a elas promessas que com certeza pretendia cumprir, não podemos permitir que a emoção atrapalhe.

Então posso lhes dizer isto. Meu pai era corretor imobiliário.

Envolvido na expansão de subúrbios como Woodland Hills, estava rico quando chegou aos quarenta. Com essa riqueza veio o Sonho Americano do modo como era nos anos 1960 e 1970. A casa grande. Os três filhos. O clube campestre. A esposa bonita para exibir. O Mercedes.

Depois, as brilhantes asas coloridas.

O par emplumado de meu pai o levou para fora de nossa janela panorâmica até um lugar conhecido, não muito distante, o Fairview Golf and Tennis Club, onde se empoleirou em uma caixa registradora operada por uma animada garota de dezoito anos.

Laura, um nome que para mim ficou para sempre manchado, era loura e perfeita.

Na época caloura de biologia na Louisiana State University, ela deve ter visto algo cientificamente interessante no canário que aparecia em sua caixa registradora sempre que estava trabalhando. Não posso culpá-la por isso. Estou certo de que o emprego no clube não era muito inspirador. Sei que o canto do pássaro era persuasivo. Afinal, ele era um vendedor.

Não há mistério em como essas coisas acontecem.

E, com exceção das vezes em que ela inocentemente me deu bolas de golfe no campo e raspadinhas no balcão da lanchonete do clube, meu primeiro contato real com Laura foi em 1990, uns cinco anos após meu pai nos deixar. Foi na época em que Lindy não estava falando comigo, o final daquele medonho ano de silêncio, quando minha mãe lembrou meu pai de seus deveres. Depois do divórcio, ele se mudara para uma cidadezinha chamada Prairieville, em Louisiana, um lugar a talvez quinze minutos de Baton Rouge que estava começando sua própria explosão imobiliária, mas poderia muito bem ter se mudado para Wisconsin. Eu raramente o via, e quando isso acontecia era em um feriado ou ocasião especial em que havia distração suficiente (presentes para ser abertos, bolo para ser cortado, uma música para se cantar), a fim de nos impedir de conversar profundamente sobre qualquer coisa. Não sabia o que ele pensava de mim naqueles anos, nem o que pensar dele. Sabia apenas que ele tinha magoado minha mãe e minhas irmãs, e que me magoara. Porém não tinha ideia de como mudar nada disso. Qual criança tem? Então não tentei.

Em vez disso, dedicava minha energia a coisas que acreditava ser capaz de mudar, como minha aparência e a opinião de Lindy sobre mim. Isso levou minha mãe a confessar a meu pai que ficara preocupada com a música que eu ouvia, o modo como me arrastava pela casa usando camisetas pretas. Disse a ele que um garoto precisava de um pai por perto, e que visitas em feriados e envelopes cheios de dinheiro não estavam mais funcionando. Então, ele apareceu numa manhã de sábado.

Eu deveria ter previsto, já que minha mãe passara a semana limpando a casa. Fora ao salão de beleza e fizera um novo corte de cabelo. Acordara cedo naquele sábado e percorrera a casa totalmente vestida, tirando o pó de mesas laterais, e passara rímel

usando a janela da cozinha como espelho. Eu a ignorara, claro, e estava tão despreparado para a chegada dele que, quando o Mercedes subiu nossa entrada de garagem, quase não o reconheci.

— Tudo bem — disse minha mãe. — Tudo bem, tudo bem, tudo bem.

Nós o observamos pela janela da cozinha, agora careca como uma pedra e parecendo em forma, enquanto vinha até a porta da frente como um avaliador. Parou e chutou um pedaço da calçada que aparentemente se soltara desde que ele a vira pela última vez. Olhou para o telhado como se procurando danos.

Abrimos a porta sem esperar a batida, minha mãe e eu, e ele disse:

— Olá, Kathryn. Olá, filho.

Hoje gostaria de pensar que retruquei com algo sarcástico.

Gostaria de pensar que eu estava plenamente consciente da falta de interesse que ele tinha por mim quando eu era adolescente e que sentia raiva da facilidade com que ele me tirara de sua vida cotidiana. “Olá, doador de esperma”, era o que eu deveria ter dito, ou “Olá, fantasma”. Mas na realidade só me lembro de me sentir desconfortável com meu novo cabelo estranho quando meu pai me viu, o modo como tinha raspado as laterais da cabeça para impressionar Lindy. Também me lembro de me sentir desconfortável nas novas roupas de roqueiro que passara a usar desde que Lindy se tornara gótica, com a argola de prata na orelha esquerda, e com o fato de que realmente não pensara em meu pai por meses.

Então simplesmente disse:

— Oi, pai.

O plano dele era me levar para pescar. Disse que conhecia um lugar.

Minha mãe já tinha arrumado uma bolsa com roupas de frio, sem que eu soubesse, selecionadas da última leva de roupas que havia lavado, e mencionara ao meu pai que planejava fazer carne assada à noite.

— Vou deixar a carne cozinhar o dia todo. Se quiser, pode jantar conosco quando voltarem.

Meu pai me deu um tapinha no ombro e disse que, em vez disso, ia me levar para passar a noite fora. Disse que tínhamos de ficar

mais próximos e que ela não devia nos esperar de volta até termos fisgado todos os peixes da Louisiana.

— Ah — respondeu minha mãe. — Ok.

Depois de todos aqueles anos, ela ainda o amava. Nós três sabíamos disso. Então não preciso lhe contar a expressão que vi brotar e morrer nos olhos dela ao se dar conta de que teria que comer sozinha mais uma refeição que imaginara dividir com ele.

Meu pai e eu conversamos pouco a caminho do lugar. Era uma viagem de quase três horas. Ele me perguntou sobre o futebol e contei que tinha desistido.

— O quê? Você é o melhor jogador deles. Pensei que adorasse futebol.

Ele estava certo sobre isso. Realmente adorava. Mas aquilo parecia irrelevante comparado ao que pensei que Lindy poderia gostar naquela época. Então:

— Não sei. Acho que meio que cansei — disse.

Meu pai pareceu um tanto desapontado ao ouvir a notícia e, como se para mudar de assunto, me perguntou sobre as garotas. Contei a ele que havia uma garota legal, mas que era um pouco problemática.

— É isso aí — respondeu ele. — Você só precisa da garota certa, não é?

Meu pai deu um sorriso inexpressivo ao dizer isso, e acho que esse foi o meu problema com ele.

Ele era idiota?

Essa é uma pergunta legítima que não se costuma fazer sobre pais.

Para o restante do mundo, sei que a resposta é não. Ali estávamos, seguindo pela autoestrada em um Mercedes, duas varas de pescar caras curvadas como anzóis no banco de trás, uma caixa térmica no porta-malas, da qual se podia ouvir o gelo derretido sacudindo. Ele usava uma bela camisa social, short cáqui e mocassins de couro marrom com o cadarço amarrado de uma forma chamada “colmeia”, que eu tanto tentara dominar sem ele. Então ali estava um homem que cuidava das finanças. Um homem que sabia qual talher usar. Contava piadas, cumprimentava os outros com apertos de mão e vendia casas por centenas de milhares de

dólares, evidências de uma pessoa com um cérebro ativo e operante.

Mas, para mim, não era tão simples.

E para me ater aos fatos, vou tentar não divagar.

Você só precisa da garota certa, dissera a mim, seu próprio filho, um filho do divórcio.

O que eu deveria pensar? Era um homem que não entendia ironia? Um homem tão sem perspectiva, tão inconsciente das crateras que deixara para trás, tão ignorante do fato de que eu *sabia*, que minhas irmãs *sabiam*, que todos *sabiam* o que ele tinha feito, que achava que um comentário como aquele era aceitável? *Mesmo*? Eu quis perguntar a ele. *Um homem só precisa da garota certa?*

Ou a verdade era ainda mais deprimente?

Será que não era um homem inteligente nem idiota, mas apenas banal? Seria o tipo de homem mais inconsequente, aquele que só diz algo porque surge em sua cabeça? Um homem que não atribui significado aos seus pensamentos, sua voz ou sua situação, para que possa parecer perspicaz e inabalável? Seria o tipo que repetidamente tem dificuldade de se lembrar das coisas mais importantes que disse, do que prometeu, porque na verdade estava em outro lugar quando as disse? Quando ele segurou você pelos ombros e disse: *Escute aqui, filho. Eu não vou abandonar você. Eu não vou magoar você. Nada vai mudar.* Era um homem que já tinha partido?

Mesmo então eu já sabia a resposta.

Então, aos fatos.

Senti o cheiro bom daquela água-de-colônia no carro. Vi meu queixo no perfil dele.

Ele me perguntou como minhas irmãs estavam, uma pergunta comum quando nos falávamos.

— Diga a elas. Diga a elas que eu quis telefonar.

E por causa de momentos como aquele, por causa do modo como eu frequentemente imaginava uma versão melhor dele se escondendo em silêncio e com remorsos sob as aparências, todo o meu rancor em relação ao meu pai um dia ia se transformar em pena. Um dia ao qual logo chegaremos.

Quanto a este dia, fomos a um lugar chamado Cocodrie, uma aldeia de pescadores perto do golfo do México. Passamos por fileiras de cabanas de madeira erguidas sobre palafitas e finalmente chegamos a um estacionamento pavimentado com conchas. Estacionamos junto a um píer.

Nós nos divertimos, acho, por mais ou menos uma hora, lançando iscas artificiais na direção da vegetação do outro lado do velho píer, mas não pescamos nada. E depois de um tempo um carro com um bando de jovens entrou no estacionamento. Eram caras de vinte e tantos anos que lembravam Robert, o antigo namorado de Alexi, por causa do modo como usavam bonés da LSU e camisetas com os nomes de vários bares do campus, como The Chimes e Murphy's. E como eu recentemente posava como uma espécie de rebelde, um encrenqueiro na escola, aqueles sujeitos agora me pareciam clichês. Eram bons garotos com óculos de sol e cortes de cabelo parecidos, representando tudo o que as músicas de Lindy atacavam.

— Oi, pessoal — cumprimentou meu pai.

Eles responderam da mesma forma, descarregando caixas térmicas e varas de pescar do porta-malas. Um dos caras pegou um rádio que tocava "Walk This Way", do Run-DMC, de que na época eu gostava, mas não ia admitir. Caminhou até mim e lançou a linha na água.

— Alguma coisa? — perguntou.

— Nada — disse e olhei para trás.

Vi meu pai conversando com alguns dos caras e rindo, apoiado no capô do carro deles e bebendo cerveja. Revirei os olhos, constrangido por ele fingir camaradagem com pessoas com metade da idade dele.

E então, como costuma acontecer quando se está pescando, minha falta de concentração me deu sorte, e um pargo surgiu na minha isca. Vi a mancha preta da nadadeira da cauda se erguer da água e, como um iniciante, arranquei a linha da boca dele. O anzol pulou de volta para o píer e prendeu em minha calça jeans.

Os caras, incluindo meu pai, deram uma boa risada e imitaram minha reação de pânico.

— Calma, camarada! — disse meu pai, erguendo a cerveja na minha direção.

Eu me virei de novo para a água.

— Calma *você* — retruquei, e o cara do meu lado ouviu.

— Ei — disse. — Ele não falou por mal.

Lancei um olhar feroz para o cara.

— Você não entendeu. Aquele idiota é o meu pai.

O rapaz riu.

— Eu sei quem ele é. Ele aparece no meu apartamento, tipo, todo dia.

Laura apareceu pouco depois.

Usava uma camiseta desbotada da fraternidade estudantil feminina Tri-Delta por cima de um biquíni verde e saltou do banco de trás de um carro com duas garotas igualmente bronzeadas e apaixonantes. Ostentavam shorts cor-de-rosa de algodão com estampa de golfinhos, chinelos revelando as unhas pintadas. Era possível dizer que haviam acabado de terminar de conquistar a faculdade, e que tinham o mundo pela frente. E no momento antes de reconhecer Laura, algo que havia durado um segundo ou dois, eu já a tinha curvado em todas as posições prazerosas que conseguia imaginar. Lembre-se de que, na época, eu era um garoto na puberdade, minha cabeça inteira era um bordel. E agora que tive anos para refletir, fico pensando se parte da minha atração inicial por aquelas garotas de fraternidades femininas era por elas se encaixarem em como eu imaginava que Lindy seria quando crescesse. Ao me lembrar da época em que ela era atlética e usava rabo de cavalo, de quando era radiante e popular, eu imaginava nós dois deitados nus e cansados em meu quarto de alojamento bagunçado. Previa para nós um futuro brilhante e muito americano.

Mas por causa do crime do qual ela fora vítima e da enorme culpa que eu sentia por isso, pelo modo como a imitara nessa postura barata de rebeldia suburbana, sabia que já estava afastado dessas debutantes de vinte e poucos anos que desabrochavam. E, portanto, quando as vi esticar as costas por causa da viagem de carro e acenar com seus copos de uma mistura de vinho e suco pela metade para os caras que estavam com meu pai, me dei conta de como eu já devia parecer feio para elas, e as quis ainda mais por causa disso. Então pouparei você das muitas noites que se seguiram, quando fantasiei muito sobre meu pai, imaginando-o como um corno tremendo descontroladamente por causa de sua queridinha universitária e também por minha causa.

Em vez disso simplesmente observei enquanto ele e Laura se cumprimentavam, o abraço nervoso, e agi como se não ligasse. Dei

as costas para a cena e enfim os ouvi se aproximar atrás de mim, o som de seus passos amplificado pelo chão de conchas do estacionamento.

— Tem certeza de que está bem? — ouvi Laura sussurrar. — Tem certeza, Glen?

— Tudo bem — respondeu ele. Em seguida, se dirigiu a mim: — Ei, filho. Lembra da Laura?

Então olhei para trás, o cabelo cobrindo meus olhos.

Meu pai estava com a mão nas costas de Laura, perto dos ombros, como se ela pudesse ser uma amiga da família, uma tia que eu não encontrava havia anos, alguém de quem ele gostava.

— Oi — disse Laura com gentileza. — Já faz muito tempo. Bom ver você de novo.

— É — respondi. — Um verdadeiro momento Kodak.

E então, em uma das poucas vezes naquela época em que algo bom acontecia comigo, aquele pargo mordeu de novo a minha isca. Eu me virei e vi minha linha se movendo na água.

— Ah, Glen — disse ela.

— Está tudo bem. Ele apenas pegou um peixe — respondeu meu pai.

Os dois foram até o píer e pararam ao meu lado.

— Traga-o para a terra, filho. Não o perca.

Então, como se não houvesse mais nada a dizer, me observaram lutar contra o peixe.

É importante que você saiba:

A Louisiana é o Paraíso do Esporte.

Esse é o slogan de nosso estado.

Temos isso em nossas placas de carro, nossos outdoors. E embora normalmente me sentisse distante disso quando criança, embora fosse do tipo que ficava em silêncio enquanto as pessoas falavam sobre atirar em cervos e abater patos do céu, senti que entendia tudo. Porque enquanto estava envolvido com aquele pargo em Cocodrie, o restante do meu mundo se esvaiu.

O peixe puxou a linha com uma força que eu não esperava. Era uma coisa pesada, disparando para salvar a própria vida lá embaixo, e não dava a mínima para a minha situação desconfortável no píer. Ficaria feliz em me puxar para a água e me

deixar morrer caso pudesse. Ele me arrastaria sob um velho pedaço de tronco de árvore desbotado pelo sal. Eu não tinha escolha a não ser lutar. Você não entende? A vida é complicada.

É uma forma de alegria não ter escolha.

Então cravei o anzol. Senti a pressão. Eu sabia que a duração de nossa luta significaria uma trégua das pessoas atrás de mim, de minhas preocupações, de todo lugar onde não queria estar. Enquanto aquele peixe quisesse escapar, e enquanto eu não estivesse disposto a permitir isso, teríamos um ao outro.

Portanto, eu podia imaginar pessoas com grandes problemas considerando esse tipo de esporte um paraíso. Uma esposa doente em casa, talvez, um filho com paralisia. Podia ver por que aqueles maridos e pais sairiam em manhãs frias para tomar café em um esconderijo para caçar patos, por que se deleitariam em ter apenas uma coisa em mente. Por que dedicariam dias inteiros a essa busca e como esses dias podiam facilmente se transformar em temporadas. Comecei a sentir a própria Louisiana fazendo sentido para mim, de um modo que não fizera antes, e até finalmente trazer para terra aquele pargo, o primeiro troféu que eu havia capturado, pareceu mais um fim do que um começo.

O peixe era uma beleza, e fui parabenizado. Água pingava de sua pele.

Em seguida, ele foi pesado e estripado.

Depois disso o sol se pôs e os amigos de meu pai não foram embora.

Acabou que todos ficamos no mesmo acampamento naquela noite, e os detalhes de como isso aconteceu nunca foram mencionados. Eu tinha várias formas de interpretar a presença deles, claro, mas nenhuma importava. Tudo que eu sabia era que meu pai, tendo uma oportunidade de ficar comigo, dar um jeito em minha vida, escolhera não sacrificar nada. Não mudara seus planos, nem considerara o quanto a situação era inapropriada do meu ponto de vista. Em vez disso, ao ouvir de minha mãe que eu estava com problemas, que precisava da ajuda dele, escolhera apenas me suportar por uma noite.

E como isto não é sobre mim, como o objetivo é revelar o que aconteceu com Lindy, vou poupar você da completa depressão

desse acontecimento. Saiba apenas que anoiteceu com meu pai e sua tropa bebendo muito, seguido de pôquer. Em certos momentos eles se esqueciam de que eu estava lá, os homens e as mulheres dando beijos de língua à mesa. Eles pediram ao meu pai dinheiro para a cerveja. Laura continuou sendo muito gentil, e meu pai, suponho que em sua própria versão de terapia, tomou várias doses de bourbon com Coca em um copo de isopor.

Quando mais tarde eles ligaram a música e começaram a dançar na cabana de madeira, eu fugi sem ser notado e caminhei até o ponto mais distante do píer, de onde arremessei na água imóvel e negra conchas como se fossem pedras. Após uma hora, ouvi alguém vindo na minha direção. Era meu pai. Ele parou sob um facho de luz e se equilibrou em uma viga de madeira, a camisa para fora da calça.

— Oi, filho. Tudo certo por aqui?

Olhei para ele, mas não disse nada. Ele se apoiava em uma perna e depois na outra e deu um tapinha desajeitado em um inseto em sua orelha. Eu ainda podia ouvir a música tocando na cabana, o riso de garotas cada vez mais alto.

— Está escuro aqui fora — disse meu pai. — Tem insetos.

Nós nos encaramos por um longo tempo. E embora cenas como essa agora me pareçam densas e importantes ao serem repassadas em sequência na minha cabeça, naquela ocasião eu não tinha pensamentos profundos. Em vez disso, escutava os peixes se movendo em cardumes ao longo dos baixios e via meu pai tentando conter os soluços. Depois de um tempo um de seus amigos voltou de uma saída para comprar cerveja e o brilho dos faróis nos iluminou no píer. Imaginei nós dois de pé ali sob a luz, parecendo completos estranhos, desconfortáveis como desconhecidos no elevador de um hospital. Protegemos os olhos da luminosidade e depois tudo ficou escuro outra vez. Eu mal conseguia enxergar.

Ouvi meu pai respirar fundo pelo nariz.

— Vou levar você para casa de manhã — disse ele.

— Tudo bem — respondi.

Acabei dormindo em um sofá-cama, e meu pai apagou na varanda da frente da cabana sobre palafitas, sentado em uma

cadeira de praia com o copo de isopor na mão. Laura dormiu sozinha em seu quarto.

No dia seguinte, fingi estar doente.

Mal falei com os outros e fingi dormir a viagem toda. Meu pai, então sóbrio e se sentindo culpado, tentou me explicar a vida no carro, fez um discurso eloquente sobre como o amor nos encontra quando menos se espera por ele, como não importa a idade ou a situação, e como nem sempre era justo. Recomendou repetidamente que eu cuidasse bem de minha mãe, porque ela era uma mulher especial que ele sempre amaria, e que merecia o melhor. Continuou a falar mesmo quando achou que eu estivesse dormindo, e ainda assim surpreendentemente muito pouco foi revelado. Ou talvez eu apenas não tenha ouvido.

Eu tinha meus motivos.

Mais cedo, naquela manhã, eu escutara meu pai dizer a Laura que ia apenas me deixar em Baton Rouge e voltaria ao acampamento à noite. Ouvi-o dizer que ela fora ótima, que eu era só um adolescente com raiva e que iam se “divertir de verdade” quando ele voltasse. Então, para ser honesto, era demais para mim. Não tinha nada a dizer.

Quando chegamos em casa, meu pai disse a minha mãe que havia algo errado comigo. Afirmou que ligaria depois para verificar como eu estava, mas que tinha um compromisso naquela tarde e não poderia ficar. Minha mãe, nós dois percebemos, estivera chorando.

— Kathryn, não seja tão dramática — disse ele. — Pode ser só um resfriado ou algo assim. Tentei conversar, mas ele dormiu no carro a viagem toda.

— Glen, não é isso que está fazendo mal a ele — falou minha mãe.

Ela olhou para mim e, pela primeira vez na vida, não reconheci sua expressão.

— Você precisa ver uma coisa — disse a ele. — Precisa ver o que achei no quarto dele.

Eu imaginei esse dia como a morte, o dia em que me tornei um suspeito.

Na primeira versão, a de uma criança, minha mãe está arrasada. Assim que saí de casa com meu pai, ela chorou fazendo chá. Chorou lavando a roupa. Tirou suas roupas elegantes e colocou um pijama, observando com atenção fotos antigas de mim e do meu pai. Pensou o tempo todo em nós e se perguntou por que os homens agem como agem. Nessa fantasia, ela ainda me considerava um bom menino, o mesmo bebê enrolado em tecidos e aninhado em seu seio na sala de parto, e então planejou minhas refeições para a próxima semana. Fatiou, chorosa, a carne assada para que eu tivesse sanduíches no dia seguinte. Conferiu duas vezes se tínhamos as batatas fritas de que eu gostava. Depois entrou em meu quarto carregando nos braços roupas recém-lavadas e dobradas e, totalmente por acidente, chutou uma caixa de madeira debaixo da minha cama, cujo trinco eu equivocadamente deixara destrancado.

Na segunda versão, aquela que me ocorreu quando cresci um pouco, vejo minha mãe como uma pessoa complicada, uma mulher solitária e carente. Nessa versão, ela se recuperou rapidamente após minha partida e de repente viu sua casa vazia como um palácio no qual podia enfim governar. Ela se serviu de uma taça de vinho antes do almoço. Deitou no sofá e desabotoou a blusa. Teve sonhos adultos e ligou para os vários cavalheiros que a cortejavam para dizer: *Estou aqui agora, estou sozinha, estou normal, para variar*. E se eles foram ou não, se ela acabou com as frustrações de um modo que muitos de nós fariam, isso está além do alcance de nossa questão. Mas depois anoiteceu, e ela estava sozinha de novo, então caminhou aos tropeços para o meu quarto, um pouco bêbada. Derrubou no chão as roupas dobradas e, exausta, decidiu fazer um travesseiro com minhas camisetas pretas e calças largas que agora cheiravam a amaciante. Antes de cair no sono, notou

uma caixa embaixo da minha cama com um trinco que eu equivocadamente deixara destrancado.

Na versão final, aquela que me ocorre de vez em quando nos momentos em que quero me sentir inocente, minha mãe começou a vasculhar assim que saí de casa. Não esperou para me ver acenar do Mercedes de meu pai, nem sequer se preocupou em fazer aquela carne assada. Apenas entrou em meu quarto pisando com força e arrancou as roupas de minhas gavetas. Esvaziou minha mochila na escrivaninha. Folheou meus cadernos. Ligou para Randy e Julie Artista para interrogá-los sobre meu caráter. Subiu em bancos e vasculhou os itens no alto do meu armário. Procurou sob o colchão. E bem quando estava prestes a desistir, quando estava a um ou dois segundos de se dar conta de que minha rebeldia era apenas um rápido rito de passagem, nada com que se preocupar, ela se sentou no chão para avaliar os danos que tinha causado. Então, com o canto do olho, viu embaixo da cama uma caixa com um trinco que eu equivocadamente deixara destrancado.

Independentemente de como tenha acontecido, o que ela encontrou na caixa foi o seguinte: cinco poemas; vinte e sete desenhos pornográficos de mim e de Lindy; uma tornozeleira verde feita pelo amigo por correspondência jamaicano de Lindy; dois prendedores de cabelos; seis páginas de pornografia arrancadas de uma revista chamada *Cherry* que um cara chamado Ronnie Gibbs levara para a escola; sete fotos escolares de Lindy (duas com o rosto recortado e colado nas já mencionadas páginas da *Cherry*); as camisinhas e o folheto sobre sexo que ela mesma tinha me dado; quatro fitas cassetes; um pequeno frasco de lubrificante íntimo Astroglide (pela metade); seis embalagens de camisinha vendidas em máquinas automáticas com nomes como Mud Grips, French Tickler e Lambskinz; a foto de Lindy cantando e caminhando sozinha que eu recebera de Jason Landry; uma página arrancada do fim do meu anuário que Lindy assinara para mim no oitavo ano e que dizia *Ei, você! Tenha um ótimo verão! Abraços, Lindy* (o *i* com um coração no lugar do pingo); binóculos baratos de plástico e, enfim, infelizmente, um tênis de corrida Reebok azul.

A maior parte dos itens tinha explicações simples.

Eu, por exemplo, me aventurava na poesia. A maioria dos meus versos era tão vaga que, não fosse por tudo que os acompanhava, minha mãe provavelmente não teria identificado minha musa. Eu me lembro de um poema chamado “Cento e seis passos”, que detalhava a caminhada necessária para eu chegar à casa de Lindy. *Passo número seis, aposto que você tem gosto de bolo inglês*, e assim por diante. O nome de Lindy nunca era mencionado, claro, e eu substituía a casa dos Simpson por palavras como *céu*, *nirvana* e *paraíso*. Era horrível. Outro se chamava “Rosas em minha mão” e fazia uma série de insinuações veladas sobre cada parte vermelha de Lindy que eu gostaria de tocar. Mas não estava tentando parecer recatado, eu era apenas um garoto para quem tudo parecia dúbio. Eu queria acariciar seu *calor*, sua *aura*, sua *alma*, e não saberia como localizar nada fisicamente caso ela permitisse. O último de que me lembro foi escrito a giz de cera violeta para dar mais efeito e era intitulado, simplesmente, de “Meu sangue é você”.

Esse não era tão ruim. Ouvi versos mais maliciosos em músicas pop.

Muitas das lembranças incriminadoras também podiam ser explicadas pelo meu hábito de percorrer a calçada em frente à casa de Lindy. Ainda assim, eram coisas bastante inocentes: os prendedores de cabelos, a tornozeleira verde de amizade que se desmanchara e caíra na chuva. Com certeza um garoto não podia ser culpado por isso. Pense nos homens que caminham pelas praias de óculos escuros e chapéus de abas largas vasculhando a areia com detectores de metal. Eles não são criminosos. Pense até mesmo em nossos pais, mantendo um broche folheado a ouro que as mães usaram algum dia ou guardando uma caixa de condecorações que o pai ganhou na guerra. Somos todos pequenos historiadores, não somos? Somos todos caçadores de tesouros pessoais, cada um de nós. Então o que deveria fazer quando, depois do crime, deparei com aquele Reebok solitário em uma pilha de lixo junto ao meio-fio dela?

Mas eu não era idiota. Era difícil defender a pornografia caseira. Bonequinhos de palitos ou não, a intenção libidinosa estava lá. Meus balões de pensamentos eróticos haviam recentemente evoluído para diatribes, saindo da cabeça de Lindy enquanto ela

estava ajoelhada diante de mim em uma daquelas folhas de papel colorido, arrancada em um surto do meu fichário escolar. Ela falava com frases longas nessas cenas e dizia coisas como: *Eu sempre quis isso, desde que você me derrubou naquele jogo no verão passado*. Ou: *Gosto que os garotos façam assim comigo*. Ou, naquela que realmente lamento, quando ela estava de quatro, berrando: *Sim! Por favor! De novo!*

Eu não tinha desculpa para essas coisas.

E ainda assim entendia o desespero que devia ter tomado o corpo de minha mãe quando ela viu isso. Também entendi como essa descoberta deve ter recordado a ela a conversa que tivemos com o policial em nossa sala, quando, em outras palavras, ela se deu conta de que aquela caixa já podia estar silenciosamente guardada ali, debaixo da minha cama, enquanto eu fingia ser inocente para os Simpson. O que ela pensaria disso?

Não perguntei.

Mas tudo parecia diabólico ao ser exposto, minha coleção particular, onde nunca deveria estar. Isso era especialmente verdade em relação ao modo como eu colara o rosto de Lindy nas páginas arrancadas daquelas revistas. Que Deus a ajude. Lá estava ela, colada na página, sem corpo e sorrindo inocentemente para o fotógrafo da escola enquanto, sem saber, se curvava para um pênis enorme ou apertava os mamilos com uma trilha de sêmen em seus seios. Coitada. Hoje vejo isso.

Eu não sabia o que estava fazendo. Por favor, entenda isso. Não quero que esta confissão afaste você. Nenhum garoto sabe o que está fazendo em suas primeiras tentativas de masturbação. Nós nos tornamos inventores amadores, nós, adolescentes desajeitados e meio malucos, e Lindy era só o material de minha oficina, do meu laboratório. Passei anos imaginando como minha vida seria diferente se tivesse sido como os milhões de garotos que não tinham sido flagrados, se fosse como qualquer outra pessoa normal com o privilégio da privacidade, se tivesse conseguido manter essas fantasias trancadas onde deveriam ficar, em minha cabeça, em meu coração, sem qualquer evidência empírica a ser comentada.

Mas a quem estou enganando? Nunca fui bom em manter as coisas trancadas.

Olhe para mim agora, por exemplo. Olhe para mim contando isso a você, de todas as pessoas para quem eu poderia contar.

Mas, na verdade, o verdadeiro problema não foi a pornografia, da qual meu pai zombou quando minha mãe lhe contou. Nem o lubrificante Astroglide que, em um momento de inacreditável coragem, eu comprara na farmácia K&B, a pouca distância de bicicleta da minha casa. Nem sequer a poesia digressiva ou as fitas cassete que eu tinha gravado, mas nunca dado a Lindy, nem mesmo o Reebok azul, que consegui explicar a ela assim como expliquei a você.

Não. O verdadeiro problema foi o binóculo, e a foto que confessei ter vindo da casa dos Landry. Esses objetos geraram repercussões. Nossa casa nunca mais foi a mesma.

Primeiro, o binóculo.

Em 1988, o ano antes do estupro de Lindy, os Landry abrigaram um jovem criminoso chamado Tyler Bannister. Ele chegou pouco depois da partida silenciosa e sem explicação de Tin Tin, e tinha dezesseis anos, o garoto mais velho que já tinham criado. No final das contas, os anos passando de uma família para outra fizeram com ele o mesmo que a muitos outros garotos naquele limbo, o tornando desconfiado e cruel. Sua presença em Woodland Hills era indesejada. Havia várias razões para isso.

Tyler Bannister trouxe para o bairro um novo conjunto de problemas aos quais os garotos mais novos, incluindo eu, ainda não tinham sido apresentados. E como já estávamos lidando com nossas próprias dificuldades conhecidas como Bo Kern e Jason Landry, a aparição repentina de Tyler pareceu ser demais. Ele trouxe para nossas ruas o conhecimento sobre drogas e vandalismo, e nem mesmo parecia uma criança. Mantinha a cabeça raspada em todas as estações do ano e tinha tatuagens azuis nos pulsos, no pescoço e nos tornozelos. Certa vez, alegou que ele mesmo as havia feito com uma agulha e caneta Bic. Em outra oportunidade, disse que foram feitas contra a sua vontade. Era um mentiroso incansável. Só tínhamos certeza de que uma dessas tatuagens, grosseiramente desenhada, mas reconhecível, era de um garoto com uma arma na mão. Outra era uma nuvem azul-escura com um raio saindo do centro. E a do pescoço, logo abaixo da orelha direita, era de um pássaro com uma asa só.

Nas vezes que vinha até os nossos quintais, Tyler nos contava histórias que não estávamos preparados para ouvir. Lembro-me de que uma era sobre sua exaustiva relação sexual com a mãe de meia-idade de um de seus antigos lares adotivos. Falou sobre como ela “adorava tomar na bunda” e sobre como entrava em seu quarto e o chupava enquanto o pai dormia. Outra história foi sobre como uma vez colocou uma lâmpada na vagina de uma garota que

morava no mesmo abrigo que ele. Esfregamos os olhos e não pudemos acreditar.

— Garotas são todas malucas — afirmou ele. — Não deixe que digam o contrário.

Mas Randy e eu, e mesmo Jason, que parecíamos totalmente encantados por Tyler, nos mantivemos céticos quanto a algumas dessas histórias. Soavam como delírios inconsistentes, tão distantes de nossa experiência na Piney Creek Road que tínhamos pouco a dizer em resposta. Quando ele nos falou sobre deixar um cara negro tocar seu pênis para conseguir uma carreira, por exemplo, simplesmente cobrimos o rosto e pensamos: *Que diabo é uma carreira?* Estávamos nervosos demais para perguntar. Ou quando nos contou que uma vez morara com um bando de ciganos que o prostituíam nos fundos do estacionamento da Kmart na Plank Road, nós pensamos: *Ei, isso não parece tão ruim*, pois só tínhamos ouvido a parte do sexo. Mas o diabo está nos detalhes.

— Os piores eram os caminhoneiros — contou. — O cheiro das bolas deles.

Felizmente para nós, outras histórias lançavam dúvidas sobre todas essas coisas grotescas.

Como quando nos contou sobre seu pai de verdade, o pai biológico, que, segundo ele, havia sido sequestrado por alienígenas bem na sua frente. Falou que não eram nada parecidos com os dos filmes, “nada dessa merda de homenzinhos verdes de cabeças grandes”. Disse que na verdade pareciam árvores e esquilos e “todas essas coisas que você vê a sua volta”. Nós rimos da ideia.

— Riam o quanto quiserem — retrucou. — Não é tão engraçado quando acontece com você.

Tudo tinha acontecido com ele.

A mãe, ele nos disse certa vez, o vendera ao circo para pagar despesas médicas. Outra vez disse que ela tinha morrido interpretando a lenda de Guilherme Tell com um ator famoso.

— Não vou dizer qual. Não faz diferença. Esse cara suborna todo mundo.

No entanto, ele também nos contou de uma vez que a mãe caíra da amurada do iate de um milionário e se perdera no mar, o que nos confundiu, e que agora provavelmente estava apenas criando os

filhos de outro cara, sofrendo de “amnésia”. Imaginava que um dia ela poderia sair procurando por ele, mas não contava com isso. Além disso, Tyler gostava de pichar seu nome nas coisas com tinta spray, e disse que era “para o caso de um dia ela despertar do coma”.

Os sonhos do garoto eram muito variados.

Mas, a despeito das imprecisões dessas histórias, não havia nada de confuso nos atos dele. Embora só tivesse passado alguns poucos meses lá no ano antes do estupro de Lindy, ele se empenhou em uma impressionante campanha de terrorismo e deixou uma marca permanente em Woodland Hills. Destruiu caixas de correio com explosivos caseiros que aparentemente estocava. Roubou todas as placas de rua e jardim da vizinhança e as enfiou nos bueiros ao longo da Piney Creek Road. Descobrimos isso semanas depois, após uma chuva que deixara tudo inundado, quando vimos a placa de jardim dos Parker havia muito perdida dizendo “É menina!” surgindo de repente de cabeça para baixo de um bueiro aberto. Ele jogava papel higiênico nas casas e sal nos jardins. Rabiscava imagens que combinavam com suas tatuagens em postes de luz e em carvalhos. Deixava os animais de estimação do bairro saírem de seus cercados. Enfiava mangueiras de jardim em janelas abertas de carros e abria a torneira. Também fumou o primeiro baseado que vi, sentado no meu quintal.

Esse foi um grande dia. Eu ficara do lado de fora brincando com um carrinho de controle remoto que minha mãe me dera de surpresa. Era uma máquina complicada chamada The Hornet, que nós tínhamos tido dificuldade para montar. Usava pilhas caras revestidas de plástico amarelo que você tinha de recarregar toda noite, e o motor exigia manutenção constante. O carrinho se tornara uma coisa que eu odiava muito, uma vez que era rápido demais para mim e raramente funcionava quando eu queria brincar com ele. Minha mãe me levava a uma loja chamada The Hobby Hut quase todos os domingos para consertá-lo e conversava com o dono do lugar enquanto eu brincava com aviões feitos de madeira balsa. Quando voltávamos para casa, eu levava o The Hornet para a rua e tentava pilotá-lo, o carro batia e capotava na calçada.

Inevitavelmente esses momentos terminavam com algum fio queimando e uma nuvem de fumaça saindo das pilhas.

— Desculpe — dizia minha mãe. — Eu deveria ter comprado um diferente para você.

— Não — eu exclamava. — Adoro ele.

Naquele dia específico, eu estava no quintal pilotando o carro na grama, onde ele era mais lento e controlável, quando vi Tyler e Jason andando pelo bosque. Vieram até mim, sorrindo e sem fôlego, e Jason disse:

— Acabamos de ver dois sapos transando no riacho. Tyler os explodiu com bombinhas.

Eu ri e lutei contra o controle remoto.

Tyler me observou por um momento, depois tirou um saquinho de maconha do bolso. Sentou na grama e começou habilmente a espalhar a erva e a enrolá-la em papel.

— Agora sim — disse Jason, esfregando as mãos.

Tyler abriu um Zippo e acendeu o baseado, que eu sinceramente pensei que fosse um cigarro.

— Você fuma? — perguntei.

— Este lugar é chato para cacete — respondeu Tyler. — O que eu faria se não fumasse?

Eu me sentei perto deles no jardim e fiz o carro dar inúmeras voltas no tronco de um carvalho. Tudo estava em completo silêncio, a não ser pelo zumbido do motor.

— Entende o que quero dizer? — perguntou Tyler, e me ofereceu o baseado.

Falei a ele que tinha alergia. Falei que eu “dizia não às drogas”.

— Deixa de ser gay — provocou.

— Ele não é gay. Ele sente tesão por aquela garota, a Simpson — disse Jason, fazendo um movimento de vaivém com a mão. — Ele goza para ela umas trinta vezes por dia.

— Eu não — neguei.

— Então onde está a minha foto?

— Não sei — respondi. — Me esqueci dela.

— Então tá — disse Jason.

— Que porra de foto? — perguntou Tyler, tirando um pouco de maconha da língua.

Jason contou a história a ele.

Tyler sorriu até descobrir de onde a foto tinha vindo, da sala trancada na casa deles, e então fez uma expressão que nunca vou esquecer. Era intensa e solitária, e ele parecia estar sentindo dor, como se a mente se cerrasse em um punho. Segurou o baseado sob o nariz como se fosse algo precioso. Respirou a fumaça amarelada.

— Você vai dividir isso ou não? — cobrou Jason.

— Por que deveria? — retrucou Tyler, e não dividiu.

Em vez disso, tirou dois explosivos do bolso e acendeu o pavio de um deles com o baseado. Jogou na direção do meu carro. Errou, mas explodiu um pouco de terra junto ao tronco da árvore.

— Que porra é essa? — reagi.

— Esses Hornets são uma bosta, mesmo. As pilhas estão sempre queimando — falou.

Havia alguma coisa que ele não soubesse?

— Mesmo assim. Minha mãe que me deu.

— Sua mãe devia dar para mim — respondeu ele.

— E para mim também — acrescentou Jason.

— Sua namoradinha também deveria dar para a gente — falou Tyler. — Lindy sei lá quem. Ela daria para mim no quarto dela, com todos aqueles coelhinhos de pelúcia e pôsteres do New Kids on the Block.

— Do que você está falando? — perguntei.

Eu estava furioso.

A ideia de que aquele vagabundo desconhecido soubesse o que havia no quarto de Lindy era bizarra. Considerei aquilo uma mentira absurda e a joguei na mesma pilha fedorenta em que se encontravam suas outras histórias monstruosas. Porque a verdade era que, a despeito de toda a nossa juventude juntos, nossas séries de verões radiantes, eu nunca tinha estado no quarto de Lindy. Eu o imaginara, claro, imaginava uma colcha xadrez verde e branca sobre uma cama branca de ferro fundido com incrustações de rosas brancas ao lado de uma mesa de madeira branca com papéis coloridos espalhados sobre o tampo junto a uma série de travesseiros brancos fofos nos quais ela se deitava enquanto falava ao telefone sob um quadro de avisos branco emoldurado por fitas

azuis de primeiro lugar nas competições que os pais tinham grampeado nas bordas em filas organizadas acima de um gravador cor-de-rosa na mesinha de cabeceira onde um dia estariam minhas fitas mixadas ao lado de uma estante branca cheia de anuários e álbuns de fotos acima de um tapete rosa felpudo, sob um céu de adesivos fluorescentes de estrelas que ela colara em um ventilador de teto branco e de treliça que estava sempre girando.

Certo, eu havia imaginado tudo isso. Mas nunca vi.

— Como se você tivesse estado do quarto dela — falei.

— Idiota. Você não precisa *entrar* para ver — retrucou ele.

Os dois riram.

— O cara simplesmente não entende — falou Jason.

— Tenho que ensinar tudo para vocês, seus idiotas? Venham — ordenou Tyler.

Então cuspiu no pulso e apagou o baseado que ainda estava aceso, um gesto que me pareceu enormemente heroico e que eu mesmo imitaria menos de um ano depois. Levantou da grama e mandou que eu pegasse o Hornet para não levantarmos suspeitas.

Quando fomos para a rua, ele me instruiu a conduzir o carro na direção da casa de Lindy enquanto íamos atrás.

— Certo — disse ele. — Olhe naquela direção. A árvore junto à entrada de garagem dela.

Eu olhei e vi um carvalho alto isolado na grama entre a casa dos Simpson e o caminho até a garagem. Tinha uns nove metros de altura e galhos que Lindy provavelmente poderia tocar caso se inclinasse para fora da janela.

— Percebe alguma coisa no tronco? — perguntou ele.

O tronco da árvore era torto e cheio de nós, como costumam ser muitos desses carvalhos. Vi um nó mais ou menos à altura do peito, e imediatamente entendi o que ele queria dizer. A coisa parecia um apoio para o pé.

— Um apoio naquele nó, um pulo para aquele galho e bingo — falou ele. — Você tem um espetáculo.

— Isso é incrível — disse Jason.

— É tranquilo — garantiu Tyler. — Por quanto tempo você consegue ver uma adolescentezinha falar ao telefone?

A vida toda, pensei. Eu poderia observar para sempre.

— Mas ação mesmo acontece naquela casa mais abaixo — anunciou Tyler. — Aquela com a esposa gorda.

— A dos Mouille? — reagi. — Ela não está grávida?

— Eu tenho cara de médico? Eu a chamo de Toneladas de Diversão. Quer dizer, aquela mulher gosta de *trepar*.

Enquanto estávamos de pé ali, perdidos em nossas fantasias e parecendo tudo menos discretos, Lindy veio da garagem em direção à rua com a bicicleta apoiada no quadril. Usava short de corrida verde e uma camiseta cor-de-rosa, e me senti extremamente culpado quando ela nos viu de pé na rua em frente à sua casa, conversando sobre como espioná-la. Suas pernas bronzeadas e musculosas. Seus quadris. Seu sorriso. Era tudo bom demais para mim.

— Oi, idiotas — cumprimentou ela.

— Eu só estava brincando com meu carro — respondi.

— Ei, garota — chamou Tyler. — Aonde acha que está indo?

— Para a pista de corrida — falou.

— Por que não fica aqui com a gente? — sugeriu Tyler. — Podemos mostrar os nossos se você mostrar a sua.

Lindy fez uma careta.

— Nojento — falou. — Como se você tivesse alguma coisa que eu queira ver.

— Ah, *eu* tenho uma coisa — disse Jason.

— Cale a boca — ordenou Tyler. Depois sorriu para Lindy. — Eles são apenas crianças. Não sabem o que está acontecendo entre nós.

Nesse momento, Dan Simpson, pai de Lindy, subiu a Piney Creek Road em sua caminhonete prata e azul, voltando do trabalho, imagino. Saímos da rua e ele baixou a janela girando a manivela com uma das mãos enquanto tentava desajeitadamente acenar para nós com a outra. Acenei de volta. Depois virou na entrada de garagem, parou o carro ao lado de Lindy e perguntou:

— O que vai rolar hoje? Vamos bater o recorde de um quilômetro em menos de três minutos?

Lindy sorriu e aproximou a bicicleta do carro enquanto eles repetiam descontraidamente o que todos já sabíamos, para onde ela estava indo, quando voltaria, com quem estaria, e todos rimos

sarcasticamente quando o Sr. Simpson usou seu péssimo sotaque italiano para dizer:

— Apenas não se atrahhhse, *mi amore*, porque esta noite eu vou fazer o famohhhso filé Simpsone Pizzaiola!

Ele então beijou os dedos como se dizendo *delizioso!*, acenou para nós em despedida e entrou na garagem.

Lindy subiu na bicicleta, sorrindo com sinceridade, como se aquela refeição específica realmente parecesse boa, e levantou o descanso com o pé. Olhou para trás, na nossa direção, e então para Tyler, como se tivesse se esquecido de que estava ali.

— Você não deveria estar por aí assaltando senhorinhas ou coisa assim? — perguntou a ele.

Tyler riu.

— Talvez eu faça isso, *mi amore*.

— Ótimo, então — retrucou Lindy. — Pelo menos não vai ficar me perturbando.

Lindy então mostrou a língua e desceu da calçada com a bicicleta. Pedalou com força, erguendo o traseiro do selim de um modo que, hoje me dou conta em meus piores momentos, me pareceu um convite juvenil. Tyler tomou o controle remoto da minha mão e fez o Hornet segui-la pela rua. Ele era um piloto experiente, como ficou claro, e quase a alcançou.

— Você não deveria ser tão má — gritou para ela. — Eu sei onde você mora.

Lindy mostrou o dedo do meio para nós enquanto o carro guinchava na calçada atrás dela até finalmente morrer e parar, fora do alcance da antena. Nós a observamos pedalar e sumir de vista.

— Você com certeza devia pegar essa garota — disse Tyler. — Ela é arrogante demais para mim.

Não consegui responder.

Ele me devolveu o controle remoto, agora inútil, e disse:

— Vamos conferir a gorda. Tem um arbusto ótimo do lado de fora da janela deles. Ela enlouquece antes de o marido chegar em casa. Usa um monte de brinquedos e merdas assim. Estou falando. Não deixe que as garotas digam o contrário.

Então os dois desceram a rua, e preferi não acompanhar.

Segui pelo caminho que Lindy tomara e peguei meu carrinho, as pilhas cheirando a queimado. No entanto, naquele dia também achei que podia sentir mais alguma coisa no ar. Um cheiro dela, talvez. Do modo como deixamos uma trilha. Fiquei um bom tempo parado lá.

E embora ainda pense em Tyler Bannister, só o vi mais algumas vezes depois daquele dia: uma delas quando estava de pé no escuro debaixo do carvalho de Lindy segurando aquele binóculo. Ouvi ruído nos galhos, resmungos baixos e o tinido de uma fivela de cinto se soltando.

— Some daqui, porra — sibilou ele.

Eu fiz isso, e Tyler desapareceu da casa dos Landry mais ou menos um mês depois.

Tinha ido embora antes do estupro de Lindy. Nunca foi um suspeito.

Quanto à minha foto de Lindy, a explicação teria que esperar.

Um estranho período se passou entre o dia em que minha mãe encontrou a caixa debaixo da minha cama e o dia em que tudo foi finalmente resolvido, quase um ano depois. E embora eu tivesse dado pistas sobre o quarto escuro de onde a foto tinha vindo, ela não levantou a questão com os Landry de imediato. Em vez disso, me colocou de castigo sem data para terminar, mandou que eu me afastasse de Jason, e ficou cada vez mais preocupada com os outros desastres que acabariam por definir quem ela seria.

O primeiro foi sutil.

Logo após a descoberta, minha mãe entrara em contato com Peggy Simpson, mãe de Lindy, e as duas se tornaram amigas íntimas. Fiquei tão mortificado com a ideia de que minha mãe pudesse revelar minhas fantasias secretas a essa mulher que, quando ela a convidou para vir à nossa casa pela primeira vez, fiz de tudo para sabotar a revelação. Recebi a Sra. Peggy à porta. Fui extremamente educado. Ofereci café, preparei um chá gelado. Minha mãe sabia o que eu pretendia quando puxei uma cadeira ao lado delas à mesa da cozinha. Ela pensava: *Que criança ia querer esse tipo de companhia?* Olhou para meu corte de cabelo esquisito, a argola em minha orelha esquerda, meus braços pálidos. Não viu mais criança alguma, imagino.

Mas minha mãe não entendia meu amor pungente.

Eu havia confessado tudo para ela, claro, quando inicialmente defendi, às lágrimas, aqueles objetos que foram encontrados em minha caixa. Mas como alguém transmite essa emoção gigantesca? Na época, eu não tinha o vocabulário. Quando contei, por exemplo, que “Lindy é tudo em que penso”, minha mãe respondeu: “Dá para ver. Você deveria se envergonhar.” Ou quando falei “Não, mãe, eu a amo!”, ela disse: “O que tenho em minhas mãos *não* é amor, filho. O que tenho nas mãos é obsessão.”

Não pude argumentar contra isso.

Ainda assim, deve ter havido algo naquela primeira conversa sobre amor que fez minha mãe pensar. Quer dizer, devo ter dito algo que a tocou. Sei disso porque quando fiquei na sala de estar escutando a conversa delas escondido, achando que minha chance de felicidade com Lindy estava perdida, ouvi a Sra. Peggy dizer: “Ele é um bom menino, Kathryn. Você deve estar muito contente”, e minha mãe levou muito tempo para reagir.

Fico pensando no que deve ter passado pela cabeça dela naquele momento.

Certamente estava à beira de um precipício.

Ela podia despejar o conteúdo de minha caixa naquela mulher, que já tinha sofrido tanto? Podia mostrar a ela aquelas fotos escolares de sua jovem filha, prematuramente coladas no mundo adulto? Mais ainda, minha mãe podia tornar o próprio trabalho como mãe tão questionável e arriscar qualquer que fosse sua credibilidade? Em outras palavras, haveria uma parte dela que sentia como se tivéssemos escondido provas da polícia? Será que sentia alguma espécie de culpa, algum tipo de responsabilidade pelo crime, apenas por ter dado à luz um garoto que era capaz de ter aqueles pensamentos e depois acalentá-los de forma tão alegre? Era mais complicado do que eu compreendia à época. Pois ela tinha de saber que se eu era de fato inocente, se minha violenta obsessão por uma garota recentemente estuprada era pura coincidência (como ela esperava que fosse), será que conseguiria dizer algo sobre o filho que não teria como voltar atrás?

Tive minha resposta, acredito, quando ouvi minha mãe prosseguir com a conversa.

— Diga-me, Peggy. Como está Dan? Como seu marido está?

— Um caso perdido. Nunca dorme. Culpa a si mesmo. Todos nos culpamos — respondeu ela.

— Entendo — disse minha mãe, e depois deu um longo suspiro. — Então, alguma pista? Alguma novidade? Ou prefere não falar disso?

— Nada de novo — respondeu a Sra. Peggy. — Lindy lembra de muito pouco, e pressioná-la para obter detalhes só piora tudo. Ela se tranca no quarto, mal conversa conosco. Gostaria que Dan

pudesse entender isso, mas você sabe como os homens são. Ele simplesmente quer consertar tudo.

— É estranho, não é? Quer dizer, os homens. A gente acha que eles se dão conta de que não teriam de consertar tantas coisas se, a princípio, não as quebrassem.

As duas partilharam um riso de cumplicidade, e pude imaginá-las tomando suas bebidas e sorrindo, pensando nos homens ridículos de suas vidas e imaginando como nos sairíamos sem elas. Então, quando esse clima descontraído acabou, a Sra. Peggy respirou fundo. Pude ouvir não de muito longe:

— A polícia basicamente parou de ligar — contou. — Parte de mim está grata por isso.

— Grata? — reagiu minha mãe.

— É tão horrível assim? — perguntou a Sra. Peggy, a voz de repente soando baixa e frágil. — Sou horrível apenas por querer que tudo isso acabe?

Ouvi minha mãe se movendo pelo cômodo. Eu a imaginei talvez se inclinando para a frente a fim de olhar a Sra. Peggy nos olhos, tocar o joelho dela. Eu a escutei falar:

— Não. Não, você não é horrível. Vamos falar de outra coisa, está bem? Vamos falar sobre o que quiser.

— Certo. É melhor — respondeu a Sra. Peggy. Então, após um tempo, acrescentou: — Mas o que eu quero?

Depois de ouvir isso, fui para o meu quarto. De certa forma, me senti perdoado.

Eu me senti protegido.

Ainda assim, considero essa amizade uma tragédia pelo modo como afetou minha mãe. A partir daquele dia ela se derramou em simpatia pelas mulheres da família Simpson. Se isso era algum tipo de culpa causada pelo conteúdo de minha caixa ou apenas um aspecto notável de seu caráter, não tem importância. Minha mãe passou inúmeros dias com a Sra. Simpson nos meses seguintes: fazendo compras com ela, tomando café na varanda da frente, conversando ao telefone tarde da noite e até mesmo a acompanhando a um grupo de terapia para pais.

Cada uma dessas excursões deixava minha mãe exausta de sofrimento, já que o remorso da Sra. Simpson não tinha fim. Isso

começou até mesmo a transparecer no rosto de minha mãe quando ela voltava para casa e para mim no final da tarde, quando se deitava no sofá e encarava o teto. Eu a via chutar os sapatos e esfregar as palmas das mãos nas bochechas.

— Mãe?

— Ela é muito simpática — dizia. — A pobrezinha.

Nunca perguntei a qual Simpson ela se referia.

Independentemente disso, o segundo desastre foi o reaparecimento de meu desajeitado pai. Nossa infeliz viagem a Cocodrie e a subsequente descoberta de minha caixa pareciam ter despertado nele alguma espécie de instinto paterno, embora fosse evidente que meu pai não sabia o que fazer com esse sentimento. Então começou a aparecer em nossa casa algumas vezes, depois de mostrar imóveis em Baton Rouge a algum cliente, em geral por pouco tempo, apenas o suficiente para ver como estávamos e talvez consertar uma torneira que pingava no banheiro. Nesse período, ele só teve uma conversa "importante" comigo em relação ao meu comportamento, quando me fez sentar em meu quarto.

— Olhe, filho. Sei que isso é desconfortável, mas você assustou mesmo sua mãe. Ela está um pouco preocupada que você estivesse escondendo algo dela quando a polícia veio.

— Eu sei — respondi. — Ela não confia mais em mim. Dá para ver.

— Vai passar. As mulheres são assim. Tudo com as mulheres leva tempo.

— Eu só queria ter trancado aquela caixa idiota. Queria que ela não tivesse ido ao meu quarto.

— Eu disse isso a ela — contou ele. — Disse que todo garoto daqui provavelmente tem uma pilha de pornografia no armário. Isso não significa nada. Não sei se as mulheres conseguem entender. Nós funcionamos de maneira um pouco diferente, sabe, homens e mulheres. Um garoto precisa de privacidade. Se não fosse a garota Simpson, talvez não fosse tão ruim.

— Eu nunca quis machucá-la — falei.

Meu pai riu.

— Um homem nunca quer — contou. — Por isso não estou preocupado com você. Por isso disse à sua mãe para também não

se preocupar com você. Porque a pessoa que fez aquilo com a sua amiga *não* era um homem. Era um animal. Você entende isso? Você é um homem. Essa é a diferença.

Pensei nisso por um bom tempo. Uma enorme parte de mim queria acreditar nele.

— O que quer dizer? — perguntei. — Um homem *de verdade* só machuca as mulheres acidentalmente?

— Isso aí.

Senti como se tivéssemos chegado a uma espécie de acordo. Mas foi o máximo que conseguimos.

A crescente presença dele em nossa casa não me parecia o retorno de algo confortável. Em vez disso, passei a me sentir sufocado pela evidente encenação que todos começamos a fazer. Eu deveria me sentir feliz por ele estar de volta, entendia isso, e tentava parecer feliz, embora o que sentisse fosse mais uma necessidade premente de proteger minha mãe, que levava tudo isso muito a sério.

Depois que ele partia ao anoitecer, algumas vezes jantando conosco, eu com frequência ouvia minha mãe analisar cada gesto ao telefone com a Sra. Peggy. O sorriso dele. O modo como elogiou seu frango. Ela sabia que ele continuava com Laura, mas ainda assim.

— Sempre dizem que se você ama algo, deve deixá-lo livre. — Eu ouvia minha mãe dizer.

Ela tomava seu vinho e escutava.

— Isso mesmo — dizia. — Se realmente tiver que ser…

Ninguém mais via isso daquela forma.

Quando minhas irmãs ligavam para casa nessa época, a primeira coisa que me perguntavam era: “Papai está aí de novo?” E se eu respondia “Não”, elas falavam: “Graças a Deus. Quero falar com a mamãe.”

E pensando nisso agora, suponho que até mesmo minha mãe tivesse um vislumbre da farsa daquilo tudo, da ideia de que duas pessoas pudessem um dia “voltar”, porque nas noites em que retomavam o conhecido flerte matrimonial, correndo um atrás do outro na cozinha, eu depois os ouvia brigar enquanto ele saía.

— É tudo ou nada — dizia ela. — Você não pode fazer só o que quer.

Esse era um conceito que meu pai não compreendia.

Então ele continuava a passar na nossa casa, algumas vezes trazendo garrafas de vinho e fitas de vídeo que alugara na loja de um amigo. A noite que permanece mais clara para mim envolvia o filme *Apertem os cintos, o piloto sumiu*, já com dez anos na época e, para meu pai, um clássico. Ele decorara quase todas as falas, e ele e minha mãe riam de piadas que eu não entendia. Aquele filme era coisa de adulto, apesar da classificação livre e da cenografia infantil, e funcionava para eles em uma esfera à qual eu não tinha acesso.

Quando surgiu uma determinada cena em uma boate, por exemplo, eles mergulharam em uma volta ao passado. Meu pai pausou o filme e chamou:

— Venha, Kat. Sei que você não se esqueceu dos meus passos de dança.

Ele se levantou da poltrona reclinável e abriu espaço no chão. Apontou com o indicador para o teto.

— Shazam! — disse.

— Ai, meu Deus — falou minha mãe, e riu. — Não me lembre.

Essa, no entanto, era a missão dele.

Meu pai pegou um disco na prateleira e o colocou para tocar. Deixou que a história dos dois se desenrolasse.

— Você não adivinharia só de olhar para nós — falou para mim. — Mas sua mãe e eu costumávamos arrasar na pista de dança.

— Fizemos uma aula de dança de *disco music* — contou minha mãe. — Você odiou.

Meu pai sorriu e segurou a mão dela. Levantou-a do sofá.

— Venha. Não me lembro disso assim.

O disco que ele colocou era algo de Diana Ross, acho. Não tinha qualquer magia para mim.

Ainda assim, fiquei vendo os dois dançar.

Meu pai puxou minha mãe para mais perto do peito, o laço da gravata frouxo. Bateu os pés no ritmo da música.

— Pronta? — perguntou, e a girou desajeitadamente pela sala.

Minha mãe ria e fingia estar constrangida com tudo aquilo, alegando não se lembrar dos passos. Isso aparentemente era verdade, já que os minutos seguintes não passaram de passos repetidos feitos pelo meu pai, e nenhum dos dois se cansava deles.

Fui para o meu quarto.

— Ei — chamou minha mãe. — Você poderia aprender alguma coisa com a gente. Você pode não saber, mas seu pai sempre foi um excelente dançarino. Foi uma das primeiras coisas que reparei nele.

— É mesmo? — perguntou meu pai.

— Você sabe que sim — respondeu ela.

Naquela noite, adormeci com a música ainda tocando, os risos esporádicos dos dois passando por sob minha porta, e quando acordei no dia seguinte, eu, em meu ritual de sempre, olhei pela janela do meu quarto esperando ter uma vista de Lindy. Era como o café da manhã para mim. Algumas vezes a via de roupão e chinelos, saindo para pegar o jornal para o pai, embora isso não acontecesse havia meses.

Também não aconteceu naquele dia.

O que eu vi foi o Mercedes de meu pai ainda estacionado em nossa entrada de garagem. Era tão estranho para mim quanto uma paisagem deserta. Eu me senti transportado. E estaria mentindo se dissesse que via tudo aquilo com ceticismo naquele momento. Minhas irmãs poderiam agir assim caso vissem, mas, como minha mãe, imagino, eu ainda tinha dentro de mim o ímpeto de um sonhador.

Então me apressei e me vesti. Pensei que talvez um pequeno pedaço de vida estivesse consertado e começasse a mover todas as velhas lembranças de meu pai para uma forma mais agradável do que aquela que eu carregara por tanto tempo. Ele não era um sujeito de todo ruim, pensei, quando você deixava passar uma coisa ou duas. Afinal, um homem de verdade nunca tem a intenção de machucar ninguém.

Senti cheiro de café quando entrei na sala.

Imaginei presentes reluzentes sob a árvore.

Então, quando entrei no escritório, ouvi a fechadura da porta da frente girando. Fui até o hall e vi meu pai ainda com as roupas da

noite anterior, a gravata jogada sobre o ombro. Tinha uma xícara de café na mão e os sapatos estavam desamarrados. Um chaveiro pendia do dedo mindinho.

— Pai? — perguntei. — O que está acontecendo?

Ele nem sequer olhou para mim.

— Onde está a mamãe? — perguntei. — Está tudo bem? Você não está indo embora, está?

Ele não tinha respostas para essas perguntas. Então, como o homem que eu conhecia, ele disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça, uma frase do filme.

— Filho. Por favor. Não me chame de Shirley.

Depois saiu.

Nós dois voltamos à primeira casa do jogo.

Passei o restante daquela manhã recolhendo garrafas de vinho vazias e lavando as taças sujas deles da noite anterior. Não conseguia olhar para aquelas coisas. Minha mãe ficou sozinha no quarto até o jantar e não falou muito quando apareceu. Esse tipo de coisa se tornou um hábito dela, ficar no quarto e chorar, quando o maior de todos os desastres veio em seguida.

A morte de minha irmã despedaçou meu mundo.

Aconteceu em 6 de abril de 1991 e marcou o começo do fim daquele ano inteiro de medonho silêncio entre mim e Lindy. E também deixou minha mãe arrasada.

Minha lembrança específica desse acontecimento, porém, é vaga. Não é algo de que me orgulhe.

Só me lembro de estar sozinho em casa em uma manhã de sábado. Minha mãe estava no shopping, comprando roupas, cortando o cabelo, quem sabe. Eu ainda não havia completado dezesseis anos. Não tinha carro. Aproximadamente às dez horas daquela manhã, o telefone tocou e uma mulher perguntou se minha irmã Hannah estava em casa. Não estava. Hannah tinha vinte e sete. Morava em um apartamento do outro lado da cidade. Eu também disse isso à mulher. Uma série de telefonemas posteriores se seguiu, todos de uma mulher com a mesma voz perguntando se meus pais estavam em casa e qual era a minha idade.

Desconfiei de um golpe.

— Não ligue outra vez — disse a ela.

— Por favor. Apenas anote um número para mim — pediu.

Nem me dei o trabalho.

E como aquilo foi em uma época anterior aos celulares, não faço ideia de como meus pais receberam a notícia. Só me lembro de um último telefonema, do meu pai, me dizendo que ocorrera um acidente de carro. Depois falou que buscaria minha mãe para ir ao hospital, pois ela não estava em condições de dirigir.

— Ela está bem? — perguntei. — Mamãe está bem?

— Não — respondeu. — Não foi sua mãe. Foi Hannah.

— O que está acontecendo? As pessoas não param de ligar procurando por ela.

— Apenas fique em casa — disse ele. — Não vá a lugar algum.

Foi o máximo que consegui.

As horas seguintes se passaram em uma solidão desconfortável. O telefone continuou a tocar, mas nunca eram meus pais. Eram as

vozes de tias, tios e avós, que eram cautelosos e contidos em relação ao que me diziam, começando por perguntar o que eu sabia. Contei a eles a grande verdade.

Eu não sabia de nada.

Ao final da tarde vi minha família vindo em direção à nossa casa, todos juntos em um carro, e essa continua a ser a imagem mais clara que tenho do acontecimento. Meu pai dirigia o Mercedes com dois passageiros no banco de trás, e os vi entrar na garagem nos fundos da casa. Levei um longo tempo para entender quem eram aquelas pessoas, tão longínqua era a última vez que tinham parecido parte da família. Encontravam-se no carro minha mãe e minha outra irmã, Rachel, uma pessoa que me dou conta de não ter mencionado pelo nome até agora.

Não há nada por trás disso. Simplesmente não éramos próximos na época. Não é culpa de ninguém.

Uma década mais velha que eu, Rachel já tinha ido para a faculdade em Lafayette, a uma hora de Baton Rouge, então grande parte de meus pensamentos se dedicou apenas a entender o que a tinha feito voltar para casa. Não fazia sentido. Eu a vi ajudar minha mãe a sair do carro, e isso exigiu algum esforço.

Naquele momento, minha mãe parecia uma estranha, e na verdade se passaria muito tempo até que eu a visse bonita novamente. As costas estavam curvadas. O rosto, caído e molhado. Se eu tivesse a habilidade, poderia desenhá-la para você, sua aparência triste tão clara em minha mente. Mas não tenho. Saiba apenas que minha irmã também parecia desgrenhada e chateada, e que meu pai se mostrava controlado como um robô.

Foi isso que deixou tudo claro para mim. Berrei antes que me dessem a notícia.

Minha última lembrança daquele momento é de enfiar o rosto na barriga de meu pai e chorar até deixar sua camisa ensopada. Depois disso, um grande período de tempo desaparece.

Quando penso novamente nessa cena, a maioria dos meus pensamentos gira em torno de por que escolhi me agarrar a *ele*. O que minha mãe deve ter pensado? O que eu disse para consolá-la? Será que fui tão egoísta a ponto de só pensar em mim mesmo? Quando tento me lembrar de detalhes, parece que só consigo ouvir

minha mãe ao fundo dizendo: “Desculpe, filho. Desculpe.” Mas por que ela estaria se desculpando comigo?

É um tempo que quero de volta.

Mas só consigo avançar para aquela noite, quando uma torrente de parentes se precipitou pela nossa porta da frente. Velhos amigos da família. As pessoas de Woodland Hills. E então, o pior de todos, o inconsolável noivo de Hannah, um homem que chamávamos de Finalmente Douglas.

Na época, eu não entendia a piada, provavelmente porque, como qualquer adolescente, não me importava muito. Mas agora entendo que o apelido Finalmente Douglas era um elogio a esse homem chamado Douglas, um suspiro de alívio da parte de minha mãe e de Rachel por Hannah, após uma série de relacionamentos ruins, ter finalmente encontrado uma pessoa que a tratava e a amava do modo gentil que todas as pessoas boas reconheciam. Eles se casariam em outubro daquele ano em uma fazenda chamada Magnolia Mound, uma bela área na região norte de Baton Rouge.

E então aquilo.

E para legitimar ainda mais minha credibilidade, vou confessar a você a infeliz verdade. Não me lembro muito de Hannah. Quando penso nela hoje, tantos anos depois, penso apenas em sua morte, e os detalhes são esses:

Em um dia luminoso e de céu azul, seu carro foi atingido na lateral por uma picape cinza enquanto saía de um shopping na Jefferson Highway. Seu pescoço se quebrou. Foi dada como morta ao chegar ao hospital. Não sentiu dor alguma. Ouvi essa frase muitas e muitas vezes.

Ainda assim, tenho de questionar a precisão dessas coisas.

De quanta verdade fui poupado? Por outro lado, de quanta verdade eu estou poupando você?

Se ela estava morta ao chegar, por que passaram tanto tempo no hospital? Por que não ligaram para mim? O boato que circulou depois foi de que ela estava saindo de uma sorveteria quando o acidente aconteceu, e ainda tinha um pouco de seu sorvete de chocolate duplo preferido nos lábios quando morreu. Morreu feliz, diziam as pessoas. Difícil imaginar um modo melhor.

Eu me agarrei a isso por anos.

Mas agora penso no momento do primeiro telefonema, dez da manhã, e me pergunto que tipo de sorvete é vendido a essa hora. Sei que eu poderia facilmente folhear a lista telefônica e ligar para o lugar onde tinha acontecido. Poderia perguntar casualmente a que hora eles abriam. Sei disso.

Mas me recuso. Quero contar com a minha memória. É importante que você entenda isso. O que mais temos, além do amor?

Dito isso, quando penso intensamente em Hannah, apenas algumas cenas surgem da busca minuciosa. Não têm importância óbvia. Uma é de quando passamos a noite no apartamento da minha irmã, onde ela e Finalmente Douglas fizeram pizzas vegetarianas para nós. Jogamos o jogo de tabuleiro *Sorry!* e assistimos ao filme *Duna*. Não entendi nada. Não me lembro de nenhuma conversa específica. É mais marcante para mim o fato de que ela tinha no canto da sala de estar uma mesinha que também servia como tabuleiro de xadrez. Você podia levantar o tampo da mesa e guardar as peças de mármore dentro. Era feita de uma madeira escura envernizada. É isso.

Obrigado, memória.

Outra vez, no último ano dela no ensino médio, quando estava ouvindo música em seu quarto. Eu só tinha sete anos, mas me lembro de entrar e vê-la se olhar em um espelho de corpo inteiro, usando capelo verde e beca para a formatura que se aproximava. O disco que ouvia era de uma banda chamada Madness, a canção que tocava no momento era “Our House (In the Middle of Our Street)”, e a capa do disco, que ela prendera na parede, mostrava os integrantes da banda juntos e sorrindo, suas cabeças emolduradas por um triângulo de uma mesa de sinuca. A música estava alta e Hannah sorria. Ela me viu no espelho e se virou. Estendeu os braços.

— Ei. Essa coisa me faz parecer uma bruxa? — perguntou ela.

Gostaria que essas lembranças fossem mais vívidas. Gostaria de ter mais delas.

Aquela pela qual mais tenho carinho aconteceu em uma época que não consigo identificar, embora agora imagine ter sido na época de Finalmente Douglas. Eu estava em meu quarto, e Hannah se

sentara em minha cama para pedir alguma coisa. Um favor, talvez, fazer uma pergunta, um convite; não me lembro. Só sei que seus cabelos eram compridos e castanho-escuros. Eram lisos, diferentemente dos meus, mas ela tinha feito algo para encaracolá-los naquele dia. Enrolavam-se em colunas suaves sobre seus ombros, e ela brincava com eles enquanto falava. Cheirava a perfume e usava um suéter de algodão branco e calça jeans, um colar de turquesa. O suéter era feito de fios grossos trançados e pendia, folgado, no pescoço e nos ombros. Desde então fiquei com a impressão, com base em minha família, de que Hannah era uma espécie de artista, um espírito mais livre que o restante de nós, então imagino que na época esse suéter estivesse na moda. Não tenho ideia de quais informações trocamos.

Lembro apenas que, quando minha irmã se levantou para sair do meu quarto, ela estava feliz e sua vida era boa. Sei disso pelo gesto floreado que acrescentou à sua saída, se esticando para tocar o alto do batente da porta ao passar para o corredor. Lembro-me claramente do saltinho brincalhão que deu, do modo como ouvi as finas pulseiras tilintando e de como era evidente que eu a amava.

Então, depois que ela morreu, atribuí grande força a essa cena.

Toda vez que eu me sentava sozinho em meu quarto no ano que se seguiu, fingindo não ouvir minha mãe e minha irmã chorando nos cômodos adjacentes ao meu, olhava para aquele ponto no batente da porta. Pensava no impulso que leva uma pessoa a mudar de rumo para tocar uma coisa como aquela. Tinha de ser prazer. Tinha de ser algum tipo de satisfação profunda. Tinha de ser paz.

Não me diga nada diferente. Estou feliz com minha lembrança.

Contudo, a realidade é que esse acontecimento acabou com a minha família.

Minha mãe se tornou uma pessoa que eu não conseguia mais entender — embora nunca tenha me negligenciado nos anos que se seguiram. Apenas se tornou extremamente afável e ignorou quase todas as minhas falhas, e, na verdade, pode ter errado ao fazer isso. Como tudo o mais se tornara amargo em sua vida, imagino que ela precisava acreditar que eu era um anjo. Só gostaria de ter podido propiciar isso.

O que mais há a dizer?

Minha irmã Rachel também mudou. Largou a faculdade e voltou para casa por um ano. E embora como família sempre tivéssemos sido católicos discretos (indo à missa nos dias santos, frequentando a escola dominical se não houvesse mais nada a fazer), minha irmã Rachel descobriu Cristo de uma forma grandiosa e permanente após a morte de Hannah. Na época isso me deixou furioso. A morte aleatória de uma pessoa inocente parecia provar a Rachel que Deus tinha um plano para todo mundo, ao passo que em mim o fato envenenava a própria ideia de que existisse um Deus. Então eu a hostilizava arrumando brigas por causa de todas as evidentes hipocrisias religiosas: tal como um Deus cristão podia condenar as pessoas ao inferno por causa de onde elas cresciam, como podia lançar doenças e guerras sobre aqueles que não haviam pecado contra ele etc. Embora estivesse principalmente querendo apenas atormentá-la, embora estivesse principalmente apenas com inveja do modo como a via dar as mãos à minha mãe para rezar à mesa do jantar, acredito que também estava vacilando à beira de uma verdadeira perda de fé naqueles anos, como muitos adolescentes, e isso me assustava.

Percebendo isso, Rachel começou a deixar pequenos cartões de orações em meu travesseiro. Pendurou diante de nossa mesa do café um cartaz com uma foto de pegadas na areia e começou a falar quase exclusivamente por intermédio de clichês religiosos. Falava sobre Deus “fechar portas enquanto abre janelas” e “nos conduzir pelos momentos difíceis”, embora sua frase preferida fosse “tudo acontece por um motivo”, e eu achava impossível conversar com ela. Agora acho que eu estava apenas com medo de sua fé e da força de que ela precisava para tê-la. Para mim era muito mais fácil sentir raiva de Hannah e de Deus e da situação da minha família, que, na época, parecia estar encolhendo.

E também havia meu pai.

Desde o divórcio, ele não se dava bem com minhas irmãs, em especial com Hannah, e do ponto de vista dele, isso tornou a morte dela particularmente torturante. E embora o modo como os dois não se davam bem sempre tenha feito sentido para mim de uma forma genérica, só descobri o verdadeiro motivo muitos anos depois, quando soube que minha irmã e Laura haviam pertencido à mesma

irmandade na faculdade. Isso me esclareceu algumas coisas. Embora sempre tivesse entendido que Laura era jovem, foi apenas quando concebi sua possível imagem de pé ao lado de Hannah naquele mesmo conjunto de capelo e beca verdes que tudo ficou claro. Talvez elas fizessem aula de química juntas. Talvez um dia tivessem cochichado sobre o mesmo cara bonito.

Pior que isso, quando minha mãe imaginava meu pai com Laura, quando pensava nas relações sexuais deles, talvez só conseguisse invocar uma versão de Hannah ainda de fraldas, uma bala dura grudada na frente de sua blusa. Como isso deve ter mudado completamente para ela o caráter de meu pai. Como ele deve ter parecido estranho. Afinal, que tipo de homem poderia ficar com uma garota que deixava um velho como ele tocá-la? Pior ainda, que tipo de mulher era minha mãe, que deixava esse velho voltar para sua cama?

Assim eram os problemas na Piney Creek Road.

No geral, a morte de Hannah deixou evidentes as falhas de cada um de nós, e no final isso consumiu meu pai. Anos depois, quando podíamos beber juntos e ele me considerava um homem, quando nos tornamos amigos, algumas vezes meu pai mergulhava em um desespero profundo e momentâneo. E isso só acontecia quando Hannah era mencionada.

— Não consigo sequer falar sobre isso — dizia ele, e então me perguntava com que frequência eu falava com Rachel.

— A mesma que você — garantia a ele. — Principalmente nos feriados.

— Não entendo — dizia. — Por que ela não me ama como você?

O que eu podia dizer? O homem só fazia perguntas sem respostas. Ainda faz isso.

Então, sempre considerei que ele havia tido sua punição.

Mas a grande verdade desse acontecimento, suponho, o verdadeiro motivo pelo qual conduzi você até aqui, é para explicar a consequência mais inesperada da morte de Hannah.

Aproximou Lindy de mim.

O evento se chamava Festa da Primavera.

Ainda era 1991, no mês em que minha irmã tinha morrido, e eu ficara duas semanas fora da escola, envolvido com as coisas do funeral e me arrastando pela casa usando camisetas pretas. A morte de Hannah me dera a maior desculpa, suponho, para agir do modo egoísta que todos os adolescentes querem. Comi no Burger King todos os dias. Fiquei acordado até tarde assistindo à pornografia que chegava indistinta e confusa pela pequena televisão do meu quarto. Dormia em horários estranhos, jogado no sofá, e imagino que, visto de fora, eu provavelmente parecia estar com problemas, talvez até mesmo deprimido e arrasado, mas a verdade é que não me sentia assim. Quando olho para trás, para aquela versão de mim mesmo, um garoto magricela de calça jeans rasgada assistindo a programas estúpidos na TV, um garoto irritado com as vozes na cozinha dos vizinhos que visitavam minha mãe, acho que era meio raso naquela época. Eu era apenas solitário. Era apenas preguiçoso. Apenas não queria ter de lidar.

Ainda assim, minha mãe insistiu em que eu fosse à festa.

Sem que eu soubesse, havia sido combinado que eu levaria Julie Artista. Desde os anos de nossa tenra juventude, e desde que ela jogara tão alegremente trevos na cama de musgo, Julie Artista mudara apenas fisicamente. Isso não era ruim. Engordara um pouco e se tornara uma garota que as pessoas ambiguamente elogiavam dizendo ter “ossos grandes”, mas de modo algum deixava de ser atraente. O único defeito era que parecia ter nascido na década errada, pois era claramente uma hippie desabrochando. Colocava flores nos cabelos na escola, desenhava coisas como unicórnios nos cadernos e lia grossos romances de fantasia épica. Eu a vi uma vez na escola sentada a uma mesa do refeitório com garotos cheios de espinhas jogando Dungeons & Dragons. Ela comemorava quando conseguia um determinado número no dado de dez lados. Fingia salpicar uma poção mágica em seu purê de batatas. Parecia estar realmente se divertindo. Mas na época estávamos no ensino

médio, e isso, claro, era suicídio social. Se ela fosse popular, imagino que toda essa independência pudesse parecer o máximo para nós. Mas ela não era.

Usava o tipo errado de sapatos, tinha notas excelentes e contava piadas que ninguém entendia. Os cabelos eram pretos, compridos e normalmente sujos. Os únicos brincos, lembro, eram borboletas verdes de plástico. Ela nos dava muitos motivos para sacaneá-la. Contudo, Julie Artista também ficara com seios fartos no começo do primeiro ano, o alto de seu vestido xadrez de repente todo preenchido, então ela não era inteiramente ignorada.

Ela me buscou para ir ao baile usando um vestido verde cheio de babados, parecendo mais desconfortável até mesmo que eu em meu paletó azul com gravata de bolinhas, e demos um ao outro pequenos buquês. Nossos pais criaram furor com isso, tirando fotos de nós dois em várias poses, dentro e fora de casa, e fizemos caretas para estragar as fotos. Minha mãe ainda tem esses retratos, emoldurados e pendurados na parede, e é como se eu viajasse de volta no tempo quando os vejo.

Quando Julie e eu chegamos ao baile, já havia uma banda no palco tocando covers de músicas como “Brown Eyed Girl” e “Mustang Sally”, e ela agiu como se tivesse conseguido ingressos de primeira fila para os Stones. Ela me largou e dançou sozinha descontroladamente diante do palco por horas. Ocupava um espaço enorme, se movendo de modo dramático, como se invocasse algum deus tribal. Nos momentos em que a música se elevava, garotos e garotas mais populares se juntavam a ela dançando para zoar Julie, mas ela nunca interagia com eles. Para Julie, aquilo era algo pessoal, e apesar do modo como era socialmente alfinetada por causa disso, ou talvez exatamente por isso, sempre a admirei. Era uma pessoa que, desde que conheci, parecia capaz de fazer o que eu nunca conseguiria, e não dava a mínima para ninguém. Seu cabelo, penteado pela mãe em tranças cintilantes e com prendedores verdes, estava desgrenhado na quarta música. Tinha manchas de suor no vestido na altura da barriga. Finalmente falei com ela durante um intervalo, enquanto ela bebia ponche sem parar junto à mesa de comida.

— Está se divertindo? — perguntei.

— Morrendo de sede — respondeu.

Foi o máximo que consegui.

Assim que o guitarrista terminou o cigarro fora do auditório e subiu outra vez no palco, Julie Artista sumiu, usando os saltos altos para tocar bateria no ar antes de a música começar. Alguns caras se aproximaram de mim enquanto ela fazia isso e me deram tapinhas nos ombros.

— Mandou bem — disseram. — Aqueles peitos são incríveis.

Foi assim que soube que Julie Artista não era desprezada. Ela prosseguia com suas coisas sem se importar com os outros, e, verdade seja dita, não deixei de ficar abalado por causa disso.

Mas o mais importante aqui, porém, é que também aprendi algo sobre mim mesmo naquela festa. Aparentemente, a morte de minha irmã e minha consequente ausência da escola tinham me conferido algum tipo de fama. Caras que nunca haviam falado muito comigo antes disso, caras bonitos que jogavam futebol americano ou concorriam ao grêmio estudantil, me cumprimentavam com os polegares erguidos. Garotas que raramente reparavam em mim atrás delas nos corredores ou na aula de latim perguntavam: “Você vai na escola na segunda?”

Quando respondia que achava que sim, elas diziam coisas como “Que bom”.

Imaginei dois motivos para a mudança.

O primeiro era fruto do olhar estranho quando se aproximavam de mim. Eu via que estavam lidando com emoções desconhecidas, ou pelo menos desconhecidas por adolescentes; de qualquer modo, todas eram encabeçadas por um sentimento de pena. Em cada um de seus apertos de mão constrangidos, em cada pergunta educada, eu sentia que podia ver através de seus olhos as cozinhas, as salas de jantar de suas casas, onde seus pais haviam lhes contado o que acontecera à minha família. E quando num primeiro momento descartaram o fato, considerando algo totalmente irrelevante, pude ver os pais deles falando devagar para enfatizar a tragédia, talvez apontando para seus próprios irmãos, ou até mesmo tentando explicar a eles a profundidade devastadora do amor parental e o que a perda de um filho poderia lhes causar pessoalmente. E então, pelo tom grave das vozes deles, imagino esses garotos entendendo

por um segundo. Acho que talvez tenha havido um minuto ou dois em que seus jovens corações se apertaram com intensidade em seus peitos. Não necessariamente por mim, mas pelo vislumbre de sua própria mortalidade como algo que não tinham considerado antes, um instável castelo de cartas. Ainda assim, como nenhuma dessas amizades perdurou, como nenhuma delas se consolidou em nada mais que aquele gesto inicial no baile, passei a desconfiar de uma razão diferente para a preocupação deles comigo naquela época.

A Perkins School era uma escola particular, lembro a você, uma pequena comunidade, e éramos vistos pelo restante de Baton Rouge como uma espécie de paraíso. Nesse sentido, éramos bastante desprezados pelos de fora, considerados crianças mimadas que não tinham noção da realidade, mesmo por aqueles pais que teriam vendido suas casas para oferecer aos filhos uma chance naquele santuário. Então era importante que estivéssemos à altura de toda a propaganda espalhafatosa. Ficar em uma sala de aula com uma carteira vazia por causa de um garoto passando por um turbilhão, em profunda depressão, não combinava com o folheto. O silêncio que se seguia ao meu nome na chamada. O espaço vazio na parede do Sr. Taylor onde deveria ter sido colocado meu trabalho de história. Todas essas coisas eram inaceitáveis. Portanto, era fundamental que eu voltasse à escola segunda-feira, para que eles pudessem esquecer o que minha tragédia os havia instigado a aprender.

Mas nem todos entraram nesse jogo. Lindy, por exemplo, não me deu condolências.

Ela chegou ao baile tarde, com um cara chamado Matt Hawk. Ele estava no último ano da McKinley High, uma escola pública conhecida por ser desordeira. Era o tipo de lugar do qual nós, alunos da Perkins School, debochávamos, não necessariamente por esnobismo, mas para aplacar nossos próprios medos de quanto duraríamos em uma escola onde brigas eclodiam no recreio, onde garotos inteligentes eram agredidos o tempo todo nos banheiros.

E como a McKinley não exigia uso de uniformes, nossas tentativas de rebeldia de alunos de escola particular pareciam tolas na presença deles. Eu tinha muitos problemas na Perkins, porque

minha franja caía em meus olhos, porque tinha um furo na orelha esquerda. Matt Hawk, por outro lado, usava um piercing prateado na sobrancelha. Uma argola preta no nariz. Ele era punk de um modo como nenhum garoto da Perkins jamais teria coragem de ser, e mesmo seu cabelo, grosso, para cima e descuidado, parecia não ser domado por nada. E na extremidade de seu braço musculoso, o braço de um futuro mecânico, talvez um marceneiro, havia uma série de pulseiras de couro preto. Além das pulseiras, sua mão tinha aparência forte e era repleta de veias. E, o pior de tudo, naquela noite, com sua mão, ele segurava a de Lindy.

Ela usava um vestido que eu descreveria mais como azul-metálico, e estava deslumbrante, embora tivesse se esforçado para esconder isso. Usava lápis escuro nos olhos, coturnos, e prendera os cabelos para trás, esticados e pouco atraentes como os de uma artista deprimida. No entanto, recuperara alguns quilos nos meses anteriores e, felizmente, não parecia mais uma bulímica. Seu maxilar ainda era pontudo e bem-definido. Sua raiva, chocante e impenetrável. Sua supremacia, para mim, era evidente.

Ela e Matt Hawk passaram a noite de pé no canto do auditório, como juízes. Pareciam muito mais velhos que nós. E suponho que as outras garotas, embora debochassem dela pelas costas, sentissem inveja de Lindy por aquela conquista. Vi grupos variados delas se aproximarem com cuidado do casal, apertarem a mão de Matt, lembrarem a ele de que já haviam se visto antes, mas ele fez ar de superior. É possível dizer que os acompanhantes estavam tão incomodados quanto eu com a presença dele.

Fiquei me perguntando como Lindy conhecera aquele cara. Quanto de si dera a ele? Quanto de sua vida eu perdera naquele ano?

Não conseguia tirar os olhos dela.

Em um intervalo da música, ela e Matt saíram discretamente com a banda, e, quando voltaram, riam como se estivessem chapados ou cheirados. Um grupo de atletas populares da Perkins School também ficou exasperado com a presença de Matt, e começou a circular a ideia de dar uma surra nele no estacionamento, como se para ensiná-lo algo sobre território. Mas essa fantasia durou pouco, já que mesmo os mais fortes entre eles deviam ter imaginado como

seria ser apanhado sozinho no estacionamento de um cinema por uma gangue vingativa de alunos de escola pública. Nessa situação sabíamos que não haveria sobreviventes. Ainda assim, falamos parecendo durões, como os garotos fazem.

O restante da Festa da Primavera foi um tédio.

Eu fingi me divertir observando Lindy. (Ela tentou uma vez fazer Matt dançar uma música do Guns N' Roses. Foi ao banheiro três vezes. Ela o abraçou pela cintura e ele se desvencilhou.) A única outra coisa de que me lembro do baile foi ver Randy, de quem eu me afastara (ele se tornara arrumadinho e atlético), lançando sua acompanhante por cima do ombro durante um cover de "Pretty Woman". Parecia feliz, e fiquei contente por Randy. Sempre quis o bem dele.

Então, antes que o baile terminasse oficialmente, os garotos populares começaram a ir embora. Nós, Julie Artista e eu estranhamente incluídos no grupo, tínhamos sido convidados para uma segunda festa, sem adultos supervisionando, que, como tudo no ensino médio, é quando as coisas ficam realmente interessantes.

A festa era de uma garota chamada Melinda Jones. A família dela, mesmo pelos padrões da Perkins School, era indecentemente rica. O pai era advogado e político, e essa posição aparentemente o tornava imune a todas as coisas, incluindo a criação da filha, de modo que a mansão de Melinda era considerada por nós um pouco mais que um bordel bem-mobiliado. Entenda, é claro, que para mim tudo isso era apenas boato. Eu nunca estivera lá antes daquela noite.

Então, estava animado.

Julie Artista e eu nos amontoamos em um carro com outros quatro garotos e, antes mesmo que tivéssemos saído do estacionamento da escola, engradados de doze cervejas quentes foram retirados de sob os assentos, baseados apertados e acendidos em poucos minutos. Eu me permiti. Julie Artista, por outro lado, parecia não ser afetada por essas coisas e recusou educadamente o álcool e as drogas como se não tivesse o menor interesse. Estava molhada de suor, feliz e sóbria, e eu podia sentir seu cheiro ao meu lado. Colocou a cabeça para fora da janela e tirou os cabelos pesados do pescoço. Senti uma estranha inveja dela e estava curioso com o que estaria passando em sua cabeça. O que ela pensava de mim, por exemplo, quando éramos crianças na Piney Creek Road? O que pensava de mim agora? O que pensava sobre tudo?

Não perguntei.

Na verdade, quando chegamos à casa de Melinda, eu já tinha quase esquecido que tínhamos ido juntos ao baile. As razões para isso eram previsíveis e evidentes. Eu tinha dezesseis anos. Minha irmã acabara de morrer. Lindy estaria na festa. Eu estava infeliz. Imaginei que aquela noite poderia ser a exceção.

Similar ao modo como costumávamos correr pelo campus no nono ano tentando construir alguma reputação, fantasiei que poderia dar o pontapé inicial para minha popularidade naquela festa, ao me estabelecer como uma espécie inferior de homem selvagem,

talvez até um pouco perigoso, alguém como os garotos mais velhos que eu vira na Perkins, que ficaram famosos como “festeiros” e pelos quais garotas como Lindy (eu esperava) eram atraídas quase inconscientemente. Alguém, eu sabia, muito parecido com Matt Hawk.

Então, quando entramos na festa, procurei por confusão.

Na sala de estar, sofás caros e mesinhas laterais antigas tinham sido encostados nas paredes, onde alguns garotos que não reconheci ajeitavam instrumentos. Pessoas tomavam a escada para o segundo andar e observavam enquanto eles se organizavam. Havia amplificadores, microfones, bateria e guitarras, e as coisas pareciam promissoras. Na cozinha, garrafas de bebida pela metade cobriam os balcões de mármore e, espalhadas pelo piso de ladrilhos, havia caixas térmicas cheias de gelo, repletas de todas as cervejas baratas que você podia imaginar. Natural Light. Miller High Life. Old Milwaukee. Uma das caixas térmicas em particular estava lotada de Rolling Rock, e as garrafas brilhavam dentro dela como esmeralda. Peguei uma, bebi com uma sede que não reconheci em mim mesmo e me senti corajoso. Depois, peguei outra garrafa, como se para parecer estar sempre tomando duas ao mesmo tempo, e me juntei às pessoas que estavam ao redor de uma piscina, fumando cigarros, alguns tragando, muitos não.

Sem pais e livres, estávamos iniciando nossa jornada rumo ao pandemônio naquela noite, e todos sabiam disso. Ficamos por ali, bebendo com nossas belas roupas, ainda limpas, e olhando para a piscina cintilante como se fosse a linha de chegada que todos sabíamos que seria. Falei com pessoas com quem pouco conversava e comecei a pronunciar as palavras indistintamente de propósito. Quando as pessoas perguntavam quão bêbado eu estava, dizia: “Estou apenas começando”, e elas me encorajavam. Fumei maconha em um bong de meio metro na sala de sinuca. Menti dizendo às pessoas que tinha comprimidos que gostaria de ter trazido, mas que havia esquecido em casa. Usei palavras como “quaaludes”, cujo significado eu não sabia exatamente, e tentei criar um clima de mistério. Quando ouvi a música aumentar do lado de dentro, ergui minha garrafa no ar e fiquei parado como uma estátua. Não deixei ninguém falar comigo até a música terminar. Em seguida

paguei a um cara cinco dólares por um maço de cigarro e fumei um atrás do outro, soltando quase sempre a fumaça pelo nariz para parecer durão, para parecer que nada poderia me incomodar.

Em uma hora todos estavam muito doidos.

Garotos de paletó começaram a brigar, e garotas flertavam com caras que não eram seus acompanhantes. Uma série de roteiros estudantis dramáticos e complicados logo começou a se desenvolver pela casa, e, em meio à loucura, um Jack Russell terrier (de Melinda, imagino) nadava na piscina, mordiscando os pequenos buquês do baile jogados fora e que flutuavam como velas em um funeral chinês. Vi dois caras subirem no telhado. Vi uma garota cair nos arbustos. E então, pelas grandes janelas panorâmicas do escritório que davam para a piscina, vi Lindy e Matt Hawk entrando.

Como faria qualquer pessoa apaixonada, tive um pensamento imediato e irracional sobre o que haviam feito na hora anterior (transaram no carro dele, ela o chupou na entrada de garagem, usaram drogas no banheiro de uma escola pública), e o pior de mim veio à tona. Eu me declarei oficialmente bêbado e comecei a cambalear. Eu me imaginei uma pessoa maior, fisicamente, e fantasiei sobre levar para cama qualquer garota que ousasse olhar para mim. Isso não foi um teatro completo. Como na época eu raramente bebia, as cervejas tinham deixado meu rosto dormente e me dado coragem. Entrei e observei a banda.

Eu tinha começado a tocar guitarra desde que Lindy virara gótica, lembre, então passei algumas músicas avaliando o guitarrista. E embora não seja de minha natureza sóbria me vangloriar, a verdade é que eu tocava bem. Esse foi o final de muitas noites sozinho com minha guitarra, eu imitando as músicas que imaginava que Lindy escutava, resultado de uma miríade de fantasias em que eu ocupava o centro do palco, com Lindy sob um holofote diante de mim. Suponho que nesse sentido eu era um verdadeiro Artista, como todas as pessoas que passam um tempo a sós com seu coração e sua mente e tentam diminuir a enorme distância entre eles.

Então, quando pareceu que a banda ia fazer um intervalo, perguntei ao guitarrista se poderia tocar uma música. Ele me

perguntou se eu realmente sabia tocar ou se estava apenas bêbado, e respondi algo estúpido como: “O papa caga no bosque?”

— Se você arrebentar alguma corda, chuto sua bunda magra na frente da garota que está com você — ameaçou ele.

— Relaxe — respondi, e fiz algumas escalas impressionantes para deixá-lo relaxado.

Então procurei por Lindy na multidão.

Quando a vi, ela se encontrava de pé no canto, discutindo com Matt, que parecia esperar algo, como se estivesse no consultório de um dentista. Seu tédio era bem-ensaiado e inabalável, e Lindy ficava cada vez mais animada, bebendo alguma coisa em um copo de plástico. Já parecia bêbada, e isso me agradou.

Eu me virei para a banda, aumentei o amplificador e toquei as primeiras notas de “Sweet Child O’ Mine”, do Guns N’ Roses, aquela que eu vira Lindy tentando convencer Matt a dançar na festa. A banda reconheceu a música, como todos da nossa idade, e acompanhou. Quando me virei de novo para a multidão, a música soando ainda melhor do que eu esperara, vi Lindy olhando para mim. Tinha inclinado a cabeça para o lado, como um cachorro avaliando um estranho, e rolou um clima entre nós, acreditei.

Depois, ela se virou para Matt de novo.

Mas esse gesto só me deu força, só deu forma aos meus pensamentos, e toquei melhor do que jamais havia tocado. Parecíamos profissionais, e tive sorte de o baterista e o vocalista serem bons. Não há nada melhor para um garoto sozinho no mundo com uma guitarra nas mãos, isso eu posso garantir. Então coloquei o volume no nível dez e deixei que meus cabelos caíssem sobre os olhos. Os garotos cantavam cada palavra em um coro forte, batendo os sapatos de couro no balaústre da escada, e faziam *air guitar* com suas ficantes. Vi a cabeça de Randy aparecer de repente pela porta da cozinha e ele me cumprimentar com uma garrafa de rum. Olhei outra vez para o baterista, que sorriu; o baixista, que anuiu, e enquanto a janela para o jardim ficava lotada de rostos atentos, mergulhei em mim mesmo para fazer o solo.

No lugar que encontrei lá dentro, o mundo que imaginei, Lindy ficava cada vez mais admirada comigo. Como o garoto que ela conhecera, tão meigo e tímido em seu bairro, se tornara aquele

homem que se encontrava diante dela, tocando uma música que ela adorava? Como negligenciara as óbvias semelhanças entre os dois? Como não percebera que ele podia ser tudo para ela, perigoso se ela quisesse, doce quando precisasse?

Mais ainda, como fora tão tola de permitir que outros homens a conhecessem quando aquele que a havia conhecido primeiro não se afastara? Como? Eu a vi pensar sobre si mesma naquele lugar. Por quê?

Por que não?

Essa era minha fantasia.

A realidade é que quando abri os olhos, a casa balançava. Garotos pulavam para cima e para baixo no mesmo lugar enquanto o vocalista começava a soltar os característicos lamentos de Axl Rose acima da música em crescendo: *Where do we go?*, cantava Axl. *Where do we go now?* Aonde vamos? Aonde vamos agora?

Naquela idade, era a melhor pergunta que já tínhamos ouvido.

Então, permaneci firme no carpete felpudo e dei aos meus iguais o que eles queriam. Flexionei cada músculo. Finalmente, com a música chegando ao fim, vi Lindy dançando sozinha, seu par desaparecido como se eu o tivesse expulsado de minha terra, e pedi à banda para tocar mais um compasso, para garantir.

Eles entenderam meu desejo, e arrasamos.

Ah, Deus. Isso.

Isso é Romance. Isso é Memória. Isso é tudo de bom.

Não durou muito.

Depois da música, durante um breve momento fui como um herói.

As pessoas iam até mim e apertavam minha mão. Serviam doses de vodca e tequila em chamas, e eu bebia. Eu me tornara um marco da noite, aparentemente, um norte, já que em minha bravura eu, de maneira muito ousada, proclamara ao microfone que toda cerveja Rolling Rock naquela casa passara a ser minha, e que apenas os tolos tentariam me impedir. À medida que a noite avançava, as pessoas me perguntavam em qual cerveja eu estava, e a resposta ficava cada vez mais exagerada. Acabei na sala de jogos do segundo andar, jogando sinuca com uma garota que nunca tinha visto antes e construindo uma pirâmide de garrafas verdes em cima de uma máquina de pinball. Já passava muito das duas da manhã, e o grupo de jovens bonitos do baile tinha envelhecido e se transformado em executivos de aparência exausta, as gravatas frouxas ao redor do pescoço, os cabelos desgrenhados. Eu estava bêbado de verdade, pela primeira vez na vida, e pensando em como poderia ter ficado satisfeito com outra coisa.

No andar de baixo, a banda finalmente parara de tocar, e o clima agora era uma mistura de coisas: um bêbado esmurrando a bateria que fora deixada lá, uma garota gritando com o ficante e um disco de Michael Jackson no máximo. Havia muito os garotos tinham começado a fumar cigarros também dentro de casa, batendo as cinzas em vasos de porcelana, de modo que a sala de jogos do andar de cima parecia um bar. Quatro ou cinco caras jogavam video game no grande telão na parede mais distante, e Trent Wilker, um garoto corpulento que era atacante no futebol americano, estava apagado embaixo da mesa de sinuca. De vez em quando, eu ouvia alguém berrar sem motivo. Era esse tipo de noite. As coisas pareciam ótimas lá em cima.

Então Lindy entrou e tudo mudou.

Ela parou junto ao batente da porta da sala de jogos e se apoiou nele.

Eu não fazia ideia do que acontecera em sua vida desde que eu tocara minha música para ela, desde que me tornara um cara importante ali, já que havia feito de tudo para posar de durão e ignorá-la. Ainda assim, tinha a sensação de que não tinha dado certo. A prova era que seu vestido estava coberto de manchas nos pontos em que a bebida caíra — Jägermeister, talvez, ou uma cerveja densa e marrom. A maquiagem preta borrada sob um de seus olhos dava a ela a aparência de um jogador de futebol americano. Ela esquadrinhou a grande sala como se tivesse esquecido por que subira até lá, e então, finalmente, olhou para mim. Sorriu.

Eu sorri de volta.

— Ei, você — disse ela, e lá estava, o final do meu ano mais solitário.

Vou lhe poupar de todas as fantasias que você pode imaginar que tomaram conta de mim naquele momento: nossas confissões sentimentais, nossas longas conversas sobre amor condenado e desentendimentos épicos, como havíamos desperdiçado tanto tempo sem nos falar. Nenhuma dessas possibilidades se tornou realidade.

Em vez disso, vou lhe dar apenas as palavras:

— Oi, Lindy — respondi.

Ela levou muito tempo para dizer algo.

— Veja só quem está aqui — falou e foi na minha direção.

Seus coturnos estavam desamarrados. Ela me abraçou, eu a senti cair sobre mim, pressionando o meu peito para se equilibrar, e inspirei um cheiro que não conhecia. Era um cheiro a que seria apresentado depois na faculdade: o hálito adocicado de uma garota bêbada, o odor ainda não calcinado de um cigarro recém-fumado. Na época, porém, esse aroma era um doce mistério, e gostei dele.

Eu a ajudei a se equilibrar e olhei nos olhos dela pela primeira vez em muito tempo.

Infelizmente, vi muito pouco ali.

Lindy estava presente, sem dúvida, de pé bem diante de mim, mas nada em sua fisionomia confirmava isso. Ao contrário, seus olhos observavam meu rosto de modo amigável, como se avaliasse um desenho de criança preso na porta da geladeira por um ímã. Ela

sorria, é claro, mas eu não tinha ideia do motivo. Hoje, quando volto a pensar naquilo, ela me lembra as muitas mulheres que eu iria conhecer apenas brevemente na vida, embriagadas, e suponho que essa noite seja o motivo pelo qual nunca tenha me arriscado a conhecê-las melhor. Porque quando, depois, vi esse mesmo olhar em outras mulheres — lamentável, vulnerável, imediatamente acessível —, eu sabia que não haveria futuro para nós.

Quanto a Lindy, ela cambaleou, recuperou o equilíbrio e apertou meu braço.

Flexionei o bíceps como um idiota apaixonado.

— Veja só o astro do rock — disse ela.

— Quem, eu?

Reagi com um sorriso, e ouvi alguém atrás de mim dizer: "*Ah, por favor.*"

Eu me virei e vi a garota com quem estava jogando sinuca revirar os olhos para Lindy, esperando que eu fizesse minha jogada. Esse gesto pareceu inacreditavelmente grosseiro, demasiadamente ignorante, mas era apenas uma das muitas vulgaridades que os garotos naquela sala propiciavam. Os caras nos sofás também olhavam para nós, percebi, e debochavam de Lindy. Ela estava um lixo, sem dúvida. Compreendi depois que eu deveria ter entendido isso como um sinal de que precisava acompanhá-la ao banheiro, lavar seu rosto com uma toalha macia e cuidar dela. Mas eu só queria conversar com ela, ficar com ela, e queria desesperadamente. Portanto, cometi muitos erros.

Disse a primeira coisa que me ocorreu.

— Onde está aquele cara legal? Onde está Matt?

Lindy fez uma careta como se não soubesse de quem eu estava falando. Depois se virou para coçar alguma coisa nas costas e cambaleou outra vez para a frente. Ela me empurrou contra a mesa de sinuca e derramou um suco vermelho de novo na minha camisa. Segurou meus braços, então rimos.

— Eu conheço você — disse ela.

— Eu sei — retruquei, e sorri. — Também conheço você.

— Não — falou. E prosseguiu com um tom mais baixo: — Quero dizer, sei o que você faz.

Senti um pânico a respeito do que aquilo podia significar. Ainda assim, me fingi de tímido. Tentei flertar.

— Você sabe o que faço? — perguntei.

Lindy assentiu.

— E o que seria?

Ela chegou mais perto de mim e parou. Ficou na ponta dos pés para falar, o rosto junto ao meu. Senti sua respiração quente em minha orelha.

— Vamos para algum outro lugar — sussurrou ela.

Eu não estava preparado para aquela sugestão.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei.

Lindy olhou de novo para mim, não diretamente, mas em torno de onde achava que meu rosto deveria estar. Depois, deu um sorriso idiota, a um milhão de quilômetros, e se inclinou para sussurrar de novo.

— Eu sei que você me quer — falou, e senti seus lábios em meu pescoço. — Vamos para algum outro lugar.

Como posso explicar a enorme decepção?

Não foi Lindy dar em cima de mim que tornou o comentário tão deprimente. O segredo, afinal, não era bem guardado. Naquele ano, eu fizera de tudo para que ela soubesse dos meus sentimentos. Deixara escapar para amigos em conversas aleatórias sobre quem gostaríamos de levar para a cama, quem merecia a dedicação de nossos desajeitados desejos. Também me vestira como ela e correra pela calçada diante de sua casa, como um aluno bastante ferrado em um filme de amor adolescente. Mandara os cumprimentos mais gentis pela Sra. Peggy, sua mãe. E embora ela não soubesse disso, embora fosse possível ela não ter sabido de *nada* disso, também passara inúmeras noites empoleirado em uma árvore diante de sua casa, observando a sombra dela brincar por trás das cortinas brancas do quarto e rezando para que ela as abrisse.

O que quero dizer é: se existe essa coisa de vibrações, eu as tinha enviado.

Então, não é como se ela tivesse me desmascarado.

O problema era que ela obviamente não entendia o que tinha descoberto.

“Vamos para algum outro lugar”, dissera, como se fosse simples assim. “Eu sei que você me quer”, sussurrara, como se querer fosse a mesma coisa que precisar.

Fiz o que pude para detê-la.

Não deu certo.

— Não, não quero — falei.

Lindy colocou as mãos em minha barriga. Apoiou-se em mim como se caísse no sono.

— Vamos. Você e eu — insistiu.

— Lindy, acho que você está bêbada.

Eu não devia ter dito isso.

Ela se empertigou e olhou feio para mim. Estreitou os olhos como se alguém tivesse acendido as luzes.

— Você está de sacanagem comigo, cacete? — falou.

Então se afastou e virou na direção dos outros garotos no cômodo. Vi um chupão arroxeado, no formato de um continente, no pescoço dela. Parecia furiosa e mesquinha, e uma veia azul saltou em sua testa. Apontou para mim e disse a eles:

— Esse cara. Esse cara fica me olhando o tempo todo. Vocês não podem confiar nesse filho da puta.

— Lindy, do que você está falando? — perguntei.

Ela me encarou, severa, e mesmo agora me pergunto se Lindy sentia que finalmente tinha resolvido as coisas entre nós. Se talvez o *verdadeiro* motivo pelo qual não falara comigo por tanto tempo não fora apenas por eu ter contado sobre o estupro, mas também por minha adoração ter ficado óbvia demais para que ela pudesse suportar. Afinal, não há nada pior do que ter de lidar com um amor que você não pode corresponder, há? Então talvez achasse que me delatar poderia funcionar, poderia enfim me afastar totalmente dela, acabar com qualquer admiração que tivesse sustentado por ela por tanto tempo. Ficou na minha frente depois de ter dito isso, ofegante e esperando minha defesa.

Não tive a chance de responder.

Ao fundo, um dos caras sentados no sofá falou:

— Vá para casa, sua vagabunda bêbada.

A sala se encheu de risos. E, com isso, meu coração se partiu por causa de Lindy — morreu por ela — pela primeira de duas vezes

naquela noite.

Lindy olhou feio para os caras, dois atletas metidos que, imagino, já a haviam descartado muito antes, considerando-a uma piranha, uma garota que não merecia nada além de desprezo, e ela arremessou o copo na direção deles, derramando suco vermelho na mesa de sinuca. O gesto não teve resultado. Os caras apenas riram mais e voltaram sua atenção ao jogo.

Lindy saiu da sala pisando forte.

— Por que você fala com essa puta? — um dos caras me perguntou.

— Não a chame assim — respondi, e fiquei ali pilhado, pronto para defendê-la novamente.

Eles não se interessaram pela discussão.

Então, não tendo mais o que fazer, deixei minha cabeça mergulhar no que acabara de acontecer. Eu queria correr atrás dela, claro, esclarecer as coisas. Na verdade, queria que a cena toda se repetisse. E a verdade é que, naquele momento, quando eu tinha dezesseis anos, se pudesse fazer tudo de novo, provavelmente teria recriado o episódio para que terminasse comigo e Lindy nos beijando no banco de trás de um carro, em um banheiro, ou talvez abraçados na mesma mesa de sinuca sobre a qual ela me pressionara. Fiquei raivosamente pensando em por que deixara a oportunidade escapar de minhas mãos e não consegui imaginar como poderia surgir outra. Então joguei meu taco na mesa, fui até o banheiro e tranquei a porta.

Fiquei furioso ali dentro.

Arremessei coisas inconsequentes como rolos de papel higiênico e escovas de dentes, embora não conseguisse causar nenhum dano real. Passei longos minutos diante do espelho, xingando meu rosto bêbado e cheio de espinhas. Cuspi na pia como um cara durão faria e reconheci pouco do meu próprio reflexo. Seu veadinho de merda, xinguei a mim mesmo. Seu perdedor de merda. Mas não senti nenhuma ligação com essas palavras enquanto as dizia, nenhuma ligação com nada.

No final, a raiva diminuiu e me senti esperançoso.

Afinal, ela *tinha* falado comigo, não tinha? Demonstrara algum desejo, não importava quão embriagada ou desajeitada tivesse sido.

Isso com certeza significava algo. Comecei a pensar no número de caras na festa e em por que, de todos, ela me escolhera. Mesmo adolescente, eu sabia como o álcool liberava os desejos mais íntimos. Então, talvez houvesse algo em que acreditar por trás de tudo. Não era um delírio. O álcool também me dera a confiança para tocar para ela naquela noite, para pegar a guitarra de um estranho e arrasar. Esse tipo de estrelato não passava de fantasia antes daquela festa, antes da bebida, então talvez ela se oferecer na sala de sinuca fosse algo parecido. Talvez ela *estivesse* observando todos aqueles dias enquanto eu caminhava pelas calçadas da Piney Creek Road. Talvez também estivesse apenas esperando o momento certo para falar.

Sim, pensei, *tudo isso*.

Lavei o rosto na pia. Enxaguei a boca. Arrumei o banheiro. E quando saí, a festa tinha terminado.

Alguns retardatários ainda repousavam nas poltronas reclináveis de couro, mas o único ruído que eu podia ouvir vinha do lado de fora, e depois soube que havia começado uma briga lá porque Matt Hawk transara com a acompanhante de alguém. Então saí cambaleando pela casa imunda, cheio de adrenalina, e esbarrei em um cara com quem costumava jogar futebol.

— Você viu Lindy? — perguntei.

E ele riu.

— Da última vez que a vi ela estava de pé ali, tentando transar com Chris Macaluso.

— O quê? — reagi. — Impossível.

Chris Macaluso era um garoto comum. Reserva do time de basquete. Lembro-me de uma história sobre os pais não permitirem que ele tomasse refrigerante. Tudo isso para dizer que era bem legal, acho, mas nada marcante no cenário do ensino médio. Então esse foi um grande choque. Com certeza os olhos do meu amigo o haviam traído. Com certeza ele confundira Lindy com alguma outra beldade embriagada. Com certeza não estava tudo perdido.

Fiz o que pude para tirar essa imagem da cabeça e saí para fumar o último cigarro amassado do maço que comprara mais cedo naquela noite. Ali, vi a piscina, cintilando e cheia de lixo, e na extremidade mais distante também vi Lindy. Estava esparramada

em uma espreguiçadeira, apagada por causa da bebida. Não havia mais ninguém por perto.

Imaginei que era minha chance.

Fui até lá e puxei uma cadeira.

Ali, apenas nós dois, finalmente pude estudar o corpo dela.

Suas pernas, ainda bem-definidas e esguias de seus anos de corrida, de suas antigas brincadeiras na Piney Creek Road, da juventude, estavam caídas para os lados da espreguiçadeira. Os braços, jogados sobre os apoios. Ela parecia ter sido lançada ali de uma grande distância, e os cabelos cobriam a maior parte do rosto. Enquanto examinava o corpo, notei que a barra do vestido estava erguida bem acima do joelho, expondo o lado interno das coxas, e vi ali o que parecia a ponta de uma cicatriz.

Verifiquei ao redor para garantir que não estava sendo observado, que aquilo não era alguma armação. Não era. Minha única companhia era o Jack Russell terrier, que andava em volta da beirada do trampolim, esperando uma festa que não recomeçaria. Então olhei mais uma vez para a coxa de Lindy, o músculo perfeito, a pele macia, e, em um ato de que não me orgulho, me inclinei para a frente e empurrei o vestido mais para o lado com a mão.

Foi então que vi uma série de cicatrizes finas, como se feitas com gilete, mais brancas que a pele já branca, e que paravam mais ou menos a dois centímetros da calcinha preta. Fiquei pensando em que tipo de dor leva uma pessoa a fazer isso. Em qual cômodo da casa dela isso tinha acontecido? Em qual dia eu a vira sair pela porta da frente com talvez um pequeno vacilar no passo, uma fina linha de sangue no short?

Sem pensar, comecei a tocar gentilmente as cicatrizes com a ponta dos dedos, e elas pareciam cordas na pele. Eram mais macias que qualquer outra coisa que eu conhecia. Então as acariciei. Contei, e eram quatro. Então comecei a pensar em qual seria o gosto daquelas finas cicatrizes, qual poderia ser a textura em minha língua, e em um momento de puro terror ergui os olhos para Lindy. Novamente me ocorreu que poderia ser uma armadilha. Que logo pessoas sairiam dos arbustos: minha mãe, os pais dela, a polícia. E me ocorreu que ela ainda poderia estar acordada.

Não estava.

Na verdade, notei que já devia estar apagada havia algum tempo, talvez desde o momento em que tinha me deixado no segundo andar. Sabia disso pelo modo como as pessoas haviam zombado dela, jogando garrafas e maços vazios de cigarro sobre seu vestido, e sem dúvida tirando fotografias dela para a posteridade.

Mas havia algo mais.

Em meio à diversão, alguém escrevera no rosto de Lindy com canetinha preta. Eu podia ver as pontas das letras sob os cabelos desgrenhados, e imediatamente soube que aquilo não era a brincadeira inocente que fazíamos uns com os outros ao dormir fora de casa, garotos desenhando narizes de palhaço ou bigodes de gato no primeiro que caísse no sono. Não era nada inofensivo assim. Depois que delicadamente afastei os cabelos de seu rosto, vi que era apenas uma palavra, escrita em maiúsculas sobre sua testa, dizendo:

FARSA.

Ao ler isso, meu amor por Lindy se multiplicou em formas completamente novas. Senti pena dela, e me senti destruído por ela. Senti raiva de quem tinha feito aquilo e culpado por ter reparado apenas naquele momento. Queria desesperadamente continuar a tocá-la, mas também queria rir dela, dizer algo cruel como *Veja o que você ganhou por não me amar*. O que fiz foi puxar o vestido dela para baixo, sobre a coxa.

Eu me senti mal.

Atrás de mim, ouvi um garoto aumentar o rádio do carro na entrada da garagem. Ouvi adolescentes bêbados rindo, cantando uma música que me lembro como “Fuck tha Police”, do grupo de rap N.W.A. Logo Julie Artista virou a esquina e olhou para mim. Não pareceu achar nada estranho, nada significativo, no modo como eu me debruçava sobre Lindy. Simplesmente me informou que nossa carona tinha nos abandonado e que ela ia andando para casa. Contou que um vizinho acabara de sair de roupão dizendo que ia chamar a polícia. Falou que a coisa toda era idiota.

— Ok — falei. — Eu alcanço você.

Olhei de novo para Lindy, sabendo que se ninguém fizesse nada de novo ela só seria acordada quando a polícia chegasse lá, seria descrita nos registros policiais como “inconsciente” e “menor de

idade”, então tentei inutilmente apagar a canetinha preta de sua testa. Lambi o polegar e esfreguei a tinta como um pai faria. Usei minha bela camisa social, minha gravata. Nada do que fiz conseguiu apagar a tinta, e nada do que fiz despertou a menina. Então ergui-a pelos ombros e a arrastei para trás de um grande arbusto de azaleias com flores rosa, no canto mais distante do jardim.

Eu a pousei suavemente no gramado e vi o luar bater em suas pálpebras, ainda com uma cor prata cintilante, e enquanto ficava ali observando seus olhos se movendo freneticamente sob elas, imaginei que estava ocupada vendo as coisas de um mundo inteiramente diferente em um sonho profundo e inquieto, e depois fui embora.

Eu corri para casa.

O que se seguiu à morte de Hannah e à Festa da Primavera foi um verão de visitas, Bo Kern sendo inocentado do estupro de Lindy, e a prisão e o escândalo público do serial killer Jeffrey Dahmer. E também o som caloroso da respiração de Lindy no meu telefone.

As visitas vieram principalmente na forma de parentes bem-intencionados cheios de remorso que, como minha irmã Rachel, imagino, sentiam algum pedido de socorro invisível sendo enviado pela minha mãe, algo que eu era novo demais para captar. Quando penso naquilo hoje em dia, consigo ver, é claro, como agir com alegria na minha presença demandava toda a energia de minha mãe, como, também, ela se tornara mais religiosa e recolhida. Como passara a tomar café em uma caneca lascada com a frase “Hoje é o primeiro dia do resto de sua vida”. Mas eu não percebia ou sequer compreendia tudo isso na época. Era apenas um simples adolescente americano naquela época. Estava apaixonado por uma garota que não podia ser amada.

As visitas em minha casa eram principalmente de primos, tias e tios, e velhos amigos da família que apareciam em turnos para ter longas conversas sérias com minha mãe no escritório. Quase sempre passavam a noite, o fim de semana, alguns deles contentes por pelo menos oferecer a ela algo para fazer. Meu pai fora generoso, ou recebera uma ordem judicial, dependendo de para quem você perguntava, e nos deixara a casa e passara a pagar pensão alimentícia, educação etc., de modo que minha mãe pôde arrumar um emprego de meio expediente como vendedora de bolsas em uma loja de departamentos apenas para se manter ocupada depois do divórcio, mas pediu demissão quando Hannah morreu. Parecia acordar apenas para ansiar pela hora de voltar para a cama, nesse ínterim afavelmente me fornecendo refeições, e passava as tardes sentada sozinha em cômodos estranhos de nossa casa, como se os testasse. Mas nunca reclamou comigo. Nunca pediu minha ajuda.

Contudo, eu era lembrado da tristeza de minha mãe, seu estado lamentável, quando as mulheres que a visitavam me chamavam de lado e tocavam meu ombro, me cumprimentavam e diziam à minha mãe como eu estava ficando bonito. Ou quando os homens que acompanhavam essas mulheres se sentavam ao meu lado no sofá, assistiam a um pouco de televisão e enfim diziam o que parecia demandar deles um enorme nível de coragem. Algo como “Era uma garota especial, a sua irmã”.

Ou como meu avô, pai da minha mãe, me disse certa vez:

— Não é natural, sabe, enterrar um filho. Isso me deixa preocupado.

Aquele era um homem que perdera a própria esposa, minha avó, depois de um grave derrame, quando eu era apenas um bebê. Um homem que vira metade do seu pelotão morrer na Segunda Guerra Mundial e tatuara seus nomes no bíceps.

— O que você precisa entender é que sua mãe realmente precisa de você agora — disse ele.

— Eu sei — respondi.

Mas o que eu deveria fazer? Lavar a louça? Cortar a grama?

Não havia como devolver o que tinha sido levado, e talvez esse saber específico tenha sido a única coisa que a crescente agitação em minha casa tenha me dado. Porque, mais que qualquer coisa, o que essas pessoas deixavam claro era que a tragédia pela qual minha mãe estava sofrendo era inalcançável e incompreensível para mim, não importando quão próximo eu estivesse dela. Era algo que nem mesmo as visitas conseguiam imaginar, me disseram — a perda de um filho —, e eles próprios eram pais. E, no final, essa sensação de futilidade fez com que eu me sentisse mais distante de minha mãe que próximo dela.

Então, pensei, que chance eu tinha de remediá-la?

Contudo, esse verão não foi inteiramente desprovido de promessa ou agitação. Eu me vi, por exemplo, afetado para sempre pelo meu tio Barry, o irmão da minha mãe, que antes talvez eu vira apenas uma vez na vida. Ele apareceu à nossa porta sem avisar em uma sexta-feira quente com uma maleta surrada e um Dodge Charger, dizendo que só planejava passar o fim de semana. Mas no mês que morou conosco, confundindo nossa casa silenciosa com seu riso

frequente, com os discos de rock clássico que tocava em nossa sala de estar, eu cresci de modos complicados.

Foi entre junho e julho, quando o calor da Louisiana se abate sobre todas as coisas vivas, e eu não falara com Lindy desde o baile em abril. Parte de mim esperava que ela me ligasse, agradecesse por não se aproveitar dela e confessasse que não era apenas papo de bêbada que a fizera me querer naquela noite. Mas tinha medo de que, se eu a abordasse, poderia descobrir que a verdade era o oposto disso. Portanto, passava meus dias principalmente dentro de casa, jogando *Super Mario Bros*. e palhetando minha guitarra com o amplificador desligado. E quando a escuridão chegava, eu passava as noites no quarto da minha irmã Rachel assistindo a programas como *Blossom* e *Três é demais* em uma televisão pequena que ela trouxera de Lafayette para casa.

Ela passara a assistir apenas a coisas com “bons valores cristãos”, dizia, de modo que sempre que saía do quarto, eu sintonizava sua pequena televisão em programas bregas como *Um amor de família* e *Geraldo* apenas para irritá-la. Imagino que na época queria que ela se preocupasse comigo, rezasse por mim. Se não fosse isso, pensava, sobre o que mais iríamos conversar?

Hannah não era uma opção. Falávamos demais sobre ela sem palavras, mas com ações: Rachel largando a faculdade e voltando a morar em seu velho quarto, eu sentando ao lado dela para assistir à TV, nossa mãe passando e se arrastando por nós no corredor e a porta de seu quarto se fechando silenciosamente. Isso era conversa suficiente para nós dois.

Mas tínhamos muito sobre o que conversar quando meu tio Barry chegou, e nesse sentido ele foi uma distração bem-vinda. Com pouco mais de quarenta anos na época, ele era um mistério para mim, assim como seus atos em geral. Era um homem bonito, do modo como lembro dele agora, mas não se comportava como tal. Mantinha uma barba loura por fazer no queixo, uma cobertura desgrenhada da mesma cor na cabeça, e sempre me parecia ter acabado de sair da chuva, como se o vento soprasse onde ele estivera. Lembro de que usava nada além de camisas cáqui e calças jeans, como a fusão perfeita de um caçador de animais selvagens e um carpinteiro desempregado, e também lembro de

que carregava consigo um velho ioiô Duncan. Era uma coisa amarela resistente que ele com frequência tirava do bolso para acariciar, como velhos cavalheiros faziam com seus relógios de bolso. Isso apenas aumentava o mistério.

Mas tudo que eu sabia com certeza era de que, anos antes, ele se casara com uma mulher que ninguém da família conhecia muito bem. Minha mãe dizia que ela entrara na vida dele e assumira o controle de tudo, da forma como um administrador de empresas faz quando surgem problemas. Haviam se mudado para Utah, Nevada, e depois Arizona, acompanhando o trabalho dela como professora-assistente de teatro. E como Barry nunca tinha sido de se prender a um emprego, esse tipo de vida combinava com ele. Na verdade, parecia confortável em quase qualquer situação.

Quando lhe mostramos o pequeno quarto de nossa casa onde ele ia ficar, por exemplo, o antigo escritório de meu pai com um sofá-cama, ele colocou os pés para o alto, fechou os olhos e disse:

— Quando fecho os olhos, é como se estivesse no Windson Court.

Ou quando minha mãe de início perguntou por que Sharon, sua esposa, não viera, ele apenas sorriu e disse:

— Calma, Kit Kat. — Aquele era o nome pelo qual chamava minha mãe. — Haverá muito tempo para isso mais tarde.

Mas nunca o ouvi tocar no assunto de novo. Pelo que posso dizer, ele também não mencionou a morte de Hannah. Pode ter havido conversas sobre minha irmã das quais não tive conhecimento, é claro, coisas profundas e adultas que transcorreram entre ele e minha mãe, mas de algum modo duvido disso. Aparentemente apenas sua presença correspondia aos seus pêsames, como se dissesse: “Ei, irmãzinha, você sabe que é algo ruim se estou aqui.”

Mas ele fez muito por mim nessa época, e talvez essa sempre tenha sido sua missão. Nunca perguntei à minha mãe se talvez ela secretamente o chamara para cumprir seu dever, como tinha feito com meu pai um ano antes, e não perguntarei. Mas ele logo se tornou meu amigo naquele verão quente, quando tinha me afastado de tantos outros amigos e ainda não estava falando com Lindy, aquela em que eu mais pensava.

A partir do momento em que meu tio Barry passou pela porta, senti que estávamos partilhando um segredo. Acho que havia algo no rosto dele, seu sorriso enormemente inexpressivo e despretensioso, que me atraiu. Ele fez com que eu perdesse o medo do mundo e, com isso, me fez perceber quanto medo do mundo eu sentia. Nos momentos em que minha mãe ficava tensa e distante, por exemplo, ele fazia coisas como brincar com ela dizendo que íamos tomar umas cervejas geladas, quando tudo o que realmente faríamos seria sentar na varanda da frente e conversar. Eu o via soltar seu ioiô Duncan e o deixar girar a menos de três centímetros do chão sem o puxar de volta, e me sentia mais velho perto dele, sem a sensação de desconforto que tinha com outros homens de sua idade, como meu pai. Quando depois contei isso à minha mãe, após ele ter partido e eu me queixar de que queria que tivesse ficado, ela falou que isso era provavelmente porque o próprio Barry nunca tinha crescido, que talvez em sua mente ainda tivesse mais ou menos a minha idade.

A prova disso jamais foi dita, nem explicada, mas a vi no modo como minha mãe revirava os olhos sempre que eu contava uma história dele, como quando jogou o carro de um amigo em uma vala em El Paso e depois, tentando retirá-lo, acabou esmagando-o com uma empilhadeira. Ou quando disse que um periquito o seguira por um ano, pousando em seu ombro e o protegendo sem nenhum motivo aparente. Ou o inverno que passara no Alasca, onde, segundo ele, todos os cães eram bonitos e todas as mulheres, raivosas. Para você saber, essas foram apenas algumas de suas histórias improváveis, mas minha mãe parecia não se impressionar com elas.

Contudo, meu tio Barry tinha levado uma vida que me parecia gigantesca e imprevisível, exatamente o oposto do que um adolescente sente, e passei a idolatrá-lo. E embora minha mãe me dissesse para não acreditar totalmente em tudo o que ele contava, nunca duvidei de verdade de suas histórias do modo como desconfiava das de pessoas como Tyler Bannister ou Jason Landry ou mesmo meu próprio pai, pois ele não estava tentando ser engraçado ou cruel ou impressionante quando as contava. Ao

contrário, narrava as histórias como se ainda fossem tão surpreendentes para ele quanto no dia em que tinham acontecido.

— Eu também não conseguiria acreditar, mas lá estava eu — dissera.

Porém havia dias na varanda em que um carro subia nossa entrada de garagem e o tio Barry me deixava para conversar com o homem ao volante. Com frequência por apenas um minuto ou dois, algumas vezes rindo, outras apenas trocando o que me parecia ser um aperto de mão, e outras vezes batendo o punho no carro como se sentisse dor. Quando perguntei sobre isso ele descartou a visita, dizendo ser um velho amigo, alguém falando sobre um possível trabalho.

E como Barry era uma espécie de faz-tudo, com frequência desaparecia por dias, trabalhando em “serviços de construção”, como os chamava, pois os subúrbios de Baton Rouge estavam em expansão na época. Eu passava esses dias sem ele me sentindo especialmente perdido e confuso, como o único homem são em uma casa cheia de mulheres chorosas. O que tornava tudo isso pior era que quando Barry voltava desses serviços sempre agia de forma mais estoica e resignada. Uma mulher o deixava na nossa calçada, nunca entrando na casa, e eu perguntava quem era.

— Quem, ela? Ela foi o erro número trezentos e oitenta e quatro — dizia ele.

Ri disso até me dar conta de que, na vez seguinte, era o erro número trezentos e oitenta e cinco, depois oitenta e seis e assim por diante, e ter a sensação de que era uma conta precisa. E nesses momentos nossas conversas joviais na varanda se desviavam das coisas visíveis ao nosso redor para questões que não tinham origens ou respostas evidentes. Ele passava vários minutos sentado, os grilos cantando a distância, e pronunciava o que para mim parecia serem verdades impossíveis. Uma delas, lembro, sobre dormir e amor.

— Você gosta de dormir? — perguntou ele. — Quer dizer, gosta de simplesmente ficar deitado o dia inteiro na cama? Talvez passar um fim de semana inteiro só dormindo?

— Na verdade, não — respondi. — Quer dizer, acho que não.

— Nem eu. Então, o trato é o seguinte: o que você precisa fazer é arrumar uma mulher que adore fazer isso. Porque se você gostar de dormir o dia todo e ela também, vocês nunca farão nada. Mas o pior é se nenhum de vocês gostar de dormir, se os dois não conseguirem ficar deitados sem fazer nada.

— E aí? — perguntei a ele.

— Aí vocês nunca estarão na cama ao mesmo tempo — respondeu. — E você acabará como eu.

Eu não tinha ideia de o que ele queria dizer com isso, já que ser como ele me parecia uma possibilidade maravilhosa. Ainda assim, naquele momento ele parecia estar lidando com algum problema na cabeça que não tinha qualquer relação comigo, com minha mãe ou Piney Creek Road, e parecia triste. Então eu disse coisas ingênuas. Tentei encorajá-lo.

— Estou certo de que é diferente para pessoas diferentes — falei. — Quer dizer, tenho certeza de que algumas vezes tudo dá certo.

— Não. Essa é a questão. O amor é sempre igual para todo mundo.

Isso, você precisa entender, era o oposto de tudo o que eu tinha ouvido. Eu assistira a filmes em que as pessoas de bom coração ficavam juntas. Escrevia poemas de amor para uma garota que não falava comigo. Acreditava, sem sarcasmo, em almas gêmeas. Por Deus, eu era um garoto de escola particular nos Estados Unidos, e achava que, se eu tentasse, conseguiria fazer o que quisesse. Amor verdadeiro, casamento feliz e filhos saudáveis eram inevitáveis.

— O amor é igual para todo mundo? — repeti. — Isso é deprimente.

Ele pensou por um tempo.

— Acho que você pode ter me entendido mal. Vamos colocar assim: você está apaixonado por uma garota agora?

Eu sorri, ou talvez tenha feito uma careta, e isso me denunciou.

— Certo. O que estou dizendo é o seguinte: essa garota de que você gosta agora, você *sempre* vai amá-la. De uma forma ou de outra. Ela ou alguém como ela. O amor nunca muda. Você pode ter cinquenta anos e se ver fazendo as coisas mais loucas por uma mulher que você acha que não tem nada a ver com aquela primeira,

mas tem. Sempre haverá alguma ligação, garanto. O amor *nunca* muda. Então o segredo é escolher um bom para começar. Se fizer isso, então não tem nada de deprimente.

Eu me inclinei em minha cadeira e pensei nisso. Apoiei os cotovelos nos joelhos como um velho em um píer de pesca.

— Mas e se você *não* escolher um bom? — perguntei. — E se a pessoa em quem você baseia todos os seus amores for a errada?

— Bem, então você acaba sendo o que chamam de grande maioria.

Olhei para a casa que ficava do outro lado da rua, duas portas adiante, e não disse nada por um tempo. Meu tio me deu seu velho ioiô Duncan.

— Vá em frente, cara — disse ele. — Fale sobre ela. Estou escutando.

É fácil disfarçar a agonia.

Dizem que isso acontece com as mulheres e o parto, quando elas experimentam uma dor incomparável. Pergunte como se sentem durante o processo e você receberá olhares fulminantes, respostas com palavras de baixo calão, dignas de marinheiros. Pergunte alguns meses depois, quando estiverem embalando a criança, ou depois que a colocaram na cama, e dirão: “Lembro de ter sido ruim, mas não *tão* ruim.” Então deixe passar um segundo e espere um sorriso.

Não é o único exemplo.

Mesmo quando falamos sobre verões juvenis, tios estranhos e varandas da frente é fácil não recordar as muitas horas que passamos furiosos. No meu caso, eu tinha escrito para Lindy uma avalanche de cartas apaixonadas e de desculpas que nunca foram enviadas. Tentara cortar minhas próprias coxas com um canivete suíço, mas não conseguira prazer nem cicatrizes com a experiência. Telefonava no meio da noite para números de serviço de ajuda a adolescentes, que haviam sido fornecidos na escola por palestrantes convidados. Perguntavam: “Qual é a sua emergência?” Respondia: “Não sei. Tenho que ter uma emergência?” E ficavam em silêncio até eu desligar. Fiz coisas como flexões quando não conseguia dormir. Pensei a todo momento em Lindy.

Mas quando me vi incitado a realmente falar dela, me dei conta de quanto tempo se passara desde que fizera isso. Meu tio Barry esperava uma descrição simples, tenho certeza, talvez apenas um nome e um rosto; no entanto, a tarefa me parecia impossível. E se tivesse sido minha mãe ou minha irmã pedindo para falar sobre Lindy, eu as teria ignorado. Mas com Barry, uma pessoa que não conhecia a história dela, a nossa história, e que não sabia que falar dela era falar de um antes e um depois, de duas vidas entrelaçadas uma na outra, eu senti que tinha de contar a verdade.

— Tem uma garota — comecei. — E quando olho para ela, não sei o que fazer.

Barry sorriu como se entendesse, como se ele mesmo conhecesse esse exato sentimento. Ele se inclinou para a frente na cadeira e me perguntou:

— Bem, o que você tem vontade de fazer toda vez que a vê? Deixe-me adivinhar: preparar um bife para ela? Protegê-la do perigo? Arrancar seu sutiã?

— Não sei. Todas essas coisas, acho. Mas acho que o que gostaria de verdade é não ter de fazer nada. Meio que só ficar ali e olhar para ela, talvez, observá-la rir. Talvez ela me conte algo divertido.

— Certo — respondeu Barry. — E depois? Quer dizer, isso é só o começo. O que vem depois?

— Não sei. Depois talvez ela pudesse me contar algo triste.

— Ah. Você está caidinho.

— Ela nunca fala comigo — disse.

Logo anoiteceu na varanda naquele dia, e soubemos disso porque começamos a coçar os tornozelos e a espantar os mosquitos que zumbiam em nossos ouvidos. Na casa vizinha, vimos os holofotes dos Stiller acenderem automaticamente. Ouvimos um vizinho arrastar o lixo até o meio-fio. Finalmente o céu começou a ficar arroxeado.

— Escute — disse Barry. — Gostaria de ter tido a metade de sua inteligência quando era da sua idade. Na época, eu achava que o jeito de pegar garotas era acelerar o motor de um carro e enfiar uma meia na calça jeans.

— Isso funciona? — perguntei a ele. — Estou disposto a tentar tudo.

— É — respondeu ele, sorrindo. — Funciona, mas não da maneira como você quer. É como ligar uma raquete elétrica de matar insetos. Você consegue muita ação, mas só está eletrocutando insetos.

Eu soltei o ioiô Duncan e o deixei girar. A base raspou na laje de concreto do chão de nossa varanda.

— Quando se trata de mulheres, deve-se fazer exatamente o que você está fazendo — disse. — Quando tiver uma chance de falar com essa garota, simplesmente fique lá e escute. Não acredite nunca nessa merda de “você tem que ser durão” ou “você tem que

ser sensível". Simplesmente deixe a garota pensar o que *ela* quiser pensar. Se fizer isso, as boas vão ver algo de bom em você, e as más vão ver algo mau. Entende o que quero dizer? Você é uma tela em branco. Deixe que elas pintem. Apenas não fique se exibindo como uma farsa. É como meu amigo Carl. Ele usa peruca e parece tudo certo. Mas quando pega uma garota, e ela gosta dele, ele fica triste.

Barry ficou olhando para o nada, como se pensando afetuosamente em Carl. De onde era esse amigo dele? De qual estado? Como era sua vida? Eu não sabia.

— Por quê? — perguntei. — Se Carl está pegando todas as garotas, por que então fica triste?

— Porque sabe que um dia ela vai querer entrar no chuveiro com ele. O que ele vai responder? Não há nenhuma mulher na face da Terra que respeite um homem que não tome um banho com ela.

— Sério?

— Acho que estamos nos precipitando. Puxe o ioiô.

Eu fiz isso, e depois o joguei novamente.

— Sempre funcionou assim para você? — perguntei a ele. — Quer dizer, apenas deixá-las ver o que queriam ver?

Meu tio Barry se ajeitou na cadeira e checou o relógio. Coçou o queixo. Agora acho que provavelmente pensava em que horas seriam no Arizona, alguns fusos adiante, e o que sua esposa estaria fazendo naquele momento, mas isso não veio à minha mente na época.

— Não. Nem sempre funciona assim, porque *nós* também somos pintores. Quer dizer, podemos estar errados sobre elas, assim como elas podem estar erradas sobre nós. Acho que isso é o que complica. Também não somos perfeitos.

Esse comentário fez sentido para mim, embora não tivesse ideia de como usá-lo em meu benefício. No final soou como todos os outros conselhos sobre amor em minha adolescência, como se apontassem em uma direção diferente ou fossem dirigidos a outra pessoa. *Simplesmente seja você mesmo*, todos diziam. Mas lá estava eu, *eu mesmo*, e era infeliz.

— Então acho que você está dizendo que eu deveria ter cuidado — falei.

— Não — retrucou ele. — Você vai amar quem você ama. Tomar cuidado não resolve nada.

E foi depois disso que vimos uma coisa estranha.

Do outro lado da rua, e duas casas adiante, o Sr. Simpson, pai de Lindy, saiu cambaleando de sua entrada de garagem em direção ao gramado da frente dos Kern. O sol ainda estava baixo a oeste e dava a tudo um tom sinistro, o último momento de claridade antes da escuridão, e não havia como não ver que o Sr. Simpson estava bêbado. Os pés se cruzavam quando ele caminhava e os braços pareciam frouxos. A cabeça pendia, pesada. Nós o ouvimos gritar o nome de Bo Kern.

Eu sabia que isso significava problemas.

Quando não houve resposta, o Sr. Simpson pegou um pedaço de concreto solto na calçada e o arremessou na janela da sala de jantar dos Kern. Meu tio Barry se levantou da cadeira.

— Fique aqui — disse ele.

Mas não fiquei.

Em vez disso o segui, trotando rua acima, onde vimos Bo Kern e seu pai irrompendo de casa, analisando os danos e depois se voltando para o Sr. Simpson. A dinâmica da coisa toda era tão anormal para a Piney Creek Road que eu não entendi nada. Só me lembro de que o Sr. Simpson não parecia em nada com o homem que eu vira bebendo refresco alegremente na varanda da frente todos aqueles anos, aquele que eu vira ajustando o selim da bicicleta de Lindy e dando um beijo de despedida nela antes de sua pedalada diária até a pista de corrida. O homem que eu via estava angustiado e xingava venenosamente Bo e o pai, as palavras indistintas, quase incompreensíveis. Ainda assim, todos sabíamos que o assunto era Lindy.

Acontece que o Sr. Simpson nunca deixara de desconfiar de Bo, a despeito das muitas vezes em que o rapaz foi interrogado pela polícia, e por alguma razão, naquela noite de 1991, dois verões depois do crime, ele decidira lidar com isso. Estava medonho, violento e gritava principalmente com o Sr. Kern, como se Bo não estivesse lá.

— Seu filho vai para a cadeia — declarou. — Estou avisando, eu quero matá-lo.

O Sr. Kern estava de pé, meio curvado. Era uma pessoa que raramente víamos em outro lugar que não os jogos de futebol americano do filho, e eu nunca ouvira sua voz antes. Sabia apenas que a história dele era triste, que fraturara o quadril em um acidente de trabalho anos antes. E quando caminhou na frente do filho naquela noite, sua coxeadura era evidente. Disse a Bo para ficar calmo e falou objetivamente, como se estivesse no controle, como se a última coisa que quiséssemos que fizesse fosse elevar a voz.

— Dan — disse ele ao Sr. Simpson. — É de um homem adulto que você está falando. Ele está sóbrio, e você, bêbado. Então sugiro que volte para casa antes que o uísque diga algo de que possa se arrepender. Podemos todos conversar como homens pela manhã.

Atrás dele, Bo Kern andava em círculos. Tinha o corpo de um tronco de árvore, e também o cérebro. Colocou um pedaço de tabaco no canto da boca e gritou:

— Que droga, Simpson! Já disse um milhão de vezes! Eu nem sequer estava em casa quando aquilo aconteceu!

Mas o Sr. Simpson continuou como se estivesse sozinho no mundo, e suponho que estava.

Apontou para Bo.

— Esse rapaz é um criminoso!

O Sr. Kern balançou a cabeça e começou a voltar para casa.

— Tudo bem, Dan. Vá em frente e diga isso na cara dele.

Então o Sr. Simpson fez isso, e foi questão de segundos até Bo Kern derrubá-lo no chão. Ele o acertou duas vezes com os punhos, que eu tenha visto, e o Sr. Simpson foi reduzido a uma poça no gramado. Bo Kern se levantou enlouquecido. Cuspiu o tabaco preto na grama para tentar se controlar. O que ele poderia ter feito ao pai de Lindy naquele dia, meu Deus. O que sua força poderia ter feito a qualquer um de nós ali no bairro. Tenho certeza de que ele se deu conta disso.

Ele chutou a grama e olhou para meu tio Barry e para mim.

— Ela nem tinha peitinhos! — falou. — Para que eu ia querer ela?

E com essa declaração simples, por mais estranho que pareça, Bo Kern foi inocentado do estupro de Lindy. O sentido evidente que isso fazia, vindo de Bo, e a sinceridade idiota com que disse aquilo fizeram todos nós, provavelmente incluindo até o Sr. Simpson, enfim

acreditarmos nele. Nunca mais ouvi ninguém mencionar ele e Lindy de novo.

Depois que Bo foi embora, batendo a porta ao entrar em casa, meu tio e eu corremos até o Sr. Simpson. Ele soluçava no gramado. Eu nunca vira algo como aquilo, um homem adulto chorando, nem mesmo no funeral de Hannah, quando meu pai ficou sentado tão imóvel quanto a mobília. Só houve outra vez, suponho, décadas depois, quando ajudei um colega a levar o cachorro ao veterinário para ser sacrificado. Ficamos sentados no carro por uma boa meia hora após eles terem se despedido, o homem e seu cão, a garganta dele se fechando e com espasmos de sofrimento. Naquela noite, no gramado, o Sr. Simpson fez o mesmo.

— Ela é minha filha — disse chorando. — É só uma criança. O que eu deveria fazer?

Não tínhamos respostas para ele.

Nós três ficamos agachados ali por um tempo, meu tio e o Sr. Simpson completos desconhecidos, até ouvirmos o gemido baixo do fumacê se aproximando pelo bairro, esborrifando inseticida pela caçamba. Ergui os olhos e vi as mulheres da família Simpson, Lindy e a Sra. Peggy, nos observando de quartos separados da casa de dois andares. Meu tio Barry também as notou, e quando viu que eu sorria para Lindy, balançou a cabeça indicando para que eu parasse. Quando olhei de volta, Lindy tinha fechado as cortinas.

Então ajudamos o Sr. Simpson a se colocar de pé. Tiramos a terra dele.

Meu tio Barry parecia chateado com toda aquela confusão, como se conhecesse a história do estupro de Lindy e a decadência do pai, embora eu não acredite que soubesse. Mas esse era o lance com Barry. Você tinha a sensação de que qualquer coisa que existisse no mundo, não importando quão grandiosa, quão medonha, ele tinha visto. Eu admirava isso nele.

— Vá para casa — disse ele ao Sr. Simpson. — Tome uma última bebida, mas só uma, e vá para a cama. Você não pode resolver tudo isso esta noite.

O Sr. Simpson nos encarou, lábios e nariz já inchados, e assentiu. Então meu tio Barry me deu um tapinha forte no ombro e

atravessamos a rua. Passamos bem na frente do fumacê e cobrimos as bocas com as camisas. Acenamos para o motorista.

Quando chegamos à varanda, falei:

— Cacete.

Nunca tinha visto nada tão instigante quanto aquilo.

Meu tio Barry me pegou pelos ombros. Sua voz era urgente e sincera.

— Quero que você me escute — disse ele. — Sei que aquela garota faz você querer amar, se casar e ser adulto, mas ser adulto é exatamente o que você acabou de ver. Aquele homem chorando no gramado. Então simplesmente faça o que eu lhe disse e seja você mesmo. Falando sério. Não queira fazer o tempo passar rápido demais.

— Certo. Não vou.

— Também não vamos comentar isso com sua mãe. Ela já tem problemas demais para se preocupar com os vizinhos. Agora, vamos voltar para casa antes que sejamos sufocados.

Uma vez dentro, meu tio Barry e eu fomos furtivamente para cômodos diferentes, como se fosse meia-noite, embora mal fosse hora do jantar. Depois que comemos, sem falar um com o outro enquanto minha irmã Rachel tagarelava sobre um novo órgão que a igreja tinha conseguido, fui para meu quarto e me enfiei na cama. Dormi mal, pensando naquele som engasgado que o Sr. Simpson fizera, chorando como um homem, e, naquela noite, tive um sonho que se repetiria muitas outras vezes em minha vida, em que estou dirigindo um carro sem volante, mas com um grande emaranhado de cordas saindo do painel. Sinto os pneus deslizando pela rua nesse sonho, me colocando e tirando do tráfego na direção oposta, e o único método de condução disponível é o emaranhado de cordas em meu colo. Puxo uma delas e o rádio liga. Outra corda e os limpadores de para-brisa se movem. Pressiono os pedais e nada acontece. No sonho daquela noite, o primeiro, meu tio Barry estava sentado ao meu lado no carro, mas sem dizer nada. Ele parecia achar que eu dirigia com perfeição, como se confiasse plenamente em mim, e isso fez com que me sentisse pior. E, com o passar dos anos, os passageiros ao meu lado nesse pesadelo mudaram, mas

permanecia minha total surpresa com o estranho problema que havia herdado, e minha incapacidade de solucioná-lo.

Quando acordei no dia seguinte, meu tio Barry tinha partido.

Por alguma razão não fiquei surpreso.

Dava para ver que ele ficara abalado com o que vira nos olhos do Sr. Simpson na noite anterior; no entanto, eu não tinha os meios para estabelecer a relação entre os dois homens na época. Apenas depois de ter se passado uma semana e eu ter incomodado tanto minha mãe sobre a partida de Barry foi que ela finalmente me contou algumas coisas que eu não sabia. A primeira foi sobre o homem que costumava parar em nossa entrada de garagem para falar de trabalho com ele. E o que ela me contou foi que a esposa de tio Barry, Sharon, o traíra e ficara grávida de outro cara, um professor de seu novo departamento no Arizona. Então, o homem com quem Barry conversava em nossa entrada de garagem era um contato de um investigador particular no Arizona, explicou minha mãe, que Barry contratara para conseguir todos os detalhes do que ela fazia enquanto ele estava fora. A história toda me parecia improvável, e tão idiota da parte do tio que eu adorava que fiquei chateado com minha mãe por sugerir isso. Não acreditei nela.

— Como ele tem dinheiro para pagar tudo isso? — perguntei a ela. — Isso não é caro?

— Ele não tem o dinheiro — respondeu. — Por isso foi embora. Por isso Barry está sempre indo embora.

— Mas isso nem sequer faz sentido. Por que ele iria querer os detalhes se já sabia que ela o estava traindo? Isso parece apenas tortura.

— Isso é amor, querido. É complicado.

— Isso é idiota — retruquei.

— É — concordou ela.

Minha mãe estava dizendo a verdade. Ainda estou para conhecer uma pessoa que não se torne um completo estranho para si mesmo quando se trata de amor. E por eu com frequência ver gentileza em meu tio Barry, por ver algo que lembrava um garoto como eu em seus olhos, sabia que ele provavelmente estava tão confuso com seus atos quanto eu. As mulheres aleatórias que o levavam para casa, a medonha espionagem, não tenho dúvida de que ele ainda

se surpreende que tenham sido escolhas suas, que estivesse minimamente envolvido nessas coisas. Como ele sempre me disse: “Também não conseguiria acreditar, mas lá estava eu.”

Não voltei a vê-lo.

Tudo isso para dizer que o que meu tio Barry me revelou naquele verão foi como os adultos são estranhos e complicados. Quando criança, você supõe que os conhece porque os vê com frequência e porque eles cuidam de você. Mas cada pessoa adulta que você encontra na vida está arrastando atrás dela uma fileira invisível de muitos fantasmas, dos quais, quando se é criança, você é generosamente poupado de conhecer.

Contudo, agora sei que esses fantasmas existem, e que outros adultos podem vê-los. Os amores perdidos, os amigos feridos, os mortos: eles seguem seus donos para sempre. Talvez por isso nos sintamos tão sufocados perto das pessoas que sabemos que passaram por momentos difíceis. Talvez por isso encontremos tão pouco a dizer. Sofremos de um tipo estranho de medo de palco, acho, diante de todos aqueles olhos assustadores. E talvez seja isso que meu tio havia percebido sobre o Sr. Simpson no gramado, após a briga daquela noite. Talvez, a meus olhos, os olhos de uma criança, fôssemos apenas nós três agachados na grama. Porém, para aqueles dois homens o gramado parecia coberto de corpos, coberto das pessoas com as quais haviam cometido equívocos na vida, agora acorrentadas a eles, inquietas e sem qualquer propósito a não ser lembrar a eles de uma única coisa terrível: que a vida é feita, cada vez mais, daquilo que você não pode mudar. A filha de um homem. A esposa de outro. A música continua.

Mas só sei que, dois dias depois da briga no gramado, nosso telefone tocou.

Era Lindy.

Isso foi no final de julho de 1991, e embora tio Barry tivesse partido, o cheiro dele ainda estava na casa. Nosso telefone tocava com tanta frequência com pessoas procurando por ele — credores, sua esposa, o novo amante dela —, que eu passara a ignorá-lo. Então, depois de um toque específico, minha mãe me chamou à cozinha. Segurava o telefone junto ao ombro.

— É Lindy — sussurrou ela, e a expressão em seus olhos era muito esperançosa. — Vocês voltaram a se falar?

— Vou atender no meu quarto — anunciei.

Desnecessário explicar o pânico que percorreu meu corpo.

O ano que Lindy e eu passamos sem nos falar pareceu insignificante comparado com todo o silêncio que se seguiu ao episódio depois do baile naquela primavera. Em que ponto estávamos, desde que ela sussurrara algo sedutor em meu ouvido? O quanto realmente sabia sobre mim, meus sentimentos? Será que ao menos se lembrava daquela noite? Ou finalmente fora com a verdadeira Lindy que eu conversara na festa de Melinda, aquela que me procurara e puxara para perto?

Eu não tinha ideia, e então sofri de uma forma tão completa que comecei a me perguntar se realmente havia acontecido. Será que eu sentira sua respiração quente em meu rosto? Será que a tinha impedido de cair? Tocara as cicatrizes macias em suas coxas? Eu a carregara? Escondera? Salvara? Entendera? Agora o oposto disso me parecia mais provável, como se eu nunca tivesse conhecido Lindy Simpson. Pensei, por um momento, se ao menos ia reconhecer a voz dela.

Peguei o telefone em meu quarto e esperei minha mãe desligar. Depois fiquei ali de pé com o fone na mão, me olhando em um espelho de corpo inteiro. Vi uma coisa magrela em shorts esfarrapados e camiseta. Parecia nervoso e despreparado. Sorri como se Lindy pudesse me ver. No outro lado da linha, ouvia música tocando baixo ao fundo.

— Alô? — falei.

Um longo silêncio se deu entre nós.

— É — disse Lindy. — Então, eu deveria pedir desculpas pelo meu pai.

Embora eu tivesse reconhecido a voz dela de imediato, embora provavelmente pudesse ter recitado tudo o que ela já me dissera ao longo da vida, não fazia a menor ideia de sobre o que ela estava falando naquele momento.

— Desculpar? Pelo quê?

Podia ouvi-la trocando as estações de rádio. Eu a imaginei revirando os olhos.

— Não sei. Por meu pai ser patético, acho. Pela outra noite com os Kern. Minha mãe me fez ligar. Acho que ela quer o divórcio.

— Merda — soltei. — Coitadinha da sua mãe.

Lindy riu quando falei isso, um som surpreendente que eu não escutava havia anos. Também deve tê-la surpreendido, uma vez que ela o deteve como se desligasse um interruptor.

— O que foi? Por que você riu?

— Nada. Só tinha me esquecido de como você é esquisito, cacete.

— Eu sou esquisito? — perguntei.

Achei que isso poderia ser uma coisa boa.

Afinal, era isso que eu estava querendo. Por isso usava camisetas pretas, acessórios mórbidos e raspara as laterais da cabeça. Por isso minha franja caía sobre os olhos. Por isso eu provavelmente não era atraente para ninguém a não ser um tipo específico de garota, uma com problemas.

Sorri.

— O que você quer dizer com eu ser esquisito?

— Você parece uma vovozinha — explicou ela. — *Coitadinha da sua mãe*. Quem diz essas merdas?

Não era o esquisito que eu queria.

— Uma vovozinha? O que você esperava que eu dissesse?

— Para começar, idiota, você não tem de se fazer de triste. Não são *seus* pais que estão se separando.

— Meus pais já se separaram — lembrei.

— Ah, é — retrucou ela. — Mesmo assim.

E depois nada.

Esperei que Lindy dissesse algo mais, mas ela só aumentou o volume do rádio. A canção que tinha escolhido era pesada e berrante, e eu me sentia humilhado por não a conhecer. Se pelo menos conseguisse identificar os acordes iniciais. Se pelo menos pudesse cantar junto. Isso seria algo. Esperei que Lindy abaixasse o volume para que pudéssemos conversar, mas ela não fez isso.

— Mesmo assim o quê? — perguntei, e pensei ter ouvido sua voz. — Você disse alguma coisa?

No rádio, a música chegou ao refrão. Eram acordes ruins e gritos altos, e Lindy falou comigo acima do barulho.

— É. Eu disse que você não deveria estar preocupado com a minha mãe. Deveria estar chateado porque isso significa que podemos nos mudar.

Fiquei paralisado com essas palavras.

— Está falando sério? — perguntei.

— Não. É apenas uma brincadeira muito elaborada que inventei só para você. Pensei meses nisso.

Ela estava sendo sarcástica e debochando de mim, mas ainda pensei rapidamente em agarrar aquela oportunidade para abrir meu coração, para me desculpar por tudo que tinha feito a ela, por revelar seu segredo e rejeitá-la na festa, e talvez mesmo por amá-la desde os onze anos. Depois lembrei do que meu tio Barry me dissera sobre simplesmente *escutá-la* sempre que tivesse a oportunidade, somente estar à disposição dela, então fiz isso.

Fiquei parado e mudo. Esperei que ela se abrisse comigo.

— Olhe — disse Lindy. — Eu tinha que telefonar e dizer isso, e já fiz, certo? Falo com você depois.

E foi isso. Ela desligou.

Fui até a janela, o telefone ainda junto ao ouvido, e fiquei de pé ali. A casa de Lindy tinha venezianas verdes. Alguém pendurara um tapete na balaustrada da varanda da frente. As venezianas estavam fechadas. Apoiei a cabeça no vidro.

— Lindy, qual era a música que você estava escutando?

A linha estava muda.

Passei a hora seguinte em meu quarto, arrasado.

Não tinha ideia de como imaginar a Piney Creek Road sem Lindy; portanto, me esforcei tanto para esquecer a ideia de ela se mudar

que passei a ter certeza de tê-la entendido mal, ou que talvez tudo estivesse bem entre o Sr. e a Sra. Simpson, e imediatamente comecei a imaginar modos de tornar isso realidade. Eu poderia mandar flores para a Sra. Peggy. Poderia datilografar cartas de amor e assiná-las com *Seu marido*. Poderia invadir a casa deles e roubar as bebidas alcóolicas dos armários. Ou, talvez, pudesse simplesmente incendiar a casa dos Kern e fazê-los deixar a região, para colocar a cabeça do Sr. Simpson em ordem. O que era aquela coisa que o Super-Homem fazia, quando girava a Terra ao contrário para voltar no tempo? Quem sabe Lindy simplesmente pudesse ficar conosco caso seus pais se mudassem de vez? Não era uma ideia tão maluca. Ela estaria na última série naquele ano. Não havia por que tirá-la dali naquele momento. Algumas vezes há complicações com transferências de créditos, com detalhes técnicos insignificantes. Que droga seria caso ela tivesse de repetir de ano por causa de um detalhe burocrático que pudesse ter sido evitado. Eu odiava pensar nisso, coitadinha. Claro, ficaríamos felizes em recebê-la. Sim, sim, decidi. Então está tudo certo.

Essa ideia me animou tanto que comecei a imaginar Lindy entrando em meu quarto por acidente, usando uma camiseta grande demais e calcinha, tendo acabado de acordar em uma manhã relaxada de fim de semana. Fiquei diante do espelho do meu quarto e fiz várias poses nas quais imaginei que ela poderia gostar de me surpreender. Tirei a camisa e flexionei a barriga branca, tentando parecer sensual. Enfiei o polegar no alto do short e baixei a cintura. *Ah, Lindy*, disse. *Não vi que estava aí. Claro, entre. Não tem problema. Apenas feche a porta. Sim, claro.*

Pode trancar.

Quando finalmente saí do quarto, estava empolgado com a fantasia. Vi minha mãe e Rachel dobrando roupas e achei que minha mãe parecia mais feliz do que costumava vê-la desde antes da morte de Hannah, cantarolando para si mesma enquanto Rachel falava. Fiquei pensando se estaria começando a se sentir melhor, ou se talvez a partida de meu tio Barry finalmente havia permitido que relaxasse, e tentei me esgueirar pelas duas, ainda empolgado por causa do telefonema.

— Por que está sorrindo? — perguntou Rachel.

Minha mãe me olhou e sorriu.

— Teve uma boa conversa com Lindy? — perguntou. — Fico muito contente de saber que vocês estão se falando de novo. Ela é uma garota muito doce. Passou por coisas muito difíceis.

Por um momento pensei em responder honestamente à minha mãe, contar a ela primeiro sobre a briga no gramado e depois sobre o que Lindy tinha dito a respeito dos problemas dos pais e uma possível separação. Mas me dei conta de que essas notícias iriam apenas entristecê-la, não apenas porque sua boa amiga talvez fosse largar o marido, mas também porque isso significava que a razão para Lindy ter ligado *não* era fazer as pazes comigo, não era se reaproximar de mim.

Isso era importante.

Se Lindy e eu fôssemos amigos, se fôssemos próximos, se parecesse que nossa relação era algo mais que uma via de mão única, minha mãe não teria de se preocupar com o que vira em minha caixa. Tudo isso fazia sentido para mim. Embora já não falássemos de maneira explícita sobre o estupro, e ela nunca tivesse me acusado diretamente dele, a expressão esperançosa que vi nos olhos de minha mãe quando Lindy ligou provara apenas uma coisa: ela ainda não chegara a uma conclusão sobre mim.

Meu nome ainda precisava ser limpo.

Então me ocorreu quão difícil o período de silêncio entre mim e Lindy deve ter sido para a minha mãe, e isso me deixou envergonhado. Mesmo quando penso nisso agora, fico deprimido. Quantas horas ela havia passado se preocupando com coisas desnecessárias? Quanta dor eu lhe causara enquanto ela ainda tinha que lidar com meu pai? Quando ainda estava de luto por Hannah? Quando ainda tinha tanto para viver sem nenhum dos dois?

Eu não conseguia pensar nisso.

Ainda não consigo.

Então disse a ela:

— É. Tivemos uma boa conversa.

— Que bom — falou minha mãe, e piscou.

Atrás dela, Rachel ergueu uma calça jeans esfarrapada minha.

— Por que você se veste como um bandido? — perguntou ela. — Está tentando parecer um skatista ou algo assim? Por acaso você tem um skate?

— Não sei, Rachel — respondi. — Você está tentando parecer um lenhador?

Esse comentário não veio do nada.

Rachel mudara desde a morte de Hannah, de uma maneira mais complexa do que eu compreendia na época. Sua crescente preocupação com Jesus e orações fazia sentido para mim, mas não a forma como isso a envelhecera, passando de uma universitária de boa aparência para uma coisa desleixada que usava calças de ginástica e camisas de flanela. Imagino que Rachel achava que se preocupar com sua aparência física sugeria que não estava pensando nas coisas certas depois de nossa tragédia, não estava fazendo as perguntas certas, encarando a verdade.

Ela podia estar certa. Sempre fora uma pessoa boa.

— Ele não é skatista — respondeu minha mãe. — Ele é um roqueiro. Um guitarrista. Não é isso, querido?

Minha mãe estava sendo gentil, mas fiquei incomodado na hora. Pais têm essa habilidade especial de transformar a verdade, não importando quão boa ela seja, em algo constrangedor. A gente sabe disso.

— Não é isso que eu sou — falei.

— Bem, então o que você é?

— Não sei — respondi.

— Eu sei o que ele é — disse Rachel, e murmurou baixinho: — Um pecador.

— Rachel! — reagiu minha mãe.

— O quê? Somos *todos* pecadores, mãe. Todos poderíamos ser melhores.

E, com isso, minha mãe murchou bem na nossa frente. Pareceu imediatamente triste e exausta, e embora todos soubéssemos que minha irmã não pretendera aborrecê-la, não importava. Naqueles dias minha mãe estava sempre a um passo de ficar arrasada, a uma mudança de assunto de um remorso brutal. Acredito que ainda pode estar assim. Acredito que todos podem.

— Certo, mãe. Desculpe — disse Rachel.

E continuou a dobrar minha calça jeans.

Então passei por elas e fui até a cozinha, onde por alguma razão me senti morrendo de fome, cheio de energia e de uma estranha esperança. Revirei a despensa em busca de algo para comer, e me ocorreram planos para me tornar uma pessoa de vida mais saudável, me exercitando na academia, talvez até mesmo parecer sarado quando Lindy me visse novamente. Eu passaria o restante do verão me exercitando, imaginei. Poderia convencer Lindy a voltar a correr como antes, dessa vez comigo, e pararíamos para descansar na pista de corrida na nossa escola. Lá, eu tiraria a camisa por causa do calor e sentiria orgulho quando Lindy me lançasse olhares, ou quando se inclinasse na minha direção, inicialmente de brincadeira, e depois colocasse a mão em meu peito, minha barriga, minhas coxas.

Por que não? Eu acabara de ouvir a voz dela ao telefone.

Ela ligara para o meu número. Pensara em mim.

Ela dissera: “Falo com você depois.”

Tudo era possível.

Então fiz um sanduíche de dois andares e fatiei um pepino. Voltei para meu quarto com o prato cheio e um saco de batatas fritas entre os dentes. Quando passei pelo escritório, minha mãe estava silenciosamente organizando a roupa que dobrara, o rosto resignado e tomado pela dor. Rachel estava em silêncio.

Ao entrar no meu quarto, ouvi minha mãe falar:

— Não ligo para como vocês se vestem, Rachel. Para mim, vocês sempre serão anjos.

Eu não era um anjo.

Contudo, no verão de 1991 era fácil para mães e pais sentirem que seus filhos eram bênçãos. Por todos os Estados Unidos, pais olhavam para suas crianças um minuto mais do que tinham feito naquela primavera. Eles as perdoavam por pequenas transgressões. Separavam momentos para abraçá-las com força na mercearia, na piscina, para estudar seus traços e sentir orgulho. O motivo para isso era simples. No dia 22 de julho daquele ano, todo pai e mãe tomou conhecimento de um lugar em que não tinham pensado antes, um pequeno ponto na região norte do país conhecido como Apartamento 213, onde morava o estuprador, serial killer, molestador de crianças, canibal e necrófilo chamado Jeffrey Dahmer, um homem que era filho de alguém.

Um pouco do contexto:

Na noite da prisão de Dahmer no final de julho, enquanto eu provavelmente estava sentado em minha cama confortável na minha enorme casa suburbana rabiscando uma lista de prós e contras de ligar para Lindy — contras: ela não iria atender; prós: ela *iria* atender —, um homem afro-americano chamado Tracy Edwards corria aterrorizado pelas ruas de Milwaukee, Wisconsin. Mais cedo naquela noite, Tracy aceitara um convite de um louro eloquente interessado em tirar fotos dele. O homem fora generoso com Tracy a noite toda, pagando bebidas e elogiando seu corpo. Flertaram de uma maneira que fez Tracy se sentir bem. E mesmo no carro naquela noite, a caminho do apartamento do homem, Tracy Edwards devia estar sentindo que aquilo era algo que merecia, a simples excitação do corpo de outra pessoa, de seu toque, a boca de um estranho pressionando a sua.

Porém, no momento em que eu tinha me resignado em Woodland Hills a esperar talvez mais um dia antes de reunir coragem suficiente para falar com uma garota que conhecera a vida toda, Tracy Edwards disparava pelas ruas de outro bairro, a mil e seiscentos quilômetros ao norte de mim, com suas mãos inchadas;

uma por ter sido algemado e a outra de socar aquele mesmo homem louro que, minutos antes, se lançara sobre ele com uma faca de açougueiro. Acenava freneticamente para os carros que passavam. Gritava pedindo ajuda. E como Tracy Edwards era um homem negro em uma área perigosa de Milwaukee — ainda por cima com uma algema no pulso —, chamou a atenção particularmente de dois policiais fazendo a ronda. Eles saltaram do carro e ordenaram que Tracy Edwards se deitasse no chão. Apontaram suas pistolas e passaram um rádio. Acharam que poderia ser um preso foragido.

— Vocês não vão acreditar — disse Tracy a eles. — Vocês não vão acreditar, cacete.

E eles não acreditaram mesmo.

Foi apenas para seguir os protocolos que permitiram que um choroso Tracy Edwards os levasse de volta ao Apartamento 213, onde encontraram o louro persuasivo que ele descrevera, morando em um lugar que cheirava a carne podre. Enquanto Tracy se encostava na parede, tremendo, o louro eloquente explicou calmamente aos policiais que ele e Tracy tinham bebido e estavam no meio de uma briga de casal. Ele então se ofereceu gentilmente para ir até o quarto e pegar as chaves das algemas com que estavam brincando. E, ao segui-lo descontraidamente, um policial notou imagens estranhas nas paredes: fotos de homens nus, dezenas delas, antes e depois de terem a pele arrancada.

Ele sacou sua arma.

Na cozinha, seu parceiro gritou: “Tem a porra de uma cabeça na geladeira!”

Nosso país nunca mais foi o mesmo.

Não me entenda mal. Aos dezesseis anos, nada disso me entristeceu. Embora eu mesmo tivesse aprendido uma coisa ou outra sobre a morte, meu coração não se voltou imediatamente para as famílias das vítimas. Ainda pensava na morte como algo que acontecia apenas de forma acidental e natural, apenas a Hannah e aos velhos. Não considerava ser a mãe, o pai, o irmão, a irmã ou o amigo de uma das dezessete vítimas assassinadas por Jeffrey Dahmer. Não tinha a capacidade, e nem sequer tentei, de imaginar essas pessoas chegando em casa e recebendo a notícia enquanto

ainda tinham pilhas de folhetos esperançosos em cima de suas mesas.

DESAPARECIDO: Matt Turner. DESAPARECIDO: Oliver Lacy.
DESAPARECIDO: Tony Hughes.
VISTO PELA ÚLTIMA VEZ: sorrindo.
VISTO PELA ÚLTIMA VEZ: com amigos.
Entenda, por favor, Mundo: **ESSE É MEU FILHO.**

Aos dezesseis anos, eu também não levava em consideração o trauma dos policiais forçados a trabalhar no caso, abrindo o armário de Dahmer e encontrando potes de genitálias preservadas em formol, cabeças cortadas com furos abertos no crânio enquanto as vítimas estavam, Dahmer depois confessou, ainda vivas. Ser um policial em meio a isso? Tirar cada foto das paredes daquele homem e colocar uma etiqueta? Dar um nome a ela? Seu dia de trabalho ser dedicado a confirmar o fato de que *aquilo* tinha acontecido, que *aquilo* era real, que *aquilo* era uma parte da humanidade? Como você vai para casa depois disso? Eu nem sequer pensava naquilo. Só sabia que aquele monstro era o assunto do mundo, e queria fazer parte daquilo.

Então peguei o telefone.

Mais de uma semana se passara desde que Lindy havia telefonado para se desculpar, e eu pensara em ligar para ela quase todas as horas desde então. Imaginei que só precisava de um motivo para discar o número. Só precisava de um assunto, algo que não fosse eu, que não fosse *nós*, e o que consegui foi uma tragédia nacional. À medida que surgiam mais detalhes — o santuário de ossos que Dahmer construíra no apartamento, as refeições que fizera com os cadáveres —, a história me parecia um começo tão bom quanto qualquer outro.

A mãe dela atendeu.

— Oi, Sra. Peggy — falei. — Lindy está em casa? Estava pensando se ela viu toda essa coisa do Dahmer.

— Fico muito feliz que tenha ligado — disse ela. — Lindy não sei da frente da TV há dias.

Então começou. Lindy e eu conversamos a noite toda.

Para ser justo, era difícil não ficar morbidamente curioso com aquela demonstração pública do que nós, como pessoas, éramos capazes de fazer. Com certeza havia o horror daquilo tudo, a tristeza, mas era mais fácil, especialmente sendo um adolescente, se desconectar disso e apenas se espantar com a completa abominação de um homem em um apartamento solitário. Como nação, aquilo nos consumiu. No ano seguinte, por pura coincidência, um filme sobre um canibal ganhou o Oscar. O pai de Jeffrey Dahmer concordou em escrever um livro em troca de muito dinheiro. A imprensa consumiu tudo. As pessoas se fingiam chocadas.

Lindy, porém, não estava.

Em nossa conversa naquela noite ela falou de um modo que nunca tinha ouvido antes. Não parecia a garota arrasada que eu vira na escola no ano anterior, que dizia coisas ácidas para os outros enquanto roía as unhas. Nem como a garota bêbada que eu segurara na casa de Melinda, que sussurrara para alguém distante. Tenho de admitir que também não parecia a jovem atleta que eu perseguira pelo meu quarteirão anos antes, rindo sozinha de como era rápida e de quão lento era o mundo seguro. Não havia mais nada vivaz em sua voz, nada tão inocente assim.

— Sabe, isso é tudo culpa da polícia — disse ela. — Se fizessem o trabalho deles, os últimos, tipo, oito assassinatos não teriam sequer acontecido. Sabia que Dahmer estava matando tipo, o quê, um cara por semana? Trepando com os cadáveres deles? Comendo seus cérebros? Fazendo o que quisesse? Como é difícil descobrir isso? A polícia é inacreditavelmente inútil.

Eu estava nervoso. Concordei com qualquer coisa que ela dizia.

— *Fuck the police* — falei.

— Aff — bufou ela. — Odeio essa música. Por que você escuta essa merda?

— Não escuto — retruquei. — Só estou brincando.

— Hilário. Realmente muito engraçado. Mas falando sério, sabia que Dahmer já tinha sido flagrado molestando um garoto há uns anos e nem ao menos verificaram o apartamento dele? O lugar era a porra de um necrotério e eles simplesmente eram preguiçosos demais para dar uma passada lá. Não é inacreditável?

Eu sabia disso. Desde que saíra a notícia, eu aprendera tudo que podia sobre o caso assistindo ao noticiário e lendo jornais. Até mesmo comprei um exemplar da revista *Time* na mercearia quando fui fazer compras com minha mãe. Ela pareceu preocupada com meu interesse nisso, mas não forçou o assunto. Naquela época não me pressionava em relação a nada.

— Não. Não sabia disso — disse a Lindy.

— É verdade — falou. — E quanto ao garoto estrangeiro que escapou do apartamento de Dahmer e correu para pedir ajuda a um vizinho, pelado, drogado e sangrando pela bunda? A polícia devolveu o garoto a ele porque não queria se envolver com um casal de caras gays. Falando sério, há como fazer pior o próprio trabalho? Alguém deveria comê-los.

Eu achava que podia entender o ultraje de Lindy.

Afinal, dois anos tinham se passado e não ocorrera nenhuma prisão em relação a seu estupro, uma tragédia provavelmente tão grande para ela quanto Dahmer era para cada uma das vítimas isoladamente. Pelo que eu sabia, a polícia nunca fez mais do que aquelas visitas iniciais, nada mais que ouvir os vizinhos, como se o cortador de grama de alguém tivesse sumido. Estou certo de que deveria haver mais, ou pelo menos era o que esperava, mas não conseguia ver. E como ouvira a Sra. Peggy dizer à minha mãe, a polícia parara de telefonar. O caso fora arquivado. Portanto, não era difícil para mim entender por que Lindy via todos os policiais como preguiçosos e indiferentes, como se todos estivessem sempre de folga e fossem bem-remunerados demais. Ela poderia dizer o que quisesse sobre eles naquela noite. Eu não ia interromper.

Na época, era mais importante para mim como Lindy devia *parecer* enquanto falava. A briga no gramado fora a última vez em que a vira, e isso já fazia milênios. Antes disso tinha sido no baile quando ela usara maquiagem e uma roupa azul-metálica. Eu pensava: “Quem ela era agora? Qual a cor dos cabelos dela? Que meias usava? Quais sapatos? Quantas cicatrizes?”

— Mas você tem de admitir que é meio que foda — falou. — Quer dizer, esse tal Dahmer estava simplesmente cagando.

— Onde você está? Seus pais deixam você falar palavrão assim?

— Ninguém me *deixa* fazer nada — retrucou ela. — Mas sim, estou no meu quarto.

Caminhei até minha janela. As luzes dela estavam apagadas e as cortinas, fechadas. Olhei para o relógio e me dei conta de que era uma da manhã e estávamos conversando havia horas. É possível que eu nunca tivesse sido mais feliz.

Ainda assim, deveria ter entendido que quando Lindy e eu conversávamos naquela época, geralmente falávamos de coisas diferentes. Minha versão da história de Jeffrey Dahmer, por exemplo, era algo como um pesadelo, enquanto a dela lembrava um sonho interessante. Havia assombro em sua voz, um respeito peculiar pelo assassino. E por mais confuso que pareça, desde então aprendi que isso não é incomum em vítimas de violência sexual. É chamado síndrome do trauma do estupro nos periódicos clínicos e costuma se manifestar como fantasias vívidas em que a vítima da violência se torna o agressor. Diz-se que as vítimas, em especial as do sexo feminino, muitos anos depois, podem com frequência fantasiar sobre matar os maridos, os filhos, os irmãos. Elas afirmam que não conseguem evitar. Afirmam que se sentem péssimas. Afirmam que se sentem culpadas. Afirmam que o método mais usado de assassinato é, de longe, a facadas.

— Por que suas luzes estão apagadas? — perguntei a ela. — Quer dizer, se você está no quarto.

— E aqui vai outra pergunta. Por que você está sempre me observando?

Senti um nó no estômago.

Lembrei do que Lindy me acusara na festa, do modo como contara a todos que eu a observava. Eu repassara aquilo na cabeça todos os dias ao longo daqueles meses. Fiquei pensando: seria possível que tivesse me visto aquelas noites no carvalho, agachado como um ladrão do lado de fora de sua janela? Se sim, por que não disse algo? Se não, por que inventar aquilo? Por que tentar me ferir? O quanto ela sabia sobre mim?

— Eu não observo você — respondi. — Por que continua dizendo isso?

— Do que está falando?

— Na casa de Melinda. Não se lembra?

— Olhe, tenho zero interesse em conversar sobre aquela noite. E as luzes estão apagadas porque estou deitada na cama. É o que as pessoas fazem quando vão dormir. Não é um grande mistério.

— Você está na cama?

Lindy riu.

— Meu Deus. Também vai querer saber o que estou vestindo?

— Não — respondi.

— Que bom, porque talvez eu não queira contar.

Mas esse é o lance. Pensei ter ouvido algo malicioso na voz de Lindy quando disse isso. Juro ter ouvido algo provocante. A despeito de seu novo cinismo, de sua concha impenetrável, Lindy ainda tinha a capacidade de se colocar exatamente entre o que eu imaginava que podia e não podia ter, entre o que eu podia e não podia entender. Portanto, parte de mim achava que ela estava flertando enquanto a outra parte se tornava paranoica. Achei que poderia estar me provocando. Achei que os poucos amigos que ainda tinha poderiam estar escutando ao fundo, esperando que eu dissesse algo que pudessem usar contra mim. A ligação de repente pareceu seca e clara, e eu não fazia ideia de como reagir.

Tentei ser engraçado.

— Por que você não quer me contar? Está usando pantufas de coelho?

— Ah. Muito perto — disse ela.

— Um robe?

— Não.

— Uma fantasia de gorila? Um saco de lixo?

— Você é bobo. Quem disse que estou usando alguma coisa?

Não consegui responder.

Em nosso silêncio, transatlânticos singraram o mar.

No mundo, montanhas se elevaram.

— Uau — disse Lindy. — Você precisa transar.

— Não preciso, não — retruquei.

— Certo — disse ela.

Pensei tê-la ouvido se sentar na cama depois disso, talvez se mexer e arrumar os travesseiros. Também fez um barulho que soava como se estivesse se curvando, pegando algo, e imaginei seus seios nus tocando os lençóis. Eu a imaginei apagando o abajur

para ficar confortável. A cama branca. O edredom cor-de-rosa. Sua pele macia. Suas pernas. O modo como costumava deixar o cabelo quando éramos apenas pouco mais jovens que naquela época. O modo como corria. Uma pequena pinta marrom que um dia vi no pescoço dela. Seus dedos bronzeados.

Talvez estivesse certa sobre mim.

— Seja como for — disse Lindy. — Falo com você depois, está bem?

E foi isso. Ela desligou.

Do outro lado da rua e duas casas adiante, eu vi uma luz azul fraca se acender no quarto dela. Eu a imaginei ligando a televisão diante da cama, adormecendo com o lenga-lenga de um apresentador, e quis assistir à mesma coisa. Quis estar com ela mesmo que não pudesse. Era como se já sentisse sua falta.

Então saí do meu quarto e fui ao escritório, onde nossa televisão também estava ligada. Naquela época não era estranho ver minha mãe acordada até tarde. Sempre que me aventurava pela nossa casa escura para vasculhar a despensa, pensando que todos dormiam, geralmente a encontrava de pé sozinha, usando um robe, circulando por diferentes cômodos, silenciosa como um fantasma. E se a luz da geladeira aberta a iluminava, ou se eu perguntava o que ela estava fazendo, me respondia apenas que tinha esquecido de trancar uma porta ou desligar algo, me dava um beijo na testa e voltava para o quarto. Eu dizia “Boa noite, mãe”. “Boa noite, filho”, ela respondia. E não se falava mais nisso.

Naquela noite, ela estava sentada no sofá com um cobertor no colo. O aposento tinha um cheiro azedo. À luz suave de nossa televisão, seus olhos pareciam escuros e inexpressivos, e eu não sabia dizer se ela estava olhando para mim. O aparelho estava ligado na CNN e, como se tornara comum, uma foto de Jeffrey Dahmer ocupava a maior parte da tela. Fiquei surpreso por ela estar vendo aquilo.

— Mãe? — chamei, e me sentei ao lado dela no sofá.

Vi um cesto de roupa suja no chão, uma toalha molhada em seu pulso.

— O que está fazendo? — perguntei, embora soubesse.

Nos meses desde a morte de Hannah, Rachel me contou que com frequência ouvia nossa mãe, tarde da noite, vomitando sozinha no banheiro. Essa imagem de dor era tão devastadora que não acreditei. Inventei desculpas para isso. Disse a minha irmã que mamãe comentara estar se sentindo enjoada, talvez ficando doente. Disse que mamãe estava bem e que Rachel provavelmente estava vendo coisas. Ela me falou que eu, no entanto, não conseguia ver nada.

Sentada ao meu lado no sofá, minha mãe fechou os olhos.

— Você acha que é melhor? — perguntou. — De verdade, acha que é melhor que eles tenham prendido esse cara?

Olhei para a foto de Dahmer na TV.

Geralmente, depois da prisão e do escândalo inicial, as pessoas passam a reparar que os serial killers parecem “pessoas comuns”, como um cara qualquer que você poderia conhecer no bar certa noite, alguém trabalhando no caixa. Esse nunca foi o caso de Jeffrey Dahmer. Quanto mais olhávamos para sua foto naquele final de verão — nas telas de nossas TV, em nossos jornais e nossas revistas —, mais evidente se tornava sua culpa. Para todos que os viam, seus olhos eram os de um estranho. Para todos que a ouviam, sua boca era suja. Mesmo seu bigode parecia torto e colado, como se fosse parte de algum disfarce diabólico, e só de olhar para ele por algum tempo sabíamos que era verdade, que ele tinha feito aquilo àqueles homens. Podíamos ver isso. Aquela pessoa não era como o restante de nós. Seus lábios foram feitos para beijar pessoas, sim. Mas sua língua fora feita para lamber pele morta.

Então não entendi a pergunta de minha mãe.

— Como assim? — retruquei. — Claro que é melhor que ele tenha sido preso.

— Estou pensando nas famílias. Acha que é melhor que saibam o que aconteceu aos seus filhos? Todos esses detalhes nos noticiários? É melhor que tenham descoberto?

— Não sei — respondi. — Acho que provavelmente é difícil de qualquer forma.

Minha mãe olhou para mim e de repente pareceu emergir de qualquer que fosse o buraco onde estivera. Ergueu o controle remoto, desligou a televisão e tocou meu rosto e o pescoço com as

mãos, como se tivesse acabado de me encontrar, como se eu estivesse desaparecido.

Depois ficamos sentados em silêncio no cômodo iluminado pela luz do luar, olhando um para o outro por um longo tempo, e comecei a sentir como se não tivéssemos conversado por meses, embora nos víssemos todos os dias. Também reconheci, talvez pela primeira vez na vida, que de muitas formas básicas eu parecia com ela, que era parte dela, formas pelas quais as pessoas poderiam deduzir que éramos parentes. Era algo em nossos narizes, na posição de nossos olhos. Naquele momento, parecíamos parentes de uma forma muito óbvia.

Depois de um tempo ela colocou a palma da mão em minha testa, como se para verificar minha temperatura. Afastou meu cabelo dos olhos.

— Você está lidando bem? — perguntou. — Está bem em relação a Hannah?

Senti um nó na garganta.

Não sabia o que dizer sobre Hannah. Nunca soube.

Então em vez disso me curvei e pousei a cabeça no colo de minha mãe. Ela colocou a mão em meu ombro e o acariciou por um longo tempo.

— Você sabe que estou aqui, não é?

— Eu sei, mãe — respondi. — Eu também.

Falei sério quando disse isso. Mas agora fico pensando se ela acreditava em mim. Se sim, por quê? O que tinha feito por ela naqueles anos? E, caso contrário, como? O que mais poderia ter dito para que ela soubesse?

Já houve um amor, algum amor, feito de respostas?

Depois disso, julho se tornou agosto de 1991.

Ainda faltavam duas semanas para as aulas, e os boatos de uma nova infestação de moscas-brancas colocaram as pessoas para trabalhar em seus quintais. Toda essa atividade foi suportável por causa de uma incomum corrente de ar fresco que desceu pelo rio Mississippi desde as montanhas Ozark de Arkansas, como se para soprar diretamente sobre as pessoas de Woodland Hills. A temperatura caiu para menos de trinta graus, e os vizinhos se sentiram amistosos. Vi o Sr. Kern e o Sr. Simpson, por exemplo, conversando descontraidamente na frente de casa, como se aquela briga no gramado no mês anterior já tivesse sido esquecida. Vi meu velho amigo Randy, agora titular do time de futebol americano do colégio, ajudando a mãe a pulverizar inseticida caseiro nas azaleias. Vi Julie Artista passeando com a cadela da família, uma poodle chamada Guinevere, para cima e para baixo na calçada diante de nossa casa. Vi Jason Landry queimar formigueiros com uma lupa. Também vi seu pai, o enorme Sr. Landry, ainda espreitando o bosque em busca do vira-lata. Porém, mais importante que tudo isso, notei que, quando as pessoas viam minha mãe na varanda da frente, regando as samambaias em vasos que pendurara em ganchos, paravam para perguntar como ela estava, e minha mãe conseguia responder sem derramar lágrimas. O tempo corria. As coisas pareciam melhores. O calor do verão fingiu diminuir, e por toda parte que você olhasse as pessoas estavam conversando novamente.

Ninguém conversava mais que Lindy e eu.

Nossos papos sobre Dahmer passaram a ocorrer toda noite, e assim que começavam logo se diversificaram e invadiam o dia. Ainda assim, nunca nos víamos cara a cara. Nunca saíamos juntos. Apenas nos enfiávamos em nossos quartos separados, tagarelando ao telefone como aposentados, e tivemos grande dificuldade para fingir que essas conversas eram totalmente desimportantes, quase

sem sentido, apenas um pouco melhor que nosso excruciante tédio adolescente.

Eu, é claro, nunca acreditei nisso.

Na semana em que ela começou a me ligar, quando pela primeira vez compreendi que o telefone tocando em minha casa poderia ser Lindy, meu mundo se transformou. Nada conseguia me aborrecer. Nos intervalos entre nossas conversas, eu me sentia bom e generoso. Parei de me meter no bosque atrás de nossa casa para fumar maconha, parei de me trancar em meu quarto, e, em vez disso, comecei a ajudar minha mãe com a casa. Penduramos cortinas novas na sala. Arrancamos ervas daninhas do quintal dos fundos. Troquei holofotes que estavam queimados desde que meu pai tinha ido embora. Estava cheio de energia. Eu me sentia tão ansioso para agradar que até mesmo ajudei Rachel a lavar a louça depois do jantar. Vi episódios de *Três é demais* no quarto dela e não troquei de canal quando ela saiu. Não a incomodei em nada. Na época era como se eu flutuasse, sorria como um idiota enquanto Rachel me ensinava a dirigir seu velho Honda de câmbio manual, subindo e descendo a Piney Creek Road. *Vire à esquerda*, ela dizia. *Esquerda! O que você está fazendo?*

Eu não fazia a menor ideia.

Estava totalmente perdido, imerso em fantasias românticas do tipo que só adolescentes inexperientes podem ter.

No carro com Rachel, por exemplo, eu pensava em buscar Lindy para um encontro: uma dúzia de rosas no banco do carona, toda uma noite imprevisível pela frente, talvez um beijo a toda velocidade.

— Lembre-se — dizia Rachel enquanto circulávamos —, Deus diz que tudo acontece por um motivo. Temos de confiar nisso. Aceitar a *morte* de Hannah significa ter *fé*.

— É — eu respondia, trocando de marcha. — Acredito nisso.

Ou, enquanto ajudava minha mãe na cozinha, pensava em Lindy e eu em um ambiente doméstico; já casados e agindo carinhosamente um com o outro. Talvez ela com um boné, um rabo de cavalo frouxo por baixo. Eu podia pousar a mão na parte mais baixa de suas costas e talvez ajudar a mexer algo cozinhando, e nunca seríamos a bagunça que nossos pais eram. Nossas vidas

seriam fáceis, nossa casa, aconchegante e espaçosa. Tudo isso enquanto minha mãe dizia:

— Falei com seu pai ontem. Sabia que ele vai morar com aquela *Laura*?

— Tudo acontece por um motivo, mãe — dizia a ela. — Temos de acreditar nisso.

— Ah, eu acredito — respondia. — O que eu faria se não acreditasse, afinal?

Então nosso telefone tocava e eu sumia.

Largava as roupas que estava dobrando. Nem sequer fechava a torneira da pia.

"Claro", dizia a Lindy. "Posso falar."

"Não", afirmava para ela. "Não estou nem um pouco ocupado."

Geralmente nossas conversas eram banais. Lindy gostava de cigarros Camel. Lindy odiava terapia em grupo. Lindy gostava de *A hora do pesadelo*. Lindy odiava Whitney Houston. Ainda assim, sempre imaginei que nossa conversa seguinte poderia estabelecer um laço real entre nós, poderia derrubar os muros. Talvez finalmente parássemos de agir como estudantes superficiais e, em vez disso, conversássemos sobre nossas ligações mais profundas um com o outro, nossa juventude juntos, nosso futuro. Talvez eu tivesse coragem e simplesmente dissesse: *Chega de Dahmer, chega de música. Preste atenção nisso, Lindy: eu faço desenhos de você quando estou entediado. Pensei em vários nomes legais para nossos filhos. Só estou dizendo que te amo. Você não entende isso? Não sabe que fomos feitos um para o outro?*

Se Lindy pelo menos soubesse desse fato básico com o qual eu vivia, então talvez pudesse tocar para ela todas as músicas que tinha composto. Poderia convidá-la para ir ao cinema e ela poderia dizer *sim*. Eu poderia abrir a palma da mão e, sem falar, ela a pegaria. Eu poderia derrubá-la de brincadeira, e isso poderia se transformar em um abraço no jardim. Poderia finalmente dizer a ela como sentia muito por aquele verão, pelo que acontecera a ela, por meu papel nisso, por como isso a mudara, e que no que me dizia respeito, poderíamos esquecer isso. Poderíamos nos mudar para algum lugar e ter uma vida lá.

Eu poderia dizer: *O que acha disso, Lindy?*

Ela poderia responder: *Minhas malas já estão prontas.*

Nada disso parecia impossível, mas então aconteceu uma coisa bizarra.

Perto do final do verão, eu fui idiota e recusei o convite para uma festa que Lindy tinha aceitado. A festa era de um cara chamado Hanes Burke, um garoto rico da Perkins que provavelmente é muito bem-sucedido agora. É uma daquelas pessoas que nascem populares — sobrinho-neto de um senador da Louisiana falecido há muito tempo — e, mesmo aos dezessete anos, já tinha construído uma reputação de bom anfitrião. Possivelmente um dia seria eleito pelo Partido Democrata. Sem dúvida haveria barris de cerveja em sua festa. E drogas leves, se você quisesse. Nada de polícia para se preocupar. Era tudo que um adolescente podia querer.

Porém, a festa de Burke em si não foi a coisa estranha. Esse tipo de convite classe A na verdade se tornara mais comum para mim desde a morte de Hannah, depois que eu ficara arrasado e tocara “Sweet Child O’ Mine” na casa de Melinda. Mas minha decisão de não ir a essa festa específica foi automática, já que eu esperava que Lindy me ligasse depois do jantar, como se tornara hábito. Ela me contaria sobre a refeição previsível que fizera, a conversa intolerável que seus pais a tinham obrigado a suportar, e ficaríamos escutando música até ela ficar entediada ou receber outra ligação. Não havia mais nada a fazer.

Isso era 1991, lembre. Não tínhamos internet. Então, quando adolescentes, vivíamos ao telefone. Não havia webcams, redes sociais. Sonhávamos apenas em ter nossas próprias linhas telefônicas, e nas horas ininterruptas para falar, mas raramente conseguíamos isso. Não importava com quem estivéssemos falando, quão particular fosse a conversa, pais pegavam o telefone por acidente, irmãos exigiam sua vez. A invenção da chamada em espera tornou tudo isso ainda pior, já que permitia a tias, tios e pessoas que você nem sequer conhecia se intrometessem. Em parte por isso conversávamos tão tarde da noite, Lindy e eu, todos os adolescentes. Por isso parecíamos tão pálidos em nossas roupas grunge. Essas horas noturnas eram o único momento em que sentíamos que podíamos dizer a verdade sem perigo, os únicos momentos em que podíamos viver separados de nossos pais e, ao

mesmo tempo, permanecer na casa deles. Não havia celulares. Nada de mensagens de texto. Era simplesmente uma conversa, e se fosse boa, você tinha de sussurrar.

Mas como o grosso de nossas conversas no final daquele verão girava em torno de como Lindy desprezava todo mundo em nossa escola, incluindo Hanes Burke, nunca me ocorreu que ela iria à festa dele. Mais importante, nunca me ocorreu que ela iria sem me contar. Então, quando o programa de David Letterman começou e acabou e o telefone continuou sem tocar, eu me dei conta do que tinha acontecido e fiquei furioso. Imaginei Lindy na festa com uma bebida na mão, rindo com as pessoas, e senti como se tivesse sido feito de bobo, como se tivessem mentido para mim.

Coloquei-me em uma posição solitária junto à janela do meu quarto e palhetei canções de heavy metal sentimentais em minha guitarra. Vigiei a rua vazia como um pai. Finalmente, por volta das duas da manhã, vi um carro estacionar diante da casa de Lindy e entrei em pânico quando ele demorou para ir embora, imaginando com quem ela estava, quem poderia estar beijando, quem poderia ter deixado tocá-la, e então reconheci o carro.

Era uma boa notícia.

O carro pertencia a Meagan Doucet, uma garota gorda e nada popular que passara a idolatrar Lindy depois do estupro. Meagan tinha uma personalidade camaleônica, quase fanática em sua busca por um nicho social, e era fácil desprezá-la. Sempre cheirava a óleo de patchuli, mas não era hippie. Ela ia mal na escola, como muitos outros, mas fazia isso sem ironia. Ela simplesmente não era inteligente. Consequentemente, era sempre escalada para os menores papéis nas peças da escola — talvez uma figurante vendendo jornais em uma cena de multidão, uma secretária fingindo falar ao telefone ao fundo — e ainda assim costumava se vangloriar de ser atriz. Falava sobre namorados em outras cidades que ninguém conhecia e simulara duas tentativas de suicídio para chamar a atenção. Em toda a minha vida, talvez tivesse trocado com ela cerca de dez palavras.

Apesar disso, conhecia sua história porque era a melhor amiga de Lindy na época, uma das poucas que restavam na Perkins. As duas circulavam no Toyota azul de Meagan e fumavam Camel Wides.

Compravam crânios que brilhavam no escuro e irônicos adesivos de carro com palavrões em um lugar chamado Spencer's Gifts, no shopping. Pareciam estar conspirando o tempo todo. No entanto, como muitos outros estudantes, Lindy muitas vezes ridicularizava Meagan Doucet pelas costas. Reclamava da personalidade desesperada dela, dos cabelos engordurados e de seus pais ricos que lhe davam tudo que ela queria. Dizia que Meagan tinha uma "halitose infernal". Dizia que só era amiga dela por causa do carro. Em outras palavras, dizia muitas das coisas que adolescentes falam. Mas algumas vezes, Lindy ia longe demais.

Sempre que ficava tarde e Lindy parecia entediada, ela me contava detalhes pessoais e constrangedores sobre Meagan, que certamente tinham sido confidenciados a ela: experiências sexuais que a amiga tivera com caras que depois foram maus, preocupações pessoais de Meagan com seu corpo, seu peso, seu odor feminino, seus mamilos escuros.

— Ela tem mamilos escuros? — perguntei.

— Argh. São nojentos — respondeu Lindy.

Eu sabia que essas coisas deviam ter sido contadas sob um pacto de sangue entre as duas, promessas com o dedinho, mas as traições de Lindy não me incomodavam. Ficava feliz de falar sobre qualquer assunto que ela trouxesse. Achava que confiava em mim. Imaginava que estávamos nos tornando próximos.

Na noite em que Meagan a deixou em casa, Lindy estava cambaleante e bêbada. Subiu a calçada tropeçando e passou pela porta da frente de uma forma que eu nunca tentaria em minha casa. Sempre achava que minha mãe ficaria arrasada ao me ver bêbado, chapado, ou mesmo ao me ver fumando um cigarro, embora estivesse certo de que ela sabia que eu fazia tudo isso. Ela não era idiota. Tinha visto o conteúdo de minha caixa escondida, afinal. Ouvira minha música, lera minha poesia estranha, cheirara minhas roupas fedorentas. Eu também sabia que ela pensara profundamente na ideia de eu ser um criminoso violento. Pensara em mim desafivelando as calças, apressado, no calor de uma noite na Louisiana. Ela me imaginara fazendo sexo à força com uma garota inocente, empurrando o rosto dela na grama e a deixando desacordada, bem em frente ao lar que ela criara para mim, na qual

eu crescera. Hoje me pergunto com que frequência ela pensava nessas coisas, quão realisticamente as acalentava, e quanto isso a envelhecera. Esses pensamentos não eram bobagem para um pai.

Minha consciência disso, mesmo então, podia ser o motivo pelo qual eu continuava a esconder coisas relativamente insignificantes de minha mãe quase até o final da adolescência, de modo a poupar seus sentimentos: maços de cigarro pela metade acima da porta do meu armário, notas medíocres em provas de álgebra. Eu tomava cuidado com tudo. Guardava baseados em caixas antigas de fita cassete. Nem uma única vez levei uma guimba para nossa casa. Tudo parecia muito natural para mim, esconder coisas dela, protegê-la do próprio filho.

Lindy pensava diferente.

Eu a vi cambalear pela casa, acendendo as luzes de todos os cômodos. Podia ver tudo da minha janela, a casa dela como um iate todo aceso no meio da escuridão do mar. Primeiro as luzes do hall, depois o escritório. Após um tempo, o tom embotado da geladeira, talvez um micro-ondas aberto. Outra longa pausa e depois as luzes do banheiro do segundo andar. Uma lâmpada no corredor, imaginei. Enfim, o quarto dela. Uma televisão. Finalmente o brilho do teclado do telefone e então alguma escuridão, para meu prazer, enquanto Lindy apertava os sete números para me ligar.

Não deixei tocar sequer uma vez.

Peguei o telefone e observei pelos binóculos enquanto Lindy abria sua janela do segundo andar. Puxou uma cadeira e acendeu um cigarro.

Entenda, se eu estivesse no alto do carvalho naquela noite, em plena folhagem de verão, Lindy ainda não conseguiria me ver. Para você ver como era um bom lugar.

— Meu Deus — disse Lindy. — Te-qui-la.

Quis bater o telefone. Quis quebrar algo.

O prazer que sentira ao vê-la com Meagan sumira. Em vez disso, sentia uma enorme inveja de ela estar bêbada sem mim, ciúmes por ter ido à festa, por outras pessoas terem falado com ela, outras pessoas a terem visto. Era uma emoção que na época eu não conseguia controlar. Se Lindy falava sobre fumar maconha, eu sentia ciúmes, embora eu fumasse maconha o tempo todo. Se

falava sobre ir ao shopping, eu sentia ciúmes, embora não tivesse vontade alguma de ir ao shopping. Se falava sobre outras escolas onde conhecia pessoas que eu não conhecia, outras cidades onde tinha passado férias quando criança, outras ruas além daquela em que vivíamos.

Pior de tudo, se falava de garotos.

Eu não conseguia suportar.

O bando de babacas que ela tinha namorado, os garotos bonitos que a entediavam, os imbecis com quem ela "só tinha dado uns amassos". Informações como essas me deixavam fora de mim. Mas por alguma razão eu não me cansava delas. Era como um masoquista em formação, e sempre garimpava histórias sexuais de Lindy, ainda que inevitavelmente todas me deixassem infeliz — os detalhes torturantes de como Jimmy Cants a beijava devagar demais, sobre como Alex Boudreaux tinha o que Lindy chamava de caminho da felicidade. Isso me matava. A ideia de que ela podia tão casualmente dar a essas pessoas algo que eu ia amar. Era ultrajante.

Imagino que fiquei arrasado pelo simples fato de que o passado é imutável e que Lindy possuía um passado que eu não podia consertar, que nós dois tínhamos uma história que eu talvez tivesse arruinado. Isso me frustrava ao ponto de me deixar destruído, mas ainda acreditava que se conseguisse criar outra situação como aquela que eu estragara na casa de Melinda, uma que permitisse que *eu* a beijasse, que *eu* a tocasse, então Lindy entenderia tudo que eu sentira ao longo desses anos. Se ela pelo menos soubesse que eu era digno, que era sincero, que podia contar comigo. Se pelo menos todos os outros saíssem do caminho, eu pensava, as coisas poderiam ser boas para nós dois.

Então me tornei uma pessoa mesquinha e manipuladora. Sempre que Lindy mencionava o nome de um cara, *qualquer* cara, eu fazia o possível para denegri-lo. Alguns desses caras eram amigos meus. Algumas coisas que eu dizia eram claramente inverdades. Eu me tornei um mentiroso, um falso que apunhalava as pessoas pelas costas.

Eu só queria, muito, que aquela garota gostasse de mim.

— Por que não me avisou que ia sair? — questionei.

Lindy riu. Foi um som baixo e embriagado.

— Por que eu avisaria isso? — perguntou.

— Não sei. Simplesmente fiquei aqui sentado a noite toda. Achei que você poderia ligar.

— Uau — reagiu Lindy. — Isso é patético.

Meu coração ficou apertado.

— Mas você não perdeu grande coisa — revelou ela. — A babaca da Jenny Linscomb estava lá. Juro que um dia vou socar aquela piranha no peito.

Eu já ouvira essa história.

Desde que eu deixara vazar seu estupro, Lindy cultivara um número impressionante de inimigos na escola. Com isso, eu passara grande parte daquele final de verão a escutando falar mal deles. Havia por exemplo a já mencionada Jenny Linscomb, que escrevera “vagabunda” no armário de Lindy no vestiário. Havia Amy Broad, que dissera ao diretor que “garotas como Lindy Simpson” cheiravam cocaína no estacionamento da escola. E do lado masculino havia Russell Kincaid, que chamava Lindy pelo apelido de Lindy Simples, em referência à herpes simples, algo que tínhamos aprendido na aula de biologia no segundo ano.

— Quem liga para o que esses idiotas dizem — eu sempre repetia. — Eles não a conhecem de verdade.

— Ninguém me conhece — dizia ela.

— Eu conheço — retrucava.

— Você *acha* que conhece.

Ela estava certa. Eu achava que conhecia.

Mas meu conhecimento tinha certa desordem.

Eu sabia, por exemplo, que, naquele *exato* momento, Lindy estava sentada em posição de lótus em uma cadeira de madeira branca com a mão para fora da janela do quarto. Podia ver o tom cereja de seu cigarro aceso através dos meus binóculos, uma silhueta da fumaça. Sabia que sua bicicleta, a Schwinn com selim banana, tinha ervas daninhas crescendo entre os raios do pneu. Sabia que ela provavelmente dormiria até de tarde no dia seguinte, abrindo a janela para fumar um cigarro enquanto a mãe arrumava a varanda da frente. Sabia, também, que eu queria estar com ela.

— De qualquer forma — falei —, só queria que você me tivesse dito que iria.

— Tadinho — disse Lindy. — Você deveria ter ido. Julie Artista estava lá. Vocês dois não ficam ou algo assim? Ela está sempre passeando com aquele cachorro idiota na frente da sua casa. Eu vi você com ela no baile. Imaginei que vocês transassem o tempo todo, de um modo bizarro ao estilo Dungeons & Dragons. Você é o senhor da masmorra dela? — Ela riu. — Você coloca sua varinha mágica no caldeirão fervente dela?

— Do que você está falando? Eles nos juntaram para aquele baile. Minha mãe me fez ir com ela. Não tive nada a ver com isso.

— Relaxa. Estou brincando. Além disso, sei de tudo.

— Você sabe de tudo o quê?

— O baile, idiota. Sua mãe também me pediu para ir com você.

Vi Lindy colocar seu cigarro em uma xícara no parapeito e de repente me peguei em desvantagem ainda maior em relação a ela do que jamais tinha estado. Agora imagino que deveria ter interpretado a notícia como algo positivo, talvez a última prova de que minha mãe confiava em mim em relação a Lindy, afinal, de que ela sempre achou que eu era inocente. Contudo, na hora nem sequer pensei nisso. A simples ideia de que as duas tinham partilhado informações sobre mim, que tinham conspirado, era humilhante. Imaginei uma cena comovente entre minha mãe e as mulheres da família Simpson, todas sentadas a uma mesa tomando chá, como se iniciando uma empreitada filantrópica, e fiquei furioso.

— Está falando sério? — perguntei.

— É. Foi logo depois que sua irmã morreu.

— Eu sei *quando* foi. Não acredito que minha mãe fez isso. O que ela disse? O que você falou?

— Por que você está surtando? Foi fofo. Ela estava muito preocupada com você. Achou que estava deprimido ou uma merda assim. Mas Matt Hawk já tinha me convidado.

— Impressionante — falei. — Isso não é ótimo? Parabéns. Sorte sua.

— Não, seu babaca. Se não fosse isso, eu provavelmente teria ido com você. Eu me senti mal.

— Por quem? Por mim ou pela minha mãe?

— Pelos dois, acho — disse Lindy, e suavizou um pouco o tom de voz. Por um momento pareceu sincera, até mesmo um pouco melancólica. — Sempre achei sua irmã muito legal, sabe? Eu a idolatrava totalmente durante nossa infância. Usava uns óculos escuros grandes. Tinha aqueles peitões. Ela me fazia querer muito uma irmã. Não consegui acreditar quando ela morreu. Mas, por outro lado, depois entendi bem demais. Ela era legal. Parecia gentil. Fazia sentido. Ninguém consegue ter o que merece.

É engraçado repassar a vida.

Sempre que faço isso agora, cenas como essa me chocam, o modo como nunca deixava de escutar a coisa errada. Talvez toda infância seja assim? Quando Lindy me contava os segredos de Meagan, por exemplo, ou quando idolatrava Jeffrey Dahmer, eu não estava de fato escutando. Tudo em que pensava era: “Certo, como isso me afeta?”

Como outro exemplo, consigo me lembrar de um breve período depois da separação dos meus pais, quando eles tentaram reatar. Foi no outono de 1985, eu tinha dez anos, e mais cedo naquele dia Randy e eu tínhamos feito uma aposta sobre quem faria mais pontos em um jogo chamado *Bruce Lee*, que jogávamos no computador Commodore 64. Nós ligávamos um para o outro depois de cada rodada, duas crianças no paraíso, e comparávamos nosso desempenho. Naquele fim de tarde, meu pai foi inesperadamente até nossa casa e ele e minha mãe nos reuniram na cozinha. Sentaram com todos nós à grande mesa de carvalho, e pareciam desconfortáveis, quase envergonhados, diante de nós. Meu pai falou: *Isso não vai ser fácil, crianças. Mas vamos tentar de novo.*

Hannah disse: *Mãe. É isso mesmo que você quer?*

Minha mãe respondeu: *Claro, querida. Amamos muito vocês. Vocês sabem disso, não é?*

Eu perguntei: *Posso ir agora?*

Ou outro momento, muito mais tarde na vida, quando minha mãe me contou que estava se sentindo um pouco confusa e que quase se perdera no bairro nos últimos dias. Ela estava morando sozinha, e eu havia me mudado da cidade por um breve tempo por conta do trabalho. Eu tinha vinte e tantos anos e, como a maioria das pessoas, me considerava ocupado. Minha mãe e eu ainda nos

falávamos com frequência e nos visitávamos nos feriados, mas eu acreditava secretamente que ela ficara tão arrasada com minha saída de Baton Rouge que estava inventando formas de me fazer voltar. Eu ficava com pequenos sentimentos de culpa porque não podia ajudá-la com um grande galho caído em seu jardim. Sintomas estranhos que correspondiam a doenças vagas sobre as quais eu ouvira na TV. Ela ainda não tinha sessenta anos, almoçava muitas vezes com amigos e parecia ótima, então eu achava que estava inventando isso para me ter de volta. Todo filho, espero, se têm em alta conta.

Então eu dizia coisas como:

— Não sei, mãe. Você me parece muito bem.

— Obrigada, querido. Você é gentil — respondia ela.

Ela estava certa. Era apenas gentileza.

Fiz uma coisa semelhante ao telefone com Lindy naquela noite. Bêbada ou não, lá estava ela, conversando comigo sobre minha irmã morta, lembrando dela de formas muito específicas que ficaram cada vez mais raras com o tempo. Mas eu mal escutava.

— Lembra-se de todas aquelas pulseiras de ouro que ela costumava usar? — perguntava Lindy. — Aqueles brincos de argola grandes e cor-de-rosa? Eu costumava implorar à minha mãe para me comprar aquela merda.

— Por isso que você teria ido ao baile comigo? Porque gostava de Hannah?

— Não sei se realmente gostava dela. Não é como se fôssemos amigas. Eu apenas a via. Apenas a admirava. Você sabe como é. E sua mãe, meu Deus, parecia triste para cacete.

— Então aquilo na casa de Melinda também foi por causa disso? Você sentiu pena de mim?

Lindy gemeu.

— Não sei. Talvez. Por que você tem que analisar tudo?

— Não analiso. Apenas penso sobre isso algumas vezes, sobre aquela noite.

— Bem, você deveria parar, porque o que aconteceu aquela noite foi vodca demais e a prova de que as pessoas são uma bosta, porra. O cara que foi comigo trepou com uma vagabunda na lavanderia. Eu desmaiei na merda da grama. Foi horrível. Tive que

andar até em casa. Dormi na escada. Quando acordei, meu pai estava chorando. Eu não sabia que aquela merda estava escrita no meu rosto.

— Você devia ter ido comigo — falei. — Matt Hawk é idiota para cacete.

— Não — disse Lindy. — Matt Hawk tem um cacete. Bem grande. Esse é o problema dele.

Eu quis vomitar. Quis me jogar de um penhasco.

— Por que você diz essas coisas?

— O quê? — retrucou Lindy. — Não posso falar de paus? Os caras falam de peitos o tempo todo.

— Eu não.

— É verdade. Esqueci que você é um santo. Pensando nisso agora, acho que provavelmente devia ter ido com você àquele baile. Provavelmente deveria sair com você para sempre. Dessa forma não teria nenhum problema. Dessa forma seria apenas essa pessoa feliz com um monte de coisas boas.

— Não sou santo — falei.

— Certo — retrucou Lindy.

— Estou falando sério. Você não tem ideia do que sou capaz.

— Aham — duvidou Lindy. — Prove.

O jogo que Lindy escolheu foi Verdade ou Consequência.

Fiquei pensando em quantos destinos teriam se desvelado daquela forma.

— Certo — disse Lindy, ainda bêbada. — Vamos testar sua santidade. O que vai ser?

Minha resposta, claro, foi Verdade. Aquilo que eu sempre tinha desejado entre nós.

— Certo, Verdade — falou ela. — Você está me vendo neste momento?

Peguei meus binóculos e olhei para o outro lado da rua. Sabia que Lindy não podia me ver, mesmo se tentasse. Eu analisara tanto a minha própria casa a partir do carvalho do outro lado da rua que conhecia a aparência dela com as luzes do meu quarto acesas, as luzes do meu quarto apagadas, as luzes da varanda acesas, as luzes da varanda apagadas. Conhecia o brilho alaranjado da luminária sobre nosso piano quando Rachel se esquecia de desligá-la antes de ir para a cama. Conhecia a aparência das luzes do exaustor acima do fogão da cozinha, as sombras lançadas pelas trapeiras em plena lua minguante ou crescente. Sabia também que a janela do meu quarto, o lugar de onde a observava, era apenas um quadrado escuro do ponto de vista dela, praticamente invisível por causa do feliz ângulo em que nossas casas haviam sido construídas antes mesmo de Lindy ou eu nascermos. Ajustei os binóculos para ter uma visão mais clara. Quando coloquei as lentes em foco, vi que ela estava sentada junto à janela aberta e me mostrando o dedo do meio.

— Não — respondi. — Não estou vendo você.

— Achei que isto era Verdade ou Consequência, não uma babaquice para garotinhos — disse Lindy. — Sei quando alguém está me vendo.

— Eu só lhe disse que não era santo. Não significa que eu seja um cara esquisito. Há certa distância entre ser um anjo e um pervertido.

— Você acha? — retrucou Lindy.

— Acho.

— Sabe o que eu acho? — perguntou, e pousou o telefone.

Lindy então se levantou da cadeira e olhou diretamente para minha casa, diretamente para o ponto onde sabia que ficava meu quarto, e tirou a camisa. Ela a jogou fora de vista e ficou de pé ali. Levou o telefone de novo ao ouvido. Acendeu outro cigarro.

— Acho que você está totalmente errado.

Claro que estava.

Daquela grande distância, eu só conseguia ver seus contornos, iluminados pelos holofotes que os Kern tinham instalado em frente à garagem dois verões antes, e fitei sua silhueta nua. A pele parecia amarela e suave sob aquela luz. Seu sutiã tinha manchas de sombras de folhas e sua barriga parecia firme como uma tábua. Ela ainda tinha o corpo de uma maratonista, embora não competisse havia quase dois anos. A cintura de uma atleta, uma modelo de roupas esportivas, o corpo de todas as garotas de dezessete anos em forma pelo qual mesmo honrados homens de meia-idade — talvez por algum apelo nostálgico — se sentiam atraídos. Eu a observei ficar de pé sem camisa, à meia-luz. Tinha pouco a dizer.

E a coisa estranha é que eu já vira Lindy daquele jeito antes: de biquíni no quintal, de top enquanto disparava pela pista de corrida na Perkins, usando nada além de lingerie enquanto eu ficava sentado no carvalho. Também vira ângulos ainda mais íntimos, sua nuca exposta enquanto estava atrás dela na fila do almoço na escola, a curva de seus joelhos enquanto nosso grupo corria por entre os irrigadores de jardim tanto tempo antes. E também chegara perto o bastante para tocar seu corpo, a tinha derrubado na grama quente de nosso bairro e passado os dedos sobre suas cicatrizes na festa de Melinda. Mas aquilo era algo totalmente diferente. Dessa vez ela estava olhando para mim. Estava se apresentando a mim. Era mais do que eu conseguia suportar.

— Hum, fico pensando em por que você está tão silencioso — disse ela.

Então, como se para me torturar, colocou o telefone entre o pescoço e ombro nu e pousou o cigarro na xícara no parapeito. Em

seguida colocou as mãos para baixo a fim de desabotoar o jeans. Soltou o botão relaxadamente e abriu a calça, só pude ver o elástico da sua calcinha de cor escura que não combinava com o sutiã. Não conseguia lembrar de quando tinha falado pela última vez.

Sobre o que afinal de contas poderia ter sido?

— Quer dizer, se você está simplesmente aí sem olhar para nada, fico pensando por que não está falando — disse.

Lindy se curvou para tirar a calça jeans, e quando se levantou seu rosto era uma sombra redonda e escura, cuja expressão eu não conseguia ver. Levou a mão direita às costas e soltou o sutiã, e eu o vi escorregar pelos braços como em um sonho. Agora podia ver as laterais de seus pequenos seios sob a luz fraca e amarela, e essa visão se tornou um parâmetro permanente de minha memória, a despeito de tudo que aconteceu entre nós depois.

Lindy se afastou.

Sem uma palavra, virou e desapareceu na escuridão de seu quarto, e tudo o que conseguia ver pelos binóculos era a fumaça de seu cigarro esquecido, queimando em uma xícara no parapeito da janela. Mas ainda podia ouvir Lindy ali, sua respiração perto do fone, então concentrei toda minha energia nessa direção. Ela estava se enfiando na cama. Eu conhecia o som de conversas anteriores, quando ela se acomodara para me contar algo medonho sobre terapia em grupo, serial killers ou seus pais. Ouvi o colchão rangendo sob seu peso leve. Ouvi o som do ventilador de teto girando acima dela. Então, assim que se acomodou, ouvi a própria Lindy fazer um ruído. Um som maduro e prazeroso, um suspiro profundo e de satisfação, e era uma coisa que nunca tinha ouvido de ninguém antes.

— Certo — disse Lindy. — Agora é minha vez. Mas chega de Verdade. Eu quero Consequência.

Toda ideia que eu tinha era boba.

Eu só havia brincado de Verdade ou Consequência poucas vezes na vida, e, antes daquela ocasião, sempre houvera muito pouco em jogo. Uma vez, por exemplo, nos velhos tempos do bairro, Julie Artista me desafiara a beijar seu cachorro. “Como podemos saber se os animais são príncipes se não beijarmos todos eles?”, perguntara ela. Em outra oportunidade, em uma festa entediante no

ensino médio, desafiei sem muita empolgação um cara chamado Judson Vidrine a enfiar uma agulha de costura no antebraço (ele enfiou), e depois, apenas mais uma vez, quando Jason Landry desafiou todos da Piney Creek Road a beber um pote inteiro da água de picles em conserva. Quando resistimos à ideia e os garotos Kern o mandaram ir embora, Jason disse: “Ok, *Verdade*, então. Seus pais já os obrigaram a beber um pote de água de picles?”

Algumas coisas bem tristes são muito claras para mim agora.

No entanto, eu sempre considerara Verdade ou Consequência um jogo juvenil. Para mim, não era absolutamente nada sexual até Lindy se despir diante da janela e dizer a palavra “consequência”, e, a partir daquele momento, eu só conseguia pensar no modo como sua língua se movimentava na boca enquanto ela recostava na cama macia e fria para dizer isso. De repente, eu não via outra forma do jogo funcionar. Tudo girava em torno de sexo. Não havia mais nada, nem nunca houvera.

Mas eu era inexperiente.

Como poderia oferecer a Lindy um desafio grande o bastante para apagar os erros que cometera com ela desde que o *Challenger* mergulhara no oceano? Como poderia ser poderoso o bastante para compensar minha culpa de ter deixado escapar seu segredo? Como, também, poderia ser suficientemente provocador para que ela me fizesse os favores que eu queria? Como poderia ser honesto o bastante para que soubesse que por trás de nossa estranha amizade eu acreditava haver coisas importantes como amor verdadeiro e que talvez, um dia, pudéssemos realizar fisicamente esse amor? Em outras palavras, como poderia conceber uma Consequência tão poderosa que pudesse destruir a lateral da casa de Lindy, transformar a Piney Creek Road em uma esteira rolante e trazer o corpo dela para mim?

Eu não sabia.

Mas antes mesmo que pudesse tentar, ouvi Lindy do outro lado da linha, fazendo um ruído suave com a garganta. O ar saía dela em sopros irregulares, como se estivesse envolvida em alguma pequena tarefa. Isso me lembrou o modo como as pessoas respiram ao amarrar os sapatos ou durante as tentativas de enfiar linha em uma agulha, quando parecem lutar para se lembrar de algo que

deveria ser óbvio, e imediatamente eu soube o que ela estava fazendo.

Depois de vê-la se despir eu começara a fazer o mesmo.

— Lindy — sussurrei. — Eu desafio você a me dizer o que está pensando.

Ela deu outro longo suspiro. E falou:

— Estou pensando que você não é muito bom nisso.

— Por quê? — reagi. — É uma boa pergunta.

— Também é uma Verdade, idiota. Não uma Consequência.

— Certo — falei. — Então me diga. O que seria um bom desafio para a Consequência?

Ela nem sequer teve que pensar.

— Um bom desafio seria tipo eu desafiar você a vir aqui e me comer.

Fiquei em silêncio ao telefone e, até hoje, só houve uma outra vez em minha vida em que me senti tão eufórico. Foi em uma noite memorável nos primeiros anos de meu casamento, mais de uma década após ter tido essa conversa com Lindy, quando minha esposa e eu descobrimos que ela estava grávida. Passamos uma hora deitados na cama chorando esporadicamente porque nossas ansiedades mais profundas tinham se tornado evidentes para nós. Os sentimentos que partilhamos naquela noite foram importantes e estranhos e, à medida que o pânico se transformava em euforia, nos aproximamos mais um do outro sob as cobertas. Dissemos coisas bobas e honestas como “Espero que não se pareça com sua tia” e “Você sabe que vou estragar tudo, não é?”, enquanto minha esposa permitia que eu tocasse a parte de trás de suas coxas do modo gentil que eu já fizera mil vezes antes. Havia áreas de pele ressecada, algumas dobrinhas com as quais eu me acostumara tanto, e, ainda assim, quando houve um longo momento de silêncio no meio do nosso riso, em que achei que ela poderia ter adormecido, minha esposa abriu as pernas e exalou de um modo tão profundamente prazeroso que enlouqueci. Ela esticou a mão e a colocou sobre a minha, e, enquanto movia o quadril em mim, soube mais claramente do que nunca que estava fazendo algo que outra pessoa queria. Também soube que só o meu toque lhe daria prazer e que sua oferta física a mim era de um amor enorme, como o que

nasceria de seu corpo dali a alguns meses. E entendi que tudo o que acontecera em minha vida antes daquele acontecimento havia sido para me preparar para ele.

Mas com Lindy eu não estava nada preparado.

— Está falando sério? — reagi. — É o seu desafio?

— Não interessa se falei sério ou não — retrucou. — Não é minha vez.

— Mas era sério? Era nisso que estava pensando?

— Meu Deus — disse ela. — Você sempre tem que fazer perguntas?

— Não.

— Realmente quer saber no que estou pensando? Tem certeza?

— Sim. Tenho certeza.

— Certo — começou. — Conhece Chris Garrett?

Eu o conhecia.

Era um cara alto, um corredor da equipe de cross-country. Tinha minha idade. Costumávamos jogar futebol juntos. O que mais havia para saber?

— Claro que sim — respondi. — Ele é da minha turma.

Lindy esperou.

— Uma delícia — falou.

Não saquei. Chris Garrett não era nem popular nem interessante segundo qualquer parâmetro ao qual eu tinha acesso. Usava cabelos castanhos curtos em geral perfeitamente penteados. Estava em uma série de turmas especiais, tinha feito coisas ridículas, como ser tesoureiro do grêmio estudantil, e era membro de algo chamado Associação de Atletas Cristãos. Sempre que a Perkins School recebia palestrantes inspiradores, algum ex-atleta ou dependente químico em recuperação que nos pedia para fechar os olhos e orar se nos sentíssemos à vontade, Chris Garrett fechava os olhos, orava e parecia à vontade. Ele era tão puro, tão inofensivo que eu nunca antes pensara em odiá-lo.

Naquele momento, claro, teria de fazer isso.

— Por que está pensando nele? — questionei.

— Eu sei — respondeu Lindy. — É bizarro, não é? Há algo nele que me deixa tão… Uh. Quase não consigo olhar para ele.

— O que você quer dizer? — perguntei. — Deixa você tão o quê?

— Você sabe — sussurrou. — Molhada.

Essa ideia era demais para mim.

Meu estômago revirou em movimentos estranhos, meu peito apertou.

Eu devo ter feito algum ruído, não sei bem o quê, mas Lindy soube meu segredo.

— Você também está fazendo, não é? — falou.

Não consegui responder. Não precisei.

— Às vezes faço na escola — revelou Lindy. — Não consigo deixar de pensar nele. Fiz sob o moletom na aula de espanhol enquanto ele apresentava um trabalho sobre tourada ou alguma merda assim. Ele estava tipo “Alguém tem alguma pergunta?”, e eu estava tipo “Eu tenho. Você poderia, *por favor*, me comer agora mesmo?”.

— Lindy.

— Deus, que corpo, cacete — gemeu ela. — Eu só quero lambê-lo inteiro. Mas ele provavelmente acha que sou uma vagabunda, não é? Você acha que ele é virgem? Aposto que é. Aposto que é virgem, porra.

E então Lindy ficou imersa em si mesma, revisitando alguma fantasia que aparentemente tivera centenas de vezes antes com Chris Garrett, talvez, ou com garotos em geral, com virgens. Mas dessa vez eu por acaso também estava lá. Ela murmurou e sussurrou coisas que eu não conseguia entender, e os ruídos ficaram abafados enquanto o fone roçava em sua bochecha. Pensei tê-la ouvido dizer:

— Diga. Diga que gosta de mim.

— Lindy — falei. — Claro que gosto.

— Toque em mim. Quero sentir você.

— Certo — falei. — Também quero isso.

— Me beije, diga — falou, e então começou a arquejar com respirações curtas. O simples som disso me levou além do limite e eu escutei enquanto ela continuava a se lançar com força contra algo invisível. — Diga que você me quer — insistiu. — Diga que gosta de mim.

— Lindy — falei.

— Chris! — exclamou ela.

E antes que eu pudesse dizer algo mais, antes que pudesse corrigi-la, vi meu reflexo na janela. As laterais da cabeça estavam raspadas e as mechas finas de cabelo no alto se erguiam como se eu estivesse chocado, e, pela primeira vez, me pareceu que eu estava usando uma peruca. Todas as alfinetadas que minha irmã dera sobre minha aparência desleixada retornaram a mim como verdades óbvias, e essa sensação de infelicidade se multiplicou. Estiquei a mão em busca de algo com que me limpar e quando vi meus próprios braços brancos e magros ao luar reconheci claramente que não era um atleta, não era Chris Garrett, embora tivesse havido um momento em minha vida em que provavelmente poderia ter sido. Também não era um bom cristão, e desde a morte de minha irmã não me sentia à vontade para fechar os olhos e rezar perto de alguém. Em vez disso, era apenas um garoto manipulador que, de algum modo, dera um jeito de partilhar um momento íntimo com a garota de que gostava, e não me orgulhava daquilo, nem mesmo naqueles primeiros momentos. Mas enquanto eu escutava Lindy sentindo o prazer, ainda me aferrava à esperança de que pudéssemos ter finalmente cruzado qualquer que fosse a barreira que precisávamos cruzar. Uma parte instável de mim sentia que aquilo poderia ser a coisa que nos aproximaria.

Do outro lado da linha, a respiração de Lindy finalmente se tornou lenta e exausta. Ela ficou em silêncio, e eu achava que já estivesse satisfeita. Fiquei pensando se seus pensamentos retornavam a mim ou se agora sentia curiosidade a respeito do meu corpo, minha sexualidade ou minha imaginação, e não disse nada que pudesse interromper aquele momento. Não senti necessidade disso. Tínhamos partilhado algo particular, atípico e enorme naquela noite, e para mim a verdadeira questão passara a ser se isso seria ou não algo que faríamos regularmente nos anos seguintes, talvez ao final de um longo dia, antes de adormecer. Então prestei atenção às palavras de despedida de Lindy para mim naquela ocasião. Um *boa noite*, talvez. Quem sabe um *Eu te amo*.

Depois de um tempo, ela finalmente falou.

— Algumas vezes, eu juro que só queria explodir a porra do meu cérebro.

Como posso explicar agora, uns vinte anos depois, a verdadeira diferença entre mim e Lindy? O modo como sua voz ao telefone naquela noite às vezes ainda me assombra, e a maneira como isso moldou quem eu sou. O modo como tive que me tranquilizar com meu papel nisso.

Talvez eu possa começar lhe dizendo:

Baton Rouge não é Nova Orleans.

Eles ficam com toda a fama, mas nós somos a capital de Louisiana. Nosso centro é cercado por prédios governamentais cinzentos, um tribunal e duas residências oficiais do governo — uma delas desativada e transformada em museu. O prédio de nosso poder legislativo, um dia a construção mais alta do Sul, ainda mostra os buracos de bala do assassinato do governador e senador Huey Long em 1935. Isso o torna único, de modo que algumas pessoas visitam esse lugar.

O centro de Nova Orleans é chamado de Bairro Francês.

Talvez você já tenha ouvido falar.

É uma mistura de brancos, negros, imigrantes, cajuns e créoles: Nova Orleans. É uma cidade de grande pobreza e também grande riqueza, geralmente na mesma rua, e por isso todas as melhores mentes a estudaram. Baton Rouge é uma cidade cujos problemas, estatisticamente, são em grande medida previsíveis. Temos trânsito na hora do rush. Temos violência nas áreas mais perigosas da cidade. Nossas escolas públicas, cheias de crianças pobres e com poucos recursos, provavelmente vão desmoronar e acabar. Nossos dirigentes, se eleitos com ampla margem de votos, normalmente não cumprem suas promessas. Quando comparada com as médias nacionais, Baton Rouge em geral gira em torno da trigésima sétima posição entre as cem principais regiões metropolitanas dos Estados Unidos, não importando o que você esteja pesquisando.

Contudo, sempre nos saímos bem em pesquisas bizarras. Quando demógrafos e cientistas sociais vão além dos números e fazem pesquisas qualitativas, Baton Rouge inevitavelmente fica em

uma posição melhor. Estamos disparados em categorias misteriosas como “gostar dos vizinhos”, “ter um bom fim de semana” e “esperar que os filhos sempre fiquem por perto”. Há várias razões para isso. Plantas com flores gostam daqui. As coisas crescem enlouquecidamente. Quando é quente é quente mesmo, e quando chove chove, mesmo. Nosso clima não é enigmático. A comida em Baton Rouge também é boa e barata, o que é importante. Não há um lugar onde se coma um sanduíche ruim. Abra um restaurante medíocre e você vai falir. Abra um lugar novo onde costumava haver um ruim e reze para que o perdoemos. Não atraímos turistas em número suficiente para ter uma comida feita sem dedicação. Graças a Deus.

Baton Rouge também é, em grande medida, uma cidade universitária, e isso faz com que as pessoas se sintam jovens. Nos sábados de outono, o time de futebol americano da LSU arrasta multidões de noventa e duas mil pessoas para vê-lo jogar. Nesses dias, o próprio Tiger Stadium se torna a sexta maior cidade da Louisiana, e você tem de lutar para encontrar uma pessoa na cidade, quer se interesse ou não, que não saiba o placar. Durante o jogo o campus da LSU — com carvalhos, telhados de telhas coloniais e duas colinas fúnebres indígenas — recebe outras cem mil pessoas que não têm ingresso, mas decidiram ir assim mesmo. Elas se sentam em cadeiras dobráveis e conversam. Partilham cerveja gelada e comida quente. Todas estão do mesmo lado. Isso ajuda.

Também ajuda que Baton Rouge se erga em um costão a leste do rio Mississippi, o que com frequência nos protege dos grandes furacões. Isso não significa que não tenhamos sido atingidos. Em 1992, quando o furacão Andrew soprou pelo sul da Louisiana, minha mãe e eu vimos os ventos arrancarem um carvalho de doze metros de nosso quintal. Nos segundos antes que caísse, as raízes grossas se rompendo sob a laje do chão de nossa casa soavam como pipoca estourando. No momento em que o olho do furacão Andrew pairou acima de nós e pudemos sair e pisar em folhas, galhos e telhas arrancadas, a cratera deixada pelo carvalho já estava cheia de entulho e água da chuva, e nunca mais ficaria plana. Esse tipo de dano era comum em nosso bairro. Na casa de Lindy, por

exemplo, o carvalho no qual eu passara tantas noites tombou e penetrou pela parede do quarto dela. Esmagou o telhado, quebrou a janela e também partiu uma viga no piso do segundo andar, fazendo com que a água da chuva entrasse na casa toda. Mas nessa época, outono de 1992, ninguém mais morava lá.

Ainda assim, muitas vezes fomos poupados de grandes tragédias.

Em 1973, por exemplo, Baton Rouge conseguiu evitar a inundação histórica do rio Mississippi ao abrir desaguadouros e comportas artificiais. Embora parecesse uma decisão simples salvar nossa cidade, a sede do governo estadual, isso provocou a inundação de dezenas de cidades menos habitadas e de cursos de água pantanosos ao longo de um canal chamado bacia Atchafalaya. Os sedimentos do rio entupiram os canos de descarga. Casas saíram flutuando como se crianças as dirigissem. A vida selvagem desapareceu. Novas espécies invadiram. Ecossistemas inteiros foram modificados. Baton Rouge permaneceu seca.

Mas ainda pior foi termos sido poupados das inundações do Katrina.

Você precisa entender. Quando as pessoas pensam na Louisiana, pensam exclusivamente em Nova Orleans. Não temos problemas com isso. Nova Orleans tem a cultura, o encanto. Eles são chamados de The Big Easy, por conta da facilidade dos músicos em encontrar emprego. The Crescent City, devido a seu formato ao longo do rio Mississippi. O Berço do Jazz. O povo de Baton Rouge nem sequer tem sotaque. Nossos desfiles, comparados aos de Nova Orleans, são amadores. Mesmo nossos bares mais desordeiros fecham às duas da manhã. Os deles simplesmente não fecham. Então, sempre que as pessoas em Baton Rouge se sentem selvagens, dirigem noventa e seis quilômetros até Nova Orleans. Ficamos em hotéis chiques e gastamos um monte de dinheiro. Bebemos cerveja na rua e tomamos decisões ruins. Viramos no sentido errado nos cruzamentos e nos sentimos eternamente perdidos, e quando acordamos de manhã, arrependidos e satisfeitos, voltamos para casa dizendo: “É um lugar divertido para visitar, mas eu não iria querer morar lá.”

Em outras palavras, fazemos muito sentido.

Nova Orleans, não.

Por exemplo: Nova Orleans é a única cidade americana abaixo do nível do mar que fica junto ao mar. Assentamentos ensolarados nos vales das cadeias montanhosas da Califórnia não contam. O golfo do México, o lago Pontchartrain e o rio Mississippi cercam essa cidade histórica e a empurram, pressionam, engolem. De fato, Nova Orleans é tão baixa, tão encharcada, que com frequência precisam enterrar seus mortos acima do solo.

A cidade de Nova Orleans também é irônica. Em escala nacional, ela regularmente fica em primeiro lugar em crimes violentos e autorizações municipais para festividades públicas. É um lugar que conheceu a escravidão e o preconceito violento, e ainda assim vibra com gays e transexuais. Foi repetidamente dizimada por pestes, batalhas e tempestades incomparáveis, e em vez de deixar o lugar o povo de Nova Orleans se orgulha do fato de que as circunstâncias impostas a ele são extraordinárias e trágicas. Então, alguém agir como se Nova Orleans não fosse o lugar mais interessante do mundo é, para um nativo de Nova Orleans, desinteressante. Alguém agir como se Nova Orleans fosse algo que não seu próprio planeta, seu próprio universo, é ingênuo. Como tal, o povo de Nova Orleans é conhecido por especular o que um lugar genérico como Baton Rouge tem, no fundo, a oferecer.

Por muito tempo tivemos dificuldade em oferecer uma resposta.

Mas agora posso lhe dizer.

Nós temos culpa.

Quando o furacão Katrina entrou no golfo e virou na direção norte em 2005, os ricos saíram de Nova Orleans para Baton Rouge. Eles ouviram em suas televisões digitais e em seus rádios por satélite a ordem de evacuação obrigatória e ao anoitecer tinham lotado nossos hotéis e estacionamentos. O tráfego estava tomado por carros e trailers e o estado empregava o que é chamado de contrafluxo para inverter todas as pistas rumo ao oeste e ao norte pelas Interestaduais 10, 55 e 59. Baton Rouge estava feliz em ajudar. Afinal, éramos vizinhos. Sempre havíamos sido educados.

Então, quando fomos estocar nossos próprios suprimentos naquele dia — pilhas, garrafas de água, propano para o churrasco —, lidamos bem com o fato de que os habitantes de Nova Orleans estranhamente também estavam lá, comprando artigos de

higiene pessoal e sacos de batatas fritas para seus quartos de hotel. As filas eram longas, nada funcionava direito, e eles fizeram de tudo para deixar isso claro para nós. Eram barulhentos, gregários e obviamente desconfiados de coisas como nossa escolha de pães. Era engraçado como achavam nossa cidade estranha, como se tivessem desembarcado em Marte. Não sabiam onde ficava o corredor de sucos. Não conseguiam achar a cerveja Jax. Não sabiam exatamente em qual faixa da rua podiam virar e acionavam a buzina muito mais rápido que nós, mesmo quando estavam errados. Isso não era nada de mais. *Você primeiro*, dissemos. *Esperamos que gostem de sua breve estadia*. E então, naquela última noite antes da tempestade, enchemos nossos restaurantes e bebemos com ânimo, as pessoas de Baton Rouge e Nova Orleans juntas. Brincamos sobre como era uma loucura morar aqui.

Isso foi em 28 de agosto. No dia seguinte, começou a chover.

Então veio o vento e a luz acabou.

Depois disso, começaram a chegar aos poucos as notícias inconcebíveis.

Em 31 de agosto, quase cinquenta trechos do sistema de diques de Nova Orleans se romperam.

A maioria das regiões da cidade, oitenta por cento segundo algumas estimativas, estava sob três metros de água. O serviço de telefonia celular se tornou irregular para todos, e de repente surgiu o problema das pessoas desaparecidas. Ninguém sabia onde estavam os vizinhos, os primos, uma avó. Ouvi dizer que dois amigos meus que viviam na parte alta de Nova Orleans, um velho colega de universidade e a esposa, tinham passado as duas noites anteriores em seu carro Subaru Outback, estacionado em um pequeno shopping de uma cidade próxima chamada Denham Springs. Não sabiam o que fazer além disso. A mulher, que se chamava Jennifer, estava enorme de grávida, e meu colega queria me perguntar se eu sabia de quartos de hotel, algum lugar onde ela pudesse tomar um banho. Como todo morador de Baton Rouge de valor, abri minha casa para eles. Segurei a mão de Jennifer enquanto ela subia os poucos degraus até a minha porta da frente e me desculpei pelo calor, que, sem luz e ar-condicionado, era inevitável. Ela vestiu um biquíni e ficou do lado de fora, se banhando

com a mangueira do jardim, e era uma bela vista. Quando a energia voltou no dia seguinte, ficamos ali como imbecis assistindo à televisão.

A devastação em Nova Orleans era total. Evidente. Trágica.

E embora eu me sentisse próximo daquela tragédia, embora ficasse para sempre marcado por ela, e embora realmente ame e me preocupe com aquela grande cidade, no final das contas, não cabe a mim contar a história dela. Entendo isso.

Já a de Baton Rouge, cabe.

Tivemos nossos próprios problemas.

Depois que os diques se romperam e as ruas deles foram invadidas pela água, os pobres ilhados de Nova Orleans, que eram muitos milhares, começaram a seguir rumo oeste pela Interestadual 10. Alguns eram transportados em ônibus escolares requisitados por decreto da governadora Kathleen Blanco, e enviados para lugares generosos como Houston, Jackson e Shreveport. Outros simplesmente caminharam. A temperatura era de trinta e cinco graus Celsius e seus sapatos ainda estavam molhados. Os homens seguiam sem camisa e as mulheres usavam camisetas pingando e bandanas nas cabeças. Pequenos ferimentos não tinham sido tratados: um corte fundo vermelho da queda de um galho de árvore, um hematoma cor de morango de um tombo no asfalto escorregadio, dedos inchados em mãos inchadas que provavelmente estavam todos quebrados. Aqueles em cadeiras de rodas eram ajudados por estranhos ou parentes, e dormiam ou liam Bíblias, muitos deles parecendo imigrantes do Terceiro Mundo subindo a rodovia americana, carregando suas relíquias em sacolas plásticas do Walmart.

Helicópteros enviavam imagens disso para os meios de comunicação e caminhões do exército passavam ruidosamente, jogando engradados de água mineral. Em um nível nacional, as pessoas se sentiam ultrajadas. Localmente, muitos dos pobres ilhados, quando chegavam à primeira cidadezinha, eram expulsos sob a mira de armas. Baton Rouge, no entanto, abriu suas portas.

E as pessoas não pararam de chegar.

Quase que da noite para o dia, nossa população dobrou. Nas semanas seguintes ao Katrina, alguns estudos estimavam que

duzentas mil pessoas a mais viviam apenas na Paróquia de East Baton Rouge. As escolas transbordavam, o valor das propriedades disparava e restaurantes brotavam do nada. Muitos consideravam isso uma oportunidade, uma chance de Baton Rouge mostrar ao mundo do que era capaz. Nosso prefeito, por exemplo, classificou a situação como sem precedentes, então nos sentimos obrigados a ser hospitaleiros. Contratamos refugiados para trabalhar em nossas caixas registradoras. Aumentamos as linhas de ônibus. Mudamos a programação de nossos sinais de trânsito. Quando os relocados nos perguntavam onde comer um bom sanduíche, tomar um bom gumbo, dávamos a eles listas de lugares. Queríamos impressioná-los desesperadamente, agradá-los, e nos sentimos próximos por um tempo.

Mas, no final, o que aconteceu foi isto:

A realidade se instalou.

Baton Rouge não é Nova Orleans. Eles nos informaram que nosso sanduíche típico em baguete, o *po' boy*, não era tão bons quanto o deles. Nosso trânsito era intolerável para aquelas pessoas que o estavam causando. Não havia onde conseguir uma omelete decente, fomos informados, embora tivéssemos tomado felizes café da manhã por anos. Não havia nada divertido a fazer em toda Baton Rouge, explicaram, e concordamos, porque nossos melhores teatros, shoppings, bares e pistas de boliche estavam lotados com as pessoas novas na cidade.

Eles falavam: não era o que eu queria dizer.

Sabíamos o que queriam dizer.

E, verdade seja dita, por um tempo ficamos magoados com isso, tanto nossos ricos quanto nossos pobres.

Aparentemente nossas sedes governamentais careciam de caráter. Nosso Garden District era uma cópia barata do deles. Nossos melhores restaurantes não eram um Antoine's, um Commander's Palace, nada como o luxo que se podia encontrar no Bairro Francês. Nossos cassinos, nossos parques de diversões, nosso zoológico, bem, eles eram deprimentes. E nas ruas escuras da velha Baton Rouge os pobres também tinham suas diferenças. Surgiram novos grafites que nossos garotos nunca haviam visto. Nosso código de área era duzentos e vinte e cinco, mas alguém

riscara quinhentos e quatro no capô do Cadillac de um mafioso local. Isso foi o começo de tiroteios, guerras por território. Três homens — na verdade, apenas garotos — foram assassinados nos degraus diante da casa da avó à luz do dia. Várias gangues diferentes reivindicaram a autoria, então ninguém teve certeza do significado. Com o passar dos meses vieram relatos alarmantes de nossas escolas de ensino médio: indecências crescentes nos banheiros, mais armas confiscadas, ameaças a professores. Fomos informados de que isso era uma forma de distúrbio de estresse pós-traumático pelo qual as crianças estavam passando. Disseram que não deveríamos ficar alarmados, tirar conclusões precipitadas. Afirmaram que era impossível culpar pessoas que tinham passado por tanto sofrimento, sido desalojadas, ficado tão confusas, e nós entendíamos isso.

Achamos que estavam falando de nós.

Conforme as semanas se transformaram em meses, choveram novos conselhos.

Se quiséssemos realmente fazer isso funcionar, disseram os especialistas, era hora de Baton Rouge tomar algumas grandes decisões. Era hora de crescer. A cidade precisaria ser reorganizada: todas as ruas de duas pistas transformadas em de quatro, cruzamentos inteiros eliminados e reprojetados, árvores derrubadas para alargar um bulevar. Mandaram que trancássemos as portas dos carros, fechássemos as janelas, e disseram que, de qualquer maneira, provavelmente já devíamos estar fazendo isso. O mundo, afinal de contas, não era algo tão simples quanto jogos de futebol americano nos sábados de outono, um bando de pessoas amigáveis sendo amigáveis. Todos sabem disso. A vida em uma cidade real é difícil e complicada, e coisas terríveis acontecem com pessoas maravilhosas. Como dizem, se você quer amadurecer, se quer se desenvolver, precisa estar preparado para investir. E, é claro, você tem de estar preparado para perder esse investimento.

Então, fizemos isso.

Enfiamos as pás no solo. Abrimos antigos prédios de escritórios que haviam sido condenados anos antes. Construímos pequenos shoppings que realmente não nos agradavam, porque sentimos que a demanda era grande e imediata. Apostamos alto e abrimos

mercearias especializadas vendendo coisas que esperávamos que atraíssem nossos novos moradores. Então abrimos as portas desses lugares e ficamos lá, respirando fundo, ainda tentando, depois de tanto tempo, impressioná-los.

E então eles foram embora.

Aqueles com recursos ou voltaram para Nova Orleans para reconstruir tudo ou se aposentaram em cidades enfadonhas como Natchez, no Mississippi. Jovens profissionais partiram para Dallas. Muitos dos donos de restaurantes desalojados encontraram espaço em lugares como Gulf Shores, no Alabama, e Destin, na Flórida.

As gangues de rua, porém, decidiram ficar.

E a mulher chamada Jennifer, eu deveria mencionar, também teve seu filho em Baton Rouge. As contrações começaram no meio da noite enquanto ela e meu amigo dormiam no meu quarto, que eu cedera para que pudessem ter privacidade. Na época eu morava sozinho, e não me importava de dormir no sofá ou ficar na casa de minha mãe. Eu estava entrando na casa dos trinta, e minha mãe, embora tivesse começado a envelhecer de forma nítida, continuava independente e orgulhosa, e morava no mesmo bairro de Rachel e sua família (um homem cristão e duas meninas pequenas, que amo muito), e eu a visitava com frequência.

Na verdade, estava na casa da minha mãe quando recebi o telefonema. Meu colega estava muito confuso, e eu podia ouvir Jennifer gritando ao fundo. Ele me disse que não conheciam nenhum médico em Baton Rouge. Havia algum problema com o plano de saúde. Ele pensou que as contrações talvez fossem parar. Admitiu que nada, absolutamente nada, estava acontecendo como planejado. Passava de meia-noite e eu voltei de carro para minha casa, e no momento que cheguei lá, a bolsa se estourou. Eu os levei correndo à emergência, meu amigo no banco de trás do carro com a esposa. No caminho fiz alguns favores a ela, como ajustar as saídas do ar-condicionado e ultrapassar sinais fechados, e por alguma razão sentia como se eu mesmo estivesse tendo aquele filho. Quem sabe por quê? Quando chegamos, a emergência estava lotada com vítimas do Katrina, embora semanas já tivessem passado desde a tragédia, e aquelas pessoas foram agressivas conosco enquanto levávamos Jennifer para o começo da fila. Após

alguns minutos, os dois foram levados e usei o celular do meu amigo para ligar para os parentes dele e de Jennifer, que estavam espalhados por todo o país.

Todos ficaram felizes de saber das contrações, do nascimento iminente, mas se questionaram se seria possível viajar para a Louisiana naquele momento. Ficaram se perguntando se ainda estaria sob água, se a Guarda Nacional ainda estava lá, se as pessoas ainda saqueavam e matavam umas às outras, e eu disse que não, que estávamos bem. Contei a eles que embora essa fosse uma confusão comum, Baton Rouge não era Nova Orleans. No meio da manhã, minha mãe, minha irmã e a mulher que logo se tornaria minha esposa haviam aparecido no hospital. Queriam que Jennifer se sentisse especial, embora mal a conhecessem, porque ela era especial, o momento era especial. Levaram flores e um cobertor macio, e nos reunimos ao redor dela como um oráculo depois de ter dado à luz. Era uma menina que iam chamar de Marigny, ela nos disse, em homenagem a uma das regiões mais fabulosas de Nova Orleans, que eles acreditavam ser a cidade mais fabulosa do mundo.

“É um belo nome”, dissemos a ela, e sei que secretamente imaginei por quanto tempo esperavam que eu fosse ajudar a criar aquela criança. Fiquei imaginando o quanto devia me afeiçoar. Isso me causou uma onda de pânico, a realidade de tudo aquilo. Eu não estava pronto para um bebê, pensei, e de repente, temi que pudesse nunca estar.

E é apenas em momentos como este, quando há anos entre mim e os acontecimentos, que me sinto perto de compreender minhas lembranças e como as pessoas que conheci me afetaram. Muitas vezes fico impressionado e inundado pelas formas belas como coração e mente funcionam sem deixar de criar esse sentimento de ligação. É a forma como Lindy sempre me faz lembrar Nova Orleans, quando penso nela agora, embora nunca tivéssemos colocado os pés lá juntos.

O último suspeito do estupro de Lindy Simpson foi o psiquiatra Jacques P. Landry. Ele tinha um consultório particular na Harrell's Ferry Road, uma casinha com seu nome na placa, a qual minha mãe sempre mencionava quando passávamos por ela, no mínimo para perguntar se havia ou não carros estacionados ali. Também tinha a grande casa em Woodland Hills, o cajado com que espreitava o bosque atrás de nossa casa, a cabeleira preta, os óculos grossos e, junto com a esposa, Louise, criara aproximadamente doze crianças na época em que o conheci na Piney Creek Road. Embora sua família sempre fosse vista como uma força desagradável em nosso bairro agradável, Jacques Landry só foi visto com crescente suspeita em relação a Lindy Simpson quando uma dessas crianças, seu filho adotivo Jason, desapareceu.

Um pouco mais sobre o Sr. Landry, que tentei isolar em minha memória:

O tamanho dele era sobrenatural. Com um metro e noventa e cinco e cerca de cento e quarenta quilos, o homem era um gigante, um ogro. Mas para mim há algo incrível nos enormes de verdade. Não consigo deixar de olhar para eles, para o tamanho de seus dedos, suas coxas. Mesmo daqueles homens parecendo montanhas dos quais sinto medo, que considero desprezíveis, não consigo deixar de sentir pena em certo sentido. Fico pensando em como deve ser difícil realizar as tarefas mais banais em um mundo que não foi feito para eles. Entrar em um carro compacto, por exemplo. Apertar os botões de um aparelho de som. Encontrar roupas que caibam. Escutar outro ponto de vista. Deixar de simplesmente pegar para si, talvez, o que poderia ser facilmente tomado. Tem que ser difícil para eles. Para um homem desse tamanho qualquer negativa deve ser algo perturbador.

Assim como ele era.

Embora seu nome fosse francês e comum no sul da Louisiana, também havia algo de esquimó em Jacques Landry. Algo dos hunos. Tinha um rosto largo e bronzeado com maçãs do rosto bem-

marcadas. Os cabelos pretos e grossos não seguiam qualquer estilo. Imagino agora que sua esposa Louise devia cortá-los, usando uma tigela que tivesse acabado de lavar, tirando algum resto de ingrediente que apenas seus parentes deviam usar naquela época: quem sabe farinha de milho não refinada, alguma raiz do campo em pó. Talvez nas manhãs de domingo, como em uma espécie de trégua depois de o Sr. Landry ter sido tão mau com ela na noite anterior, Louise colocava a tigela em sua cabeça, cortava seus cabelos e, ao terminar, alisava suavemente aquelas sobrancelhas grossas que sempre pareciam emaranhadas quando ele falava, a não ser quando erguidas ao dar um sorriso largo, cujo significado ninguém mais conhecia. Talvez então ela cortasse suas unhas dos pés e escovasse seus dentes, talvez segurasse as mãos dele, que eram como patas de urso, e dissesse: *Está tudo bem, meu gigante. Sei que você não quer machucar ninguém*. Como mais ela poderia ter vivido com aquele homem? Não sei.

Jacques P. Landry também tivera problemas com a lei.

Uma informação extra que obtive mais adiante na vida, em conversas aleatórias que tive separadamente com minha mãe e meu pai sobre nossos passados, nossos anos vividos na Piney Creek Road, me levou a descobrir que, em mais de uma oportunidade, o Sr. Landry tivera suspensa sua permissão para exercer legalmente a psiquiatria por causa de algo que minha mãe chamou de forma vaga de comportamentos inapropriados e meu pai definiu como problemas com receitas. Isso não me surpreendeu. Afinal de contas, eu o vira se inclinar um pouco perto demais das garotas do bairro quando elas ainda tinham pelos macios nas pernas e bijuterias baratas nos pulsos. Vira como seu próprio filho adotivo o odiava. Também vira uma caixa de seringas e uma outra cheia de frascos no quarto mais sombrio da casa dele, em uma época sobre a qual ainda não lhe contei.

Isso aconteceu de forma peculiar.

Foi duas semanas antes do início do semestre, no outono de 1991, meu terceiro ano do ensino médio, e Lindy e eu não nos falávamos desde aquela noite de Verdade ou Consequência ao telefone. Ela desligara após mencionar suicídio, e eu ficara mais uma hora sentado junto à janela, ruminando uma série de

pensamentos sobre nossa relação que me deixaram mais deprimido do que nunca. Pensei em ligar para ela, claro, pensei em nossa conversa erótica, mas o que realmente assentava em mim era a compreensão tardia de que nada romântico nasceria um dia entre nós. Também entendi, talvez pela primeira vez, que não era a única pessoa na Piney Creek Road infeliz com a vida, e que, em comparação ao de Lindy, meu nível pessoal de infelicidade se parecia mais com alegria.

Não que minha vida não fosse complicada.

Para ser justo, eu havia tido uma infância estatisticamente difícil. Na verdade, pesquisas apontam que adolescentes que perdem um irmão experimentam uma grande gama de efeitos prolongados: a síndrome do sobrevivente, vergonha de sua própria imaturidade na época da morte, remorso por seu egoísmo durante o processo de luto e assim por diante. Porém, o mais interessante é que também há dados sugerindo que resultados positivos surgem dessas tragédias familiares. Novos estudos revelam maior criatividade, produtividade e inovação dos irmãos sobreviventes, já que são motivados a provar algo além do que seus colegas sentem necessidade de provar. Algo como, imagino, seu valor essencial na Terra. Esses irmãos sobreviventes geralmente também crescem e desenvolvem outras características positivas, características maduras quantificadas em categorias como “participação da criação dos filhos” e “maior empatia”. Na verdade, em alguns casos, o mesmo pode ser dito de filhos que passaram por um divórcio.

Mas em todas as pesquisas que fiz, para tentar entender a Lindy que eu acreditava conhecer e a Lindy que realmente poderia ter vivido do outro lado da rua duas casas adiante quando eu era mais novo, a perspectiva é menos favorável. Pouco se fala de resultados positivos, ao passo que os sintomas negativos das vítimas de violência sexual são muitos e variados. Diga um, e um grupo de mulheres com certeza sofreu disso. Mas há uma frase que reaparece em quase todos os estudos que li, uma descrição que parte meu coração quando a vejo e penso em Lindy, ou em qualquer um. É uma categoria abrangente que se destaca e, como indicam os dados, geralmente não reduz com o passar do tempo. O sintoma é

chamado de “capacidade reduzida de desfrutar a vida”, e, para algumas mulheres, é mortal.

Eu não entendia tudo isso na época, é claro, mas depois de Lindy mencionar suicídio, comecei a sentir isso. Esse sentimento costuma ser conhecido como “ter uma noção geral”, e não é pouca coisa para um adolescente. Isso me mudou por completo. Então, no dia de nossa orientação escolar anual no começo do semestre, uma reunião de três horas para conhecermos nossas novas responsabilidades e salas de aula, encontrar os novos professores e revirar os olhos, eu me vi agir de uma forma que não reconheci.

De pé em uma fila do lado de fora do ginásio da Perkins, esperando minha vez em um dos insuportáveis jogos de confraternização que tinham sido montados para nós (coisas com nomes como Outono da Confiança e Círculo Familiar), notei Chris Garrett pouco atrás de mim e despreocupadamente deixei que algumas pessoas passassem à frente para que eu pudesse me aproximar. Ele tinha uma espinha na bochecha e cheirava a sabonete. Trouxera de casa uma garrafa de leite cheia de água, para se manter hidratado antes que alguém pensasse em engarrafar água para vender, e usava pendurado no pescoço bronzeado um crucifixo de madeira, provavelmente recebido em alguma viagem missionária. Ele era, agora sei, evidentemente bonito. E depois de um bate-papo sobre nossos verões, as instruções escolares e nosso tédio, me vi perguntando o que ele pensaria caso, hipoteticamente, digamos, eu pudesse ou não ter ouvido que Lindy Simpson gostava dele.

Ele pareceu confuso.

— Lindy? — repetiu. — Não sei.

— Como assim? — perguntei.

Ele estreitou os olhos e tocou o queixo. Fez uma expressão tão simples e inocente quanto a de uma pessoa escolhendo entre batatas fritas e anéis de cebola.

— Bem, para começar, ela não é muito boa em espanhol.

— O quê? Quem liga para espanhol?

— Em vinte anos todos estaremos falando espanhol — respondeu ele.

Chris Garrett levantou e agarrou o pé de um modo que lhe permitia alongar os quadríceps. Depois fez o mesmo com a outra perna e tenho de admitir que foi difícil para mim não partir para a agressão. Mas era apenas ciúmes. Sabia disso naquele momento. Ele era alto e estava em forma, e por todos os parâmetros normativos, quase com certeza era uma pessoa muito melhor do que eu. Também sabia que mesmo sem tentar, provavelmente poderia ter tudo que eu um dia quisera. Contudo, essa injustiça não me enfureceu do modo como acontecia com Matt Hawk ou qualquer um dos bandidos indignos com quem vira Lindy. No caso de Chris, me deparei com pensamentos benignos como: *Será que Lindy vai às provas dele nas pistas de corrida?* Ou: *O que os pais dele vão achar dela?* De repente eu estava sentindo uma curiosidade despreocupada e sem dor, inseguro sobre o que fazer com isso.

— Mas ela é bonita — disse Chris.

Ergui os olhos e vi que ele localizara Lindy do outro lado do pátio, de pé na fila da livraria. Os cabelos estavam tingidos de preto e continuavam escapando de detrás da orelha. Nós a observamos como se fosse uma aluna estrangeira de intercâmbio que acabara de chegar à escola. Vestia-se de forma casual, com uma camiseta de rock e shorts, e aparentemente prestava atenção na conversa travada à sua frente, embora fingisse que não. Eram dois atletas metidos, Brett Manner e Curren Boyle, contando animadamente uma história que exigia que ambos dessem chaves de braço. À medida que a animação deles aumentava, Lindy fez uma careta e roeu a unha do polegar, se esforçando muito, imagino, para não sorrir.

— O treinador ainda fala dela o tempo todo — revelou Chris. — Diz que foi a melhor de todas. Sabe por que ela parou de correr? Nunca entendi isso.

Observei Lindy dar um sorriso enquanto os atletas à frente começavam a lutar um contra o outro no chão e me senti mais próximo dela de uma forma nova. Talvez, pela primeira vez na minha vida, eu não estava traçando planos para atraí-la e mesmo assim me sentia totalmente entusiasmado pela proximidade dela. Ainda me sentia vivo e envolvido. Isso não tinha mudado. E mesmo que me desse raiva ouvir as pessoas falarem de um modo como se

Lindy tivesse cometido um erro na vida, como se tivesse feito algo equivocado, estava mais interessado na ideia de que Chris poderia não saber por que ela abandonara a corrida. Eu gostava dessa perspectiva, de que ele poderia ouvir a história pela própria Lindy, se e quando ela decidisse, e que ele poderia vê-la de uma forma que se tornara impossível para mim.

Também gostei da possibilidade, é claro, de que nesse meu novo mundo dos sonhos eu não tivesse arruinado as chances dela em tudo.

Então disse a ele:

— Não sei bem por que largou a corrida.

Chris olhou para mim e sorriu.

— Ela nunca me dirigiu uma palavra — falou. — Realmente acha que falaria comigo?

— Sei que sim — falei. — Mas você não ouviu isso de mim.

— Isso é loucura — disse ele.

— É. Isso é loucura.

Chris moveu os dedos dos pés para cima e para baixo, como se exercitando as panturrilhas. Girou a cabeça.

— Por falar em largar. Por que você abandonou o futebol, cara? Agora estamos uma bosta.

— Não sei — respondi. — Às vezes, também me pergunto isso.

Depois, uma professora chamada Sra. Kornegay veio até nossa fila e apitou, então todos avançamos para o ginásio, onde os animadores estavam cantando nosso grito de guerra. Não falei com Chris Garrett pelo resto do dia, e quando a orientação terminou, fui sozinho para casa.

Ao chegar lá, minha mãe estava arrasada.

Eu a encontrei sentada em meu quarto, segurando a foto em preto e branco de Lindy, que fora confiscada e me causara problemas tanto tempo antes. As mãos tremiam, e dava para ver que ela havia chorado, mas como isso era um acontecimento comum desde a morte de minha irmã, não tinha ideia do motivo. Poderia ter chorado por causa de minha irmã, é claro. Poderia ter chorado por causa da Sra. Simpson ou de Lindy, e era possível que ainda chorasse, mesmo tantos anos depois, por causa de meu pai. Ou poderia ter sido por mim.

— Mãe, o que houve? — perguntei.

Ela nem sequer ergueu os olhos.

— Preciso que você me diga — respondeu. — Preciso que me fale sobre esta foto.

Então, finalmente, falei.

Contei a ela em detalhes o que só havia mencionado por alto quando ela ficara arrasada pelas perversões colecionadas da minha caixa. Contei o que acontecera na casa de Jason naquele dia, como ele tinha uma pilha dessas fotos escondida em seu armário. Contei como também vira fotos de outras pessoas do bairro, inclusive dela. Pessoas dirigindo e brincando nos quintais. Pessoas regando os jardins e borrifando líquido contra moscas-brancas. Mas disse que a maioria das fotos que vira eram de Lindy, e enquanto relembrava a cena para minha mãe, ela ganhou um significado totalmente novo para mim. Ao me ver distante daquele momento, sem estar concentrado em garantir que Lindy não descobrisse meu segredo, comecei a compreender como tudo aquilo parecia estranho visto de fora, aquela imagem em preto e branco de Lindy cantando sozinha enquanto caminhava, retirada do armário de um lar problemático. Aquela fotografia não era uma celebração. Não era uma imagem a ser partilhada entre amigos. Superficialmente não era sequer indecente. Segundo todos os parâmetros concebíveis, não havia nenhuma boa razão para que a foto existisse. Entendi então que não era para que meus olhos a vissem, nem os de qualquer criança, pois em primeiro lugar não deveria nem sequer ter sido tirada. Então, o horror daquilo tudo se tornou simples para mim do modo que devia ter sido para minha mãe tanto tempo antes, e fiquei nauseado de culpa.

Depois que terminei de explicar, minha mãe me perguntou:

— Jason tirou essas fotografias?

— Acho que não — respondi.

— Também acho que não — disse ela.

Minha mãe então colocou a foto na cama e me segurou pelos ombros.

— Escute. Não quero que você volte àquela casa de novo. Está me entendendo? Não quero que fale com Jason ou com o pai dele. Simplesmente fique longe deles.

Ela parecia séria e amedrontada enquanto dizia isso, e me senti constrangido, como se estivesse sendo aconselhado por uma estranha.

— Mãe, o que está acontecendo?

— Shhh — disse ela. — Você ouviu isso?

Eu ouvi.

Havia alguém na nossa varanda da frente. Podíamos ouvir os passos.

Uma extensa sombra passou pela janela do meu quarto. Minha mãe olhou para mim.

— Você trancou a porta quando entrou? — perguntou.

— Não sei — respondi.

Ela saltou da cama e eu a segui. Corremos para a frente da casa, onde paramos e ficamos como estátuas no hall de entrada. Não fazia ideia do que estava acontecendo. A tranca e a corrente de segurança estavam fechadas, então mantivemos distância, observando uma sombra tão grande que só poderia ser a do Sr. Landry atrás do vidro fosco da porta. Depois de um minuto de pé ali, estranhamente quieto, o Sr. Landry tocou a campainha.

Minha mãe apertou minha mão.

— Não abra — sussurrou ela.

Ele tocou a campainha outra vez.

— Kathryn — chamou ele através da porta. — Acho que está havendo um mal-entendido.

Ergui os olhos para minha mãe. Ela encarava a porta como se fosse uma condição para que permanecesse fechada, e sua mão estava quente sobre a minha. Fez um gesto para que eu também observasse a porta, e quando fiz isso, vi o Sr. Landry testando a maçaneta, a virando suavemente de um lado para outro. Como não abriu, levou a mão ao alto do batente da porta, procurando uma chave. Nós o ouvimos se curvar e procurar sob o capacho. No geral, Woodland Hills era um lugar seguro, lembre-se, então a chave de fato estava lá fora. Nós a guardávamos em uma casa de passarinho falsa, uma pequena réplica de nossa própria casa, pendurada talvez a três metros de onde o Sr. Landry se encontrava. Que sorte, penso hoje, que ele não tenha considerado verificar lá. Que bênção o

impediu de vê-la? O quanto de nossas vidas, ao pensarmos em retrospecto, se deve a esses pequenos milagres?

Há milagres pequenos?

Minha mãe se curvou sobre mim e sussurrou:

— Tranque a porta dos fundos. Vou ligar para o seu pai.

Ela então se virou e correu para o quarto enquanto eu via a grande sombra passar por nossa porta e seguir pela varanda. Eu o acompanhei até a lateral da casa, onde finalmente pude observar de um canto o Sr. Landry protegendo a vista para olhar através da janela da cozinha. Tinha uma atadura na mão e ficou de pé ali por um bom tempo. Não parecia com raiva, apaixonado ou vingativo; portanto, eu não tinha ideia da origem de nosso pânico, mas também não duvidei dele. Minhas pernas tremiam. Podia sentir o cheiro de meu suor. Assim que ele saiu de vista, corri até a porta dos fundos, passei a tranca e coloquei a corrente.

Fui correndo para o meu quarto e agarrei um taco de beisebol no qual não tocava desde a infância. Eu me agachei junto à janela e ergui uma das persianas para ver o Sr. Landry, usando calça social e uma camisa social de mangas curtas, retornando pelo nosso gramado. Passou pelo dos Stiller e chegou à sua casa, entrou em seu velho Jeep Scout e partiu. Quando cheguei ao quarto de minha mãe para contar que ele havia ido embora, ela estava ao telefone e quase histérica.

— O que você quer que eu faça, Glen? Eu sei o que vi.

Então ouvimos o portão do quintal dos fundos se abrir e minha mãe me olhou como se sua vida tivesse sido sugada. Preparei o taco, olhei pela janela do quarto e vi Rachel vindo da garagem, se atrapalhando com as chaves.

— É só a Rachel — disse, e minha mãe começou a chorar.

— Rápido — ordenou ela. — Coloque-a para dentro.

Por razões que agora fazem sentido para mim, não recebi nenhuma explicação naquela noite.

Rachel correu até minha mãe quando expliquei o que estava acontecendo, e elas tiveram uma conversa que não acompanhei. Embora possa parecer estranho que eu aceitasse essa exclusão — que não tivesse exigido saber o que se passava —, só parece estranho porque agora sou adulto e, na época, era um

garoto. E como um garoto em minha casa, mesmo adolescente, sempre que me aproximava do quarto de minha mãe e via a porta fechada, como ocorrera dezenas de vezes desde a morte de Hannah, quando ela e Rachel choravam até a exaustão, fazia o que toda criança faz e me encaixava no padrão de sofrimento que já tínhamos estabelecido. Nada disso era culpa de minha mãe. Não era culpa de ninguém. Era apenas o caminho de menor resistência, e essa é a natureza do sofrimento. Estava sendo protegido de algo que minha mãe sentia que eu não estava pronto para lidar, e o fato de que não derrubei a porta e exigi saber é prova, acho, de que ela provavelmente estava certa.

Então, me sentei no sofá e esperei. E nesse tempo pensei em Lindy.

Eu estava profundamente chateado com a violência infligida a ela em seu próprio bairro anos antes, e, naquele momento, quando ainda era recente a primeira sensação legítima de pânico que eu já experimentara, de repente fiquei arrasado ao pensar nela arrasada. Também pensei no modo como me doera ver minha mãe parecer tão vulnerável quando aquela sombra surgiu, tão assustada ao ouvir aqueles passos, e então no que Lindy devia ver sempre que olhava nos olhos dos pais. Fazia sentido para mim que isso ia destruí-la, junto com sua família.

Então senti uma pontada dentro de mim, como se meu coração e minha mente se juntassem.

Era simples, refleti. Lindy precisava saber quem tinha feito aquilo com ela.

E uma vez que fora eu que tornara tudo pior, precisava ser a pessoa que contaria.

O fato de essa ter sido a primeira vez que a ideia me ocorreu, quase dois anos depois do estupro, é uma das grandes vergonhas da minha vida.

Após ter passado meia hora refletindo, planejando, quase esquecendo em que planeta estava, nossa campainha tocou. Minha adrenalina disparou de novo, mas permaneci sentado como uma pedra enquanto minha mãe e minha irmã entravam na sala. Estavam de mãos dadas em uma frente de batalha unificada, e minha mãe fez um gesto para que me juntasse a elas.

Ouvimos uma batida suave.

— Kathryn? — disse a voz.

Era Louise Landry.

Ela parecia cansada e preocupada, e falou baixinho através da porta.

— Vocês viram Jason? — perguntou. — Ele sumiu de casa há uma semana.

Minha mãe me olhou e eu neguei com a cabeça. Eu não o tinha visto.

— Por favor — pediu Louise. — Estou preocupada com ele. Preocupada com o que pode ter feito. Preocupada com o que poderia fazer.

Supus que minha mãe iria manter distância de Louise como tinha mantido do Sr. Landry. Imaginei que trataria os dois da mesma forma, mas ela não fez isso. Algo triste aconteceu entre uma mãe e seu filho em nosso bairro, e minha mãe sentiu isso. Então para mim o verdadeiro som da maternidade sempre foi o de minha mãe destrancando a porta e pigarreando, abrindo a porta para olhar para aquela mulher e dizer com sinceridade:

— Lamento muito, Louise. Vamos ficar de olho, está bem? Prometo a você. Rezaremos por vocês dois.

Não demorou muito para que Jason Landry fosse encontrado. Como se fosse o personagem de uma lenda urbana, consciente de que tínhamos dito seu nome, ele apareceu à janela do meu quarto naquela mesma noite. Tamborilou no vidro e sussurrou “Ei, idiota” até que eu erguesse a persiana. Era quase meia-noite, e eu já tivera uma noite de sono estranha. Depois que Louise foi embora, minha mãe, Rachel e eu nos sentamos no sofá da sala de estar e ficamos olhando, catatônicos, para as janelas dos fundos. Minha mãe nos disse que nosso pai logo apareceria em casa para verificar como estavam as coisas, que, em seu pânico, ela não soubera quem mais procurar. A voz dela era monótona e sem vida, e ela se desculpou por nos assustar. Ela nos encorajou a não ficar preocupados demais, disse que talvez sua reação tenha sido exagerada e depois só me lembro de termos todos apagado. Acordei com o pescoço inclinado para o lado e as pernas de Rachel no meu colo. Minha mãe estava deitada, rígida, apoiada no braço do sofá mais próximo a mim, como se tivesse sido congelada sentada e derrubada por um engraçadinho. Parecíamos estar encenando um acidente. Rachel e eu despertamos ao mesmo tempo, por volta das nove da noite, e também acordamos nossa mãe. Em seguida, nos arrastamos para nossos quartos sem jantar.

Não consegui voltar a dormir. O fato de que escurecera enquanto estava inconsciente me incomodava. Parecia que havia perdido um período de tempo importante da vida, e fiquei me revirando na cama, inquieto e culpado. Estava preocupado com o fato de que o Sr. Landry pudesse ter voltado enquanto eu estava dormindo, é claro, mas na verdade me sentia mais decepcionado com minha incapacidade de permanecer concentrado em Lindy. Eu deveria estar imaginando explicações para o crime que ela sofrera, elaborando alguma conclusão para sua família, e já adormecera em meio à tarefa. Eu estava me torturando com esses pensamentos quando Jason chegou à minha janela e, assim, inicialmente confundi o som de sua voz com minha própria consciência. Ela me

perguntava: *O que você está fazendo? Por que não se levanta daí?* Eram boas perguntas. Então Jason disse:

— Pare de tocar uma e venha até a janela, seu pervertido. Quero mostrar uma coisa.

Então eu fui.

Quando levantei a persiana, Jason ergueu as palmas das mãos em um gesto como se tivesse esperado por horas. Talvez tivesse mesmo. Eu não sabia. Usava roupas camufladas da cabeça aos pés, calças largas e camiseta, e tinha uma estranha satisfação nos olhos.

— Meus Deus, como você é tarado. Achei que ia ter de descer pela chaminé.

— O que está fazendo aí fora? As pessoas estão procurando você.

Do outro lado da rua, uma luz automática se acendeu na varanda. Jason tentou esconder a cabeça.

— Abra a porra da janela, seu punheteiro. Estou tentando lhe fazer um favor.

Destranquei e abri a janela, mas mantive meu corpo no parapeito para que ele não pudesse passar. Jason olhou ao redor do meu quarto para ter certeza de que estávamos a sós, e me dei conta de que ao longo de todos aqueles anos em que nos conhecíamos, ele nunca estivera na minha casa. Fiquei pensando em como ele poderia saber qual era a minha janela, e então cogitei a horrível possibilidade de ele ter olhado todas para descobrir. Seu rosto estava sujo, coberto de lama, e ele suava. Os cabelos, muito claros e finos, estavam no maior comprimento que eu já vira.

— Ou vem comigo ou me deixa entrar — falou. — Sou um alvo fácil aqui fora.

— Espere. Não entre.

Recuei da janela para pegar minha calça jeans, e, quando me virei, Jason estava dentro do quarto. Curvado sobre minha escrivaninha, observava meus velhos troféus da liga infantil de beisebol e folheava papéis. Eu podia sentir o odor dele. Seu cheiro lembrava alguém mais velho que eu, o que ele era. Tinha quase dezoito; a fragrância úmida das roupas dele, o suor azedo de um homem sem banho tomaram meu quarto mais rápido que fumaça.

Ele estudou os pôsteres que eu tinha nas paredes: duas das bandas de que Lindy gostava, um anúncio do licor Rumple Minze com uma mulher bárbara seminua e alguns esboços variados que eu fizera na aula de arte e minha mãe pendurara. Pareceu quase se divertir com tudo. Eu o vi se aproximar de uma foto emoldurada de meu time de futebol do oitavo ano e procurar por mim no grupo reunido, todos agachados com um dos joelhos tocando o chão. Colocou o dedo no vidro ao me encontrar, arrumado e sorridente naqueles dias antes de Lindy. Depois examinou o restante do lugar, olhando para o ventilador de teto, o armário, todas as características estruturais que eu sabia que ele também tinha no próprio quarto, e eu podia sentir o cheiro da lama dos pântanos em seus sapatos.

— Você tem alguma comida? — perguntou.

Apontei para uma caixa de biscoitos recheados pela metade em cima do amplificador.

— Claro que tem — disse ele, colocando a caixa debaixo do braço. — Você vive no paraíso.

— Jason, estamos no meio da noite. O que está acontecendo?

— Apenas uma pequena guerra, uma pequena vingança, um pequeno tumulto. — Ele sorriu. — Você sabe, as coisas de sempre.

Não entendi.

— Certo. Vamos fazer assim. Você ainda gosta daquela garota Simpson?

Eu não estava certo do que podia contar a ele. A pergunta me parecia inapropriada. A resposta era complicada. Jason então apontou para minha cama, onde mais cedo, naquela tarde, minha mãe deixara a foto em preto e branco, e acho que isso disse tudo.

— O que estou dizendo é que aquela foto velha não é nada — sussurrou Jason. — Nada. É só a ponta do iceberg.

— Do que está falando? — perguntei.

— Somos amigos, certo? Quer dizer, estamos do mesmo lado. Somos nós contra eles — falou, e observou meu rosto em busca de alguma espécie de acordo. — Que merda, cara. Sabe quanto problema eu poderia ter tido por lhe mostrar aquelas fotos? Sabe o que aquele escroto poderia ter feito comigo? Sabe o que ele já fez?

— Pegue de volta, se quiser — falei. — Nem sequer olhei para ela.

— Não quero aquela foto idiota. Estou atrás é de justiça, talvez uma pequena vingança. Achei que você também poderia querer. — Fez mais uma vez um gesto com a cabeça, apontando para a foto em minha cama. — Você sabe. Por ela.

— Jason, você tem alguma informação em relação ao que aconteceu com Lindy?

Ele olhou para mim, ergueu as sobrancelhas e, com aquele pequeno gesto, soube que minha vida ia mudar.

— O que você sabe? — perguntei a ele.

— Sei que estamos perdendo nosso tempo com essa punheta. Coloque os sapatos e venha comigo. Você vai ver do que estou falando.

— Está bem — concordei.

Uma vez do lado de fora, nos esgueiramos pelas cercas escuras de meu enorme quintal como ladrões nas sombras. Eu conhecia a área, foi onde vivi grande parte de minha vida: brincadeiras com os garotos da vizinhança, futebol americano com Randy, a primeira vez que vi Tyler Bannister fumar um baseado e que caminhei dali até o carvalho de Lindy. Eu conhecia todos os sons dos sapos, eventuais galhos farfalhando por causa de esquilos ou aves de rapina, e vira um ou outro gambá ou guaxinim correndo em busca do jantar nas nossas latas de lixo. Mas assim que nos aventuramos além do alcance dos holofotes do quintal, eu me senti transportado. Não reconhecia mais nada, e entrei em pânico. Tudo que minha mãe dissera sobre os Landry retornou com força, e fiquei preocupado em saber para onde ele estava me levando. Parte de mim se perguntava iria encontrar um círculo mágico de um ritual pagão no qual Lindy estaria amarrada e amordaçada, com todos os vizinhos cantando ao redor — Randy, Julie Artista, os garotos Kern —, cada um deles parte de uma realidade sinistra da qual eu havia sido protegido. Fogueiras, forcas, rituais: toda a vida humana de qualquer época da história, imaginei, era possível nas florestas escuras da Louisiana.

Aceleramos o ritmo descendo uma encosta, e corríamos ao deixar minha propriedade. Atravessamos uma área com mudas frágeis, e logo passávamos por carvalhos e bétulas com troncos tão largos quanto nossos peitorais. Eu podia sentir meu rosto e meus braços

sendo cortados pelos galhos finos, e não fazia ideia do que estava fazendo, de por que corríamos ou da razão de qualquer decisão que eu tomara na vida. Então me concentrei apenas em correr. Contei meus passos e desfrutei as inspirações profundas. Saltei sobre pequenos obstáculos iluminados pelo luar, como raízes e galhos, e me senti, de repente, sem aviso, do mesmo modo que me sentia quando era criança. Com essa sensação entendi que era terrível que tantas coisas tivessem acontecido em nossas vidas, fazendo parecer que Jason, eu ou qualquer um dos garotos da Piney Creek Road pudessem um dia ter sido algo além de crianças.

Espirramos água ao passar por córregos lentos que levavam a um canal mais largo que Jason atravessou caminhando sobre uma árvore caída. Parei nas raízes da árvore, viradas para cima, respirando pesadamente, e só consegui ver a silhueta dele, se equilibrando com a caixa de biscoitos recheados em uma das mãos. Quando chegou do outro lado, se virou e olhou para mim.

— Tire as mãos de dentro da calça e venha. Estamos perto.

Caminhei por aquela árvore caída como se fosse um cânion, de onde eu não conseguia ver o chão. Dentro de mim sabia que não era fundo, mas toda a alegria brincalhona que sentira momentos antes foi substituída por um medo infantil. Os galhos de carvalho ao luar eram agora braços de monstros, uma sombra sinuosa diante de mim lembrava uma cobra, o canal abaixo, um abismo. Embora compreendesse que provavelmente eram apenas lama, samambaias, latas de Coca-Cola e pontas de flechas enterradas a uma pequena distância abaixo de mim, tudo como uma maravilhosa novidade à luz do dia, eu não estava sob a luz do dia.

Quando cheguei ao outro lado do canal, Jason havia sumido. Eu o ouvi cantando como uma coruja mais acima e segui o que parecia ser uma trilha. Quando o caminho se estreitou e a vegetação se tornou mais densa, minha calça jeans larga prendeu em uma série de espinheiros. Arranhei os antebraços me soltando deles e caí na clareira onde Jason estabelecera seu lar. Ele estava de pé na base de um carvalho e olhava para baixo, na minha direção. Segurava um lençol branco em uma das mãos. Na outra, a grande faca Rambo que me mostrara em seu quarto quase três anos antes. Tinha uma bússola no cabo, um punho oco para guardar fósforos e

linha de pesca e uma lâmina afiada e serrilhada para cortar, serrar, talvez até estripar. Sorria como uma criança.

— Meu Deus — disse, e começou a cortar o lençol em tiras. — O que você fez? Parou para tocar uma, tipo, duas vezes?

Levantei e examinei a área, que era fracamente iluminada por uma lâmpada pendente que Jason ligara a uma bateria de carro. O lugar parecia o paraíso de um acumulador de tranqueiras, como uma praia depois da tempestade. Vi baldes, garrafas, toalhas sujas, pilhas de madeira, revistas *Playboy*, varas de pescar, equipamento de jardinagem, cadeiras e uma bicicleta. Em seguida, vi coisas mais peculiares, como uma pá, uma rede de cabo longo para limpar piscinas e um carrinho de controle remoto, tudo ainda mais peculiar por serem objetos meus. Também reconheci a caixa de equipamento de pesca de Randy, reparei em duas tesouras com o nome “Kern” no cabo e uma cama elástica em miniatura na qual Julie Artista costumava pular. A trama da cama estava rasgada e a maioria das molas fora retirada, então percebi que Jason Landry, assim como os gambás e guaxinins, também estivera visitando nosso lixo enquanto dormíamos. Vasculhara nossas garagens abertas e sem os carros, tirara vantagem de nossa suposta segurança e, à noite, levara com ele carregamentos de nossas coisas já meio esquecidas. No entanto, eu não via nenhum objetivo evidente nos itens que ele escolhera. Uma caixa de pastilhas de cloro, um regador enferrujado, um saco de tacos de golfe. Circulei por ali como se estivesse em uma venda de garagem. E então, no meio da clareira, vi a cabana de Jason nos galhos.

— Nada mau, né? — disse ele. — É como tinha imaginado?

O fato de aquela árvore ser a mesma que Jason e eu tínhamos explorado tantos anos antes criou uma nova tristeza em mim. Todas as milhares de horas que desperdicei desde aquela época com coisas como amor e luto, Jason provavelmente gastara sozinho naquele bosque, transformando nossa visão infantil em um caos concreto. Contornei a base da árvore e a avaliei. Aninhada entre dois dos galhos de aparência mais resistente, a mais ou menos três metros do solo, havia um abrigo instável. Tinha paredes de compensado, um piso de madeira inclinado e era construído com pregos, fita adesiva e corda. Parecia que ia cair a qualquer

momento. No telhado de lona azul, a água da chuva acumulada era suficiente para produzir gerações de mosquitos. Em cada parede, círculos grosseiros tinham sido cortados no compensado com ferramentas manuais, e abaixo deles Jason pintara com tinta spray frases como “Foda-se tudo!” e “Sem sobreviventes!”. Mas eu não via uma escada que levasse até lá. Nem sequer uma entrada.

— Como você chega lá em cima? — perguntei.

Jason estava ajoelhado na terra, uma pequena lanterna sob o braço, torcendo as tiras de lençol que cortara para fazer o que pareciam ser pequenos pedaços de corda com um nó em cada ponta. Continuava consultando um livro preto no chão ao seu lado, e, em sua dedicação, era fácil imaginá-lo ganhando a vida um dia, tendo uma existência produtiva nos subúrbios americanos. Mas isso jamais iria acontecer.

— Você tem que ser magro — falou. — E tem que conseguir escalar. É à prova de gordos.

Posicionei-me abaixo da fortaleza e olhei para cima. Havia um espaço no chão perto do tronco, com menos de trinta centímetros de largura. Por mais magro que fosse, ainda precisaria prender a respiração para passar. E no próprio tronco, eu podia ver onde a casca fora sulcada, talvez arrancada duas vezes com uma machadinha, e encaixei uma das mãos nos sulcos. Jason abriu uma caixa que se encontrava a seu lado. Estava cheia de garrafas de vidro marrom, do mesmo tipo que o Velho Casemore costumava levar para nossas festas de Quatro de Julho. Do tipo que ele encheria com coisas feitas em casa, como cerveja com sabor de morango e melado, e me pareceu uma estranha falta de decoro, Jason roubar de alguém tão velho e bondoso. Acho que eu era ingênuo nesse sentido. Vi o rapaz retirar as garrafas com cuidado, uma a uma, e colocar um pedaço de sua corda feita à mão nas bocas.

— Eles não ensinam a fazer isso na porra da escola, ensinam? — provocou Jason.

— A fazer o quê? — questionei, mas não tive resposta.

Ergui os olhos para a fortaleza.

— Você se incomoda se eu subir lá? — perguntei.

— À vontade. Só não esporre tudo.

Coloquei mãos e pés nos sulcos do tronco e subi até a fortaleza. Não foi fácil, pois aquela árvore específica não era feita para subir. Ela não se oferecia do modo que o carvalho cheio de nós junto à entrada de garagem de Lindy, e por causa disso, entendi que Jason escolhera bem. Além disso, eu agora era um cara diferente do garoto que costumava dominar essas árvores na época do musgo, e o ato de escalar uma árvore nova me parecia tão pouco natural quanto qualquer coisa que já tinha feito. Meus sapatos escorregavam nos sulcos. Minhas mãos doíam. Uma corrente na minha calça jeans de roqueiro se prendeu em uma protuberância da casca, e, quando consegui segurar a abertura no piso da fortaleza e me erguer por ela, minha respiração estava pesada e eu suava.

Sentei-me ali com os pés balançando pela abertura e fui imediatamente tomado pelo calor do lugar. Era tão sufocante e concentrado que me fez esquecer por que tinha ido lá. Senti um rápido desejo de tirar a camisa e enlouquecer no velho bosque, esfregar lama no rosto, jogar água na cabeça. Comecei a ter pensamentos realmente delirantes e me sentir enjoado e confuso, até me dar conta de o que causava aquilo — o cheiro asfixiante de gasolina. Peguei uma lanterna junto à entrada e olhei ao redor do recinto escuro e vazio. Vi um travesseiro e um cobertor amarelado no chão. Em um dos cantos, vi pilhas de revistas de mecânica e pornográficas como *Popular Mechanics* e *Hustler*. Perto delas, quase meia dúzia de lanternas desmontadas. E ali, junto à parede mais distante, uma série de embalagens de óleo e latas de gasolina. Eram do tamanho de um galão, com bocas de rosca, listras vermelhas e amarelas, e, na época, feitas de metal. Eu as reconheci na hora, uma vez que em algum momento da juventude eu vira cada morador de nosso quarteirão as carregando. Era o óleo usado em motores pequenos, e as embalagens de papelão em que era vendido já estavam sujas e gordurosas perto das bocas. Pensei na última vez que ouvira um cortador de grama no bairro, a última vez que ouvira um aspirador de folhas. Perguntei-me como poderiam funcionar já que todo o combustível da Piney Creek Road havia sido roubado. Com o que nosso bairro se parecia agora? A que ponto tínhamos deixado aquilo chegar?

Também notei nossa própria lata de gasolina na parede. Estava amassada e arranhada na lateral, de quando eu a derrubara sem querer anos antes, ao levá-la para meu pai enquanto ele cortava a grama da maior parte do terreno. A tampa pulara quando batera no chão, derramando rapidamente gasolina suficiente para encharcá-lo e depois matar um grande trecho de grama junto à entrada de garagem. Eu era jovem, tinha oito anos, talvez, e fiquei chateado comigo mesmo. Só fiquei ali, observando a gasolina escorrer. Meu pai me viu lá e largou o cortador de grama elétrico para falar comigo. Colocou a mão em minha nuca enquanto víamos o resto do combustível encharcar o solo, e disse: *Poxa, se tivéssemos um pouco de sal poderíamos acabar com o quintal todo*. Ele estava tentando ser gentil, mas eu me sentia inconsolável. Mais tarde naquela noite, após algumas bebidas em um copo de isopor, ele foi ao meu quarto e parou junto ao batente da porta enquanto eu folheava revistas em quadrinhos. *Você vai ter problemas na vida se deixar cada pequeno erro perturbá-lo*, disse ele. *A vida é boa, filho. Aproveite*.

Tá, eu respondi.

Dois anos depois, ele foi embora. E é difícil para mim não pensar no que ele já tinha feito àquela altura, quando me disse o quanto a vida era boa. Será que já estava nos traindo? Estivera com outras mulheres antes de Laura? Esperava que todos fôssemos dormir para dar um telefonema escondido? Se sim, então ele queria dizer que a vida boa, a vida que estava levando, era uma vida sem virtude? Era esse o conselho? Ou, como gosto de pensar agora, sempre que estamos juntos como homens, estava apenas sendo honesto? Será que ainda amava a nossa família, mas então a vida mudou sem sua permissão? Quer dizer, ele estava dizendo que devemos aproveitar o que temos porque ninguém, nem mesmo alguém que ama, sabe o que vai acontecer? O que ele estava me dizendo? O que eu estava aprendendo?

Mais abaixo, Jason pediu que eu lhe passasse as latas de gasolina.

Eu quase me esquecera de onde estava.

— Tente não respirar muito aí em cima, cara — aconselhou. — Esses gases acabam com você. Noite

passada achei que tinha visto a porra de um unicórnio.

Então coloquei a camisa sobre a boca e com cuidado, joguei as latas pelo buraco no chão para Jason. Nenhuma delas estava cheia, e enquanto eu imaginava a prateleira de nossa garagem onde minha lata deveria estar, senti uma estranha culpa por estar vazia. O que mais do meu passado poderia estar faltando? O que mais as pessoas estavam tirando de mim?

Vi Jason misturar a gasolina em uma só lata.

— O que você vai fazer com todas essas coisas? — perguntei a ele.

— É um projeto de ciências — falou. — Quero tirar notas altas, para mamãe e papai me deixarem levar Buffy ao baile.

Ele estava brincando, mas nenhum de nós riu. Jason sumira de casa havia pelo menos uma semana. Não sabia quanto tempo ele não aparecia na escola, nem quantas instituições frequentara desde que fora expulso da Perkins no nono ano. Eu sabia muito pouco sobre ele na época, muito pouco sobre qualquer um, na verdade. Hoje me choca como nós, garotos, agíamos com tão pouca informação. Observei enquanto Jason misturava óleo e gasolina em proporções específicas conforme o livro e comecei a me sentir cúmplice de algo.

— Jason, por que você me trouxe aqui?

— Por duas razões — respondeu. — A *primeira* está em um envelope azul no canto. Dê uma olhada.

Pousei a lanterna e fui até o canto da pequena fortaleza, onde havia um envelope azul em uma pilha de revistas e cadernos em espiral. Peguei, levantei a aba e tirei uma pequena chave. E embora houvesse centenas de possibilidades naqueles mais de dois quilômetros de metros quadrados, milhares de fechaduras em nossas vidas, eu soube de que porta era aquela chave assim que a vi. Era a chave do quarto particular do Sr. Landry, tinha que ser, e o perigo imediato que isso representava, as possibilidades que criava, reviraram meu estômago.

— Eu roubei na noite em que sumi — contou Jason. — Meu pai apagou com a porta aberta. Quase destruí a porra do lugar, de tão puto que estava. Mas que bem isso teria feito? Em vez disso, apenas destranquei a janela. Agora podemos abrir por fora, então

não importa quantas trancas combinadas ele coloque naquela porta idiota. Eu só queria ter conseguido abrir o barracão.

— Não estou entendendo — falei. — Se você pode entrar naquele quarto pela janela, então para que precisa da chave?

— Eu não preciso dela para merda nenhuma — respondeu Jason. — *Você* precisa. É a chave do cofre dele.

Segurei a chave com o polegar e o indicador, como se fosse um fósforo aceso, e sabia que o Sr. Landry logo ia verificar a janela de seu quarto particular, se é que já não tinha checado. Eu sabia que o fósforo não demoraria muito para terminar de queimar. Então, através de uma das janelas cortadas na madeira da fortaleza de Jason, vi algo que jamais esperara ver. Do outro lado do bosque, talvez a oitocentos metros de nós, ficava a Perkins School. Eu sabia que era perto, claro. Caminhara ou pedalara para lá milhares de vezes, mas sempre pelas calçadas, sempre pelos caminhos permitidos. E embora tivesse me aventurado fundo no bosque em outras ocasiões, nunca tinha conseguido aquele ponto de vista em particular. Mas lá estava ela, brilhando na escuridão como uma cidade. Os prédios da escola que eu conhecia tão intimamente transformados em estranhos pelas luzes de segurança, e os grandiosos velhos carvalhos do pátio iluminados e belos. O campo de futebol americano e a pista de corrida também estavam iluminados, como se para receber ex-alunos no fim de semana, mas o lugar estava deserto. A súbita ordem do campus impecável parecia uma bizarra afronta à loucura do bosque, e daquele ângulo a escola parecia menos com uma escola e mais com a instituição de um folheto. Parecia uma campanha publicitária de um progresso inatingível, e fiquei surpreso por Jason ter escolhido aquela vista para a sua janela.

Mais surpreendente, talvez, foi que naquele momento comecei a compreender algo importante sobre humanos e árvores. Comecei a compreender nossa história partilhada. Ver o mundo de cima de uma árvore, como eu tinha feito com tanta frequência naquela época, é uma forma fundamental de ver de um modo diferente. É contemplativa e distante, e os objetos que a pessoa estuda daquela altura são apresentados ao mesmo tempo majestosos e pequenos. Em outras palavras, uma banalidade pode provocar admiração e

mistério quando vista daquela perspectiva. Ou, da pior forma, pode gerar inveja, desejo e desprezo. Tudo depende de quem vê. Então, tenho que perguntar: que tipo de observador eu era? O que era *exatamente* aquilo, no alto dos carvalhos de Woodland Hills? Um animal? Um *voyeur*? Um garoto sensível atormentado por amor e culpa?

Talvez.

O que quero dizer é que subir em uma árvore para ver o mundo é algo primordial. É ancestral. Então, do modo como imagino agora, meus olhos naquela noite eram tão escuros e impossíveis de se ler quanto os de um macaco. Pode não ter sido esse o caso, é claro. Eu podia ser apenas um garoto nervoso com uma chave na mão. Ainda assim, isso me faz pensar. Onde está aquele elo perdido em nossa história humana? Não é estranho que não consigamos encontrar? *Australopithecus*? *Homo erectus*? Qual foi o exato momento em que descemos dos galhos? Quando dissemos *Chega de olhar tanto* e nos envolvemos emocionalmente com o mundo? Quando nos tornamos vulneráveis? Qual sonho estávamos tão interessados em perseguir? Qual era o prêmio? Qual a esperança? Qual o objetivo?

— Ei — disse Jason. — Volte aqui para baixo. Preciso que me ajude a enterrar uma coisa.

O solo da Terra é feito de horizontes.

Sob nossos pés, camadas intrincadas de matéria levam ao núcleo. A primeira camada é conhecida como Horizonte O, e é onde a maior parte de sua atividade visível acontece. É o domínio da minhoca e da toupeira, de folhas em decomposição e raízes de flores. É chamado de Horizonte O porque consiste basicamente de material orgânico, todo ele ainda bastante ligado aos vivos ou mortos. Curve-se e remexa nele com a mão, chute-o para o ar, e há poucas consequências. Há tanto trânsito de vida aqui que suas trilhas logo serão cobertas. Abaixo disso fica o Horizonte A. É o lugar onde as árvores duras e perenes se estabelecem, crescem, adormecem e depois acordam outra vez no ano seguinte, um lugar que as raízes mais fracas de videiras e ervas daninhas nunca alcançam. É consolidado, envelhecido, escuro, rico e há tanto tempo estabelecido que sempre será parte desse ecossistema. Jogue um geólogo de um avião e em vez de se orientar pelas estrelas, ele irá cavar em busca do Horizonte A. É tão abundante de energias vitais que mesmo a chuva que cai, seria de se imaginar, espera se estabelecer lá. Abaixo dele, fica o Horizonte B, onde restam apenas poucos elementos de vida. O material desse ponto é antigo, frio, e tão carente de nutrientes desejáveis que desmoronou sobre si mesmo e se tornou denso demais para ser cavado ou revirado à mão. É grosso como argila e, uma vez escavado, deve ser moldado, receber forma e com frequência cozido em fornos quentes por longos períodos de tempo para se tornar algo que possamos novamente reconhecer: uma tigela, um prato, um rosto humano.

Abaixo disso é um leito de rocha, onde as pás não chegam.

Tudo isso para dizer que foi apenas cavando pelos muitos horizontes de minha memória que compreendi como aquela noite específica de minha juventude se tornou a noite em que tudo desmoronou. Em outras palavras, demorei um pouco para compreender como um dia que começara tão bem — com meu genuíno interesse no bem-estar de Lindy Simpson e Chris

Garrett — pôde se transformar em uma noite na qual eu fiquei de pé no bosque escuro com Jason Landry, olhando para um cadáver.

O cachorro de orelha cortada levara um tiro na cabeça de uma forma que eu mais tarde ouviria ser descrita como uma execução. Como estava caído de lado, o único olho que podíamos ver estava privado de pálpebra, fazendo parecer que o cachorro se apresentava em perpétuo espanto, talvez testemunhando algum milagre à nossa frente no bosque. Sua língua escura inchara e caíra pela mandíbula, que não existia mais, e o começo do *rigor mortis* enrijecera as pernas como se ele se espreguiçasse para um cochilo. De um modo estranho, parecia mais saudável do que na única outra vez que o vira, quando Jason o alimentara e enxotara de perto de sua casa tantos anos antes.

Ainda assim, aquilo partiu meu coração, como a vida costuma fazer.

— Jason, quem fez isso? — perguntei.

— Droga — reagiu ele. — Você realmente nunca entende, não é?

Eu não entendia.

De todas as transformações em minha cabeça naquela situação, nenhuma invocava a cena que depois eu descobrira ser verdade: minha mãe com uma tesoura de jardinagem na mão, um balde cheio de ramos aos seus pés. E no quintal em um dia quente, enquanto o filho estava na escola para a orientação estudantil, quando talvez tivesse feito uma pausa para um copo de limonada na mesa de ferro forjado perto da piscina, ouviu o estranho som de um choramingo. Depois outro som, uma voz masculina. E foi apenas uma curiosidade relaxada que a levou à cerca do nosso quintal, onde empurrou de lado os galhos de malva e azaleia que tinham crescido com tanta força sob aquela luz. E, ao chegar lá, ela vira através da cerca de tela o corpo enorme de nosso vizinho, Jacques Landry, arrastando um cachorro pelo pescoço para o bosque atrás da propriedade. E enquanto reconhecia o cachorro como o vira-lata medroso que já havia encontrado por acaso, pelo qual sentira uma simpatia que oscilava, incerta entre chamar a carrocinha ou talvez levá-lo para casa a fim de partilhar com o filho e a filha sobreviventes alguma espécie de ânimo, ela viu o vizinho prender o cachorro entre as pernas, sacar uma pistola da cintura e atirar na

cabeça dele. E enquanto ainda estava chocada demais com o que tinha visto, ainda paralisada, no momento em que o vizinho, com uma atadura na mão, subiu a colina e olhou casualmente em sua direção, fazendo contato visual, ela foi incapaz de impedir que outra pequena parte de sua natureza antes esperançosa morresse. E então recuou de perto da cerca e correu para casa, onde o único espaço para se recolher era a própria mente. E foi onde ela me encontrou, suponho, em sua memória, mencionando um quarto cheio de fotografias na casa daquele vizinho enorme.

Eu não sabia nada disso naquela época. Só sabia que minha mãe ficara assustada naquele dia e que o Sr. Landry era assustador. Também sabia que Jason Landry era velho o bastante para estar trabalhando em uma loja de conveniência, para se aventurar na vida, e, no entanto, lá estava ele mijando nos lençóis à noite, dormindo sozinho em uma fortaleza infantil. Sabia que ele tinha nas costas cicatrizes na forma de moedas, porque as tinha visto. Também sabia que havia uma parte de mim que acreditava que o próprio Jason podia ter matado o cachorro. E então, agora que ele escolhera confiar em mim, se juntar a mim, eu também sabia que nossas visões de mundo eram tão radicalmente diversas que o modo carinhoso em que eu pensava em Randy Stiller, meu parceiro, meu melhor amigo nos bons e velhos tempos, provavelmente era o modo como Jason Landry pensava em mim. Acima de todas as outras evidências crescentes, deve ter sido *essa* ideia estranha, de que eu talvez fosse o maior amigo que Jason Landry já teve, que me convenceu da culpa do pai dele.

Jason me passou uma pá.

— Você reza? — perguntou.

— Não. A última vez já faz bastante tempo.

— Certo. Deixa comigo, então — disse ele. Jason enfiou a lâmina da pá no chão e apertou o cabo como se fosse um microfone. — Querido Qualquer Coisa, por favor, deixe que meu cachorro tenha muitas cadelas safadas no céu. Ou, se não isso, deixe que ele volte à Terra contaminado com raiva e termine o serviço que começou quando estava apenas tentando me proteger daquele escroto que provavelmente é o Seu maior erro. Ou talvez apenas volte no tempo e inverta o curso da vida, de modo que meu

pai seja caçado por anos, trancado em um barracão e depois baleado no rosto por meu cachorro. Fico bem com qualquer uma dessas opções. Certo, então. Vá se foder. Amém.

— Amém — repeti.

Começamos a cavar.

Agora gosto de pensar que eu segurava minha língua enquanto cavávamos aquele buraco, tentando não pedir a Jason mais detalhes de sua vida pessoal obviamente horrível. Ou que tentava com certa habilidade descobrir uma forma de oferecer alguma ajuda sem insultá-lo. Mas acho que a verdade é que já me via como uma espécie de herói local. Quanto mais trabalhávamos, suávamos e batíamos nos mosquitos em nossos braços em meio à escuridão, mais imaginava o que Lindy poderia dizer se eu me arrastasse para fora da janela dos Landry com um monte de provas. Não fazia ideia de que prova poderia ser, além de talvez mais fotos; porém, se conseguisse encontrar algo ligando o Sr. Landry ao crime, algo que tranquilizasse Lindy e sua família, algo que permitisse a todos seguir em frente e aplacasse minha culpa sem nem sequer ter de contar a ela o que tinha visto e feito sentado nos galhos de seu carvalho, então isso seria legal. Imaginei segurar aquelas provas como um troféu enquanto meus pais me parabenizavam. A Perkins School poderia até mesmo organizar uma recepção e convidar Lindy para retornar à equipe de corrida, aplaudi-la de pé. E no momento em que minha fantasia evoluíra para uma visão em que eu cruzava o palco para receber minha medalha de honra, Jason e eu estávamos cobertos de terra.

— Acho que já está bastante fundo — disse ele, e estava certo.

Depois de termos coberto o buraco, Jason cercou o túmulo com lixo variado como se para marcá-lo: uma torradeira enferrujada, um tubo de PVC, uma gaiola, um alto-falante quebrado. Parecia a coroa de um rei monstruoso enterrado. Depois ele reuniu as garrafas que enchera de combustível, as envolveu frouxamente com uma camiseta e colocou em uma mochila que levou às costas.

— Acho que é isso — disse. — Apenas se preocupe em estar fora da casa em uma hora. Não comece a tocar uma lá dentro.

— Você não vem comigo? — perguntei.

— Porra, de jeito nenhum — respondeu. Depois olhou para além de mim, para o bairro, como se pudesse ver através do bosque, colina acima e para a sala de estar da casa de onde fugira. — Nunca vou entrar de novo naquela casa.

— Então vamos nos encontrar aqui? — perguntei a ele.

— Nunca mais volte aqui — ordenou. — Estou falando sério. Alguém poderia seguir você. Este lugar agora é solo sagrado.

Jason apertou as tiras da mochila nos ombros e seguiu na direção oposta do nosso bairro. Senti uma silenciosa tristeza por ele estar partindo, como se devêssemos trocar um aperto de mão ou algo assim. Suponho que uma parte de mim sabia que poderia não vê-lo de novo.

— Jason, aonde está indo? — perguntei.

— Ao baile. Você vai me agradecer depois.

Então, após mais alguns passos, Jason parou e apalpou os bolsos como se procurasse alguma coisa. Finalmente tirou um isqueiro e o acendeu duas vezes no escuro para ter certeza de que funcionava. E agora fico pensando, se pudesse voltar no tempo e congelar aquele momento, o quanto seria iluminado por aquelas faíscas? O que havia lá além de nós? Carvalhos? Corujas? Mangues? Deuses? Poderiam apontar a diferença entre mim e Jason? Havia alguma diferença? Não sei. Mas enquanto o observava desaparecer na noite, estava bastante certo de que algo ruim logo ia acontecer.

E possivelmente algo grande.

Então corri. Atravessei a clareira, entrei no bosque e não senti medo ao cruzar a árvore caída sobre o canal. Quando cheguei perto do limite de minha propriedade, em vez de continuar na direção da rua, virei à direita e permaneci escondido atrás da linha das árvores até conseguir ver as luzes da área externa dos fundos da casa dos Landry. A deles, como a de todas as nossas casas, ficava em uma colina, mas era quase totalmente escondida pelo barracão de metal no qual Jason e eu nos apoiamos no dia em que vi pela primeira vez aquele vira-lata. Eu me encolhi atrás de um carvalho para recuperar o fôlego e me ocorreu que provavelmente estava me escondendo atrás da mesma árvore em que o cão sem dono de orelha cortada se escondera.

Quanto tempo antes tinha sido aquilo? Eu sabia que fora antes do estupro de Lindy. Antes de minha irmã morrer. Antes de eu estar no ensino médio, antes de ter usado drogas, bebido álcool ou fumado cigarros, então realmente éramos crianças na época. Sentamos na grama, brincamos com tatuzinhos, e minha vida era tão fantástica e simples que doía só de pensar. Quanto mais avaliava a distância entre esses dois momentos, o quanto tínhamos mudado desde então, mais raiva sentia. De repente não tinha escolha a não ser simpatizar com Jason Landry, e em muitos sentidos isso acabava comigo. Eu sabia, por exemplo, que o que vira naquele dia atrás do barracão não era um acontecimento isolado, e quando comecei a fazer contas, percebi que Jason cuidara daquele cachorro por anos — não semanas ou meses —, alimentando o animal em segredo, acariciando e depois o xingando, fazendo tudo o que podia imaginar para protegê-lo do pai, que inevitavelmente voltaria para casa depois do trabalho todo dia e tentaria matá-lo, que o espreitaria no bosque, que colocaria anticongelante em tigelas do modo como outros repunham os alimentadores de pássaros, só porque uma parte de sua natureza incompreensível ficava inexplicavelmente ofendida por um animal desconhecido em sua propriedade. Ou pior, ele se sentia ofendido por aquele animal porque seu filho o amava.

Essa ideia horrível também me levou a pensar na duração dos anos caninos, o velho ditado de que cachorros envelhecem seis ou sete anos para cada um dos nossos. Então, tive que me perguntar, onde nosso vira-lata encontrou abrigo todas aquelas décadas que viveu sozinho no bosque? Com que frequência nos viu brincar? Como ele, mesmo cercado por famílias bem de vida, não encontrou situação melhor que aquela? Como pôde nos ver comer, rir e ignorá-lo, dia após dia, e ainda assim manter a esperança?

Suponho que não tenha mantido.

Então minha raiva aumentou.

Senti raiva de Jason por deixar que ele vivesse assim, do Sr. Landry por ser tão cruel, do cão por ser tão desventurado e de mim mesmo por ver aquilo todos aqueles anos e não fazer absolutamente nada a respeito. E isso despertou minha atenção para o fato de que não tinha feito nada sobre nenhum dos acontecimentos terríveis em minha vida. Não tinha lidado com a

morte de minha irmã. Não tinha consolado minha família. Não tinha lidado com o fato de meu pai nos abandonar. Não tinha consolado Lindy. E, a despeito de minha incansável atenção em relação a ela, eu nem sequer lidara honestamente com meu próprio papel em sua tristeza. Até aquela altura de minha vida, entendi, não fora uma pessoa de muita integridade, e queria que isso mudasse.

Então subi a colina até a casa dos Landry. Corri meio agachado como um soldado em um filme e tive fantasias ridículas de violência. Talvez o Sr. Landry estivesse esperando por mim na varanda dos fundos, pronto para me espancar até a morte com seu cajado. Talvez pulasse dos arbustos sobre mim, me prendesse no chão e atirasse em minha nuca. Ou talvez já estivesse em sua forma de coruja me observando, preparando seu ninho fedorento para meus ossos. Se esse era o caso, então que fosse. Eu não me importava. Estava enlouquecido de adrenalina. Havia sido transformado em nada pela culpa. Meus objetivos eram simples. Meu ego era nulo. Em grande medida parecia que minha vida estava começando.

Cheguei ao alto da colina e me escondi atrás do barracão. Espiei pela porta aberta e vi fezes de cachorro espalhadas pelo chão, poças de mijo onde o vira-lata devia ter sido mantido nos dias anteriores, e a intensidade de minha fúria se multiplicou. Passava a fazer sentido para mim por que Jason dissera que queria ter conseguido destrancar o barracão. Fazia sentido que essa agressão específica ao coração do rapaz, uma entre tantas outras que haviam sido cometidas pelo pai, finalmente tenha dado a ele coragem de partir. Quem poderia culpá-lo?

Deixei o barracão e entrei na garagem aberta. Contornei lentamente os carros dos Landry, ainda no lado oposto da casa, do quarto que eu havia sido conclamado a saquear. Queria ter certeza de que estavam dormindo antes de tentar a janela, e precisava dar uma boa olhada lá dentro. Fiquei de quatro e engatinhei pela garagem até o quintal, e minhas mãos e meus joelhos ficaram encharcados na grama. Não liguei. Eu queria que fosse assim. Parecia muito parte da paisagem da Louisiana o fato de eu poder sentir o orvalho caindo ao redor. Era uma noite bonita e sei disso porque quase tudo de que me lembro tão claramente — o cadáver, o barracão, a grama molhada sob meus dedos — era iluminado pela

lua e eu era parte daquilo, rastejando pelo quintal até a área externa dos fundos, onde enfim pude olhar através das grandes janelas do escritório deles, assim como teria conseguido ver através das grandes janelas do meu. E sentado ali, apagado em uma poltrona, estava o enorme Sr. Landry.

Usava as mesmas calça e camisa social com as quais o vira mais cedo naquele dia, e sua mão continuava com a atadura. Os sapatos haviam sido tirados, e os pés se encontravam sobre um divã enquanto a cabeça repousava sobre a gordura do próprio pescoço. Próximas a ele, em uma mesa lateral, havia uma luminária brilhante e uma taça vazia. Ao lado dela, uma garrafa de bebida marrom que com aquela idade eu não reconhecia. O que seria? Scotch? Bourbon? Uísque? Acho que isso não importa quando um homem bebe sozinho. E enquanto observava o terrível Sr. Landry dormir, pensei que era estranho que uma pessoa que causara tanta dor pudesse repousar serenamente enquanto seu filho e seu vizinho saíam correndo como baratas noturnas.

E não éramos os únicos acordados. Quando estava prestes a ir para a frente da casa, vi Louise Landry passar pelo escritório. Eu me esquecera dela. Usava um robe azul grosso que parecia simples como uma luva térmica de cozinha. Eu me escondi, mas ela não se virou na minha direção. Louise se encontrava em uma viagem doméstica do ponto A ao ponto B e parou apenas para observar o marido por algum tempo. Segurava um cigarro aceso, contudo não o levou à boca no período em que eu a observava. O modo como ficou parada ali, tão imóvel, com os cabelos soltos caídos despenteados pelas costas do robe, a fazia parecer uma bruxa de outra época. Era assustador o suficiente para me fazer pensar se ela poderia desaparecer diante dos meus olhos ou talvez asfixiar o marido adormecido com um travesseiro. Mas ela não fez nada disso. Depois de um tempo simplesmente se curvou para a frente e jogou o cigarro na taça vazia dele. Depois foi até o canto e seguiu para o corredor.

Eu também mudei de posição e permaneci nas sombras do lado de fora da casa até chegar à janela do quarto deles. As persianas estavam abaixadas, mas consegui ver, através de uma abertura na base, Louise Landry chegando à extremidade mais distante do

longo corredor e abrindo a porta do quarto de Jason que, em minha casa, seria o meu. Ficou ali por um tempo do mesmo modo fantasmagórico que eu vira no escritório e finalmente fechou a porta. Depois andou na minha direção pelo corredor e entrou em seu quarto, apagando as luzes no caminho.

No quarto, eu a observei fechar a porta e tirar o robe grosso. Sob ele, usava uma camisola de aparência desconfortável, que poderia se passar por um vestido infantil de cintura alta. Tinha renda no decote, uma estampa floral complexa e não sugeria em nada que havia uma mulher por baixo. Ela se olhou no espelho e pressionou as palmas das mãos sobre as bochechas pelo que me pareceu tempo demais, e então imaginei loucamente se ela poderia retirar o rosto inteiro, se eu iria testemunhar o verdadeiro motivo pelo qual os Landry se comportavam de modo tão diferente. Mas, em vez disso, ela entrou no banheiro e ligou a água, que eu podia ouvir correndo pelo hidrômetro externo ao meu lado. Quando voltou, Louise Landry apagou as luzes e passou a ser iluminada apenas por uma luminária na mesa de cabeceira. Então a vi caminhar até os pés da cama, ajoelhar e rezar.

Eu não podia acreditar naquilo.

A imagem era tão pura e inesperada que fiquei enjoado. Eu vira minha mãe fazer aquilo tantas vezes desde a morte de Hannah que era capaz de dizer, sem dúvida, que ela estava rezando por Jason. Apesar da relação belicosa dos dois, apesar da estranha personalidade dela, a natureza simples de seu gesto me provou que a mulher o amava. Eu vira esse tipo de preocupação antes, e sabia que independentemente do que Jason estivesse fazendo no bosque, e do que tivesse me mandado encontrar no quarto particular do pai, as coisas só iriam piorar para ela. Talvez eu devesse colocar um ponto final em tudo aquilo naquele momento.

Em vez disso, cruzei a área externa apressado, para ter certeza de que o Sr. Landry ainda estava dormindo, depois subi a metade da entrada de garagem deles antes de me agachar em uma sebe de azaleias que cercava a casa. Suava enquanto me mantinha agachado nos arbustos. Vi mosquitos saírem às centenas das folhas mortas que eu revirara. Eles cobriram meu corpo enquanto eu avançava e me comeram vivo. Eles cobriram meu corpo. Podia

senti-los em meu nariz e minhas orelhas, e tive que prender a respiração para continuar. Você precisa morar na Louisiana para entender isso. Precisa se esconder em nossas azaleias para entender isso. E quando contornei a casa para prosseguir até a frente, expulsei os mosquitos dos braços e do pescoço e tirei do bolso da calça jeans a pequena chave. Escutei atentamente em busca do som de pessoas e carros, e não ouvi nada além do coaxar de sapos, minha respiração e talvez uma sirene distante. Avancei rapidamente.

Cruzei a varanda apressado e de cabeça baixa, e quando cheguei à janela do quarto privativo do Sr. Landry, vi que ela estava coberta pelo lado de dentro por cortinas pesadas. Segurei a chave com a boca e passei as mãos pela fina beirada metálica na base da janela. Consegui pegar a estrutura com firmeza e a movi. Jason estava certo. Destrancada. Eu deslizei a janela para cima.

É isso, pensei. Finalmente. Por Lindy. Por minha mãe.

Pelo bairro.

Afastei as cortinas e me esgueirei para dentro.

É importante para mim, sempre que revivo essa noite na casa dos Landry, primeiro repassar outras lembranças, lembranças melhores. É assim que impeço que a escuridão vença. É assim que permaneço saudável.

Então deixe-me contar:

Minha mãe tinha uma queda por Robert Stack.

Isso foi depois do divórcio, depois de Hannah, depois de Lindy, depois de eu ter invadido a casa dos Landry e depois de Rachel ter voltado a morar sozinha, em uma época que éramos outra vez apenas eu e minha mãe na Piney Creek Road, no outono de 1992, meu último ano no ensino médio. Pouco tempo antes, ela tinha conseguido outro emprego em meio expediente para se manter ocupada, dessa vez em um salão de beleza, trabalhando como recepcionista uns quatro dias por semana e, quando estava chovendo ou se decidíamos sair para jantar após um dos meus treinos de futebol, ela me buscava de carro, que passara a ter o cheiro ruim da acetona que usavam no salão. Eu jogava minhas coisas no banco de trás, sentava na frente, e minha mãe esticava a mão e apertava meu braço para me cumprimentar. Dizia como estava feliz de eu ter voltado ao futebol, que eu parecia muito melhor, como sentia orgulho de mim, e eu dizia algo como *O que é isso? Está querendo uma promoção?*

As coisas iam muito bem entre nós.

Esse não era o problema.

O problema era que minha mãe continuava sempre triste. Fazia uma expressão de corajosa e preenchia todos os dias que podia com trabalho, e, no entanto, mesmo isso parecia apenas lembrá-la do que havia perdido. O salão, por exemplo, era frequentado por mulheres que minha mãe conhecera no período que ela chamava de sua “vida anterior”. Eram senhoras com as quais ela jogara tênis no clube campestre ou fora a convenções imobiliárias, todas acompanhadas pelos maridos, e a constante reaparição dessas pessoas em sua “nova vida” parecia desequilibrá-la. Enquanto me

levava para casa, por exemplo, ela dizia coisas como: *Lembra-se de Lucy Gifford? Você jogava tênis com o filho dela*. E eu respondia coisas como: *Não sei, mãe. Isso foi há muito tempo. Por quê?* Mas ela quase nunca tinha uma resposta.

A razão óbvia, eu sempre imaginava, era que tinha visto Lucy Gifford no trabalho naquele dia e, independentemente de parecer doente ou saudável, minha mãe precisava se perguntar se Lucy Gifford sabia sobre o que meu pai andava fazendo com a estudante de biologia de dezoito anos que trabalhara na loja de artigos esportivos tantos anos antes, quando ele ainda era casado. E, quem sabe, minha mãe talvez tivesse desconfiado da própria Lucy Gifford. O que acontecia naquelas convenções quando meu pai voltava para o quarto mais tarde do que ela? O que Lucy Gifford quisera dizer quando falara que sempre gostava de nos ver no clube? Assim que a confiança acaba, sabe como é, toda a história muda. A pessoa não sabe no que acreditar. Minha mãe não era diferente.

Ainda pior era que depois desses encontros ela voltava no tempo em sua mente para pensar sobre os filhos dos Gifford, em como estariam, um garoto mais ou menos da minha idade, ela lembra, e uma filha mais ou menos da idade de minha irmã. Então havia Hannah, para sempre morta e esperando por ela. Havia amor, perda, arrependimento, injustiça e o conhecimento interior de que o modo como a vida avança pode acabar com você.

Assim, a despeito de seus melhores esforços, minha mãe ainda lutava incansavelmente para superar cada dia. Isso a levou a desistir de namorar, de sair com amigas e parar de ir a eventos sociais que pudessem exigir envolvimento emocional, embora ainda fosse uma mulher atraente e bonita. Isso também a levou a se tornar menos preocupada com a casa. Começou a fechar as portas de certos quartos e já não tirava o pó ou passava o aspirador neles de forma obsessiva como costumava fazer antes. Também passava menos tempo cozinhando, o que é uma coisa estranha de se fazer na Louisiana. Não estou sugerindo que fosse preguiçosa, porque não era, mas se chegava em casa animada com alguma nova receita que as manicures tinham dado, isso não tinha nada a ver com o prazer que a refeição podia oferecer, mas com o fato de que a coisa toda levava pouco tempo para ficar pronta.

Refeições que demandavam preparação, como descascar, assar lentamente ou marinar, se tornaram raras. Se aconteciam era apenas nos fins de semana ou feriados, e nossa sequência semanal de jantares passou a consistir de uma série previsível de costeletas de porco assadas, sanduíches de carne moída e espaguete, até que mesmo isso se reduzisse a peitos de frango que minha mãe comprava a atacado e preparava no micro-ondas. O resultado eram refeições brancas em forma de continentes que ela apresentava com nomes diferentes. Frango ao molho caipira. Frango ao ketchup. Talvez com acompanhamento de ervilhas. Eu fazia as refeições sem elogios ou queixas.

O que um garoto pode dizer?

No entanto, nas noites de quarta-feira minha mãe pedia pizza, que chegava em uma grande caixa engordurada às sete e quarenta e cinco. O dinheiro ficava na mesinha junto à porta da frente e eu o dava a um cara de cabelos compridos com um brinco de caveira na orelha esquerda. Ele tinha um *discman* da Sony preso ao cinto e eu muitas vezes reconhecia a música que berrava dos fones pendurados no pescoço. Toda semana ele pegava o dinheiro, contava as notas, dizia “Valeu, irmão” e eu levava a pizza para o escritório, onde minha mãe deixara algumas bandejas. Colocávamos nossas fatias em pratos descartáveis e reduzíamos a luz enquanto minha mãe se sentava ao meu lado no sofá para ver TV. A casa inteira então se transformava enquanto a música-tema soturna e assombrosa do programa *Unsolved Mysteries* começava. O apresentador, o ator Robert Stack, saía de uma sombra e falava diretamente conosco.

Esse momento era como férias para nós.

No auge da popularidade, cada episódio desse programa consistia em recontar vários casos “factuais”, realistas e sobrenaturais, que nem mesmo os detetives mais condecorados conseguiam solucionar. Os episódios eram encenados por atores desconhecidos e eventualmente tinham efeitos especiais, além de contar com a narração em *off* de Stack.

Se você não sabe, a voz de Robert Stack era um milagre humano. Seu tom intenso de barítono tinha uma estranha influência em tudo o que dizia, e isso, aliado à sua boa aparência, o manteve em

Hollywood ao longo de uma extensa e variada carreira na segunda metade do século XX. Não era que sua voz simplesmente fizesse as coisas soarem assustadoras ou perigosas. Ele as fazia parecer importantes. O desaparecimento de uma garota de uma cidadezinha em Utah, o sequestro de um empresário de Des Moines, quando apresentados por Stack soavam como uma crise global. Então você não conseguia deixar de prestar atenção enquanto ele apresentava os detalhes de um caso. Não conseguia deixar de concordar quando ele lhe dizia como era importante que você se identificasse caso soubesse de algo. E não conseguia deixar de refletir de verdade sobre os temas que propunha e que ninguém mais parecia disposto a discutir, mesmo quando ele começava o programa com perguntas impossíveis, como: “Estamos sozinhos no universo?”

Essa hora durante a semana se tornou um verdadeiro prazer para minha mãe e para mim, um dos poucos que um adolescente podia partilhar com um progenitor naquela idade, e nossas sombras repousavam como montanhas na parede atrás do sofá enquanto assistíamos. Lembro-me disso muito bem, e mesmo assim é fácil subestimar momentos como esses quando o vivenciamos. É fácil considerar a vida como algo garantido. Todo mundo sabe disso.

Mas eis a questão.

Também é fácil descartar as formas aleatórias como essas lembranças retornam até nós, com frequência em sonhos ou flashes estranhos, como sacudidas imprevisíveis da mente humana, que é, em si, um mistério insolúvel. Como ela funciona? Devaneios? Correntes elétricas? Resposta associativa? Pergunte a um médico. Eles não parecem muito seguros. De fato, mesmo alguns de nossos psicólogos e cirurgiões mais brilhantes lhe dirão que a memória humana, em sua verdadeira complexidade, talvez nunca seja decodificada. Mas passei a achar que é muito mais simples que isso.

Acredito que nos aferramos a fragmentos de conversa aparentemente insignificantes, ao cheiro de uma determinada pizza entregue por um determinado cara, à forma de certas sombras em uma determinada parede porque um dia talvez estejamos sentados em um quarto de hospital visitando nossa mãe enquanto ela está deitada em uma cama desconfortável, ainda se recuperando. E

então faremos perguntas a ela, nervosos sobre o que o médico disse sobre poder ser um dano permanente causado por um coágulo do tamanho da cabeça de um alfinete, e não saberemos se o modo como ela está batalhando para encontrar as palavras certas é por uma exaustão temporária ou pela nova realidade, e tudo o que desejaremos dizer é que a amamos em uma linguagem que ninguém usou antes porque falamos sério de um modo que ninguém falou antes. E esse será um momento difícil para nós.

Mas então, em uma pausa entre as palavras, pode surgir um comercial na pequena TV pendurada no canto do quarto que nem sequer sabíamos que estava ligada. Pode estar sendo anunciado algum novo remédio, um plano de saúde, e nossa mãe vai sorrir com a voz do belo ator que se encontra diante de uma tela verde. Então fechará os olhos e apertará nossa mão, aquela que estava segurando desde que entramos, e dirá: “Ah, eu tinha uma queda por ele.”

Quando ela fizer isso, nossa memória estará esperando.

Assim que olharmos para o ator, assim que o reconhecermos, a memória vai alegremente reconstruir para nós o escritório bruxuleante, recolocar o gosto da pizza em nossas línguas, e até mesmo tomar o quarto de hospital com o cheiro de acetona que grudara nos cabelos de nossa mãe décadas antes. Então a memória vai realizar também outros milagres, permitindo que viajemos de volta no tempo para olhar outra vez para a mulher sentada no sofá ao nosso lado assistindo à TV, onde está agora uma pessoa muito diferente daquela que vimos quando adolescentes. Ela é muito mais complicada, uma vez que com a memória somos capazes de considerar a vida dela por inteiro. Somos capazes de avaliar nossa vida juntos. Os sacrifícios que ela fez por nós. A dor pela qual passamos. Os problemas que causamos a ela. O modo como nos criou. *Sim, sim, sim*. É amor o que sentimos.

Esse é o objetivo da memória.

Mas a memória falha quando se trata do toque.

Não podemos retornar fisicamente àquele escritório mal iluminado e empurrar para o lado as bandejas, deitar e apoiar a cabeça no colo daquela mulher. Não podemos sentir os dedos dela em nosso

cabelo, sua mão em nosso ombro. Podemos tentar se quisermos, é claro. Podemos fechar os olhos. Podemos imaginar com toda a força. Não importa. O toque se foi. A memória entende isso.

Então ela permite que a voz de Robert Stack ou de alguém como ele faça por nós o que precisa ser feito, que é nos lembrar que todo momento de nossas vidas é conectado. Todo momento é crucial. E se reconhecermos e abraçarmos isso, um dia seremos capazes de olhar para trás, compreender, sentir, lamentar, recordar e, se tivermos sorte, amar. A forma como nossa irmã tocou no alto do batente de uma porta. A forma como nosso pai dançou no escritório. A forma como um homem adulto chorou no gramado. A forma como Lindy, ou pelo menos uma versão roubada dela, um dia correu até uma árvore no pátio da escola. Isso é o melhor que podemos fazer.

E isso não é tão ruim.

Infelizmente, algumas coisas são muito ruins.

O interior do quarto privativo de Jacques P. Landry tinha quatro metros e meio por três e sessenta, e fedia a fumaça de charuto. O carpete era grosso e marrom, e parecia sujo sob as palmas de minhas mãos enquanto eu cruzava por ele naquela noite, engatinhando sem cuidado e assustado. À minha esquerda havia uma mesa com pilhas de pastas e envelopes. Na parede acima dela, um quadro branco com símbolos rabiscados que eu não conseguia identificar. Ao lado dele havia três arquivos, e o do meio servia como suporte para uma TV e outros equipamentos eletrônicos, e os relógios digitais desses aparelhos forneciam uma das minhas duas únicas fontes de luz. A outra vinha de uma faixa luminosa sob a porta trancada e fazia a porta parecer uma entrada para outra dimensão. Isso imediatamente me lembrou de algo do meu passado que não consegui identificar com clareza. Depois os pelos nos meus braços se eriçaram como os de um animal.

Tive a sensação de que não estava sozinho.

Parei e tentei escutar sinais da presença de mais alguém no quarto, mas só ouvi o zumbido suave de aparelhos eletrônicos. O lugar estava tão escuro que eu mal distinguia mesmo os maiores objetos, então prendi a respiração e examinei a parede à minha direita, tentando adivinhar o que havia lá, e meu corpo ficou gelado. Vi no canto mais distante do quarto a silhueta de uma cabeça, algo que poderia ser cabelo. Foi difícil não gritar. Mas a sombra estava tão imóvel que não tive certeza. Isso também me fez duvidar de tudo o mais em minha visão. Aquilo era uma luminária ou uma espingarda? Uma mesa ou uma jaula?

Eu não tinha as respostas a essas perguntas simples, e a forma que vi contra a parede poderia ser uma planta em um vaso. Poderia ser o rosto sorridente de Jacques Landry. Mas permanecia bizarramente imóvel. Então me aproximei ainda mais do chão e inventei regras simples para mim mesmo. Se aquilo se mover, eu pulo pela janela. Se ouvir respiração, engatinho para trás e tento

não acordá-lo. Aquilo é um queixo ou um cabo? Um ombro ou uma gaveta? Aproximei minha barriga do chão para ter um ponto de vista diferente e logo senti algo frio sob meu antebraço, um quadrado claro no carpete escuro. Assim que percebi isso, vi outros, espalhados pelo quarto como se caídos ou distribuídos como cartas. Dava para ver que eram feitos de papel fotográfico, do mesmo tamanho e forma que o retrato de Lindy, então cuidadosamente puxei o que se encontrava mais perto até mim e o virei. Era um close de uma genitália masculina.

A imagem era tão inesperada que quase não reconheci. A foto parecia posada e clínica, mesmo que não fosse de um livro de medicina. Era em preto e branco e mal iluminada, como pornografia de uma época distante, e soube de imediato de qual corpo era. A massa de pelos púbicos grossos, as coxas robustas de onde o órgão se projetava, ereto, tudo me dava repugnância. Um trio de pintas escuras marcavam a pelve. Os testículos pendiam como pesos. Para mim, aquilo se parecia com ele.

Quando ergui os olhos de novo vi uma pessoa sentada no canto. As bochechas dela eram magras e o pescoço longo, e fiquei pensando loucamente se alguma criança adotiva teria sido amarrada a uma cadeira e abandonada para morrer no quarto. Embora fosse irracional, também me preocupei que pudesse ser Lindy amarrada à cadeira, porque essa é a natureza da preocupação. Meu medo foi suficiente para me motivar a levantar, e assim que fui na direção daquele corpo, vi que não era uma pessoa, mas uma boneca em tamanho real. Era rígida, de plástico e estava nua, e o vazio de seu olhar boquiaberto me horrorizou. Depois vi outra boneca, um equivalente masculino, meio enrugada no chão ao lado dela. Estava de barriga para baixo e nua, e o modo como os braços dobravam sobre a cabeça a fazia parecer um culpado penitente. Fiquei desastrado por causa do medo. Recuei e derrubei um cinzeiro de uma mesa lateral. Bati em uma câmera de vídeo posicionada em um tripé. Tropecei em fios que passavam pelo carpete até a parede mais distante, e quando os segui até os arquivos, vi que estavam ligados aos equipamentos eletrônicos sobre a televisão. Assim que cheguei suficientemente perto pude ver que eram aparelhos Betamax, versões ultrapassadas do

videocassete. Havia três deles, uns ligados aos outros, e passei a mão com cuidado pela frente de cada um. Abri seus pequenos compartimentos e vi uma fita no do meio. Não consegui resistir.

Conferi se o som estava desligado. Apertei o play.

Eu esperei o pior. Uma parte de mim queria isso. Sabia que se conseguisse encontrar provas de uma atrocidade óbvia, poderia simplesmente pegar a fita e ir embora. Essa, suponho, era a minha ideia de ser um herói. Em vez disso, o que se materializou na TV não ficou óbvio de imediato. Era uma série de retratos exibidos como em uma grade, e nos oito quadrados que faziam uma moldura ao redor da tela, vi os rostos das crianças adotivas. Eram magras, estavam sem camisa e olhavam indiferentes para algo fora da câmera, como em uma versão de Terceiro Mundo do seriado *A família Sol-Lá-Si-Dó*. Reconheci o rosto de Tyler Bannister, a tatuagem do pássaro de apenas uma asa sempre visível no pescoço quando ele desviava os olhos da câmera. As tatuagens em seus pulsos visíveis quando cobria os olhos. Também reconheci Tin Tin e, nas outras imagens, vi garotos entre oito e doze anos que não duraram muito na casa dos Landry. Não vi Jason em parte alguma. De vez em quando, uma dessas crianças olhava para a câmera e falava, mas eu não podia ouvir o que diziam. Tantos anos depois, continuo grato por isso.

No meio das imagens — o que as crianças viam enquanto estavam sendo gravadas, suponho —, havia dois quadros distintos em preto e branco do nosso bairro. Um era composto de vídeos, e nele carros conhecidos saíam de garagens, vizinhos regavam os gramados, jogávamos futebol na rua. Eram coisas comuns de nossas vidas suburbanas naquela época. O outro era uma coleção de fotos, em sua maioria como os closes espalhados pelo chão. Minha mãe junto à caixa de correio. O lábio leporino de Bo Kern. A vagina de uma mulher. A barriga musculosa de Duke Kern. E depois Lindy, um dia de verão antes de tudo acontecer, eu sabia, com os cabelos caídos sobre ombros bronzeados. Com aquele sorriso tão inocente que eu quase já esquecera.

Então tudo mudou.

Notei uma luz nas paredes, e o piscar era inconfundível. Corri e espiei pela lateral das cortinas, e levei muito tempo para entender o

que vi. Havia um carro de polícia na Piney Creek Road, estacionado duas casas abaixo, à minha porta. O veículo estava em nossa entrada de garagem, as luzes da sirene girando em silêncio, e na frente disso vi o Mercedes do meu pai. Vi também dois policiais saltarem do carro enquanto meu pai seguia por nossa entrada de garagem para se encontrar com eles, e não fazia ideia do que pensar. Lembrei-me de minha mãe ligando para ele depois que Jacques Landry bateu à nossa porta, de ela nos dizer que ele ia passar para nos ver, mas aparecer assim no meio da noite? Quão desesperada a voz dela devia ter parecido? Quanto tempo ele estava na minha casa? Eu tinha deixado minha janela aberta? Mamãe e Rachel estavam acordadas? Ou a razão pela qual ele aparecera não era o vira-lata, não era Jacques Landry, mas minha mãe ter acordado e notado meu desaparecimento? Será que ligara mais uma vez para ele? Será que dessa vez também tinha chamado a polícia? Em que momento minhas decisões começaram a ferir as pessoas que eu amava?

Não tive tempo para pensar.

Atrás de mim, o telefone dos Landry tocou. Quase pulei pela janela. O toque da campainha tomou a casa tão agressivamente que foi difícil lembrar do silêncio que o precedeu. Ao segundo toque, ouvi o Sr. Landry se mover no escritório. Parecia que alguém estava despertando um urso. Ouvi um copo quebrar, um móvel tombar. Depois o ouvi gritar para que Louise atendesse o telefone e soube que tinha que sair dali. Dei outra espiada no cômodo em busca do cofre, a razão de ter ido lá, e o vi, do tamanho de um frigobar, sob a escrivaninha.

Antes que conseguisse chegar até ele, mais três viaturas policiais desceram a Piney Creek Road a toda velocidade. As sirenes ligadas, as luzes piscando, e me virei para olhar pela lateral das cortinas enquanto paravam diante da casa dos Landry, a talvez trinta metros de onde eu estava escondido. Fechei as cortinas e ouvi o som pesado de Jacques Landry correndo pelo corredor na minha direção. Não consegui me mexer. Era isso. Eu tinha certeza. Ele ia abrir a porta, me encontrar e me matar. Se uma pessoa conseguia atirar em um cachorro inocente, por que não atirar em um garoto intrometido? Eu não via uma razão lógica para não pensar assim.

Então apoiei as costas na parede e encarei a porta, e nesse medo quase extasiado me dei conta do que a faixa de luz sob ela me lembrava.

Ela me lembrava da véspera de Natal, em todos os anos menos o último.

Lembrava-me de como minhas irmãs voltavam para casa da faculdade nesse feriado ou, na época em que todos morávamos juntos, que simplesmente continuavam com a história do Papai Noel porque eu era o caçula, e tinha jantado correndo para tomar meu banho, vestir o pijama e dormir onde sempre dormia na véspera de Natal: na cama de baixo da bicama de minha irmã Hannah. Ela e Rachel também dormiam cedo nessa noite, dividindo o colchão da cama de cima como só faziam aquela vez por ano, e me provocavam pensando em voz alta se teríamos esquecido de colocar comida para as renas, biscoitos para o bom velhinho. E mesmo depois de elas terem finalmente me contado a verdade, que alegaram ser sua obrigação como irmãs mais velhas, continuamos a dormir no quarto de Hannah na véspera de Natal dizendo que era por causa de minha mãe, e, naquele momento, eu teria vendido minha alma para fazer isso outra vez.

No entanto, a razão de me lembrar disso foi que naqueles anos, quando era mais novo, quando ainda acreditava em quase tudo que uma criança deve acreditar, eu ficava encarando a faixa de luz sob a porta de Hannah muito depois de ela e Rachel terem adormecido, querendo desesperadamente ser o único menino na Terra a ver os pés do Papai Noel, capaz de testemunhar quando ele parasse do lado de fora de nosso quarto para dar uma bênção silenciosa a mim e minhas irmãs. Porém, quando enfim vi dois pés pararem diante de uma porta exatamente igual à de Hannah, em um quarto com a forma exata do quarto dela, só serviu para confirmar que minha irmã estava morta, minha infância terminada e que bênçãos podiam ser retiradas tão facilmente quanto eram dadas.

Então mergulhei sob a escrivaninha para me esconder. Não tinha um plano de verdade. Quando o Sr. Landry mexeu na maçaneta, fechei os olhos, encolhi o corpo e rezei como um covarde pedindo ajuda ao mesmo Deus que desprezara tantas vezes antes. Ele, no entanto, não abriu a porta. Em vez disso, começou a fechar as

trancas pelo lado de fora, e o barulho estrondoso desse esforço percorreu o batente da porta como se um zíper estivesse sendo fechado. Na rua, os policiais desligaram as sirenes. Eu ouvia os passos deles na calçada. Dentro de casa, eu podia ouvir o Sr. Landry e Louise discutindo enquanto seguiam na direção da porta da frente. Quando a abriram, o Sr. Landry falou:

— O que significa tudo isso?

Um policial indagou:

— Vocês são os pais de Jason Landry?

Eu sabia que depois disso estávamos perdidos.

Então fiz o que Jason sugerira que fizesse e abri o cofre sob a escrivaninha. Se iria ser preso por invasão, pelo menos queria estar com as mãos repletas de provas. Quem sabe o que eu esperava encontrar? Roupa íntima de Lindy? Uma confissão assinada? De repente a coisa toda pareceu ridícula. Ainda assim girei a chave, abri o cofre e não havia muita coisa dentro dele: seis fitas Betamax com a palavra “máster” escrita nas etiquetas, alguns documentos que pareciam oficiais e científicos, mas muito incompreensíveis, e uma maleta médica cheia de frascos de vidro. Em uma caixa de papelão junto a isso, havia uma pilha de seringas ainda nas embalagens plásticas. Retirei a maleta com cuidado e peguei um frasco do pacote. Não reconheci o nome do medicamento, mas me lembrei da expressão de dor que Tyler Bannister fizera anos antes quando aquele quarto fora mencionado e entendi que não importava o que Jacques Landry fizesse com aquelas crianças, certamente era algo abominável. Nunca pesquisei isso. Nunca tive estômago. Pode me chamar do que quiser. Mas naquela noite peguei o frasco e catei do chão o maior número de fotos que pude. Pensei em levar as fitas, a câmera, as guimbas de charuto, que eram redondas como moedas, e então ouvi a voz do meu pai.

Ele estava do lado de fora, chamando Jacques Landry.

Fui até a janela e afastei a cortina para ver meu pai descendo a rua. Atrás dele, dois policiais caminhavam com minha mãe e minha irmã, ambas usando robes.

— Jacques! — berrou meu pai. — Cadê meu filho, cacete?

O Sr. Landry conversava com dois policiais. Pareceu ignorar totalmente a presença de meu pai até ele se enfiar no meio deles

para confrontá-lo. Agarrou o Sr. Landry pela camisa e, por uma fração de segundo, antes que as vozes se tornassem incompreensíveis, antes que a polícia tirasse meu pai de cima do Sr. Landry tão facilmente quanto um fiapo de um paletó, pareceu que ele era um homem honrado. Pareceu que tinha dignidade.

E ali aconteceu uma mudança em mim.

Embora estivesse escuro do lado de fora e a iluminação fosse ruim, apenas algumas luzes de sirene girando, dois postes acesos e um terceiro ainda queimado, parecia que meu pai era invencível. Se fosse possível congelar aquele momento, como costumamos fazer em nossas fotos, teria visto meu pai prestes a enfiar a mão na garganta de Jacques Landry e arrancar seu cruel coração pela boca. Também veria medo verdadeiro no rosto largo do Sr. Landry. Porém, o mais importante, e que estou tentando lhe dizer, é que naquela rápida discussão, eu entendi que dentro de todos os homens reside ao mesmo tempo a capacidade de sermos ameaçadores e covardes. Há dentro de todos nós a capacidade de ter virtude e dignidade, mas também está a nosso alcance nos tornarmos banalidades irrelevantes ou, ainda pior, atrair a indiferença das pessoas que amamos. Suponho que esse seja o desafio da paternidade. Então soube que, a despeito dos erros do meu pai, ele me amava. Ele nos amava. Também soube que partes grandes e importantes dele se lamentavam, pois ele estava disposto a brigar. O que mais eu poderia pedir? Jamais vou me desculpar por amá-lo também.

Mas foi o rosto de minha mãe que me afastou da janela.

Ela ficou ao lado da crescente multidão enquanto a confusão geral aumentava. Observara meu pai discutir com o Sr. Landry, contudo, eu via pela sua expressão que não os estava escutando. Em vez disso, minha mãe se encontrava em algum lugar interno, olhando para sua vida. Imaginei o que ela estava pensando, do mesmo modo que me pergunto isso muitas vezes hoje em dia. Pensava no tempo que ficou com meu pai? Como aquilo chegara a tal ponto? Qual havia sido exatamente a trilha, desde as velhas fotos de casamento até a noite de horror do lado de fora de sua casa dos sonhos? Quais são as chances de uma filha morrer e o outro sumir? A verdade, claro, é que não há resposta para isso, e foi

quando me dei conta do que minha mãe deveria estar fazendo. Devia estar se preparando. Por isso, enquanto todos os outros gritavam e se exaltavam, ela permanecia de lado, silenciosa, como se fizesse contas de cabeça.

E eu quis resolver o problema dela.

Abri a cortina e saí da casa dos Landry.

Por um instante achei que ia cruzar o jardim sem ser notado, em direção aos braços de minha mãe. Mas isso não aconteceu. Em vez disso, ouvi um policial gritando para que eu parasse. Então obedeci. Imagino que tenha sacado a arma e se aproximado de mim, mas realmente não sei. A única coisa que via era o rosto de minha mãe. Ela nem sequer erguera os olhos. Levantei as mãos e a chamei.

— Estou aqui, mãe — disse. — Estou bem.

O policial mandou que eu largasse minha arma e me dei conta imediatamente de como a situação devia parecer. Estava suado e coberto de lama. Carregava objetos roubados. Minha mãe enfim ergueu os olhos, e ainda hoje não sei decifrar a expressão que surgiu em seu rosto. Em outras palavras, não estou certo se a luz me envolvia em tantas sombras que ela tentava entender como a voz de seu filho vinha daquele criminoso cercado por policiais ou se naquela noite minha voz, tão cheia de medo, soava estranha para ela, mesmo que vinda de um corpo que ela obviamente conhecia. Se tivesse que adivinhar, diria que minha mãe, fazendo as contas, provavelmente avançara tanto nos algoritmos infelizes de sua tristeza futura que esquecera a possibilidade de que eu pudesse estar bem e ela não tivesse de sofrer outra perda. Então a confusão em seu rosto não era de fato sobre a minha vida, mas sobre a dela, e a ideia de que aquilo poderia continuar.

Olhei para o policial.

— Não estou armado — respondi. — Tenho provas do estupro de Lindy Simpson.

Suponho que há cinco coisas que devo dizer sobre os dez minutos seguintes na Piney Creek Road.

Um: Jacques Landry teve que ser contido ao saber que eu estivera em sua casa. Dois: meu pai teve que ser contido quando viu aquele policial enfiar meu rosto no gramado. Três: a polícia achou que eu fosse Jason Landry. Quatro: sem que soubéssemos, o

verdadeiro Jason Landry se aproximava da casa pelo bosque. E cinco: Lindy estava de pé na rua, acompanhando aquilo tudo.

Isso não era bom.

Os pais de Lindy também estavam lá, assim como quase todo o bairro. Esse tipo de diversão não era típico da Piney Creek Road, então todos queriam respostas. O pai de Lindy, por exemplo, começou a catar freneticamente as fotos que eu jogara no chão. A mãe dela, por outro lado, colocou os braços ao redor da filha como se cuidasse de uma pessoa em choque. Ouvi meu pai ameaçar com um processo e o Sr. Landry exigir minha prisão. A polícia, é claro, não estava nem um pouco preparada para tudo com que depararam em Woodland Hills, e quando o policial finalmente me empurrou para o banco de trás da viatura, eu comecei a entender por quê.

Além de nossas casas, a certa distância, pude ver uma luz alaranjada.

A Perkins School estava em chamas.

E embora depois eu tivesse descoberto que Jason pichara seu nome na capela da escola e jogara os cartões de visita do pai pelo pátio impecável antes de incendiar o lugar, ainda não conseguia solidarizar com sua necessidade desesperada de atenção do modo como solidarizo agora. Em vez disso, só via aquele céu colorido se tornar um cenário enquanto Lindy caminhava na direção do carro de polícia onde eu estava. Era óbvio que estivera chorando, e por um instante, achei que poderia se sentir agradecida pelo que eu havia feito. Sorri enquanto ela colocava as mãos no vidro da janela entreaberta.

Ela gritou comigo.

— Qual é o seu problema, porra?

Eu não tinha ideia do que responder.

— Está querendo arruinar a minha vida? É esse o seu objetivo? — perguntou.

— Não. Do que está falando? Estava tentando ajudar. Achei que se talvez você soubesse…

Lindy não queria ouvir. Ela se virou. Estava enlouquecida.

— Se soubesse o quê? Se soubesse qual era a cara dele? Como isso ia me ajudar, seu cretino doente?

— Você não entende — disse a ela. — O Sr. Landry tinha todas essas fotos de você. Ele tem essas imagens pervertidas de todo mundo. Ele tem todos aqueles medicamentos. Acho que pode ter feito isso.

Ela olhou para Jacques Landry, que se encontrava cercado pela polícia, pelo pai de Lindy, pelo Velho Casemore, por todos os homens dali.

— Aquele gordo cretino? Ele não fez aquilo, idiota. O cara era magrelo. Era ossudo. Parecia um maldito esqueleto nas minhas costas.

— Parecia?

Os dois anos anteriores de minha vida pareceram, então, muito ingênuos.

Eu achava, por exemplo, que explicações curavam cicatrizes, quando não curam, e que o modo como eu queria que a vida fosse era mais importante que o modo como a vida era de fato, mas não. Acho que naqueles anos eu acreditava honestamente que se conseguisse fazer Lindy ser novamente quem ela era antes do estupro, em vez de admitir que havia sido estuprada e que era diferente por causa disso, então talvez conseguisse fazer o mundo inteiro voltar a ser como quando éramos pequenos, quando meu pai ficava por perto e minha irmã estava viva.

— Não sabia — contei a Lindy. — Não sabia que ele era magrelo.

Lindy lançou um olhar tão penetrante na minha direção que entendi, apesar de todos aqueles anos tentando, que não sabia nada sobre ela. Nossas conversas sobre Dahmer. Nossas fofocas inúteis. Nosso equivocado sexo ao telefone. Nada disso tinha a ver com a verdadeira vida dela. Nada disso tinha a ver com seu coração.

Ela se inclinou outra vez na direção da janela aberta.

— Faz você se sentir melhor saber que ele era magrelo? — perguntou. — É por isso que você conversa comigo o tempo todo? Quer saber de mais alguns detalhes? Você age como se fosse meu amigo, mas tudo não passa de babaquice. Você só se sente mal porque contou para todo mundo e agora quer consertar, mas não pode. Por isso finge estar tão interessado em mim. Para

poder ser um pequeno detetive, solucionar o caso e se sentir bem por foder com a minha vida.

Percebi as pessoas olhando para nós. Vi a mãe de Lindy vindo em nossa direção.

— Lindy, isso não é verdade — falei.

Ela esmurrou o teto do carro de polícia.

— É, sim — respondeu. Ficou na ponta dos pés, como se estivesse cheia de energia. Sua raiva era tanta que nem sequer conseguia olhar para mim. — Vamos acabar com tudo isso, está bem? O que mais você quer saber? Quer saber que fico enjoada quando vejo uma meia esportiva masculina? No ginásio, na rua, em qualquer lugar. Um idiota perde uma meia e eu vomito, porra, porque sinto o gosto de novo. É isso que você quer saber? O que mais? Quer saber que me lembro de bater no chão e sentir cheiro de tinta e não ter ideia do porquê? Aliás, por isso tirei uma porra de um C na aula da Sra. Price semestre passado, porque ela descontou pontos por eu não usar uma maldita caneta, mas sempre que sinto o cheiro de uma, me vejo de volta àquela calçada, e tudo se repete não no passado, mas naquele exato momento, agora mesmo, e eu quero me matar, cacete.

Lindy bateu as mãos no vidro do carro e continuou:

— O que mais você quer saber? — perguntou. — Vamos acabar com isso para que você possa se sentir melhor. Quer saber o que ele me disse antes que eu apagasse? Essa é boa. Todos agem como se eu não lembrasse, mas eu me lembro. Senti o corpo dele, ouvi sua voz e ainda não sei quem era, caralho, não importa quantas vezes você, um policial ou a porra do meu pai possam perguntar, mas sei exatamente o que ele disse. Quer saber? Aposto que quer, seu merda doente.

A essa altura, a Sra. Peggy colocou a mão no ombro de Lindy.

— Lindy, você está muito irritada, querida. Vamos para casa.

— Me deixe em paz — interrompeu ela. — Estou aqui conversando com meu amigo. Ele quer saber tudo sobre mim.

— Meu amor — disse a Sra. Peggy. — Ele só estava tentando ajudar.

— Eu lamento muito — falei. — Realmente estava tentando ajudar.

Lindy se soltou da mãe e se virou para mim. Nós nos encaramos, ambos sóbrios e limpos, pela primeira vez em anos. E, enquanto ela ficava lá me encarando, soube que eu a tinha ferido. Senti isso de verdade, talvez pela primeira vez.

— Você quer saber? — perguntou.

— Eu sinto muito — disse a ela.

Lindy colocou a boca na abertura da janela.

— Vou contar para você o que ele disse — sussurrou.

Ela então baixou a voz para um grunhido, um rosnado, e não soou nem como menino nem como homem, mas como um animal selvagem que tivesse recebido a capacidade de falar.

— "Você acha que é muito bonita" — disse Lindy, e depois foi embora.

Deixei a cabeça bater na janela e vi a cena diante de mim se dissolver entre as lágrimas que acumulara por muito tempo. Era Lindy, sim, e seu coração partido e minha ilusão e meus pais testemunhando a pessoa em quem eu tinha me tornado. E também era, claro, eu mesmo testemunhando aquilo.

Mas não tive muito tempo para isso.

Logo Louise Landry bateu no vidro. Ainda usava o robe grosso de tricô.

— Por que invadiu a nossa casa? — perguntou ela. — Jason pediu que fizesse isso? Ele te ajudou?

Enxuguei meu rosto no ombro. Assenti.

— Eu deveria ter saído daqui com ele há muito tempo — falou.

Olhei para ela, e, em seu remorso, Louise Landry parecia ter mil anos.

— Sabe onde ele está agora? — perguntou. — Por favor. Ele precisa de ajuda. Precisa de ajuda. Nunca planejei que as coisas acontecessem dessa forma. Espero que saiba disso.

Eu sabia que ela dizia a verdade.

Em minha experiência, nada nunca sai como planejado.

Exceto, talvez, para Jason Landry naquela noite, para quem tudo aconteceu com perfeição. Afinal, o que mais ele poderia ter desejado? A Perkins School estava em chamas. Seu pai seria investigado. Sua mãe suplicava perdão. E, enquanto isso, o próprio Jason saíra do bosque escuro sem ser visto e subira a colina até as

janelas dos fundos de sua violenta casa suburbana. Ainda tinha duas garrafas sobrando na mochila. Tinha o isqueiro. Tinha sua pontaria. Ninguém nem sequer sabia que ele estava lá.

Mas todos ouvimos o vidro se quebrar.

Todos ouvimos o barulho de seu fogo, o som de sua risada.

Era só uma questão de tempo.

Não voltei a ver Lindy Simpson até 2007, quase dezesseis anos depois daquela noite, na saída de um jogo de futebol americano da LSU. Naquela época, estávamos os dois na casa dos trinta, éramos apenas lembranças um para o outro, e tínhamos vidas separadas. Dizer algo mais romântico seria desonesto. Não que eu não tivesse tentado manter contato. Depois que a insanidade daquele desastre na Piney Creek Road foi esclarecida (os incêndios apagados, Jason encontrado e preso, o Sr. Landry com sua licença médica permanentemente cassada e preso, eu inocentado de todas as acusações a pedido de Louise Landry), fiz várias tentativas de contatar Lindy por telefone e me desculpar. Queria desesperadamente vê-la, dizer que sabia que em muitos sentidos estava certa a meu respeito e que eu sentia muito, mas ela tinha ido embora. Sempre que seu pai atendia o telefone soava agradecido por eu ter ligado, mas depois me dizia que ela e a mãe ainda não haviam retornado de Shreveport, onde tinham ido visitar uma tia. Não estou certo se ele sabia, naquela época, que jamais voltariam.

Descobri isso algumas semanas depois, quando soube que Lindy, como muitos outros garotos, se transferira da Perkins School depois do incêndio. Como os danos no prédio principal da escola haviam sido muitos e nosso semestre atrasado e reduzido, outras instituições tinham aberto as portas para nós, estendendo sua generosidade, e vários pais aceitaram. Randy Stiller, por exemplo, passou seus dois últimos anos na Parkview Baptist, onde se tornou astro do futebol americano. (Um dia depois de eu ter sido preso, por sinal, Randy foi à minha casa. Passara a noite anterior na casa de um amigo que eu não conhecia, portanto perdera toda a agitação. Mas quando entrou em meu quarto para ver se eu estava bem, nos abraçamos e rimos como se fôssemos melhores amigos novamente, e até hoje não há nada que eu não faria por ele.) Mas nem todos saíram da Perkins.

Julie Artista e eu, por exemplo, permanecemos. Isso foi bom.

Passamos o ano seguinte indo juntos para a escola, onde cruzávamos corredores de compensado para encontrar nossos novos armários feitos de engradados com nossas fotos presas com durex. Inventamos apelidos engraçados para os homens que circulavam em trajes especiais à prova de fogo atrás da faixa de segurança e praticamos nosso espanhol com os carpinteiros que apareciam aos montes. As turmas estavam pela metade, as salas de aula, em grandes trailers onde era impossível ouvir o professor com o som dos martelos e das serras usados para criar uma Perkins School muito maior e melhor para o futuro. Mas não ligávamos. Pela primeira vez desfrutamos o presente. Almoçamos no ginásio o que havia em nossos sacos de papel pardo e descobri que o time de futebol estava com poucos atletas. Ela ouviu dizer que a equipe de animadoras de torcida precisava de alunas. Então ambos dissemos “o que temos a perder?” e entramos nas equipes, portanto, fizemos acordos de sucesso e nos tornamos populares nesse universo alternativo queimado. Nunca esquecemos como era bom.

O ano de 2007, como depois soubemos, também foi bom, e quando deparei com Lindy Simpson no campus da LSU era quase meia-noite. Era 6 de outubro, e a LSU acabara de derrotar os odiados Florida Gators de uma forma dramática que incluiu cinco improváveis conversões bem-sucedidas. Caso você não saiba, esse tipo de coisa simplesmente não acontece. Essa vitória nos colocaria em primeiro lugar no ranking nacional, então torcedores de todas as idades circulavam pelo campus como se estivessem alucinados. De onde venho, ocasiões como essa superam o Arrebatamento cristão, e não ficaria surpreso se todas as pessoas que eu conhecia, ainda vivas, estivessem na plateia.

Mas mesmo em uma multidão daquele tamanho, depois de todos aqueles anos sem ela, foi fácil ver Lindy.

Ela dançava na caçamba de uma picape, numa das laterais de um grande grupo de pessoas da nossa idade. Ao redor dela, cerveja e champanhe surgiam e desapareciam como fogos de artifício. No meio da área de desfile, uma banda se instalara e tocava funk a todo volume, e as únicas letras eram cantos festivos tão sinceros que você não teria como acreditar que o jogo pudesse ter sido diferente. Naquela noite os cabelos de Lindy estavam vermelhos e

elegantes, e ela usava camisa roxa e calça jeans justa no corpo. Estava, como sempre fora, exuberante, e fiquei empolgado com aquela visão. Quando se virou em meio à dança e me viu de pé ali, se curvou e levou as mãos à boca. Deu um pulo da picape e correu na minha direção.

Eu deveria ter ficado aterrorizado com o que ela poderia me dizer, mas já podia ver no rosto dela que aquele tempo tinha sido bom para nós.

— Ai, meu Deus — disse ela. E então Lindy me abraçou pelo pescoço do mesmo jeito embriagado de tantos anos antes. Seu hálito também era tão doce e enfumaçado quanto eu lembrava, mas ela não estava descontrolada. Parecia feliz e bem, e eu a envolvi em um abraço. — Consegue acreditar nisso? — berrou ela. — Consegue acreditar que vencemos?

— Eu sei — falei. — Que loucura. É maravilhoso.

Estava tão barulhento e caótico ao nosso redor que era difícil ouvir, então ficamos apenas de pé ali, sorrindo, até Lindy me puxar para trás de algumas árvores para conversar.

— É bom ver você — disse ela. — Meu Deus, quanto tempo. Ainda mora aqui?

— Moro — respondi.

— Isso é ótimo. O que anda fazendo? Quer dizer, para ganhar a vida?

Era uma coisa estranha, mas naquela oportunidade não senti, perto dela, nem um pouco da ansiedade de quando era garoto. Não sentia necessidade de impressioná-la. Não tinha um objetivo. Apenas me senti simples e claro como a própria noite, porque Lindy e eu éramos, talvez pela primeira vez em nossas vidas, exatamente o que parecíamos: apenas duas pessoas entre muitas, contentes de ver uma à outra.

— Sou botânico — contei. — Estudo plantas, árvores, essas coisas.

Lindy pareceu achar isso hilariante.

— Botânico? — repetiu. Olhou ao redor. Apontou. — Certo. Prove para mim. Que tipo de árvores são aquelas?

— Aquelas são extremosas — respondi. — *Lagerstroemia indica*.

— O que é isso, latim? — perguntou ela, e eu assenti. — Meu Deus. Você se lembra das aulas de latim com a Sra. Abbott? Que tédio. Eu só lembro de *veni, vidi, vici*. *Veni, vidi, vici*. Acho que passamos um ano inteiro só dizendo *veni, vidi, vici* e vendo merdas como *Ben-Hur*.

Eu sorri. Ela estava certa.

Era bom vê-la.

— E você? — perguntei. — O que tem feito?

— Sou estilista — respondeu, e ajeitou os cabelos de forma dramática. — Sabe, estudo cabelos, essas coisas.

— Uau. Ótimo.

— Bem, assim posso brincar com tesouras.

E antes mesmo que conseguisse lembrar das finas cicatrizes brancas que tenho certeza de que ainda marcam a parte interna de suas coxas, Lindy bateu palmas. Agarrou meu pulso.

— Você tem que conhecer meu marido! — disse, e me puxou alguns passos na direção da multidão. — Ele está triste, parece um filhotinho abandonado. Talvez você consiga animá-lo. Fique aqui.

Lindy então me deu as costas e caminhou, meio que dançando, até um cara de pé em um pequeno grupo de pessoas usando jaquetas do Florida Gators. Eu notara a aliança no dedo dela no instante em que a vira, então estava curioso para ver o homem com quem havia se casado. Eu a vi se esgueirar e dar um tapinha na bunda de um dos caras e um longo e generoso beijo em seu rosto, e me encheu de prazer ver isso. Em seguida sussurrou no ouvido dele e o conduziu até mim.

— Este é Sean — disse ela. — Ele é tipo o *maior* torcedor do Florida.

Trocamos um aperto de mão.

— Foi mal, cara — falei.

— Tudo bem. Quem concede cinco conversões em uma única partida?

— Ninguém. Eu sei.

— Que pesadelo — falou.

— Espere — disse Lindy, colocando as mãos nos meus ombros. — Você *precisa* contar ao Sean sobre quando o Velho Casemore circulou de barco pelo bairro distribuindo Coca-Colas,

jambalaya e outras coisas depois que a rua inundou. E sobre como costumávamos fazer enormes camas de musgo. Ele nunca acredita em nenhuma das coisas da minha infância que conto para ele.

— É tudo verdade — confirmei.

Sean riu. Ele era bem-arrumado e bonito. Parecia um cara muito legal.

— Parece com uma espécie de País das Maravilhas quando ela conta. Eu sou de Gainesville, cara. Tudo que lembro da minha infância era de ficar muito entediado. Morávamos na Flórida, mas não na praia. Não tínhamos a Disney World. Era apenas quente. Não sei, quando ela fala de Baton Rouge, tudo parece inventado.

— Às vezes tem uma fama ruim — falei. — Mas é um lugar bem legal.

— É — disse Lindy, e olhou para mim. — Quer dizer, era esquisito, sabe, e demorei um tempo para sentir falta. Mas agora penso muito nos bons tempos. Você mantém contato com mais alguém do bairro? Randy? Os garotos Kern? Julie Artista?

Eu dei um sorriso.

— O quê? — perguntou ela. — Tem uma fofoca?

— Bem — disse, e então ergui a mão esquerda. — Eu tenho bastante contato com Julie Artista.

Lindy ficou maluca. Era como se tivesse ganhado na loteria.

Ela deu pulos e me abraçou. Quase me derrubou.

— Isso é incrível. Meu Deus, era óbvio, mesmo na época. Vocês dois são *perfeitos* um para o outro. Fico feliz de você finalmente ter visto isso — falou. Bateu palmas novamente. Socou o ombro do marido e disse a ele: — Você não entende. É como acontece em uma droga de livro de contos de fadas, só que bem aqui. Você nem imagina.

Sorri. Eu me sentia feliz e constrangido, e todos estávamos um pouco bêbados. Mais o jogo de futebol americano, o clima, a noite da Louisiana: tudo tinha sido muito bom.

— É. Acabou sendo realmente ótimo.

Então, como se aproveitando a deixa, Julie e o pai, com quem sempre vamos aos jogos, vieram caminhando pelo estacionamento em nossa direção. Conversavam com amigos da família que queriam tocar a barriga de Julie e fazer previsões. Depois descobri

que também haviam dado a Julie uma lista de nomes, escritos em um guardanapo roxo, para caso fosse menino. Os nomes eram de coisas relacionadas à LSU. Vi que uma pessoa tinha simplesmente escrito a data da noite de nossa vitória em 6 de outubro de 2007, e depois rabiscado: *Sério. Dê esse nome a ele*.

Quando Lindy viu Julie andar bamboleando na nossa direção, já com sete meses de gravidez, agarrou meu braço.

— Ela está tão bonita — disse, depois sussurrou em meu ouvido: — Não ouse estragar tudo.

Sorri enquanto Lindy corria para abraçá-la e pude ouvi-la elogiar o vestido de Julie, contando como sempre soubera que ficaríamos juntos. Julie olhou para mim, sóbria e se divertindo com os acontecimentos, então disse:

— Que ridículo. Eu praticamente tive que dar uns tapas na cara dele.

Enquanto as duas contavam as novidades e o pai de Julie se afastava para ouvir a banda, o marido de Lindy, Sean, me deu uma cerveja. Não tenho ideia de onde ele a tirou. Elas apareciam por mágica naquele lugar.

— Então, me diga. É verdade que havia esse psiquiatra gigante e louco no bairro de vocês, que tirava fotos pornôs bizarras de todas as crianças?

— É. Tipo isso.

— Certo. E é verdade que ele fazia experiências com medicamentos e sei lá o que em todas aquelas crianças que criava? E que o próprio filho simplesmente explodiu a casa tentando matá-lo?

— É. Era filho adotivo dele, mas mesmo assim. Ele tinha feito coquetéis molotov. O lugar todo pegou fogo. Ele também incendiou nossa escola.

— Meu Deus! — exclamou Sean. — E sobre o cara que tentou juntar todas as provas para proteger as garotas do bairro? Lindy disse que ele foi pego no fogo cruzado. Disse que foi meio trágico.

Olhei para Sean. De todos os homens no mundo com quem Lindy poderia ter terminado, aquele cara me parecia certo. Suponho que seja porque eu sabia que, por trás daquele sorriso fácil, havia um homem apaixonado por uma mulher que sofrera na vida — e ele

compreendia isso. Em outras palavras, eu sabia que Lindy tinha cicatrizes nas coxas que não podia esconder e que, graças ao casamento, aquele homem no mínimo tinha se tornado vulnerável o bastante para partilhá-las com ela. Também vi que, sob sua pesada jaqueta do Florida, Sean usava belas calças cáqui engomadas. E, abaixo delas, um par de sapatos sociais, não do tipo que você normalmente coloca para ir a um jogo de futebol, e não do tipo que você um dia usaria com meias esportivas. Então, estava tudo certo desde o início. Ele não fazia ideia de quem eu era, percebi, mas estávamos bem.

— Foi o que Lindy lhe contou? — perguntei. — Ela disse que um cara estava tentando protegê-la?

— Ela tem um milhão de histórias. Mas o que não entendo é que ela conta essas coisas como se fossem as coisas mais incríveis que já aconteceram, como se fosse algo bom. Não quero ofender ninguém, mas isso me parece horrível. Inundações, incêndios e vizinhos psicopatas? Isso parece um circo dos horrores.

— É. Entendo o que você quer dizer. É difícil explicar.

Então ficamos os dois de pé ali observando nossas esposas rindo e conversando. Vimos Lindy esticar a mão e acariciar a barriga de Julie, e acho que ambos soubemos que tínhamos muita sorte na vida.

Ergui a lata de cerveja e Sean brindou sem dizer uma palavra. Tomamos um grande gole.

— Quem tenta essa jogada cinco vezes no mesmo jogo? — perguntou ele.

— Ninguém — respondi. — Eu sei.

E mais tarde naquela noite, enquanto Julie e eu estávamos deitados na cama e coloquei minhas mãos em sua barriga para sentir nosso filho fazer sua dança de joelhos e cotovelos, comecei a ser tomado por uma culpa tão tremenda que sabia que um dia contaria esta história para você, ou que pelo menos contaria a alguém. De repente, apenas me pareceu muito estranho que ainda pudesse haver no mundo segredos como aqueles em relação ao estupro de Lindy Simpson.

Afinal, sentia que entre mim e Julie não havia segredos. Contara a ela tudo que tinha me perguntado. Mesmo depois de termos nos

separado para ir à faculdade, namorado outras pessoas e depois de nos reencontrarmos no período de pós-graduação (por falar nisso, ela é professora de literatura, uma pessoa inteligente), eu dissera a verdade sobre todos os meus sentimentos. Mas então, depois de ter visto Lindy de novo, a verdadeira alegria que havia sentido ao saber que estava feliz e era saudável lentamente se transformou em um desgosto comigo mesmo. Era como se estivesse de volta ao ensino médio, raspando as laterais da cabeça, tentando impressioná-la a todo custo. Isso me fez pensar em meu tio Barry, e no que me dissera sobre o amor ser sempre o mesmo. Começou a fazer certo sentido para mim. Eu me senti inquieto e nervoso. Eu me senti tomado por uma imensa vulnerabilidade. E embora não parecesse haver qualquer semelhança entre Lindy e Julie, entendia que estavam ligadas pela dor que eu sentia quando escondia segredos delas. Ou, colocando de outra forma, que elas estavam ligadas pelo imenso potencial para o amor que eu imaginava, caso soubessem toda a verdade sobre mim.

Então disse:

— Amor, preciso lhe contar uma coisa.

Julie se virou de lado para me encarar. Aos sete meses isso exigia algum esforço, mas ela não pareceu se incomodar. Tinha um travesseiro entre as pernas e usava uma camiseta bem grande com um Tiranossauro Rex desenhado na frente. O dinossauro estava deitado de barriga para baixo, boca e pés no chão, os braços curtos pendendo inutilmente. A legenda dizia: “Odeio fazer flexões!”

Ela sorriu.

— Vai me dizer que era loucamente apaixonado por Lindy Simpson? Já sei disso.

— Não. Não era o que eu ia dizer.

— Foi legal vê-la, não foi? Ela parece estar bem, não acha?

— Parece bem mesmo — respondi. — Enfim, você sabe o que quero dizer. Ela parece feliz.

Julie deu um sorrisinho.

— O que mais você poderia querer me dizer, jovem cavaleiro?

Ela me deu um beliscão de brincadeira sob os lençóis, e puxei as cobertas até a altura dos ombros. Fechei os olhos.

— Você se lembra do que aconteceu com ela? — perguntei.

— Claro. Ela era como a Chapeuzinho Vermelho nas conversas em minha casa. Minha história assustadora. Era como meus pais me diziam para tomar cuidado, sabe, mesmo em nosso bairro.

Essa ideia me incomodou.

— Mas Lindy era cuidadosa, não era? E nosso bairro era seguro, não? — perguntei.

— Como saber? Tenho certeza de que meus pais só a usavam como exemplo porque era a única que conheciam. Quem sabe quantas outras havia?

— Outras o quê? Está falando de vítimas? Em nosso bairro?

— Claro — respondeu Julie. — Em nosso bairro, ou qualquer lugar. Quem sabe quantas mais há por aí? Isso simplesmente não é o tipo de coisa que as mulheres saem contando.

Pensei nisso. Parecia uma versão horrível do mundo que eu amava.

— Eu morreria se isso tivesse acontecido com você — disse a ela.

— Quem falou que não aconteceu?

Sentei-me na cama e olhei para Julie. Meu coração acelerou. Fiquei agitado.

— Você me contaria, não é?

— Acho que sim, se eu quisesse — respondeu ela. — Mas isso realmente caberia a mim.

Depois de um tempo, ela tocou meu braço.

— Relaxe, Lancelot. Estamos apenas conversando.

Voltei a deitar e olhei para o teto. Tinha um nó dolorido na garganta e já sentia muito medo em ser pai.

— Se você fosse Lindy, acha que ia querer saber quem fez aquilo com você? Se descobrisse agora, ou na época, acha que isso mudaria as coisas? Seria melhor se tivesse alguém para culpar?

— Acho que muitas mulheres sabem quem foi. Acho que prefeririam não saber. Mas não me parece que qualquer uma das opções seja boa.

Continuei olhando para ao teto enquanto Julie me observava. Ela viu que eu estava prestes a chorar. Sei que percebeu.

— Eles nunca prenderam ninguém, não é? — perguntou ela.

— Não. Mas deveriam.

Minha esposa ficou em silêncio. Eu podia sentir que ainda me observava.

— Foi você o cara que contou para todo mundo na escola, não foi?

— Foi. Ainda sou esse cara.

Então me virei para encarar os olhos dela, e, sob as cobertas, Julie pegou minha mão e a colocou mais uma vez em sua barriga.

— Ei. Antes de você me contar, poderia me fazer um favor? Pense se vai ou não nos ajudar. Se vai ajudar o bebê. Quer dizer, a longo prazo. Eu sei como você é. Mesmo se estiver pensando em coisas grandiosas como honestidade e confiança, também pode pensar em como as coisas parecem boas para Lindy agora? E considerar como são boas para nós? E pensar se o que vai contar ajudará a manter tudo assim?

Eu não compreendia o que ela queria dizer.

— Está sugerindo que o sentido da verdade está em ajudar as pessoas? — perguntei. — Não é mais complicado que isso?

— Apenas pense nisso, está bem?

Então pensei.

Ainda estou pensando.

Naquela noite, Julie se virou para o outro lado, que era mais confortável para ela dormir na época. Não era algo pessoal dar as costas para mim. Entendi isso. Estiquei a mão e ajeitei a camiseta dela. Puxei o lençol para cobrir suas pernas.

— Ei — chamou Julie. — Posso contar uma coisa para *você*?

— Sim. O que quiser.

— Não me incomoda que você fosse apaixonado por Lindy, ou tenha sido preso tentando salvá-la como um herói de história em quadrinhos.

Eu sorri.

— Por que não? Você não deveria ficar louca de ciúmes?

— Não, porque você é apaixonado por mim agora, vamos ter um filho e você será nosso herói da vida real.

— Ai. Sem pressão.

E então, depois de um tempo, falei:

— Mas você está certa. Sou apaixonado por você.

— Além disso, agora tenho dezoito quilos a mais que ela. Tenho um ninja na barriga. Se Lindy tentasse algo, a coisa ia ficar feia.

Continuei deitado lá por um bom tempo, sorrindo.

E então dois anos se passaram, nosso bebê era saudável, radiante e tudo o que eu acreditava saber sobre amor e humanidade se aprofundou de uma forma que jamais poderia ter previsto. Ainda assim, sei que estamos apenas começando, Julie e eu. Nossa filha agora tem três anos, e cada mudança dela, mesmo o simples som dela cantando no quarto quando acha que ninguém está escutando, me enche de uma alegria insubstituível. Julie sente o mesmo, então somos felizmente tomados, como tantos outros, pela paternidade.

Mas outro dia, quando minha filha e eu estávamos brincando fora de casa, desenhando com giz na calçada, lavando o carro e catando ervas daninhas nos canteiros de flores, um pequeno grupo de garotos do bairro apareceu. Variavam desde a idade de minha filha até talvez uns nove anos. Eram educados e agitados, e os víamos pelo bairro com frequência. Acenávamos ao passar por eles. Eu conhecia cada um de seus pais. Espero que Baton Rouge sempre continue desse modo. Ainda assim, essa foi a primeira vez que tinham ido em grupo até nós perguntar se minha filha poderia se juntar a eles algumas casas adiante, onde andavam de bicicleta em círculo, construíam um forte com garrafas de leite e tomavam picolés.

Olhei para minha filha, perguntando o que achava da ideia, e a expressão em seus olhos era tão esperançosa que tudo o que eu disse foi: “Ok.” Ela correu para pegar seu triciclo, uma coisa cor-de-rosa com cesta atrás, e partiu. Os garotos mais velhos seguiam em skates, os menores com bicicletas ainda com rodinhas, e naquela cena vi o que me pareceu ser minha vida inteira. O garoto roliço no triciclo de roda grande era Randy Stiller. O mais velho, de skate, era Duke Kern. A garota de bicicleta pedalando com força para chegar à frente do grupo era Lindy. Eu ainda não sabia quem minha filha era, ou se um dia seria como algum de nós. Só sabia que, independentemente de quem fosse, eu ia amá-la.

E então uma série de coisas fez sentido para mim — a pesquisa que eu me vira fazendo recentemente, os velhos álbuns de fotografia que folheei, o modo como continuava a conduzir as

conversas com minha mãe e minha irmã na direção de Lindy, Hannah e os velhos tempos, e mesmo as conversas com meu pai e Laura, que agora estão casados. Entendi que naqueles poucos anos, desde que tivemos nossa primeira filha, nossa menina, eu só estava tentando dizer isso.

Eu estava no alto da árvore naquela noite.

Era junho, fazia calor, eu era jovem e me encontrava totalmente transtornado pelo que na época acreditava ser amor. Naquela noite, eu terminara de jantar, ajudara minha mãe com a louça e havia mentido sem a menor hesitação ao dizer que não estava com vontade de ver TV. Falei que preferia ir para o quarto jogar video game, talvez dormir mais cedo. Lembre que, naquela época, todo mundo que eu conhecia estava vivo. Meu pai tinha ido embora, sim, mas Lindy e Hannah não haviam se abalado. Éramos todos jovens. Então eu sabia que minha mãe faria o que sempre fazia nas noites de minha juventude do verão de 1989: ia se sentar à mesa de jantar e ligar para Rachel, em seu quarto de alojamento estudantil em Lafayette, ligar para Hannah, em seu apartamento do outro lado de Baton Rouge. Se conseguisse encontrá-las, elas conversariam agradavelmente por algum tempo, diriam uma a outra que se amavam e minha mãe então levaria o telefone de volta ao suporte na parede para desligá-lo. Poderia então ligar para meu avô ou talvez uma amiga para combinar um almoço, mas não mais que isso, embora eu esteja certo de que algumas vezes ela queria ligar para o meu pai. Tenho certeza de que em outras vezes queria bater à porta do meu quarto e dizer: *Ei, venha conversar comigo. São apenas oito da noite*. Mas não fazia. Então caminhava pela casa apagando as luzes, catando um monte de coisas, como meias e embalagens de comida jogadas, até chegar ao seu quarto, onde iniciava o longo processo de se despir, tirar a maquiagem antes de deitar na cama e então adormecer lendo um livro de autoajuda que ensinava a criar os filhos durante o divórcio.

Enquanto isso, em meu quarto, eu observava o relógio.

A questão era que eu conhecia a rotina da garota Simpson.

Então, quando ouvi a porta do quarto da minha mãe se fechar às oito horas, esperei mais quinze minutos e depois abri a janela para sair em disparada pela nossa rua, que escurecia. Lindy voltaria da pista de corrida às oito e meia, e isso me dava tempo suficiente para

correr de um jardim para outro, me assegurando de que os vizinhos estavam dentro de suas casas. Tinha feito isso algumas vezes desde que descobrira como espioná-la de cima do carvalho, e os resultados tinham sido ótimos. Uma vez a vira falando ao telefone e pintando as unhas dos pés. Em outra, a observei dobrar e guardar roupas, e sinceramente nunca acreditei que chegaria o momento em que me arrependeria disso.

Mas naquela noite, enquanto atravessava a rua como um gato, não consegui deixar de olhar um pouco mais adiante no quarteirão, até onde aquele poste queimado me parecia tão peculiar. Isso ainda era novidade para nós na época, fazia talvez umas duas semanas, e enquanto corria na direção da árvore, vi alguém sob ela. Não *achei* que tinha visto alguém. *Vi* alguém. Era um homem, ou talvez um garoto, e a verdade é que para mim era impossível dizer, pois eu estava correndo. Em outras palavras, não olhei direito porque não parei para olhar direito.

O que vi foi uma sombra trabalhando com pressa, se movendo de um lado para outro entre o poste e os arbustos de azaleias, e achei que talvez fosse o Velho Casemore, ou quem sabe algum funcionário da empresa de energia que tivesse ido consertar o poste. Eu não ligava, desde que não fosse visto.

Não posso voltar no tempo e mudar isso. Não posso voltar no tempo e consertar isso.

Tudo o que posso fazer é confessar que, alguns minutos depois, quando estava no alto daquela árvore, ouvi algo acontecer na Piney Creek Road. O som foi rápido e abafado, e para mim não houve outra referência a não ser aquele único acontecimento. Então não tenho como descrevê-lo para você, não tenho como fazer com que o ouça. Mas posso lhe dizer uma coisa. Foi um som que me deu um pressentimento. Naquela hora senti que algo não estava certo, e sabia que, independentemente do que fosse, acontecia logo na esquina. Também sabia que, àquela hora da noite, Lindy devia estar na esquina. Pensei em descer e ir lá ver. Isso é o que me mata. Eu pensei em conferir o que acontecia. No entanto, estava com tanto medo de ser flagrado que decidi não ir.

Então, de fato nunca vi o que aconteceu. E não fui eu que cometi o crime.

Essa é a verdade.

O que eu vi, porém, foi Lindy, alguns minutos depois, levando a bicicleta pela calçada. O rosto dela inexpressivo como no dia do *Challenger*, o dia em que me apaixonei por ela, e percebi que estava sem um dos tênis. O arranhar de sua caminhada desnivelada pela entrada de garagem é tão claro para mim hoje quanto foi na época. É tão claro como quando vi a luz do banheiro dela se acender, o modo como fiquei na árvore indo contra meu melhor princípio e escutei a água do chuveiro ser aberta, e como observei através do binóculo enquanto ela entrava no quarto ainda enrolada em uma toalha, com o mesmo rosto inexpressivo, e se encolhia na cama parecendo uma bola. Isso é tão claro para mim quanto como nossa rua estava vazia quando enfim voltei para casa.

Então, sou culpado no sentido mais específico.

Tive a chance de ajudar alguém e escolhi não agir. Durante grande parte de minha vida, senti que essa decisão me definiu como pessoa, e pus essa culpa em mim como um camafeu.

O que estou tentando dizer?

Depois do derrame de minha mãe, um menos grave que aconteceu em 2006, cerca de um ano antes de minha filha nascer, ela me contou que mantinha uma caixa em seu armário. Ainda estava no hospital, se sentia bem, mas um pouco abalada e confusa, e me pediu que a buscasse para ela. Quando levei a caixa até o hospital, ela a destrancou com uma simples combinação e abriu. Tirou um envelope de papel pardo.

— Este é meu testamento — disse. — Essa é a parte chata. Quanto ao resto das coisas, achei que poderíamos dar uma olhada.

Imagino que não haja grande necessidade de descrever a exaustão agridoce daquela tarde. Minha mãe tinha algumas fotografias antigas, estranhas predileções pessoais que guardara e que se dividiam entre mim, Hannah e Rachel. Havia ainda algumas lembranças que não significavam muito para mim, mas sobre as quais gostei de ouvir. Um buquê de flores seco de seu casamento com meu pai. Um pedaço de seda azul que disse ser do casamento dos pais dela, ambos já falecidos. Cartas que eram especialmente significativas para ela, uma de meus avós paternos, cheios de remorso, que haviam se afastado de nós após a traição do meu pai;

outra de Finalmente Douglas após Hannah ter morrido. Uma fotografia recortada do jornal que mostrava Rachel na peça de Natal do jardim de infância e um poema que eu escrevera para ela como presente de Dia das Mães quando estava no terceiro ano e do qual não tinha qualquer lembrança. E ainda um ioiô Duncan amarelo que meu tio Barry pedira a ela que me desse.

— Desculpe por nunca ter lhe dado isso — falou. — As coisas simplesmente estavam muito difíceis na época. Barry estava confuso demais, e eu via como você o admirava. Não sei. Eu tinha medo.

— Eu sei, mãe — respondi. — Eu também tinha.

Outras pessoas foram visitá-la naquela tarde, como Rachel e sua família, e embora as choradeiras passassem pelo quarto como frentes frias, a maior parte do dia, interrompido por visitas das enfermeiras, foi alegre por causa das lembranças. Quando o horário de visitas terminou e estávamos nos preparando para partir, minha mãe pegou um caderninho no fundo da caixa e perguntou se gostaria de levá-lo para casa.

Era o diário de Hannah.

— Você era muito jovem quando isso aconteceu — afirmou ela. — Imaginei que poderia não ligar antes do passar dos anos. E então, você sabe, o tempo passou e não soube o que fazer.

Olhei para Rachel. Sabia que ela e Hannah eram mais próximas do que nós já tínhamos sido.

— Pode levar — disse Rachel. — Confie em mim. Eu já li umas cem vezes.

Voltei para casa naquela noite e encontrei na secretária eletrônica uma série de mensagens de Julie, que estava em uma conferência acadêmica em Chicago quando minha mãe tivera o derrame no dia anterior. Eu tinha dito a ela para ficar e fazer sua apresentação, e então ela havia me ligado para avisar que conseguira um jeito de adiantar tudo e pegar um voo que a faria chegar em casa na manhã seguinte. Pediu que ligasse para seu quarto no hotel, e fiz isso.

Depois sentei diante do balcão da cozinha de nossa casa alugada, em uma banqueta que raramente usava, e abri o diário de Hannah. Nunca me sentira tão nervoso. Imagino agora que era por eu ser velho o bastante para me dar conta de que nunca conhecera

minha irmã de verdade, e talvez estivesse prestes a fazer isso naquele momento.

Para minha surpresa, o diário continha toda a sua vida em palavras. As anotações eram esporádicas e muitas vezes sem data, e havia de tudo, de poemas a contos, de músicas a observações aleatórias sobre os acontecimentos em nossa família de momentos antes e depois de eu fazer parte dela. Os trechos mais difíceis eram sobre seu desapontamento com meu pai, e ler a sequência de relações ruins e aparentemente perigosas de Hannah com caras de sua idade foi uma tarefa árdua. Algumas partes estavam até mesmo coladas ou rabiscadas com uma caneta grossa para que ninguém pudesse entender, e imaginei que minha própria irmã tinha feito isso, por alguma razão particular, e que todos fazemos algo parecido com nossos passados. Ainda assim, eu era capaz de perceber o justificado ceticismo em relação aos homens, sobre as intenções deles, e me lembrava de coisas que Lindy poderia ter dito ao telefone naqueles anos tão distantes. Mas as coisas leves de quando ela era criança, as histórias de princesas e dragões que inventara, tudo parecia tomado de certa sabedoria heterodoxa que me lembrou de Julie. Era tudo tão vigoroso que eu não me cansava de ler.

Mas duas anotações específicas chamaram minha atenção.

Uma era datada do começo do verão de 1989, o verão do estupro de Lindy, quando Hannah devia ter ido em casa para fazer uma visita ou apenas para nadar. O cenário parecia ser uma janela de nossa casa, voltada para a Piney Creek Road, onde ela escrevia uma canção de amor sobre Finalmente Douglas chamada “Coração de sorte”. Nas margens da página, Hannah anotara detalhes de nosso bairro, do lado de fora, que observava. Talvez fossem para futuras músicas. Talvez estivesse apenas treinando. Contudo, estou certo de que ela não tinha ideia do que poderiam significar para mim tantos anos depois. Alguns dos versos eram esquisitos, como:

Mercedes sumida / não esconde o pesar
Carvalhos derrubam / o que vai de novo brotar.

Talvez venha daí meu mau gosto para poesia.

Mas então, perto do fim da página, vi esses versos:

Um garoto magrelo se esgueira / tatuagens azuis como a noite.
Cabeça deserta como a rua / com pedras apaga o poste.

E ali estava.

Tyler Bannister. Tinha que ser ele. Era o único garoto com tatuagens e cabeça raspada que a Piney Creek Road já recebera. Devia ter voltado ao bairro após sair da casa dos Landry, e quebrado o poste da rua. Devia ter planejado a coisa toda. Fiquei nauseado ao lembrar do dia em que Tyler, Jason e eu ficamos em frente à casa de Lindy conversando sobre o carvalho, o modo como fingíamos estar mexendo no carrinho de controle remoto enquanto o pai de Lindy estacionava, sorria e pedia novamente à filha que lembrasse a ele a que horas voltaria da pista de corrida. Às oito e meia, papai, ela dissera, como sempre, e dessa forma, toda a coisa medonha ficou clara para mim.

O fato de Tyler Bannister ter se mudado meses antes — já não morava com os Landry na época do crime — não significava nada, pois a verdade é que houve um período em sua vida no qual Woodland Hills foi seu lar, e um lar, não importa o quão maravilhoso ou ameaçador, é algo que você não esquece. Pergunte a qualquer um.

Então meu mistério estava resolvido.

Mas não me senti nem um pouco melhor.

Tinha meus motivos.

Para começar, como não deparara com essa ligação antes? Embora Hannah morasse do outro lado da cidade naquela época, embora estivesse ocupada com a própria vida, minha mãe, Rachel e nem mesmo a polícia falaram com ela sobre o estupro de Lindy? Todos não tinham se esforçado ao máximo, discutindo pistas simples como o poste queimado ou o reaparecimento de garotos suspeitos? Eu sempre pensara assim. Isso me fez pensar se haveria talvez alguma outra razão, mais sinistra, para termos deixado esses fatos passarem despercebidos. Isso me fez pensar se talvez minha mãe ou Rachel, com o que sabiam sobre o histórico dos relacionamentos de Hannah e que apenas naquele momento

ficava claro para mim, não acharam melhor deixar de mencionar o que acontecera à garota Simpson em nosso próprio bairro. Isso me fez pensar se talvez essa fosse a razão pela qual minha mãe tirara aquele cartão de visitas do policial da geladeira e o colocara na gaveta naquele dia, talvez porque não queria que suas filhas vissem uma coisa assim, que as lembraria de realidades como essa sempre que fossem comer algo.

Percebi que esse tipo de cuidado não era diferente do modo como as pessoas tinham tanta cautela ao mencionar Hannah perto de minha mãe após sua morte. Comecei a pensar no que Julie queria dizer exatamente ao afirmar que estupro não é algo sobre o qual as mulheres saiam falando, e isso me levou a imaginar quais outros conhecimentos terríveis passam em silêncio pelos corações das mulheres, e de repente tive dificuldade em compreender os homens em geral, o dano que podemos causar, e como é possível inclusive que eu seja um deles.

Então, do momento em que li aquele diário até agora, um período de alguns anos, enterrei o que descobrira sobre o estupro de Lindy Simpson. Não contei a ninguém. No entanto, cheguei ao ponto de investigar Tyler Bannister, e, previsivelmente, descobri que estava na cadeia por várias outras acusações, incluindo agressão sexual. Isso não tornou as coisas mais fáceis para minha consciência, então comecei a fazer estranhas viagens nostálgicas ao velho bairro, pensando se conseguiria localizar Lindy e contar minha descoberta. Acho que foi por isso que me senti tão mal ao encontrá-la por acaso naquela noite do jogo de futebol americano. Era a primeira vez que a via desde que sabia, ou pelo menos acreditava saber, quem tinha mudado sua vida de modo tão dramático, e desde que eu lidara com minha própria covardia da noite do estupro, e mesmo assim nem pensei em me desculpar. Então, de um modo repulsivo, senti como se tivesse uma participação no crime de novo.

Talvez tivesse.

Por isso tenho tanta sorte de ter Julie por perto agora, de ter tido minha mãe e Rachel por perto por tanto tempo, para que me fizessem compreender que a vida não é sempre sobre mim e sobre tirar o peso de minha consciência. A história do estupro de Lindy, por exemplo.

É sobre Lindy. E ponto.

Contudo, o que é sobre mim, e a razão pela qual estou falando com você, é a outra anotação no diário de Hannah.

Era de uma época em que ela tinha uns onze anos e, pelo que descobri, tinha sido feita durante uma viagem da escola, algo que todos fazíamos em nossa juventude. Parecia ser um daqueles acampamentos no mato para os quais nos mandavam, onde o ambiente rústico devia lembrar a você de como tem sorte na vida e como a natureza pode ser bonita. Então, pediram a Hannah que ficasse sozinha na mata e fizesse uma relação de coisas pelas quais se sentia agradecida. A caligrafia era cursiva e grande, e, perto do começo da lista, ao lado de uma coleção de esboços de borboleta, ela tinha agradecido a Deus pelo seu "novo irmãozinho", que descrevia como sendo um milagre.

Isso bateu com força em mim, quando vi.

Você não entende?

Minha irmã escrevera meu nome antes mesmo que eu a conhecesse. Acreditara em minha bondade da mesma forma como agora acredito na bondade inata de minha filha e na sua bondade inata, e, quando li isso, foi como se pudesse ouvir Hannah de novo. Foi como se pudesse vê-la. E foi como se eu fosse íntegro outra vez. Não senti culpa. Não tinha arrependimentos. Era como se tivesse sido perdoado.

Após ler aquelas palavras, meu próprio futuro de repente me pareceu tão radiante quanto o de Hannah, tantos anos antes, e acho que gostaria muito de partilhar essa sensação. Porque ninguém pode mudar o que aconteceu a Lindy, a Hannah ou a qualquer um. Nossas histórias são simplesmente assim. Porém, o mais impressionante na ligação que senti com minha irmã foi que isso só foi possível pelo amor que ela demonstrou antes mesmo que eu pudesse retribuir.

E então, *você*.

Os médicos nos dizem que será menino.

E informaram que está saudável.

Sua mãe e sua irmã estão extasiadas com isso, assim como eu, mas com minha emoção vem o medo de que não seja capaz de criá-lo, desde garotinho até o homem que sei que pode ser: um

homem melhor do que fui, com certeza, o homem que estou tentando me tornar. E contei com sinceridade sobre minha juventude e meus erros, e também sobre a sorte incrível que cruzou meu caminho, a gentileza de nossa família, por uma simples razão: quero que comecemos com o pé direito. Quero que nós, juntos neste mundo, sejamos homens bons.

E quando digo que amo você, quero muito que entenda exatamente o que isso significa.

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa a quem gostaria de agradecer é você — que reservou tempo para ler isso —, por sua generosidade e espírito. Obrigado por ler todos os livros que já leu de qualquer autor de qualquer lugar. Isso é importante. Minha família também gostaria de expressar sua enorme gratidão a Renee Zuckerbrot e Amy Einhorn, que entraram flutuando em nossas vidas como jovens fadas madrinhas. Eu não poderia sonhar com uma equipe melhor. Obrigado ainda a Ivan Held, Liz Stein e todos da G.P. Putnam's Sons e da Penguin Group. Vocês são incríveis.

Também estou em dívida com meus amigos que, por alguma razão, concordaram em ler as primeiras páginas deste livro e ainda assim me deixaram prosseguir com ele por mais sete anos. Essas boas pessoas são Matt Brock, Sean Ennis e Alex Taylor. Um agradecimento especial também a Sewanee Writer's Conference, em especial Steve Yarbrough e Diane Johnson, que me deram exatamente o empurrão de que eu precisava no momento em que precisava, assim como a Faulkner Society, em particular a Rosemary James e Jeff Keinman, que também me estimularam muito. Obrigado ainda a meus alunos e colegas do Workshop de Escrita Criativa na Universidade de Nova Orleans, na Yokshop em Oxford e a meus ex-professores nas universidades de Mississippi e Tennessee, pelo que parece um desfile interminável de boa vontade. E, finalmente, um grande obrigado ao Chimes Tap Room em Baton Rouge e à Parkview Tavern em Nova Orleans, onde grande parte deste livro foi concebido.

Os mais profundos agradecimentos, claro, são para minha mãe, meu pai e minhas irmãs. Onde eu estaria sem vocês? Essa é uma pergunta que de fato tem resposta. E também às extensas famílias Walsh, Prater, Anselmo, Jones, Berdon, Madere, Patterson e Taylor. Obrigado por me aceitarem.

Por último, mas nunca menos importante, aos meus amuletos da sorte: Sarah, Magnolia e Sherwood. Obrigado por rirem de como

digito e não do que digito. Vocês não têm ideia de como me fazem feliz.

SOBRE O AUTOR

© Sam Gregory Photography



MILTON O'NEAL WALSH JR. nasceu em Baton Rouge, na Louisiana. Seus contos e ensaios já foram publicados no *The New York Times*, *Oxford American*, *The Southern Review*, *American Short Fiction*, *Epoch* e *Best New American Voices*. Master in Fine Arts pela Universidade do Mississippi, é atualmente diretor do Workshop de Escrita Criativa da Universidade de Nova Orleans, cidade onde mora com a família.

LEIA TAMBÉM



Uma constelação de fenômenos vitais
Anthony Marra



Toda luz que não podemos ver
Anthony Doerr



Perdão, Leonard Peacock
Matthew Quick



Quase uma rockstar
Matthew Quick